

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

MARTA ROCHA DE OLIVEIRA

**Encontros entre a Tradição e o Contemporâneo:
um estudo da cultura material escolar do Festival de Artes Literárias (FAL), Palmeiras,
BA, 2007-2013**

VERSÃO CORRIGIDA

**SÃO PAULO
2016**

Marta Rocha de Oliveira

**Encontros entre a Tradição e o Contemporâneo:
um estudo da cultura material escolar do Festival de Artes Literárias (FAL), Palmeiras,
BA, 2007-2013**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: História da Educação e Historiografia.

Orientadora: Profa. Dra. Dislane Zerbinatti Moraes.

SÃO PAULO
2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

-
- 37(81.42) Oliveira, Marta Rocha de
O48e Encontros entre a Tradição e o Contemporâneo: um estudo da cultura material escolar do Festival de Artes Literárias (FAL), Palmeiras, BA, 2007-2013 / Marta Rocha de Oliveira; orientação Dislane Zerbinatti Moraes. São Paulo: s. n., 2016.
 199 p. ils.; anexos (1 CD-Rom)
- Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: História da Educação e Historiografia) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
1. História da educação (Bahia) 2. Cultura material (Educação; Bahia)
 3. Cultura escolar 4. Patrimônio histórico 5. Leituras 6. Literatura
 I. Moraes, Dislane Zerbinatti, orient.
-

Marta Rocha de Oliveira

**Encontros entre a Tradição e o Contemporâneo:
um estudo da cultura material escolar do Festival de Artes Literárias (FAL), Palmeiras,
BA, 2007-2013**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: História da Educação e Historiografia.

Orientadora: Profa. Dra. Dislane Zerbinatti Moraes.

Data de aprovação: 18/03/2016

Membros componentes da Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Dislane Zerbinatti Moraes
Presidente e orientadora

Prof.^o Dr. Elizeu Clementino de Souza
Membro titular

Prof.^a Dr.^a Vera Lucia Gaspar da Silva
Membro titular

Dedico este trabalho a minha filha, Maria Alice, ao meu esposo, Edson Marques de Lima pelo apoio e companheirismo. Aos meus pais, Maria Rocha e José Ferreira, e aos meus irmãos Josué e Edson pelo incentivo e colaboração.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me concedido vida, saúde, sabedoria e a oportunidade de conhecer e contar com o apoio de pessoas tão especiais na minha trajetória acadêmica.

Em especial à Profa. Dra. Dislane Zerbinatti Moraes, minha orientadora, por me acolher quando tudo isso era apenas o começo de uma ideia, e me ajudar a construí-la, por me ensinar e conduzir os meus primeiros passos da pesquisa científica. Exemplo de profissional competente, dedicada e generosa. A firmeza e sensibilidade de sua orientação foram fundamentais para a elaboração desse trabalho, bem como para minha formação de pesquisadora.

Ao Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza e à Profa. Dra. Vera Lucia Gaspar da Silva, pelas sugestões valiosas e análises precisas no meu exame de qualificação.

As professoras do Programa de Pós-Graduação da Feusp, Profa. Dra. Paula Perin Vicentini, Profa. Dra. Rita de Cassia Gallego, Profa. Dra. Maurilane de Souza Biccas, Profa. Dra. Marília Pontes Sposito, Profa. Dra. Vivian Batista da Silva, Profa. Dra. Livia Araujo Donnini Rodrigues e Profa. Dra. Diana Gonçalves Vidal, cujos momentos de formação e convívio durante as aulas na Pós-Graduação foram de suma importância para compreensão do meu objeto de estudo.

À Diretora do Colégio Professora Nilde Maria Monteiro Xavier, Sra. Ana Claudia Souza Franco por atender prontamente as minhas solicitações e disponibilizar funcionários e as instalações do colégio para o andamento dessa pesquisa. Aos professores, alunos e famílias participantes dessa pesquisa, pelo tempo e hospitalidade, por terem concedido partes de suas histórias e por me mostrar que tudo isso fazia sentido, em especial Creuza Gama da Silva Santos, Ana Paula Matos Queiroz, Claudia Silva Lima, Elce Emanuella A. R. de N. Santos, Marcos Paulo Teles de Souza e as alunas Jaqueline de Oliveira Monteiro, Jackeline Nascimento de Araújo, Vaniene Araújo e Ana Paula de Souza, pessoas que compartilharam conosco um pouco de suas vidas.

Às amigas e amigos que conheci na Pós-Graduação da Feusp, em especial Jaqueline Oliveira dos Santos, Patrícia Aparecida do Amparo, Alairton Luis Araujo Soares e Fernando Henrique Tisque dos Santos pelos auxílios incansáveis em diferentes momentos desse processo, se tornaram pessoas importantes nesse percurso, pois partilharam comigo momentos de encantos, angústias e indecisões na vida acadêmica, refletindo assim, em laços pessoais de amizade.

Aos colegas e amigos integrantes do LIHED/FEUSP: Grupo de Pesquisa Literatura, História e Educação: faces do ensino e da pesquisa sobre formação e profissão docente, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Dislane Zerbinatti Moraes e participação dos colegas, Silmara de Fátima Cardoso, Fernando Henrique Tisque dos Santos, Patrícia Aparecida do Amparo, Jaqueline Oliveira dos Santos, Fernando Jorge dos Santos Farias, Thais Surian, Arlete Santos Oliveira, Rosangela e Gabriel pelas valiosas discussões teóricas que muito ajudaram na elaboração desse trabalho.

À Miriam Fernandes Muramoto pelo incentivo e apoio ao ingresso no mestrado e Alexandra Rudakoff que conheci no período de realização das disciplinas, nossos diálogos foram instigantes em relação as pesquisas.

Aos meus pais, José Ferreira de Oliveira e Maria Rocha de Oliveira, pelo apoio e assistência em diferentes momentos. A minha mãe que com os braços estendidos possibilitou a conclusão desse trabalho. Reconheço o seu esforço em sair do aconchego do seu lar, há tantos quilômetros de distância para me auxiliar em outras tarefas, o que permitiu a escrita final. Agradeço a sua satisfação pela minha conquista e amor incondicional.

Aos meus irmãos Josué Rocha de Oliveira, pelo apoio integral, leituras e auxílio na recolha de materiais para a pesquisa e Edson Rocha de Oliveira pelo apoio e incentivo.

À Maria Alice Rocha de O. Lima, que desde a gestação e nascimento dividiu comigo muitas madrugadas, da qualificação até a fase final deste trabalho. À você minha pequena e delicada menina, meu amor e dedicação.

Ao meu querido esposo, Edson Marques de Lima, por compartilhar comigo as conquistas e dificuldades da vida. Juntos, a nossa graciosa, Maria Alice. A sua paciência e colaboração foram ferramentas fundamentais para a realização desse trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da USP, aos funcionários da Secretaria e Biblioteca pela eficiência e prontidão no atendimento.

RESUMO

OLIVEIRA, Marta Rocha de. **Encontros entre a Tradição e o Contemporâneo: um estudo da cultura material escolar do Festival de Artes Literárias (FAL), Palmeiras, BA, 2007-2013.** 2016. 199p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Procurou-se, com esse estudo, documentar a cultura material e práticas escolares produzidas no entorno da montagem das edições do Festival de Artes Literárias (FAL) de Palmeiras, BA, 2007-2013. Na pesquisa, foram produzidas 5 entrevistas com professores e 4 com alunos, a recolha e organização de materiais didáticos e artísticos confeccionados para o Festival. Objetivou-se a identificação de fontes para a história das práticas escolares e consequentemente a valorização do patrimônio histórico-educacional. Almejou-se também investigar a origem do Festival por meio do estudo da cultura escolar (como reinvenção constante) e o problema crônico da desvalorização da memória. Assim, neste estudo discute-se a relevância da criação de arquivos escolares e da preservação da memória de modalidades de cultura escolar, a partir de algumas questões que o mobilizaram: O que é o Festival, como se originou? Quais as fases pelas quais ele passou? O que pensam os atores envolvidos nele? Quais materiais escolares foram produzidos? Quais relações foram estabelecidas entre professores e alunos e entre a escola e comunidade? O referencial teórico fundamenta-se em estudos sobre memória, cultura escolar e patrimônio histórico-educativo. O estudo permitiu compreender que o FAL, além de ser um projeto de estímulo à leitura literária e às artes, assume outras funções, pois são momentos privilegiados para a produção de saberes e construção de identidades de professores e alunos.

Palavras-chave: História da Educação na Bahia, Cultura material escolar, Cultura Escolar, Patrimônio histórico-educacional, Práticas de leitura literária.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Marta Rocha de. **Encontros entre a Tradição e o Contemporâneo: um estudo da cultura material escolar do Festival de Artes Literárias (FAL), Palmeiras, BA, 2007-2013.** 2016. 199p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

It was with this study, documenting the material culture and school practices produced around fitting the editions of Literary Arts Festival (FAL), Palmeiras, BA, 2007-2013. In the survey, were produced 5 interviews with teachers and 4 with students, the collection and organization of educational and artistic materials prepared for the Festival. This study have the objectives the identification of sources for the history of school practices and consequently to value of educational heritage. It help also it is investigating the origin of the Festival through the school culture (such as constant reinvention) and the chronic problem of the devaluation of the memory. Thus, in this study discusses the relevance of the creation of archives and the preservation of memory of school culture, from some issues that mobilized: what is the Festival, how did it originate? What are the stages through which he passed? What they think the actors involved in it? Which school materials were produced? What relationships were established between teachers and students and between the school and community? The theoretical framework is based on studies on memory, school culture and historical heritage-educational. The study allowed to understand that the FAL, apart from being a project to encourage literary reading and arts, it takes on other roles because they are privileged moments for the production of knowledge and construction of identities of teachers and students.

Key-words: History of Education in Bahia, School Material Culture, School Culture, Historical patrimony – educational, Literary Reading Practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. PALMEIRAS: PATRIMÔNIOS E OS FESTIVAIS DA ESCOLA.....	23
1.1 Histórico e Tradições da Chapada Diamantina-Palmeiras/BA.....	24
1.2 A Cidade de Palmeiras: equipamentos escolas, professores e professoras.....	39
1.3 Projetos Pedagógicos e os Festivais no Colégio Nilde Xavier.....	49
2. ASPECTOS DA CULTURA ESCOLAR NO FESTIVAL DE ARTES LITERÁRIAS DO COLÉGIO NILDE XAVIER.....	56
2.1 Origem do Festival de Artes Literárias do Colégio Nilde Xavier.....	58
2.2 Descrição das edições do Festival de Arte Literária	61
2.3 Materiais e Usos.....	164
3. MEMÓRIAS, EXPERIÊNCIAS DE LEITURA E PRÁTICAS ESCOLARES.....	167
3.1 O mundo FAL: memórias em torno do Festival de Artes Literárias.....	168
3.2 Experiências de leitura: o gosto pelos livros.....	176
3.3 Práticas escolares: entre o FAL e a cultura escolar.....	186
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	191
5. FONTES.....	193
6. REFERÊNCIAS.....	194

ANEXOS: Transcrição de entrevistas CD-Rom

1. Entrevistas de professoras e ex-professor do Colégio Nilde Xavier.
2. Entrevistas de alunas e ex-aluna do Colégio Nilde Xavier.

INTRODUÇÃO

Em um dia como outro qualquer, ao cursar um período de estágio pedagógico durante a graduação em Letras modalidade Língua Portuguesa e Literaturas, na Universidade do Estado da Bahia -UNEB¹, *Campus XXIII*- Seabra-Ba, recorri ao Colégio Professora Nilde Maria Monteiro Xavier na cidade de Palmeiras a procura de vaga para o estágio. Nessa busca algumas observações levaram a refletir sobre o modo como os alunos, pais, professores se posicionavam em relação à escola. A participação, comentários sobre esse espaço descreviam-no como um segundo lar, onde resgate da memória e conhecimento combinavam, por meio de atividades educativas.

Adentremos a este espaço escolar para ver o que há ali, para recordar o primeiro dia que lá estive.

Os portões estão fechados, há dois pilares que sustentam o portão principal. Centralizado em cada pilar há uma luminária, ao entorno há várias grades. Acima do portão estão as iniciais com letras maiúsculas do nome do colégio (CPNMMX) – EE Colégio Professora Nilde Maria Monteiro Xavier. As grades permitiram ver o espaço interno da escola. A fachada do colégio é revestida de pedra até aproximadamente 1,20 metros de altura e o restante da parede estava pintada com tinta látex verde, o que sugere pensar, esse revestimento de pedra, proteção e conservação das paredes em relação a respingos da chuva e evitar que os alunos o sujem com os pés. Conservam-se árvores e flores na frente das salas de aula, tais como: mangueira, flores naturais, rosas e há bancos de cimento.

Olho para o portão lateral e vejo o porteiro e identifico-me. O porteiro abre o portão, deparo com um orelhão, dou alguns passos e já estou na secretaria. Há um balcão que me separa da mesa da diretora. O espaço é pequeno e isso me obriga a permanecer de pé. Converso com a diretora e apresento um ofício da UNEB solicitando um espaço para realizar o estágio pedagógico. Logo, ela me apresenta a escola e alguns professores que encontramos pelos corredores. Nas salas de aula há cartazes colados nas paredes das práticas escolares desenvolvidas por alunos.

¹ A Universidade do Estado da Bahia (UNEB), maior instituição pública de ensino superior da Bahia, fundada em 1983 e mantida pelo Governo do Estado por intermédio da Secretaria da Educação (SEC), está presente geograficamente em todas as regiões do Estado, estruturada no sistema *multicampi*. A capilaridade de sua estrutura e abrangência de suas atividades estão diretamente relacionadas à missão social que desempenha. A UNEB possui 29 Departamentos instalados em 24 *campus*: um sediado na capital do estado, onde se localiza a administração central da instituição, e os demais distribuídos em 23 importantes municípios baianos de porte médio e grande. Disponível em: <<http://www.uneb.br/institucional/a-universidade/>> acesso: 25/01/2015.

O pátio interno parece ser protegido pelas salas de aula que o abraçam, mas há um espaço aberto com corredores para acesso as dependências da escola. O pátio era coberto por telhas vermelhas de barro escurecidas, talvez pela passagem tempo e no fundo há um palco revestido de cerâmica, com alguns degraus laterais e o teto de laje. A cantina é voltada para o pátio. Os caminhos internos são iluminados pela luz natural; no entanto, as salas de aula são iluminadas pela luz artificial. Ao transitar pelo Colégio percebo que além da fachada ele é todo revestido em pedra até a altura de aproximadamente 1,20 metros. O piso é de pedra em alguns espaços e o pátio cimentado, as portas são de madeira e as janelas de vidro canelado. Um ambiente aconchegante para os padrões daquela cidade.

Durante a permanência naquele espaço escolar notei algumas produções de materiais, tais como: flores artificiais em formato de girassol e bonecas de pano. Aquilo aguçou minha curiosidade e logo perguntei à professora que conduzia aquela atividade sobre o que se tratava aquilo. Ela logo respondeu: estamos produzindo materiais para retratar a obra literária *Um Girassol na Janela* de Ganymédes José. Trata-se da investigação de uma ex-estagiária do Colégio. Conto uma história que construí a meu modo, e com aquilo que encontrei. O espaço descrito é o local no qual se realiza o Festival de Artes Literárias.

Procurou-se, com esse estudo, documentar a cultura material e práticas escolares produzidas no entorno da montagem das edições do Festival de Artes Literárias (FAL) de Palmeiras, BA, 2007-2013. O Festival é um projeto de incentivo a leitura literária e artes desenvolvido na Escola Estadual - Colégio Professora Nilde Maria Monteiro Xavier, implantado desde o ano de 2007.

Objetivou-se a identificação de fontes para a história das práticas escolares e, conseqüentemente, a valorização do patrimônio histórico-educacional. Almejou-se também investigar a origem do Festival por meio do estudo da cultura escolar (como reinvenção constante) e o problema crônico da desvalorização da memória. Assim, neste estudo discute-se a relevância da criação de arquivos escolares e da preservação da memória de modalidades de cultura escolar, a partir de algumas questões que o mobilizaram: o que é o Festival, como se originou? Quais as fases pelas quais ele passou? O que pensam os atores envolvidos nele? Quais materiais escolares foram produzidos? Quais relações foram estabelecidas entre professores e alunos e entre a escola e comunidade?

A pesquisa delimita-se, temporalmente, como marco inicial o ano de 2007, quando foi implantado, e a partir desse ano letivo vem sendo realizado. Por se tratar de uma pesquisa de mestrado, com prazos fixos, optou-se por analisar o referido Festival até o ano de 2013. Este período de investigação se faz pertinente porque corresponde à implantação e consolidação

do mesmo. Sabe-se que o conhecimento é processo e produto. Enquanto processo é contínuo e dialógico; já como produto é o resultado da contínua busca em conhecer a realidade, que pode ser empregado e transmitido. No caso do Festival, haverá sempre aspectos que poderão ser problematizados e analisados, ampliando os conhecimentos da História da Educação e Historiografia, desse modo, restringe-se o período 2007 - 2013.

Durante a pesquisa outro objeto de estudo foi se constituindo: as relações de professores e alunos com a literatura. Desse modo, fez-se vislumbrar a possibilidade de abordar tais relações profícuas e múltiplas que a experimentação pode ensejar no âmbito do “fazer” docente, na construção de identidades e na valorização da escola por parte dos alunos e por meio dos estudos das práticas de ensino e cultura escolar essa história revela. Nesse sentido, parece oportuno retomar algumas contribuições de Viñao Frago (1998), particularmente quando afirma que a cultura escolar é algo que adentra nas relações dos sujeitos ao mencionar a interação entre os membros da comunidade discente e docente, o que reflete no meio social e familiar do indivíduo.

A hipótese proposta sobre o Festival é a de que para além de ser um projeto de estímulo à leitura literária e artes ele possui outras funções, pois instiga momentos privilegiados para as práticas de ensino e aprendizagem, disseminação de conhecimentos, envolvimento, investimentos e cuidados dos professores e alunos na confecção dos materiais escolares para o processo de aprendizagem, por meio de atividades artesanais, artísticas e concretas. Assim, é possível observar caminhos de estudo da cultura material escolar produzida por tais sujeitos. Rosa Fátima de Souza (2007) destaca que a expressão “cultura material escolar” passou a ser aplicada na área de História da Educação influenciada pelos estudos em cultura escolar.

Para o termo “cultura escolar” é importante compreender as diferentes elaborações do conceito por diversos autores que tratam da temática para refletirmos as questões do Festival. Segundo Dominique Julia (2001, p.10) a cultura escolar é composta por um conjunto de normas e práticas; “*normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”. A cultura escolar deve ser entendida como um objeto histórico e analisada a partir das normas e das finalidades que a regem.

O autor propõe ao historiador um olhar atento às práticas e às normas escolares, estimulando-os a conhecer os aspectos internos da escola e as realizações cotidianas, pois a escola não é somente um lugar para transmitir conhecimentos, mas uma rede de saberes. Na visão do autor Dominique Julia (2001) estudar a cultura escolar demanda sensibilidade no

olhar do historiador para o interior da escola, o seu funcionamento interno, pois isso possibilita identificar e analisar as práticas de ensino utilizadas dentro da instituição escolar e no seu espaço particular. O autor indica ao historiador os caminhos que podem ser percorridos ao investigar a cultura escolar e aponta as diversas fontes para análise, tais como: arquivos escolares, as normas que regem a escola, os conteúdos ensinados e as práticas de escolares, entre outros.

Entendemos o Festival como catalisador da preservação do patrimônio histórico-cultural material e imaterial da cidade e identificamos o esforço das professoras em manter a memória do povo viva. Assim é possível compreender o Festival como elemento de identidade e autonomia à escola, que possibilita a reprodução e produção de cultura. Embora nosso olhar sobre escola permita observar a unidade e os objetivos comuns; composta por diferentes atores com valores, formação, leituras, ideias específicas, revela também divergências ou conflitos.

O artigo de Inés Dussel (2014) “A montagem da escolarização: discutindo conceitos e modelos para entender a produção histórica da escola moderna” trata as noções de “gramática da escolarização”, “forma escolar” e o conceito de “cultura escolar”. A intenção da autora nesse trabalho é discutir o que esses conceitos nos ajudam a ver e o que nos impedem de ver. Assim, ela busca analisar as metáforas particulares por meio das quais esses conceitos são fundamentados e apresenta as diferentes abordagens histórica e antropológica para a cultura escolar na visão de alguns autores, além de destacar a existência de uma multiplicidade de visões sobre o conceito.

Para a pesquisadora o conceito de “cultura escolar”, primeiramente cunhado por Dominique Julia, abriu caminho para as noções de norma, práticas, cotidiano e culturas escolares plurais. O historiador espanhol da educação Escolano Benito acrescentou novas reflexões categorizando diferentes tipos de culturas escolares, tais como: cultura política, empírico prática e a cultura científica, cada uma desenvolvendo-se de acordo com lógicas próprias. Viñao Frago refere-se, por sua vez, à ideia de diferentes tipos de alinhamento de culturas institucionais, se tratamos de instituições públicas, privadas, primárias, secundárias, terciárias, entre outras.

Sublinha nesta linha de investigação a importância dos trabalhos de Anne-Marie Chartier, nos quais se compreende a cultura como um conjunto de práticas mais do que de normas e define a cultura escolar “como a autoridade cultural das escolas, o seu conteúdo, o currículo e o conhecimento que é privilegiado, e se propõe a estudar suas mudanças históricas” (DUSSEL, 2014, p. 262). Anne-Marie Chartier considera que as regras para

definir e legitimizar o conhecimento específico, ou a relação com o conhecimento, estão sendo afrouxadas pelas mídias culturais massivas da contemporaneidade, e não podem mais operar como princípio básico ao se definir o que é ensinado nas escolas e como é ensinado. Isto é, a cultura escolar legítima não é mais legitimada pela sociedade.

Dussel salienta que é útil incluir a dimensão de norma às práticas porque os quadros regulatórios induzem comportamentos e fornecem orientações. No entanto as normas não são neutras em relação ao que acontece nas escolas, havendo tanto entrelaçamentos quanto desvinculações. A abordagem histórico-antropológica de cultura escolar, nessa medida, possibilitaria compreender que as escolas são organizadas tanto por normas como por práticas, o que “abre uma série de derivações e auxilia a evitar a ilusão de uma “onipotência normativa” da escolarização”, pois as escolas “prescrevem certos comportamentos, organizam o tempo, procuram regular o intercâmbio entre as matérias e produzem identidades, mas sua ação é múltipla e imprevisível devido às complexidades da experiência escolar”. (DUSSEL, 2014, p. 262).

Viñao Frago (1998, p. 26) adverte que os espaços escolares não apenas abrigam discursos acadêmicos formais, mas há interferência de atores “no processo de ensino aprendizagem para executar um repertório de ações” e afirma que o espaço escolar é um mediador cultural em relação à origem e “formação dos primeiros esquemas cognitivos e motores, ou seja elementos significativos do currículo, uma fonte de experiência e aprendizagem”.

Rosa Fátima de Souza (2007, p.165) afirma “embora tomados quase sempre como pressuposto natural os artefatos materiais vinculam concepções pedagógicas, saberes, práticas e dimensões simbólicas do universo educacional constituindo um aspecto significativo da cultura escolar”. Apoiada nos conceitos de Viñao Frago (1995) Rosa Fátima destaca que “o aparecimento, o uso, a transformação e desaparecimento desses objetos, são reveladores das práticas educacionais e suas mudanças”. A autora acrescenta que “no mesmo sentido Escolano (1990) chama atenção para o significado dos objetos escolares que, além de instituírem um discurso e um poder, informam valores e concepções subjacentes à educação”.

Souza (2007) salienta que a relação inerente entre as coisas e o homem tem sido defendida também pela arqueologia, e dessa ciência sobrevivem contribuições significativas para os estudos da cultura material, ou seja, a arqueologia analisa o modo de vida das pessoas por meio dos objetos, desse modo, é possível identificar os costumes, tradições, crenças, rituais praticados em diferentes épocas pelos sujeitos. A autora considera que o estudo da cultura material é direcionado para a compreensão da sociedade e sua evolução ao longo dos

anos. A partir dessa concepção é possível fazer uma análise sobre as ações, percepções e sentimentos que os homens deixam transparecer através desses objetos. Com a análise desse material, o arqueólogo é orientado em suas descobertas científicas sobre as civilizações em estudo. Os artefatos indicam as relações sociais e como elementos da cultura material operam “como direcionadores e mediadores das atividades humanas”, e isso atribui ao objeto um significado humano (idem, 169).

As fontes materiais da pesquisa produzidas durante a montagem do Festival se constituem em rico conjunto documental de práticas de ensino e aprendizagem que registra apropriações de professores e estudantes das culturas locais e conteúdos curriculares. O conjunto de fontes compreende os seguintes documentos: registros na forma de fotografias, cadernos, objetos da cultura material produzidos de maneira artesanal, vestimentas, folhetos, cartazes, painéis, cenários para ambientação das salas, convites, lembranças aos participantes dos eventos e memórias obtidas por meio de entrevistas com professores e alunos.

Maria João Mogarro (2005) ressalta a importância dos arquivos escolares ao possuir informações sobre a escola e os diversos discursos que são produzidos pelos sujeitos imersos naquele contexto, professores, alunos, funcionários, autoridades e podem ser utilizados para reconstituir o itinerário da instituição escolar. A autora sublinha o lugar de referência dos arquivos escolares:

A tarefa de recuperar, preservar, estudar e divulgar o patrimônio educativo, nomeadamente os arquivos escolares, adquire um novo sentido e urgência, que passa pela necessidade de definir orientações e dar consistência ao movimento que hoje se faz sentir, tanto a nível social como científico, sobre a escola, a sua história e memória.

(MOGARRO, 2005, p. 96)

Os arquivos pesquisados foram: Colégio Professora Nilde Maria Monteiro Xavier, localizado na Rua: 15 de janeiro 232 - centro, Palmeiras-Ba; Biblioteca Municipal de Palmeiras, na região central de Palmeiras; 27ª DIREC- Diretoria Regional de Educação, situado na cidade de Seabra-Ba e Acervos pessoais de professores e alunos, no qual muitos dos materiais encontravam-se em quartos desativados, prateleiras, caixa de papelão e até fora das dependências da casa.

As fotografias foram tiradas no decorrer do ano letivo e na culminância das edições do Festival, algumas foram documentadas pela pesquisadora durante a pesquisa de campo e outras recolhidas nos arquivos do colégio e de professores. Ulpiano T. Bezerra de Meneses (2003) entende as imagens como objetos que participam das relações sociais e como práticas materiais. Outra contribuição para essa abordagem é Boris Kossoy (2001) ao afirmar que a

fotografia é um registro do visível que oferece possibilidades à pesquisa, a descobertas e a múltiplas interpretações que os receptores dela farão ao longo da História.

Para compor as fontes da pesquisa alguns cadernos foram recolhidos nos arquivos pessoais de professores e alunos. Nesses cadernos, além de os professores e alunos manifestarem autonomia no exercício de ensinar e aprender como define Dislane Zerbinatti Moraes (2008), identifica-se o objetivo de construir e resgatar memórias de alunos, registrar acontecimentos, preservar a memória das práticas escolares. A autora enfatiza também que nos cadernos escolares é possível perceber a expressividade individual da criança e esse objeto da cultura material escolar modifica a ambientação do estudo e produz um espaço favorável a organização do pensamento e a reflexão sobre a própria aprendizagem. Para a citada autora os cadernos são responsáveis por controlar o processo de aprendizagem dos alunos, pois vão se habituando ao mundo da escrita, além de estabelecer relação entre o aluno e professor.

Ana Chrystina Mignot (2008, p. 1) no artigo *Do primeiro rabisco até o be-a-bá* compartilha a abordagem que muitos cadernos permanecem guardados e esquecidos “em arquivos pessoais, refúgios da escrita ordinária, infantil e particularmente escrita escolar”. A autora ressalta que os historiadores se deparam com a importância e urgência de preservar os arquivos escolares. “[...] são raras as instituições públicas que guardam a memória coletiva e estão a exigir ações efetivas que tragam à cena a necessidade de sua preservação. Para tanto, precisam ser tirados da invisibilidade” (idem, p. 2). Assim, tal autora parte da compreensão de que os cadernos escolares não podem ser desprezados quando se pretende investigar a produção, circulação e usos de suportes da escrita escolar como práticas educativas.

Os objetos da cultura material produzidos de maneira artesanal no Festival retratam os aspectos da matéria prima local e as relações sociais estabelecidas durante a produção. Rosa Fátima de Souza (2007, p. 178) ressalva a possibilidade de fazer leituras dos objetos “considerando aspectos como a matéria prima, o processamento e as técnicas de fabricação, a morfologia e os sinais de uso, porém mesmo essas interferências dependem de informações externas ao artefato”. A autora ancorada nas ideias de Rede (1996) descreve que “a materialidade dos objetos não esgota o sentido cultural que eles possuem” (idem, 179). Desse modo, “considerar a trajetória do objeto é um recurso analítico indispensável para utilizar os artefatos como documento de pesquisa”, pois “o estudo histórico dos materiais escolares pode ser um instrumento valioso para se decifrar a cultura escolar à medida que as práticas são mediatizadas, em muitos sentidos pelas condições materiais” (SOUZA, 2007, pp. 179-180).

Vera Lúcia Gaspar (2013, p. 230) afirma que ao desejar trabalhar com a escola por vias da materialidade escolar não são caminhos fáceis, como constitutiva de uma dada cultura. A autora ressalta: “Identificar, relacionar e nomear os “objetos da escola” não é suficiente (embora tarefa necessária e importante)” para compreender o ensino e aprendizagem com uma dada materialidade. “As diferenças materiais na composição do projeto escolar indicam uma diversidade de modelos e projetos, muitas vezes, aprisionados num discurso que homogeneiza, mas que precisa ser implodido, para que se possa melhor compreendê-la”. Já Agustín Escolano (2010) realça que a cultura material remete às experiências de sociabilidade, desde que a educação obrigatória se expandiu em virtude justamente dos objetos da educação formal e suas representações iconográficas. A cultura material, juntamente com a cultura imaterial, alcança um notório interesse público, e se constituem no objetivo central para as estratégias de recuperação e exibição de um patrimônio que se precisa preservar, estudar e difundir.

Outro elemento que compõe os esforços aqui empreendidos de investigação é a análise de fontes oficiais. Para tanto, as considerações de Gaspar (2013) se fizeram oportunas. A autora propõe que há diversas maneiras de direcionar os trabalhos e operar com objetos. Esse cenário não é linear: é feito de movimentos, de idas e vindas. Nesse sentido, reuniu-se e analisou-se diferentes documentos: LDB - Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; Lei-10330 de 15 de setembro de 2006 - PEE - Plano Estadual de Educação da Bahia; Princípios e Eixos da Educação na Bahia - Proposta Pedagógica *Uma Escola de Todos Nós* 2007-2010; PPP- Projeto Político Pedagógico do Colégio 2000-2003/2012. Estes documentos possibilitaram compreender as políticas educacionais vigentes no período e no que elas podem se relacionar com as práticas do contexto específico sobre o qual a pesquisa se propôs estudar.

Foram realizadas nove entrevistas (5 professores e 4 alunos); nove sujeitos que participaram do Festival em alguma de suas edições, o que possibilitou conhecer a partir dos seus relatos e memórias tal evento; a origem, as edições, as práticas de ensino, o que pensam os atores envolvidos, as imagens construídas de si, relações entre escola e comunidade, apropriações, convergências e divergências. Os nomes dos sujeitos são fictícios para preservar a identidade, para tanto, foram retirados da obra *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus, tema do ano de 2011 eleito por unanimidade pelos sujeitos como a edição que mais gostaram. A escolha dos nomes para identificar os entrevistados não tem relação com as características sociais e psicológicas dos personagens.

A partir dos Quadros 1 e 2, é possível visualizar um breve perfil biográfico dos entrevistados, vice diretora, coordenadora pedagógica, duas professoras, um ex-professor, três alunas e uma ex-aluna.

Quadro 01					
Vice-diretora, Coordenação pedagógica, professoras e ex-professor					
Corpo docente (ex)	Idade	Local de nascimento	Local de residência	Formação	Tempo de serviço
Cecília	35 a.	São Paulo	Palmeiras	Letras	6 anos
Aparecida	50 a.	Carmona/Palmeiras	Palmeiras	Letras	21 anos
Anália	47 a.	Palmeiras	Palmeiras	Pedagogia	23 anos
Silvia	44 a.	Salvador	Palmeiras	Pedagogia	16 anos
João José	34 a.	Palmeiras	Palmeiras	Magistério	12 anos

A entrevista com a coordenadora pedagógica Silvia foi realizada em pé na secretaria do Colégio no período matutino, sem muitas cerimônias, mas demonstrou simpatia ao conversar. A narrativa durou 37 minutos, permitindo a gravação e assinatura do termo de permissão e acesso aos materiais escolares. A entrevista com a vice-diretora Analia ocorreu no colégio na sala de reuniões sentadas em um longo banco de madeira, gravador apoiado na longa mesa, de forma descontraída, mas seriedade ao expressar. Tentou estabelecer uma ordem cronológica dos eventos lembrados, no entanto, em alguns momentos essa estratégia não funcionou, a conversa durou 1h44 minutos. As duas professoras, Aparecida e Cecilia permitiram ida às suas casas aconchegantes e isso possibilitou acessos a seus arquivos pessoais e à identificação de algumas especificidades como leituras e gosto em geral. Aparecida foi entrevistada em dois momentos, no primeiro com duração de 45 minutos e outro de 1h34 minutos. Já Cecilia narrou durante 1h07 minutos. O ex-professor do colégio João José recebeu-me em sua residência e, para evitar interrupções, optou por conceder a entrevista em sua escola particular de reforços escolares, línguas e cursos preparatórios, há alguns metros dali. As narrativas ocorreram com seriedade, mas de maneira descontraída e com bastante senso de humor ao evocar suas lembranças, com a duração 1h21 minutos.

Quadro 02					
Alunas e ex-aluna entrevistadas					
Aluna (ex)	Idade	Local de nascimento	Local de residência	Grau de escolaridade	Profissão
Florela	15 a.	Seabra	Palmeiras	2º Ano Ensino Médio	Estudante
Rosa	15 a.	Iraquara-Ba	Palmeiras-Ba	2º Ano Ensino Médio	Estudante
Maria dos Anjos	17 a.	Iraquara-Ba	Palmeiras-Ba	3º Ano Ensino Médio	Aux. Farmácia
Nair	19 a.	Iraquara-Ba	Palmeiras-Ba	Ensino Médio	Professora

As entrevistas com as alunas foram realizadas em suas casas na sala de estar e cozinha, mas tive a oportunidade de conhecer seus quartos e todas as dependências da casa, inclusive permitiram o acesso a alguns objetos pessoais sobre a escola e família. As entrevistas ocorreram de maneira descontraída embora houvesse, a princípio, certo nervosismo por parte de algumas entrevistadas, apesar da preparação dias antes do processo da entrevista e da opção por iniciar a conversa perguntando sobre as trivialidades do cotidiano, mas ao longo da entrevista esqueceram que estavam sendo gravadas. Identifica-se também emoção ao rememorar as lembranças vividas. A duração das entrevistas com as alunas tiveram variação entre: 47 minutos, 1h05 minutos, 1h24 minutos, 1h32 minutos.

Com o objetivo de pensar esse momento de encontro e conversa com tais sujeitos algumas contribuições teóricas e metodológicas foram importantes. Destaca-se aqui as reflexões de Paul Thompson (1992) e suas orientações para que o entrevistador possa ser bem sucedido numa entrevista. Para tal fim, segundo esse autor, algumas qualidades essenciais são necessárias, tais como: saber ouvir, ter respeito pelo outro, simpatia, flexibilidade, entre outros. Nesse sentido, as entrevistas devem ser realizadas de maneira criteriosa, uma vez que, o autor alerta que a estratégia para obter uma boa entrevista não é responsabilidade do informante, mas do entrevistador. Foi com essas preocupações que entrevistei os sujeitos do Festival e operei com esta fonte.

Por outro lado, e ainda no que diz respeito aos esforços de reflexão sobre as entrevistas e suas implicações, há as contribuições de José Carlos Sebe B. Meihy (2007) com estudos do campo da história oral que valoriza a análise das narrativas para verificar aspectos não revelados, subjetivos, alternativos aos documentos escritos. Ele considera a entrevista como um discurso independente, um modo como a história oral produz suas fontes. Meihy (2007, p. 26) afirma que “ao se materializar em documento escrito, porém, a história oral ganha objetividade de qualquer outro documento grafado”, mas ressalva que este “deve ser interpretado sob o crivo da subjetividade que o produziu”. Nas entrevistas realizadas utilizei a temática história oral de vida que são as versões individuais dos fatos, e essas narrativas dependem da memória.

Pierre Bourdieu (2012) ressalta a questão da proximidade social como estratégia de uma comunicação “não violenta”, onde as condições de proximidade amenizam os efeitos de distorções sobre o entrevistado. Afirma, ainda que nem sempre essa proximidade social seria, por si só, suficiente. Dessa forma, existia certa familiaridade social entre mim e os sujeitos entrevistados, porque já havia morado na cidade de Palmeiras- BA e conhecia a escola antes

de iniciar essa pesquisa. As pessoas ficaram mais a vontade e sentiram-se seguras em colaborar e descrever os relatos. O pesquisador pode recorrer também a estratégias que o sociólogo se utiliza como a de “representar papéis”, isto é, ocupar uma determinada posição social com a intenção de neutralizar as imposições causadas sempre que o pesquisador ocupa uma posição mais alta na hierarquia, bem como diferenças de natureza intelectual e cultural.

Bourdieu (2012) nos adverte para os cuidados que o entrevistador deve ter na hora da entrevista. Sua reflexão auxilia a compreender a estrutura das relações de pesquisa entre pesquisador e pesquisado e os métodos a serem aplicados na pesquisa científica. Alerta-nos também para uma visão ampla das possibilidades de criação de uma comunicação ideal, ou seja, o pesquisador deve tentar falar da maneira que o entrevistado possa compreender e nos aconselha sobre os cuidados que devemos tomar no ato da investigação, como na conservação da opinião e identidade cultural do nosso objeto de estudo. O seu texto foi de fundamental importância para direcionar as entrevistas com os sujeitos do Festival.

Assim, no primeiro capítulo dessa dissertação contextualiza-se o Festival de Artes Literárias – FAL, na perspectiva histórica do município de Palmeiras e da instituição escolar, Colégio Professora Nilde Maria Monteiro Xavier. Para isso, procura-se relacioná-la com a cultura material e imaterial do Município de modo a enfatizar os seus aspectos históricos, arquitetônicos, produtivos, artesanais, festivos, folclóricos, musicais e dançantes, e como essas produções culturais são realocadas na produção da cultura escolar durante o Festival, cujo objetivo é o incentivo à leitura literária e artes.

Num segundo momento trata-se detalhadamente das várias produções relativas aos Festivais de Artes Literárias do Colégio Nilde Xavier. Compreende-se que essa metodologia de análise dos objetos da cultura escolar permitirá identificar as condições de produção, circulação e usos de materiais próprios da cultura local em diálogos com os conhecimentos literários e históricos. Ainda, espera-se ser possível visualizar alguns dos processos de apropriação e transformação desses objetos em situações de ensino e aprendizagem, como verdadeiros artefatos mediadores e promotores de saberes.

O capítulo foi montado a partir do acervo pessoal da pesquisadora, documentos obtidos durante a pesquisa, nas atividades de campo, com os entrevistados e no acervo da escola. Muitos materiais foram resgatados do esquecimento em que se encontravam, no interior de gavetas, soltos e perdidos pelas casas e na escola. Objetos fabricados para construção das salas temáticas, fotografias, convites, lembranças aos participantes, que representam experiências pessoais ainda não sistematizadas, mas que pelo ato de guarda ganham nova duração, permanência, possibilidades de atualização e novas significações.

No terceiro e último capítulo, apresenta-se as memórias em torno do Festival, na perspectiva de tentar compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos entrevistados. As memórias em torno do Festival oferecem inúmeros significados, entre eles, harmonia, apropriação da realidade escolar, visão de mundo, conflitos, permanências, inquietação constatada na realidade escolar. Apesar das lembranças e riquezas de detalhes que alguns sujeitos entrevistados expuseram sobre o Festival durante as narrativas, observa-se em cada indivíduo experiências acumuladas que foram construídas e representadas nas entrevistas. Contudo, cabe ao pesquisador buscar compreender os sentidos atribuídos ao Festival pelos sujeitos entrevistados.

Por último, nas Considerações finais são assinaladas algumas questões sobre o Festival de Artes Literárias e as compreensões que foram vislumbradas no decorrer da pesquisa, bem como os limites do estudo, além disso, são indicadas outras propostas potenciais de investigações futuras.

A proposta de investigação histórica do Festival de Artes Literárias articulou-se a projetos anteriores, realizadas em nível de Graduação, o que motivou o desenvolvimento dessa dissertação de Mestrado, à medida que permitiram pensar o objeto de estudo. No entanto, foi necessário fazer um grande levantamento das fontes, para qual realizei pesquisa de campo, participei de algumas edições do Festival e contei também com a colaboração de professores e alunos do Colégio. A escrita da dissertação se beneficiou da participação em seminários, discussões realizadas nas disciplinas cursadas, congressos, palestras e a participação no grupo de estudo LIHED/FEUSP: Grupo de Pesquisa Literatura, História e Educação: faces do ensino e da pesquisa sobre formação e profissão docente, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Dislane Zerbinatti Moraes. Essa trajetória tornou-me mais experiente no campo da pesquisa e no conhecimento sobre o objeto investigado, permitindo, no futuro novas escolhas beneficiadas pelas experiências passadas.

CAPÍTULO 1

PALMEIRAS: PATRIMÔNIOS E OS FESTIVAIS DA ESCOLA



Imagem 1- Sequência de imagens da Cidade de Palmeiras: Colégio Nilde Xavier, Escola Souto Soares, Mercado Municipal de Palmeiras, Igreja católica do Bom Jesus, Residência e Praça Dr. José Gonçalves. Fonte: Acervo pessoal produzido durante o período da pesquisa 2007 – 2013.

Neste capítulo contextualiza-se o Festival de Artes Literárias – FAL, na perspectiva histórica do município de Palmeiras e da instituição escolar, Colégio Professora Nilde Maria Monteiro Xavier. Para isso, procura-se relacioná-lo com a cultura material e imaterial do Município de modo a enfatizar os seus aspectos históricos, arquitetônicos, produtivos, artesanais, festivos, folclóricos, musicais e dançantes, e como essas produções culturais são realocadas na produção da cultura escolar durante o Festival, cujo objetivo é o incentivo a leitura literária e artes.

O capítulo está dividido em três seções, a primeira destaca o histórico e tradições da Chapada Diamantina; na segunda, trata-se a cidade de Palmeiras, equipamentos escolares, professores e professoras; e na terceira, descreve-se os Festivais no Colégio Nilde Xavier. A imagem 1, sequência de imagens de abertura deste capítulo retomam o patrimônio

arquitetônico de Palmeiras e como esse patrimônio é ressignificado nas práticas de ensino nos Festivais do Colégio.

O passado e o presente do município de Palmeiras são dotados de peculiaridades relevantes e situá-los é significativo para compreensão do movimento histórico da região. O entendimento desses fatores torna-se necessário, pois reflete nesta pesquisa, no sentido de que a escola tenta preservar a memória local.

Para compor esta pesquisa, especialmente este capítulo, utiliza-se de alguns autores com diferentes pontos de vista que, de algum modo, sugerem pensar a composição diversa do estado da Bahia e da cidade de Palmeiras, tais como: o historiador baiano Luís Henrique Dias Tavares (2008), professor aposentado da Universidade Federal da Bahia, que estuda os diferentes temas ligados ao Estado da Bahia, na perspectiva histórica, e defende a necessidade de se investigar os aspectos culturais do passado para compreender e valorizar a diversidade do Estado e do País; Zenilda Pina (2005), memorialista, professora aposentada da Rede Básica de Ensino, habitante de Palmeiras, e o médico, escritor e ensaísta no campo da pesquisa regional das Lavras Diamantinas, Américo Chagas (1996), do povoado de Campos de São João - Palmeiras-Ba, escreveu temas relacionados a Chapada Diamantina e suas histórias. Os registros de escritores nativos do município de Palmeiras-Ba evocam ou podem evocar elaborações próprias como, por exemplo, certa exaltação, pois são textos comprometidos com a construção de uma memória coletiva que idealiza alguns elementos da formação, características da população e suas culturas.

1.1 Histórico e Tradições da Chapada Diamantina-Palmeiras/BA

Segundo Luís Henrique Dias Tavares (2008, p.16), o povoamento do estado da Bahia ocorreu, paulatinamente, por meio de diversas etnias: “os povos que o habitavam há cerca de onze a doze mil anos (11.000 a 12.000), os europeus, com predominância dos portugueses, e os africanos trazidos da costa ocidental e de outras áreas da África para o trabalho escravo nas terras do Brasil”. O autor descreve que as relações estabelecidas entre esses povos originaram-se “os baianos como mestiços de africano e português, de Tupi ou Tupiniquim, Gês (Jê) ou Tamoio ou Tapuia, Kariri ou Kiriri e o português e o africano” (Idem).

Zenilda Pina (2005, p. 295-296) registra a origem e justifica os traços culturais do povo palmeirense.

A nossa cidade teve a mesma origem histórica de todas as cidades das Lavras Diamantinas. Foi a existência do grande tesouro de pedras preciosas

encravados no seu subsolo que atraiu garimpeiros, capangueiros e pessoas ilustres das províncias da Bahia e de Minas Gerais, para aqui, os quais trouxeram, além da coragem e espírito aventureiro, também, a sua linguagem, seus costumes, suas tradições, seu modo de vida que aos poucos foram implantados para nossa região, [...] ressaltamos a figura do índio, do escravo e de seus descendentes que deram a sua grande contribuição à nossa formação cultural. Como Palmeiras foi a caçula das Lavras Diamantinas, também sofreu influência bem acentuada da cultura de Mucugê, Lençóis, Andaraí e Guarani (Boninal). Cada povo ao imigrar trazia seus costumes, suas tradições, seu modo de falar e de viver e em contato com o novo meio exercia e sofria suas influências. Da mistura das várias culturas, formou-se a nossa, o nosso povo com as suas características peculiares.

Para a autora, o contexto histórico do povoamento de Palmeiras foi atrelado à exploração de diamantes na região das Lavras, que atraiu pessoas de diferentes regiões do país. Alguns adquiriram fortunas, estabeleceram-se econômico-socialmente. Para outros, o trabalho escravo trouxe a miséria e a marginalidade social. Entretanto, a diversidade de pessoas e suas interrelações contribuíram para formar a diversidade e as riquezas culturais do Município. A diversidade de pessoas que passou a habitar Palmeiras sugere pensar as linguagens, tradições, costumes, sabores, cores que compõem o patrimônio material e imaterial da cidade de Palmeiras.



Imagem 2 - Mapa da Chapada Diamantina

Disponível em: < http://www.a-bahia.com/diretorio/index.php?cat_id=521 > Acesso em: 04/11/15.

A Chapada Diamantina conforme a imagem 2, região central da Bahia, retratada no Festival de Arte Literária é composta por vinte e quatro municípios (Abaíra, Andaraí, Barra da Estiva, Boninal, Bonito, Ibicoara, Ibitiara, Iraquara, Itaeté, Jussiape, Lençóis, Marcionílio

Souza, Morro do Chapéu, Mucugê, Novo Horizonte, Nova Redenção, Palmeiras, Piatã, Rio de Contas, Seabra, Souto Soares, Tapiramutá, Utinga e Wagner).

A história dos municípios que compõem a Chapada Diamantina está envolta a uma série de acontecimentos políticos e econômicos assinalados por Tavares (2008) ao relatar que ao longo da história da Bahia houve uma sequência de conflitos graves e sangrentos, entre os episódios ocorreu a chamada Revolta Sertaneja que iniciou com a vitória do ex-governador J.J. Seabra, o que ocasionou uma insatisfação de seus opositores e como forma de retaliação deram mais armas de fogo e munições aos chamados coronéis da Chapada Diamantina e região sanfranciscana que haviam rompido com o governador Antônio Moniz e J.J. Seabra, desta forma, os opositores ao governador e seu aliado imaginavam que haveria um caos e uma intervenção Federal seria inevitável o que impediria à posse de J.J. Seabra ao Governo do Estado da Bahia.

Depois desse episódio, a figura do Coronel Horácio de Matos da cidade de Lençóis entrou em evidência com a tomada da cidade de Lençóis e conflitos armados contra o coronel Manoel Fabrício, de Campestre, atual cidade de Seabra. Após ameaças de invadir a capital do Estado, Salvador, o então Governador Antônio Muniz pede intervenção Federal ao Presidente da República Epitácio Pessoa. Apesar de ser conhecido desafeto do Presidente da República para com J.J. Seabra, houve a intervenção Federal em 2 de março de 1920 com o envio dos “navios Iris e Ruy Barbosa”, vindos da Capital da República (Rio de Janeiro) “no total de 1.284 soldados e 212 armas, metralhadoras e canhões” (Tavares 2008, p. 346) . Porém, ao contrário do que os opositores imaginavam essa intervenção Federal preservou e reconheceu o resultado da eleição de J.J. Seabra garantindo sua posse como Governador no dia 29 de março de 1920 para o quadriênio 1920-1924.

Para garantir a estabilidade do seu Governo J.J. Seabra fez diversas concessões aos revoltosos, inclusive entregou-lhes a administração de cidades da região que eles tinham influência. Em 23 de maio de 1920 foi assinado o Convênio Lençóis que trouxe diversas imunidades e benefícios a Horácio de Matos e seus aliados. Ao final da Revolta Sertaneja, Horácio de Matos foi nomeado chefe político de Lençóis e delegado regional de polícia de uma região tão vasta que se estendia da Chapada Diamantina ao vale do Rio São Francisco (TAVARES, 2008).

Américo Chagas (1996, p. 13-14) comenta que no início do século XX a região das Lavras Diamantinas atingiu um elevado nível de progresso: “havia frisante contraste com grau de civilização das suas elites o absolutismo dos chefes e a rivalidade dos chefetes que mantinham nos garimpos homens armados, e protegiam criminosos de várias procedências”.

Então, o panorama político e social da região das Lavras foi marcado pelo domínio de coronéis e chefes. Na imagem 2 visualiza-se no mapa as quatro cidades que compõe as Lavras Diamantinas, tais como: Mucugê, Andaraí, Lençóis e Palmeiras, devido ao fluxo de comercialização de diamante nessa região. Nos tempos áureos da extração do diamante essa localidade teve uma grande movimentação de pessoas que se deslocaram de outros estados brasileiros e países europeus para explorar a compra e venda dessa pedra preciosa.

A cidade de Mucugê foi a mais antiga das Lavras Diamantinas a se estabelecer na região, nomeada de Vila Santa Izabel do Paraguaçu, iniciou seu povoamento por volta de junho de 1844 com a exploração de ouro e diamante. Em Mucugê governava o coronel Antônio Landulfo da Rocha Medrado, “homem agitado, porque estabeleceu no município uma dinastia política” (Américo Chagas, 1996, p. 14).

A cidade de Andaraí é procedente de Vila Santa Izabel do Paraguaçu, atual município de Mucugê, iniciou seu povoamento por volta de 1845 com a descoberta de pedras preciosas. No município de Andaraí, Juca de Carvalho era o chefe, porém passou o comando do município para o coronel Pedro Francisco de Jesus, “cujo poder depois foi arrebatado pelo subchefe Aurelino de Brito Gondim” (Idem, p. 15). Esses chefes e coronéis comandavam a região com rigor e na força das armas, muitos deles não aceitavam ser contrariados e esse período do início do século XX foi marcado por lutas e conflitos na região.

O município de Lençóis iniciou o seu povoamento por volta de 1844, por fazendeiros com a criação de gados, mas destacou-se no auge do ciclo de diamantes entre 1845 e 1871 como a maior produtora mundial de diamantes e a terceira cidade mais importante da Bahia (IBGE 2015) em decorrência disso instalaram o vice-consulado francês em seu território. No município de Lençóis dominavam os Sá e após a morte do coronel Felisberto de Sá no ano de 1897, os seus filhos Francisco, Cesar e Aureliano exerceram sucessivamente influências nos destinos dos municípios. Francisco Sá estabeleceu-se em Palmeiras, Cesar Sá assumiu a chefia de Lençóis, e após sua eleição ao congresso estadual passou a administração de Lençóis para seu irmão Aureliano CHAGAS (1996).

O município de Palmeiras foi o último entre os demais citados das lavras a explorar extração das pedras preciosas, “Palmeiras não havia propriamente um chefe. A sua política era dirigida por vários homens de representação”, tais como: Antônio Afonso Teixeira, Joaquim Castro de Lima e outros; e o autor (CHAGAS, 1996, p. 15) acrescenta que Palmeiras “era a única cidade das Lavras a adotar um sistema republicano”.

O processo de povoamento de Palmeiras se iniciou em 1815 com a fazenda Palmeiras, produtora de café. Durante anos, o café foi um grande produto de exportação do Brasil e na

Bahia como afirma (TAVARES, 2008, p. 364) os principais produtos exportados “eram o cacau, fumo, açúcar, café, couro curtido e em salmoura (couro cru), peles, piaçava, pedras preciosas, cera de carnaúba, borracha e madeiras”. Com a descoberta de diamantes por volta de 1843 e sua exploração comercial, houve maior visibilidade da região das Lavras, a qual inclui: Mucugê, Andaraí, Lençóis e Palmeiras e conseqüentemente, ocorreu acentuado desenvolvimento econômico nos municípios da região. Essa “efêmera sensação de riqueza” no século XIX destacou a Bahia no cenário minério-exportador brasileiro (TAVARES, 2008, p. 284).

Dentre os municípios que compõem a Chapada Diamantina, Palmeiras, imagem 3 situa-se na região central da Bahia, interconectado com vários municípios que compõem a região das Lavras Diamantinas, o que sugere pensar também sua diversidade sociocultural. Palmeiras está localizado a 439 quilômetros da capital Salvador, limita-se ao Sul com o município de Mucugê; ao Norte com o município de Iraquara; ao Leste com o município de Lençóis e Oeste com o município de Seabra, centro geográfico da Bahia. Sua população em 2010 foi estimada a 8.410 habitantes, distribuídos numa área de 700,624km². A densidade demográfica foi calculada em 12,79 hab/km². Em seu bioma predomina a caatinga, clima semiárido (IBGE, 2015).

No início, o município de Palmeiras era Distrito de paz, declarado pela Lei Provincial nº 2651, de 14-05-1889, e tutelado ao município de Lençóis. Por meio do Ato de 23-12-1890 foi desmembrado de Lençóis e elevado à categoria de Vila, com a denominação de Vila Bela das Palmeiras. Em 13-12-1930, tornou-se município pelo Decreto estadual nº 7120, quando passou a ser denominado de Palmeiras. Entre os anos de 1933 e 1950 foi constituído apenas do Distrito sede. Em 1953 foi criado o distrito de Caeté-Açu, anexado ao município de Palmeiras por meio da Lei estadual nº 628, de 30-12-1953 (IBGE, 2015).

Zenilda Pina (2005, p. 234-236) descreve que no ano de “1865 o arraial de Palmeiras muda de cenário de Fazenda das Palmeiras produtora de café para a “era dos diamantes”, das riquezas e opulências”, devido a esse movimento continuo na cidade a vida noturna tornou-se intensa. A citada autora menciona que nessa época havia um cinema que funcionava nas noites de segunda, quarta e sexta e matinês nos domingos à tarde para crianças e adolescentes e enfatiza nas noites de domingo as mulheres passeavam pela praça matriz com belos vestidos após a sessão do cinema e os homens trajavam ternos e chapéus de palhinha exibindo a aristocracia lavrista.



Imagem 3- Vista panorâmica da Cidade de Palmeiras, BA [19--]. Fonte IBGE. Série: Municípios brasileiros.

Na imagem 3 a vista panorâmica da cidade de Palmeiras está rodeada por montanhas e árvores, abraçada ao norte pelo Rio Preto e povoada com algumas construções. Da terminologia Palmeiras o significado do termo sustenta-se pela grande quantidade de palmeirais que havia no município no início de seu povoamento PINA (2005).

Apesar das diversas revoltas que houveram na região da Chapada Diamantina a extração do minério destacou-se por um período significativo da sua história, entre os séculos XIX e XX. Segundo (CHAGAS, 1996, p. 18) o número de aventureiros na Chapada Diamantina era grande, inclusive no povoado de Campos de São João, Palmeiras “se abatia cem bois por semana; e toda aquela carne era vendida nas feiras de Lençóis, Palmeiras e Andaraí” e o autor acrescenta que “os garimpeiros moravam em ranchos de palhas ou se abrigavam em tocas e lapas nas serras e comiam às vezes em conjunto nos calumbés, pratos produzidos da madeira, estilos bacias ou até mesmo sobre os lajedos que serviam de mesa”.

Alguns desses garimpeiros eram assalariados pelos ricos donos de garimpos, outros trabalhavam em sociedade com os patrões que custeavam suas despesas, mas havia os que não tinham patrões e pediam auxílio nos dias de feira prometendo ao fornecedor 50% ou 25% do que pegasse no garimpo. Para muitos o garimpo era uma espécie de jogo, pois granjeavam muito dinheiro e gastavam em festas e orgias e em pouco tempo estavam na miséria - foram poucos garimpeiros que souberam reter a riqueza e empregar o dinheiro em propriedades. O comércio lucrava e se expandia cada vez mais com a quantidade de pessoas na região CHAGAS (1996).

Segundo CHAGAS (1996) no início da atividade com o garimpo as serras eram devolutas e os garimpeiros podiam trabalhar a vontade em qualquer parte sem aborrecimentos, porém com as medições dos terrenos diamantíferos os donos dos lotes começaram a cobrar o quinto de 20% da produção e os proprietários de açudes e regos que banhavam os garimpos cobravam outro quinto 20% para fornecer água para lavar o cascalho. Essa tributação de 40% causou desânimo nos garimpeiros que começaram fazer as apurações às escondidas e os melhores diamantes não apareciam e o comércio clandestino fez fortuna rápida com compradores improvisados, conforme descreve Américo Chagas (1996, p. 20):

E, assim o comércio de pedras preciosas, que antes era feito à luz do dia, beneficiando a todos, desde o faiscador desamparado que pedia auxílio nas feiras até o fornecedor anônimo que arriscava dinheiro no jogo de garimpagem, tornou-se meio secreto, misterioso, e para voltar ao que era, só a força de um dispositivo legal que viesse reduzir a tributação ou tornar novamente as serras devolutas.

O trabalho com a mineração na região das Lavras Diamantinas, com destaque para Palmeiras, sem planejamento e reconstituição do meio ambiente causou muitos danos à natureza, pois os rios e as árvores foram gradualmente devastados e substituídos como afirma Zenilda Pina (2005, p. 248):

[...] por crateras enormes que receberam o nome de catas, as quais acumulando águas paradas e poluídas constituíram focos de febre tifóides em épocas passadas; as áreas róseas das lindas praias foram sendo retiradas por caminhões de diversos municípios que as transportavam deixando suas praias desnudadas; as margens desarvoradas sofrendo o processo de erosão, principalmente na época das cheias, assim o rio protesta derrubando barrancos, danificando as margens [...]

Zenilda Pina (2005) entende que o processo de garimpagem sem responsabilidade ambiental ocasionou a destruição da natureza em Palmeiras. Com a chegada do período de seca na região entre o final do século XX e início do XXI, o rio que outrora era abundante ficou praticamente seco e a população palmeirense foi obrigada a servir-se de águas de caminhões pipas trazidos de outros municípios para abastecer a cidade. A citada autora sublinha que para amenizar o problema de falta de água foram construídas algumas barragens, mas a recomposição do rio levará algum tempo. O rio de Palmeiras é utilizado pelos moradores para banho, lavagem de roupas, pratos, água para os afazeres domésticos como presenciado nas memórias da professora Analia (2013): “O rio é ali [...] Nossa! O rio não secava como a gente está vendo hoje. A gente simplesmente descia cedinho, levantava cedo e a minha mãe falava para ir logo para a água não ficar muito mexida, pois pegávamos água para beber [...] equilibrava uma lata de 18 litros na cabeça”. Evidencia esta prática ainda nos dias atuais.

Para interromper o ciclo de devastação da natureza no município de Palmeiras Zenilda Pina (2005) menciona que houve necessidade de intervenções coercitiva do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) e CRA (Centro de Recursos Ambientais) e até da Polícia Federal. Por outro lado, houve um trabalho de conscientização com os moradores da cidade sobre a importância de preservar e valorizar o meio ambiente, pois a atividade econômica gerada do turismo na região trouxe lucros econômicos para a cidade de Palmeiras ao atrair turistas nacionais e internacionais.

É pertinente ressaltar no Estado da Bahia a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina no ano de 1985 e parte do município de Palmeiras foi incorporado à reserva ambiental do Parque o que reflete na atividade econômica do município. O objetivo do Parque Nacional da Chapada Diamantina:

Proteger amostras dos ecossistemas da Serra do Sincorá, assegurando a preservação de seus recursos naturais e proporcionando oportunidades controladas para uso pelo público, educação, pesquisa científica e também contribuindo para a preservação de sítios e estruturas de interesse histórico-cultural existentes na área.

(BRASIL, Decreto nº 91.655, 1985)

O Parque é administrado pelo ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade e é perceptível o controle nas ações dos sujeitos em torno da região contemplada pelo Parque Nacional. No município de Palmeiras há diversos atrativos naturais, tais como: rios, cachoeiras, morros, sítios arqueológicos com pinturas rupestres o que trouxe para região visibilidade no turismo. Na flora há algumas espécies de plantas ornamentais como bromélias, orquídeas, canela de ema e plantas medicinais, por exemplo, umburana, mastruço, carqueja, entre outras. Dessa flora extrai-se a lenha, candombá e a palha para o serviço artesanal e há plantas comestíveis, tais como: coco, umbu, cajá, mangaba, mucugê, jabuticaba, acerola, entre outras (Zenilda Pina, 2005).

Em memórias a professora Aparecida relatou a inspiração que a natureza proporciona para o desenvolvimento da leitura e da escrita, no qual, há ainda muito do patrimônio (fauna e flora) preservado e que é inspirador conforme as memórias da professora Aparecida (2013): “[...] tem um texto que escrevi que fala do meu mundo, eu lembro que ao levantar eu ouvia a jandaia cantar, tinha pé de gameleira no fundo do quintal, [...] pé de coco, manga um cenário propício para escrever [...] voltei a minha infância eu levantava cedo e tomava banho de rio”. A professora continua a rememorar: “[...] Você levanta com o cantar dos pássaros [...] aquilo dali era um cenário propício para escrever, para fazer belas crônicas [...]”.

A Constituição Federal de 1988, Art. 216 define o patrimônio cultural brasileiro e os bens de natureza material e imaterial, conforme a seguir:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Na Constituição Federal de 1988 é garantida a preservação dos bens de natureza material e imaterial. No município de Palmeiras os bens de natureza imaterial estão presentes nas manifestações culturais e religiosas que foram mantidas, embora tenha sofrido algumas transformações ao longo dos anos, devido à fragmentação e dispersão das famílias. Conforme realça Zenilda Pina (2005) entre as festividades, destacam-se as ligadas ao catolicismo, tais como: Reza para Chover, Lamentações das Almas, Culto a São João Batista (Reza), Queima de Judas, Presépio, Terno de Reis (Reisado), Santo Antônio, São João, Argolinha, Carnaval, Cantiga de Roda, Quilombo ou Quilombagem e São Cosme e São Damião, nestas festas é possível contemplar um sincretismo religioso.

Essas tradições culturais foram incorporadas no município ao longo dos anos, sendo algumas trazidas de outros países e introduzidas na cultura local. A Reza para Chover é uma prática religiosa realizada na época da grande estiagem. Lamentações das Almas é um ritual religioso, uma procissão de fiéis cobertos com lençóis brancos que percorrem a lugares ermos da cidade, tais como: cruzeiro, no alto da cidade há a imagem de um cristo que os moradores nomearam de cruzeiro e o cemitério. Os devotos celebram cânticos em voz alta e evocam a proteção divina para as almas do purgatório. Essa romaria ocorre a partir da quarta-feira de cinza até a sexta-feira santa.

Culto de São João Batista é uma prática de erguer a imagem do santo na residência do devoto organizador do evento para venerar o santo por meio de cânticos, em seguida acende uma fogueira e há queima de fogos de artifícios, há também uma mesa farta com diversos licores, comidas típicas e guloseimas. A Queima de Judas é uma crendice popular realizado no sábado de aleluia. O Judas é representado por um boneco de pano que percorre as ruas da cidade em cima de um jumento e ao final do ritual é queimado (Zenilda Pina, 2005) na Praça Dr. José Gonçalves, apresentada na imagem 4.

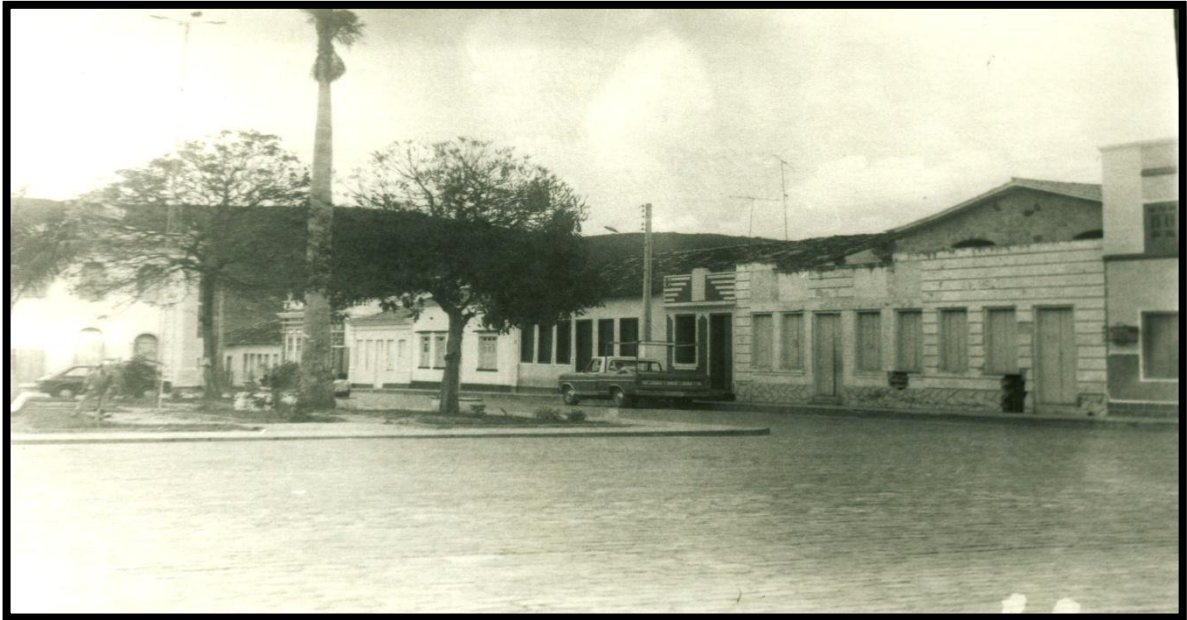


Imagem 4- Praça Doutor José Gonçalves: Palmeiras, BA Ano: [19--] Fonte: IBGE. Serie: Acervo dos municípios brasileiros

Argolinha é um desfile de cavaleiros pelas ruas da cidade em animais enfeitados com fitas coloridas e há uma competição na Praça Dr. José Gonçalves, a imagem 4 ilustra a praça onde os cavaleiros vestidos de roupas típicas tentam enfiar uma lança na argolinha e quando consegue é premiado. A argolinha sofreu algumas modificações ao longo dos anos, pois atualmente conta com a participação de mulheres montadas em cavalos e ao final há uma celebração da missa dos vaqueiros.



Imagem 5 - Praça Dr. José Gonçalves, ano: 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

A imagem 5 Praça Doutor José Gonçalves, mesma praça da imagem 4, porém de outro ângulo e atualizada, localizada no centro da cidade com casarios estilo barroco, uma igreja

católica conforme a imagem 7 e as ruas calçadas em paralelepípedo. Apesar da imagem não proporcionar uma visão ampla da praça, contém: Câmara Municipal, Prefeitura, casarios do século XIX, comércios, dentre outros estabelecimentos privados. Aos finais de semana e feriados nesta praça há fluxo intenso de pessoas.



Imagem 6- Carnaval de Palmeiras, ano: 2013. Praça Souto Soares.

Fonte: <<http://jornaldachapada.com.br/2013/02/04/chapada-palmeiras-mantem-tradicao-do-carnaval-no-interior>> Acesso: 28/12/2015.

O Carnaval é uma festa popular introduzida no município de Palmeiras em 1926, sendo o primeiro organizado na Chapada Diamantina. Na época esta festa era regada de muito luxo, vestes e divisão social Zenilda Pina (2005). O carnaval de Palmeiras nos dias atuais obteve algumas transformações como, por exemplo, há mistura de todas as classes sociais na festa de rua que inicia na sexta-feira e termina na quarta-feira de cinza. A população da cidade o considera como uma tradição cultural. A festa inicia na praça Dr. José Gonçalves exibida nas imagens 4 e 5 e termina na praça Souto Soares imagem 6, na imagem 5 não visualiza-se, porém há uma rua de acesso entre as duas praças citadas da cidade.



Imagem 7 – Igreja Católica do Bom Jesus, cidade de Palmeiras, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

A imagem 7, Igreja católica do Bom Jesus representa o padroeiro da cidade. A construção da igreja iniciou-se em 1865 por padre Lino da Silveira Gusmão e algumas festividades religiosas descritas da cidade de Palmeiras são celebradas nesta igreja.

Na região central da cidade são preservadas as fachadas arquitetônicas dos casarões em estilo colonial. O objetivo dessa preservação arquitetônica é conseguir o tombamento junto ao Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia- (IPAC) de áreas que serão oficialmente protegidas pelo poder público assegurado pela Lei de Patrimônio nº 8.895/2003, regulamentada pelo decreto nº 10.039/2006².

A professora expôs em suas memórias a relações estabelecidas entre a cidade de Palmeiras e o texto Confidência de Itabirano de Carlos Drummond de Andrade ao narrar: “[...] esse texto dialoga com nossa cidade. Ele fala tudo que tem em Itabira as ruas são de ferros, os meninos falaram assim: as nossas ruas são de diamantes, lá é de ferro, porque o minério que produzia era o ferro e aqui é tudo de diamante [...]” Aparecida (2013). A professora continuou a lembrar: “porque se olharmos para as calçadas dinheiro de diamante, se olharmos para as construções dinheiro do diamante, então aqui em Palmeiras tudo é diamante”.

Presépio é um ritual religioso que homenageia o nascimento do menino Jesus na manjedoura. Os moradores utilizam-se para essa prática folhas de coco, bonecos, entre outros

² Lei 8.895/2003 regulamentada pelo decreto nº 10.039/2006. Disponível em: <<http://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/85799/lei-8895-03>>. Acesso: 05/12/2015.

artefatos. Terno de Reis é um ritual inspirado na história bíblica que representa os três reis magos, onde os devotos trajam-se com roupas apropriadas de acordo com o nome do terno e efetuam cânticos de poesias líricas e religiosas para exaltar o natal e percorrem as casas com violão e pandeiro para seguir nos cânticos e no final do evento são distribuídas bebidas, comidas típicas como forma de simular os presentes do Menino Jesus. O reisado é uma manifestação popular semelhante ao Terno de Reis, porém mais simples, mas o objetivo é o mesmo de adorar o Menino Jesus (Zenilda Pina, 2005). O ritual da procissão inicia-se na Igreja católica do Bom Jesus, visualizada na imagem 7.

Santo Antônio foi introduzido no município a partir de 1950, realizado numa trezena de noites culminando no dia 13 de junho na atual capela de Santo Antônio. Os devotos acompanham os sanfoneiros com a bandeira do santo pelas ruas da cidade até a igreja com batucadas, cânticos folclóricos, folguedos e após a reza os devotos levam a bandeira para casa do festeiro da noite que aguarda os visitantes com fartura de doces e bebidas típicas. Vale ressaltar que na última noite de festividade é realizada alvorada, canto, até o dia amanhecer.

São João, as festas juninas em Palmeiras iniciam-se após a trezena do Santo Antônio no dia 13 de junho. As ruas da cidade são enfeitadas com bandeirolas e no dia 23 de junho as pessoas montam fogueiras e saem pelas ruas em cortejo com roupas caipiras, cantam, dançam, soltam fogos de artifícios e há muitas comidas típicas e bebidas.

Cantiga de Roda é um gênero poético trovadoresco em que crianças e adolescentes se agrupavam em áreas livres das escolas e nas ruas da cidade faziam círculos de mãos dadas e todos cantavam e jogavam versos ou outras músicas de rituais diversos, todos participavam com o comando de um líder Zenilda Pina (2005).

Quilombo ou Quilombagem é uma festa popular criada no Quilombo de Serra Negra simbolizando os negros fugitivos que formaram o Mocambo de Serra Negra. “Esta representação folclórica era realizada na festa do Natal ao Advento e tinha como ápice pegar as escondidas, em dia não determinado, as plantas das casas de família e colocar em praça pública para serem resgatados pelos seus respectivos donos” (Zenilda Pina 2005, p. 317) e a arrecadação era destinada a ajudar a custear as despesas da festa do Quilombo. São Cosme e São Damião é uma prática religiosa realizada no dia 27 de setembro e há um sincretismo religioso, pois a igreja católica realiza a missa e consagra seus santos e dentro do candomblé é expressada pela culinária do caruru, mas há todo um ritual simbólico na preparação do caruru.

No centro histórico do município de Palmeiras preserva-se o patrimônio arquitetônico com casarios coloniais e igrejas, exibido nas imagens 4, 5, 6 e 7. Na cidade, conforme citado, há atrativos naturais, tais como: rios, cachoeiras, morros, sítios arqueológicos com pinturas

rupestres. No Museu da cidade preservam-se artefatos depositários da memória, tais como: mobiliários que guardam lembranças do início do século XX. Dislane Z. Moraes (2004) defende que a memória coletiva deve ser depositada em lugares e signos com força persuasiva, pois para ser reconhecida depende de sinais concretos.

Para dialogar com os alunos sobre os casarões da cidade de Palmeiras, janelas, portas, objetos antigos a professora Aparecida (2013) narrou o trabalho interdisciplinar realizado com o professor de Filosofia, juntos utilizaram o texto *Casa Tomada* de Julio Cortázar, o Museu da cidade de Palmeiras e os objetos encontrados naquele local para preservar a memória do município. A professora Aparecida (2013) descreveu: “[...] aquele texto *Casa Tomada*, nós fizemos um paralelo com as coisas que são cultivadas, o Museu [...] aproveitamos e trabalhamos o Museu, todos esses objetos que estão guardados que a sociedade guarda [...] então, com esse texto nos trabalhamos a memória de Palmeiras”.

Viñao Frago (2011) define o Patrimônio como algo valioso herdado ou construído, não é estático e requer uma consciência ou sentimento de pertença de que aquilo precisa ser preservado e protegido. O autor menciona que a noção de patrimônio não é aplicada a um indivíduo ou pessoa, mas a grupo social, família, sociedade, corporação, Estado, grupos religiosos, ideológicos, linguísticas e culturais. Um dos requisitos para compreender se algo é herança de um grupo particular é a conscientização entre seus componentes. O grupo deve considerar que aquele algo deve ser preservado, para tornar-se um lugar de memória, e esse algo deve remeter lembranças para si e para as demais pessoas. O autor sublinha que seja qual for a herança, não é dada, está em processo interminável de construção e reconstrução. E a noção de patrimônio histórico e cultural é historicamente variável em conteúdo. Daí surgem as lutas e conflitos pelo controle sobre a memória de um determinado grupo social e afeta em todos os momentos o que é considerado digno de ser preservado e o patrimônio se torna um lugar de memória (Viñao Frago 2011, p.34).

No município de Palmeiras algumas famílias produzem artesanatos para venda extraída da matéria prima local, dentre eles, folha da palha de coco de licuri na produção de chapéus de palha, esteiras, boca pui – nome dado a espécie de sacola confecciona a partir de palha de coco de licuri. Alguns se utilizam da pedra de ardósia na produção de porta retratos, relógios, cinzeiros entre outros. O cristal é vendido como enfeite e a macela do campo, entre outras possibilidades é utilizada para travesseiros. Esta atividade produtiva artesanal tem se preservado ao longo dos anos, por meio da tradição transmitida dos mais velhos para os mais jovens, o que tem se constituído como uma memória coletiva, considerada por Michael Pollak (1989, p. 9) como:

[...] operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir ou reforçar sentimentos de pertencimentos e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc.

A memória coletiva está enraizada em algum elemento histórico comum a todos e por esse motivo que sobre memória coletiva há sempre uma justificação, como salienta Michael Pollak (1989), a memória não pode ser arbitrária; ao contrário, deve ser justificada, para que seja aceita pelos participantes de tal instituição. Isso significa que a hierarquização das memórias leva ao sentimento de “nós”, ou seja, as pessoas concebem-nas como algo que faz parte do processo de identificação pessoal e coletivo.

Palmeiras nos dias atuais possui um posto de saúde na sede do município para atender a população da zona rural e alguns casos de urgência de pacientes da sede; há duas unidades de PSF- Programa de Saúde da Família em casas alugadas pela prefeitura, localizadas na sede do município para atendimento de pacientes da zona urbana e outra no distrito de Caeté-Açu para atendimento dos pacientes das regiões rurais próximas de Caeté Açu, porém casos de emergências e partos todos os pacientes da zona urbana e zona rural utilizam-se da prestação de serviços dos municípios vizinhos para onde os mesmos são encaminhados. Na cidade há uma agência de banco privado Bradesco e os serviços de alguns bancos federais, tais como: Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal são realizados na agência do correio, casa lotérica e alguns estabelecimentos comerciais. A cidade comporta alguns órgãos públicos do Estado da Bahia, há um Sindicato dos Trabalhadores Rurais e algumas Associações Comunitárias e Rurais.

O município de Palmeiras, por um longo período, séculos XIX e XX teve como base econômica a atividade agropecuária, cultivo do café e a exploração do minério, pedras preciosas com utilização de trabalho escravo para alguns, benefícios para outros, pois a garimpagem expandiu no município; o que atraiu pessoas de diferentes regiões para compor a sua formação. Mesmo com várias mudanças sociais, política e econômica ocorridas ao longo dos anos, o município preserva comunidades quilombolas que mantêm suas tradições e costumes. A economia da cidade nos dias atuais, após a era do garimpo, gira em torno da agricultura familiar, apicultura, turismo, comércio, funcionalismo público municipais, estaduais e federais, artesanatos e programa do governo - bolsa família.

Do ponto de vista cultural, Palmeiras reúne um conjunto significativo de bens materiais e, sobretudo imateriais que se caracteriza na diversidade de grupos, manifestações e expressões culturais de valorização da memória.

1.2 A Cidade de Palmeiras: equipamentos escolas, professores e professoras

Na segunda parte deste capítulo, faz-se o levantamento de informações sobre as escolas do município de Palmeiras com destaque para a instituição escolar Nilde Xavier e sua organização em relação a tempo e espaço, Plano Estadual de Educação do Estado da Bahia e formação de professores.

Zenilda Pina (2005) assinala a importância da família para a educação no município de Palmeiras, contudo, a sua abordagem é carregada de saudosismo do passado ao relacionar escola e família. Evidencia-se os conflitos entre gerações ao revelar contentamento com os métodos de ensino do passado de castigos corporais e expõe as conquistas dos tempos modernos, no que refere-se a parceria dos Governos Estadual e Federal na oferta de recursos para o ensino-aprendizagem e enfatiza-se a sua visão de mundo ao mencionar a educação como produtora de oportunidades para os sujeitos.

Os dados, informações sobre o sistema de ensino do município de Palmeiras segundo o Censo Educacional (2012) a educação pública divide-se em Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Fundamental Supletivo e Ensino Médio Supletivo, conforme apresentado no Quadro 3. Dentre as modalidades de ensino para atender a demanda escolar há uma Creche, quatorze Pré-Escolas, quinze Escolas de Ensino Fundamental, uma de Ensino Médio, uma escola para Supletivo Fundamental e Médio. O ensino particular no município é contemplado por uma escola na sede do município que atende Creche, Pré-Escola e Ensino Fundamental Anos Iniciais e há também, uma escola Comunitária no Vale do Capão, distrito de Palmeiras, conforme o Quadro 4. A partir dos Quadros 3 e 4, visualiza-se as escolas municipais, estaduais, particulares e comunitárias do município de Palmeiras, etapas de ensino e endereços.

Quadro 3
Escolas Públicas Municipais e Estaduais de Palmeiras-Ba

Escola	Etapas de Ensino	Endereço
Centro de Educação Infantil Maria Lopes - Municipal	Educação Infantil	Rua: Praça da Bandeira, 82 casa, Centro de Palmeiras-Ba.
Escola Municipal de 1º Grau de Tejuco	Educação Infantil Ensino Fundamental	Povoado Tejuco - Palmeiras-Ba, zona rural.
Escola Municipal Rural de Taquari	Educação Infantil Ensino Fundamental	Povoado Taquari - Palmeiras-Ba, zona rural.
Escola Municipal de 1º Grau de Campos de São João	Educação Infantil Ensino Fundamental	Rua: Capitão Felisberto - Palmeiras-Ba, zona rural.
Escola Municipal de Rural de	Educação Infantil	Fazenda Julião - Palmeiras-Ba, zona rural.

Julião.	Ensino Fundamental	
Escola Municipal Rural de Cruz	Educação Infantil Ensino Fundamental	Fazenda Cruz de Cima - Palmeiras-Ba, zona rural.
Escola Municipal de 1º Grau de Rio Preto	Educação Infantil Ensino Fundamental	Fazenda Rio Preto – Palmeiras-Ba, zona rural.
Escola Municipal Rural de Lagoa dos Patos	Educação Infantil Ensino Fundamental	Povoado Lagoa dos Patos - Palmeiras-Ba, zona rural.
Escola Municipal Rural de Santa Barbara	Educação Infantil Ensino Fundamental	Fazenda Santa Barbara - Palmeiras-Ba, zona rural.
Escola Municipal Rural de Carmona	Educação Infantil Ensino Fundamental	Povoado do Carmona - Palmeiras-Ba, zona rural.
Escola Municipal de 1º Grau de Caeté-Açu	Educação Infantil Ensino Fundamental	Distrito de Caeté-Açu - Palmeiras-Ba, zona rural.
Escola Municipal Rural de Rio Grande	Educação Infantil Ensino Fundamental	Povoado de Rio Grande - Palmeiras-Ba, zona rural.
Escola Municipal Rural de Serra Negra	Educação Infantil Ensino Fundamental	Fazenda Serra Negra - Palmeiras-Ba, zona rural.
Escola Municipal Rural de Matão	Educação Infantil Ensino Fundamental	Fazenda Matão - Palmeiras-Ba, zona rural.
Escola Manoel Afonso	Ensino Fundamental	Rua: 15 de janeiro, 480 Sede - Centro, Palmeiras-Ba.
EE - Escola Estadual Souto Soares	Ensino Fundamental Educação de Jovens e Adultos- Supletivo	Rua: Alto da Peteca – Centro, Palmeiras-Ba.
EE - Colégio Professora Nilde Maria Monteiro Xavier	Ensino Médio Educação de Jovens e Adultos- Supletivo	Rua: 15 de janeiro, 232 - Centro Palmeiras-Ba.

O Quadro 4 apresenta a escola particular encontrada na cidade e a escola comunitária do distrito de Palmeiras, Caeté-Açu.

Quadro 4		
Escola Particular e Escola Comunitária de Palmeiras- Ba		
Escola Arco Iris	Creche, Pré-Escola, Ensino Fundamental I.	Rua: Benjamin Constant, 106 Casa – Centro, Palmeiras-Ba
Escola Comunitária Brilho do Cristal	Educação Infantil e do Ensino Fundamental I.	Distrito de Palmeiras-Ba, Caeté- Açu- Vale do Capão.

Para esta pesquisa destaca-se o atual Colégio Professora Nilde Maria Monteiro Xavier que oferece o Ensino Médio e EJA- Educação de Jovens e Adultos - Supletivo. A origem deste estabelecimento de ensino ocorreu a partir do Ginásio de Palmeiras, particular, fundado em 1957 e as atividades escolares iniciadas em 1958. Esta instituição de ensino no período de 1958 a julho de 1966 foi mantida pela Sociedade Cooperativa de Educação, Cultura e Serviços Sociais “Ginásio de Palmeiras” Responsabilidade Ltda. A entidade escolheu como seu primeiro diretor Frei Henrique (Daniel Janser) e como vice-diretor o Dr. José Gomes

Maria Bello. Os fundadores desta instituição escolar foram moradores da cidade e no período desempenhavam as diferentes funções: médico, padre, farmacêutico, comerciantes, advogado, juiz e professores.

Em 07 de julho de 1966, por contrato de Doação Pura e Simples, a Cooperativa passou a responsabilidade para a Prefeitura Municipal de Palmeiras que o denominou Ginásio Municipal de Palmeiras (1966-1968). O Dr. Gilberto Marinho, inspetor de ensino foi designado para inspecionar o citado estabelecimento de ensino e deu parecer favorável ao funcionamento desta entidade educacional. A Portaria nº 505 da Secretaria de Educação e Cultura de 18 de abril de 1968, assinada pelo Prof. Luís Navarro de Brito, Secretário, e publicada no Diário Oficial de 24/04/1968, tendo em vista o que consta no processo nº46682/67 e de acordo com a Lei Orgânica do Ensino, resolve: Art.1º- Autorizar o funcionamento do Curso Colégio Normal situado na sede do município de Palmeiras, neste Estado; Art. 2º- O Estabelecimento funcionará no turno diurno sob a denominação de Colégio Normal Municipal de Palmeiras de acordo com a Lei Orgânica do Ensino nº 2.463 de 13 de setembro de 1967, assinada pelo então governador do estado da Bahia Luiz Viana Filho o que consta no Art. 29 - O ensino médio será ministrado em dois (02) ciclos, o ginasial e o colegial e abrangerá entre outros, os cursos secundários, técnicos e normais, conforme descrito na portaria.

Em 26 de agosto de 1980 a primeira Comissão de Legislação e Normas aprova o parecer sobre a Reformulação do Regimento Escolar do Colégio Normal Municipal de Palmeiras-Ba e no documento consta que a Reformulação do Regimento Escolar do colégio de 1979 ocorreu para substituir o Regimento apresentado em 1977, pois continha inúmeras incorreções. No ano de 1980 o Colégio teve renovada a sua autorização para funcionamento dos cursos de 1º grau da 5ª à 8ª série e de 2º grau – Formação para o Magistério do 1º grau da 1ª à 4ª série.

No ano de 1982 o Colégio Normal Municipal de Palmeiras foi reconhecido com estabelecimento de ensino de 1º grau da 5ª à 8ª série e 2º Grau, Habilitação e Formação para o Magistério do 1º grau, 1ª a 4ª série. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 substituiu a nomenclatura 1º e 2º graus para Ensino Fundamental e Ensino Médio, porém não houve proibição do curso Formação para o Magistério, desse modo, o Colégio Normal Municipal de Palmeiras ofertou este curso até aproximadamente 2003 ao tornar-se Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Colégio Normal de Palmeiras.

No termo nº 141 publicado do D.O de 18/03/2006 o Colégio Normal de Palmeiras passou a ser denominado Colégio Professora Nilde Maria Monteiro Xavier. O nome Nilde

Maria Monteiro Xavier surgiu em homenagem a professora que lecionou por um longo período da sua vida no Colégio Normal de Palmeiras, Nilde Maria Monteiro Xavier exerceu a função de professora e em 06 de junho de 1989 assumiu a direção desta instituição até 26 de outubro de 1993 - e faleceu nos anos finais da década de 1990.

Nos dias atuais o Colégio oferta o Ensino Médio e EJA- Educação de Jovens e Adultos e tornou-se relevante na história do ensino secundário em Palmeiras, pois é o único a oferecer este nível de ensino no município para alunos oriundos da zona urbana e rural, constituindo-se de dois anexos: zona rural (Tejuco - Comunidade quilombola) e distrito de Caeté – Açu, (comunidade que se destaca por ser ponto turístico).

O Colégio Professora Nilde Maria Monteiro Xavier está situado em uma área central da cidade, Rua: 15 de janeiro, 232, na qual predominam prédios públicos, igrejas, praças, comércios e residências eclesiásticas e de famílias com maior poder econômico. O prédio escolar possui uma arquitetura moderna, caracterizado por linhas geométricas, paredes simples, retas e elementos vazados, o que sugere economia de recursos financeiros, mas também uma tendência de estilo arquitetônico das escolas já nos anos de 1920 e meados de 1930 “simbolizam o *locus* de expressão do moderno” como aponta Clarice Nunes (2000, p, 387) com o espírito moderno e disciplinar entrando na cultura escolar pela chave da construção de edifícios e a autora continua a sinalizar: “se entendermos a organização escolar como expressão e ao mesmo tempo, como produtora de uma cultura escolar, nosso objeto se amplia” (Clarice Nunes 2000, p. 390).

As características físicas do Colégio Nilde Xavier permitem acessibilidade, visibilidade, arejamento às suas dependências. O espaço escolar compõe-se de cinco prédios interligados por um pátio que conecta quatro corredores paralelos e dois verticais, intercalados por canteiros, que dão acesso às salas de aula e às outras dependências da escola como, por exemplo, diretoria, biblioteca, cantina, banheiros etc.

Viñao Frago (2001) define que o território e o lugar são realidades individuais que resulta numa construção social carregada de signo, símbolos e relações sociais aos que ali habitam.

O território e o lugar são, pois, duas realidades individuais e grupalmente construídas. São, tanto num quanto no outro caso, uma construção social. Resulta disso que o espaço jamais é neutro: em vez disso, ele carrega em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos, e vestígios da condição e das relações sociais de e entre aqueles que o habitam. O espaço comunica; mostra, a quem sabe ler, o emprego que o ser humano faz dele mesmo. Um emprego que varia em cada cultura; que é um produto cultural específico, que diz respeito não só às relações interpessoais – distâncias, território pessoal, contatos, comunicação, conflitos de poder-, mas também à

liturgia e ritos sociais, à simbologia das disposições dos objetos e dos corpos – localização e posturas-, à sua hierarquia e relações.

(VIÑAO FRAGO, 2001, p. 64)

O Colégio Nilde Xavier está localizado em uma área urbana, mas recebe alunos da zona rural no turno vespertino e há duas escolas anexas nos povoados de Tejuco e Caeté-Açu. Alguns professores da cidade lecionam nas escolas anexas e sobre essa discussão Elizeu Clementino de Souza e outros pesquisadores do campo (2011) apresentam e sistematizam dados analisados sobre o projeto de pesquisa *Ruralidades diversas - diversas ruralidades: sujeitos, instituições e práticas pedagógicas nas escola do campo Bahia-Brasil*, no qual busca-se compreender os distintos cenários da educação rural no estado da Bahia. Os autores assinalam as diversas ruralidades em relação aos sujeitos e as questões vinculadas as práticas pedagógicas no contexto escolar rural e as suas diversas materialidades identificadas nas aulas, livros, escritas e narrativas dos sujeitos que constroem o território rural (Souza, 2011, p.16).

No colégio Nilde Xavier é perceptível as relações estabelecidas entre o urbano e rural nas memórias da vice-diretora e professora Analia (2013) ao narrar: “[...] A gente representa o contexto deles aqui, para não parecer assim que é uma coisa sem valor, tem sim valor e muito, porque é assim que se constrói história. A gente não vai dizer que Palmeiras só existe a sede. Palmeiras existe no conjunto [...]”. Identifica-se nas memórias de Analia (2013) a confluência entre o urbano e rural.

No município de Palmeiras alguns professores da zona urbana lecionam nas escolas anexas da zona rural, no entanto muitos alunos da zona rural, no qual os anexos não contemplam, estudam no colégio na sede de Palmeiras, para tanto, deslocam-se todos os dias do espaço rural para o espaço urbano na intenção de dar continuidade aos estudos. Sobre essa discussão da migração dos alunos do rural para o urbano o texto *Metamorfoses do eu: estudantes rurais nas escolas urbanas* (Souza, Souza e Orrico, 2015) dialogam sobre as transformações que os alunos de escolas rurais baianas vivenciam no rito de passagem para as escolas urbanas.

Alguns alunos do Colégio trabalham para auxiliar na renda familiar, porém há outros que trabalham para o próprio sustento. A maioria das famílias dos alunos possui baixa escolaridade, até a 4ª série, sendo a nomenclatura atual, 5º ano do Ensino Fundamental. Devido à defasagem na formação dos pais, muitos professores buscam atender as necessidades dos alunos em sala de aula e nos trabalhos de pesquisas utilizam-se a biblioteca

escolar e o laboratório de informática durante as aulas ou no “contra turno” que os alunos estudam.

Nas memórias da professora Cecilia (2013) aparecem as relações de parceria entre família e escola ao narrar: “Como a gente produziu o cenário do campo [...] um relato que a aluna ontem fez que o seu pai está encantado [...] ele se identifica com esse universo. Ele chegou a chorar [...] eu achei interessante ela trazer isso para a sala espontaneamente, por ele ser um pessoa fechada[...]”, constata-se nas memórias de professores e alunos a participação de outros pais, mães e avós na escola. A aluna Rosa (2013) lembrou: “meu pai e meu irmão mais novo também participaram”. Observa-se que geralmente as mães se identificam mais com as práticas escolares dos filhos, porém nas memórias mencionadas presenciou-se a figura masculina dos pais.



Imagem 8 - Pannel de alunos sobre os povoados contemplados pela Escola anexa de Tejuco - zona rural, 7ª edição do Festival, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

A imagem 8 representa os povoados que Escola Anexa do Tejuco contempla, tais como: Fundão, Santa Bárbara, Barra, Cruz, Laranjo, Taquari, Tejuco e Ribeirão. A imagem 8 foi simbolizada o Colégio Professora Nilde Maria Monteiro Xavier, em pannel imagético confeccionado pelos alunos da Escola anexa de Tejuco no ano de 2013. Visualiza-se que utilizaram tecido vermelho e emborrachado EVA nas cores verde e grafite, sintetizaram uma árvore, na raiz ressaltaram os povoados que o anexo escolar do Tejuco abarca, e nas folhas realçaram o nome do Colégio Nilde Xavier. Analisa-se o significado atribuído por aqueles sujeitos ao representar no pannel a escola como árvore que remete a vida, oxigênio, luz, porém nas raízes possibilitam a compreensão dos povoados como, tradições, crenças, costumes e as

folhas destacadas pelo nome do colégio como espaço de ampliação do conhecimento intelectual. Os alunos sublinharam a importância da escola e de preservação das raízes daqueles sujeitos imersos naquele contexto social.

No Projeto Político Pedagógico (2012) do Colégio Nilde Xavier há uma compreensão sobre os fatores educacionais, as crenças dos sujeitos vinculados aquele espaço escolar, política do município de Palmeiras, educação, público de alunos, tempo, espaço, calendário escolar e quadro de funcionários.

No texto do documento PPP (2012) há informação de que entre os moradores de Palmeiras, a religião que predomina é a católica, mas há um número significativo entre evangélicos e outros grupos religiosos. Ainda no texto do PPP ler-se que, a política no município é conflituosa e visa à arte do favorecimento. Os moradores da cidade buscam na educação melhoria da qualidade de vida e ascensão social, porém poucos estudantes almejam seguir a profissão de agropecuaristas, antes preferem profissões voltadas para zona urbana, o que sugere pensar talvez nas dificuldades sofridas no cotidiano ou as memórias representadas pelos pais, avós. Alguns alunos anseiam morar e continuar seus estudos na capital do Estado, Salvador.

Os alunos recebidos no Colégio Professora Nilde Maria Monteiro Xavier são estudantes provenientes de escolas unisseriadas, ou seja, uma série por sala, conforme descrito no Projeto Pedagógico da Escola e os professores atuantes do Nilde Xavier e das escolas Municipais Rurais da cidade de Palmeiras possuem formação superior, porém a Lei 9.394/96 alterada pela Lei 12796/2013 propõe, mas a prática de formação superior não está totalmente disseminada em ações na realidade baiana, pois os dados de pesquisas, tais como: *Sujeitos, Instituições e Práticas Pedagógicas: Tecendo as Múltiplas Redes da Educação Rural na Bahia* (Souza, Santos, Pinho, Araújo, 2011) demonstram que nas instituições da Bahia há precariedade na formação de professores.

Nas escolas Rurais os recursos e materiais são limitados para subsidiar os professores, segundo as narrativas dos professores entrevistados, e isso resulta em alguns casos de alunos ingressarem no Ensino Médio com lacunas de conhecimentos nos programas básicos das disciplinas. O Colégio oferta nos turnos matutinos e vespertinos o Ensino Médio e noturno EJA- Educação de Jovens e Adultos e cursos pré-vestibulares. O tempo escolar matutino inicia as atividades no período das 7h30 e término às 11h50, vespertino início às 13h00 e término às 17h20 e noturno 19h00 às 22h00, conforme descrito no Projeto Pedagógico da Escola de 2012.

O calendário escolar como define o capítulo IV do documento Regimento Escolar 2011, Art. 38 e parágrafo 3º “deverá, sempre que possível, adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério da Secretaria da Educação, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto em lei”. No Colégio Professora Nilde Maria Monteiro Xavier não há mudanças no calendário escolar em decorrência climática ou econômica, porém devido o centro do município não ser tão dinâmico em atividades os alunos utilizam-se de “contra turno” para realizar atividades escolares. Evidencia-se na região da Chapada Diamantina que algumas escolas adaptaram o calendário escolar, devido a época de colheita.

No Projeto Pedagógico da Escola (2012) descreve-se que o currículo prescrito é organizado a partir dos parâmetros da SEC - Secretaria de Educação e os conteúdos científicos partem da problemática relacionada à realidade dos alunos. Verifica-se ao ler o documento do colégio Nilde Xavier PPP – 2007/2013 que o inglês é a Língua Estrangeira escolhida, pois “há professores da área de inglês no município de Palmeiras, devido o turismo ser uma fonte de renda para alguns moradores da cidade, e ser a “língua principal adotada pela globalização”.

O corpo docente é composto por vinte cinco professores, divididos da seguinte forma: doze efetivos, três REDA- Regime Especial de Direito Administrativo, cinco PST- Prestação de Serviço Temporário e cinco professores Municipais. O quadro de funcionários do Colégio é mantido por dois efetivos, seis municipais e nove terceirizados. A partir dos dados apresentados o quadro de servidores não é composto apenas por funcionários efetivos, mas organiza-se com funcionários efetivos e temporários.

Alguns professores da instituição de ensino Nilde Xavier tiveram sua formação de Magistério neste Colégio no período do curso de formação de professores normalistas. O Nilde Xavier é o único no município a oferecer essa formação outrora Magistério e nos dias atuais Ensino Médio. A Lei 10.330 de 15 de setembro de 2006 aprovou o PEE - Plano Estadual de Educação da Bahia, com duração de (10) dez anos. No PEE destaca-se no diagnóstico do Ensino Médio a necessidade de políticas públicas para formação inicial e continuada para docentes que atuam no referido nível de ensino, área de coordenação pedagógica e área administrativa das escolas e órgãos gestores das Secretarias e Diretorias Regionais de Educação (BAHIA, 2006, p.19. Lei 10330-PEE).

O Plano Estadual de Educação da Bahia descreve a necessidade de investimentos na formação continuada dos professores, porém a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais 9.394 de 20 de dezembro de 1996 alterada pela Lei nº 12.796, de 04 de abril de 2013 afirma:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, oferecida em nível médio na modalidade normal. § 4º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, adotarão mecanismos facilitadores de acesso e permanência em cursos de formação de docentes em nível superior para atuar na educação básica pública. § 5º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios incentivarão a formação de profissionais do magistério para atuar na educação básica pública mediante programa institucional de bolsa de iniciação à docência a estudantes matriculados em cursos de licenciatura, de graduação plena, nas instituições de educação superior. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

A legislação alterada pela Lei 12.796/2013 diz que ainda é possível que professores da educação básica não tenha formação superior para dar aulas. No Colégio Nilde Maria Monteiro Xavier outrora havia uma defasagem de professores que não possuíam licenciatura plena, porém o Projeto Pedagógico da Escola aponta que o problema foi amenizado ou a grosso modo, resolvido. Na cidade de Palmeiras não há Universidades Públicas, porém no Estado da Bahia existem quatro Universidades Estaduais: UNEB- Universidade do Estado da Bahia; UEFS- Universidade Estadual de Feira de Santana; UESB- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; UESC- Universidade de Santa Cruz com *campus* instalado em alguns municípios espalhados pelo Estado. No município de Palmeiras muitos professores foram encaminhados para obterem a formação superior na Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus XIII, Itaberaba-Ba, aproximadamente 176 quilômetros de distância pela BR 242 e (2h30) duas horas e meia de viagem e UNEB Campus XXIII- Seabra-Ba, que se distancia aproximadamente 40 quilômetros de Palmeiras e (30 minutos) trinta minutos de viagem pela BR 242.

As Universidades descritas são importantes para os moradores da região da Chapada Diamantina e Palmeiras, como realça a professora Anália (2013) ao rememorar sua formação no magistério no Colégio Nilde Xaveir, antigo Colégio Normal Municipal de Palmeiras e licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Campus XIII de Itaberaba-Ba e especialização em Psicopedagoga, na capital Salvador, “[...] mas sempre trabalhando com Matemática e ai eu disse meu Deus! Eu não vou desenvolver nada minha área de formação? [...] primeiro porque era a vaga que tinha na escola [...]”. A professora mencionou as dificuldades em encontrar professores de exatas na região, desse modo, como professora Normalista assumiu a vaga, porém destacou a participação em cursos de capacitação de professores, formação continuada e após alguns anos de atividade na sala de

aula cursou Física “[...] Eu fui fazer a faculdade e me apaixonei por Física [...]” a professora continua a “relatar: eu estava na UEFS” (refere-se a Universidade Estadual de Feira de Santana).

A coordenadora pedagógica Silvia (2013) narrou: “Eu sou pedagoga, sou licenciada em Pedagogia [...] Entrei na Universidade, na UNEB e fiz minha graduação [...]”. A professora Aparecida (2013) mencionou: “Eu sou formada em Letras Vernáculas pela UNEB-*Campus XXIII* e especialista em Língua e Literatura”. O professor João José relatou suas experiências com vários cursos iniciados nessas Universidades da região e capital, Salvador, porém ressaltou que até o momento da entrevista não os havia concluído. A professora Cecilia (2013) também relatou suas vivências e o conhecimento adquirido com a Universidade na região:

Conclui o Ensino Médio com dezessete anos e continuei trabalhando no comércio durante cinco ou seis anos. Ai no decorrer desse tempo eu comecei a refletir sobre o lugar aonde eu estava, porque eu me percebi triste e num espaço que não atendia as minhas expectativas. Até que de repente de uma forma brusca o meu sobrinho irmão de dezoito anos veio a falecer de acidente de carro. E durante esse momento agitado eu comecei a refletir a minha vida, tanto pessoal, quanto profissional. Ai eu entendi o quanto é vulnerável a vida de um ser humano. E percebi também que tínhamos condição sim de buscar os nossos sonhos. Então, eu comecei a estudar para fazer um vestibular da Universidade Estadual da Bahia que tinha chegado na cidade circunvizinha chamada Seabra (refere-se a capital da Chapada Diamantina há aproximadamente 40 quilômetros de Palmeiras, UNEB-*Campus XXIII*). E depois de tentar cinco vezes eu consegui passar. E foi nesse universo que eu comecei a me reencontrar e me perceber enquanto pessoa, enquanto ser social que tínhamos responsabilidade não só com a sua pessoa, como também no meio que está inserido. De repente nesse espaço eu conheço um professor chamado Robson que sabiamente me apresenta a educação, um universo que eu fui gradativamente me relacionando, me encantando [...].

Analisa-se nas memórias da professora Cecilia (2013) a representação construída sobre o ser humano e as mudanças que o espaço universitário pôde proporcioná-la. A coordenadora pedagógica narrou a experiência obtida com os professores do Nilde Xavier e a importância do professor buscar novos conhecimentos na universidade “a partir do momento que eles entram numa faculdade, ingressam numa faculdade, eles começam a ter outra visão, outro estudo e eles retornam com novas ideias e querem reformular a postura, porque você revê toda a sua prática e foi isso que aconteceu” (Silvia 2013).

A partir das memórias selecionadas é perceptível a importância e influência do universo acadêmico na vida dos entrevistados para qualificação no ensino superior e inovação das práticas escolares do cotidiano.

1.3 Projetos Pedagógicos e os Festivais no Colégio Nilde Xavier

Nesta terceira parte do capítulo discorre-se a Proposta Educacional do Estado da Bahia, os projetos estruturantes da Rede Pública de Ensino da Bahia, os Festivais, Feiras e projetos escolares do Nilde Xavier.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDBN 9.394/96 art. 3º o ensino brasileiro será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
- IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII - valorização do profissional da educação escolar;
- VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX - garantia de padrão de qualidade;
- X - valorização da experiência extra-escolar;
- XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
- XII - consideração com a diversidade étnico-racial. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

(Brasil, 1996 Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional)

De acordo com os princípios da lei acima elucidados é garantido a liberdade de aprender, ensinar, divulgar a cultura, pensamento, arte, pluralismo de ideias e concepções, entre outros. A LDBN 9394/96 reafirma o direito a educação garantida pela Constituição Federal de 1988.

No dia 15 de setembro de 2006, o então Governador da Bahia Paulo Souto aprovou no período de dez anos a Lei 10.330³ - Plano Estadual de Educação – PEE, o qual segue o exemplo do Plano Nacional de Educação, instituído pela Lei 10.172/01. A questão básica do

³Lei 10.330 de 15 de setembro de 2006. Plano Estadual de Educação da Bahia - PEE. Constante de documento pp. 20-21; Implementar e consolidar o projeto político-pedagógico de cada unidade de ensino, identificado com a concepção de escola democrática inclusiva e que ressignifique a formação de indivíduos críticos e participativos, assegurando a inserção de aspectos da vida cidadã, de forma transversal, interdisciplinar e continuada abordando temas como Educação Ambiental (Lei Ambiental MMA, 9795/99) e drogas e sexualidade (Diretrizes para uma política educacional de prevenção ao uso de drogas e em sexualidade/MEC, série ETI 1 e 2); Incluir, no currículo escolar, a temática da história afro-brasileira para atender, com eficiência, a demanda gerada pela Lei nº10.639 de 09 de janeiro 2003; Estabelecer critérios para concepção e operacionalização da avaliação da aprendizagem para todas as redes de ensino, como instrumento permanente de diagnóstico e fonte de intervenções para o processo ensino e aprendizagem, a partir do primeiro ano de vigência deste Plano; Incentivar publicação de trabalhos, pesquisas e descrições de experiências pedagógicas de autoria da comunidade escolar do Ensino Médio. Disponível em: <<http://www.educacao.ba.gov.br/>>. Acesso: 31/08/2015.

PEE consiste em como “realizar e efetivar uma política de educação no Estado que permita contribuir para a consecução das ações educacionais da Bahia combinando critérios socioculturais, econômicos, geográficos, históricos, analisando experiências internacionais bem sucedidas” que visa, aproximar-se “de proposições que tendem integrar favoravelmente, as questões de eficiência e de equidade, respeitando, evidentemente, as variações locais, regionais e nacionais que constituem a realidade educacional brasileira” (PEE, 2006, p.7). De acordo com esta Lei 10.330 e as metas propostas no programa, as escolas passam a ter autonomia para elaborar o Projeto Político Pedagógico (PPP) que valorize a realidade local, para que a comunidade escolar sintam-se motivada pelas políticas educacionais.

No Plano Estadual de Educação da Bahia - PEE (2006, p.17) demonstra que “um dos grandes desafios da educação brasileira, hoje, é não somente garantir o acesso de grande maioria dos jovens à escola, mas, permitir-lhes a permanência numa escola feita para eles, que atenda às suas reais necessidades e aspirações”. Desse modo, é necessário pensar em uma “escola de qualidade, que forme cidadãos capazes de participar da vida política, social e econômica da sociedade moderna” (Idem), pois somente ler e escrever não atende as exigências e desafios do mercado de trabalho e da vida social.

Em 2007, o Governador Jaques Wagner assume o governo da Bahia e fez algumas reformulações no campo educacional, embasado nos dados oficiais do IBGE (2005) que apontavam deficiências na educação das escolas públicas do Estado. A Proposta Pedagógica apresentada no documento Princípios e Eixos da Educação da Bahia com o *slogan*: *Uma Escola de Todos Nós* pretendia também diminuir o analfabetismo, evasão escolar, rever a proposta pedagógica e tornar a escola mais atrativa com práticas escolares que visavam valorizar a cultura e ensino-aprendizado, conforme o Plano Estadual de Educação.

A Bahia, segundo dados do IBGE/2005, apresenta taxa de 18,8% de analfabetismo da população acima de 15 anos, o que corresponde a mais de 2 milhões de baianos que não sabem ler nem escrever. Se considerada a população de 25 a 49 anos, o índice é de 16,1%; e chega a 42,7% na população acima de 50 anos. Esses dados são superiores à taxa nacional (10,9%) e próximos à taxa da região Nordeste (21,9%). Além disso, a taxa de analfabetismo da população na zona rural é uma das mais altas do País: 31,6%. Se levado em conta o analfabetismo funcional (pessoas com menos de quatro séries concluídas com aprovação), o percentual da Bahia chega a 39,2%. Um quadro que aponta para a existência de problemas quanto a oportunidades de acesso à educação e quanto à permanência dos estudantes na escola.

(Bahia, 2007, p.7 - Proposta Pedagógica *Uma Escola de Todos Nós*)

Este programa *Uma escola de todos nós* define os Princípios e Eixos para a Educação da Bahia, no período 2007-2010, coloca em evidência a precariedade do ensino baiano e a

falta de acesso e oportunidade dos sujeitos em relação a educação, analfabetismo da população rural e menciona as dificuldades dos estudantes em permanecerem na escola para concluir o ciclo de ensino. Para amenizar essa situação, alguns projetos foram incorporados as práticas de ensino da Bahia para estimular os alunos a permanecerem nas escolas.

Compreende-se, no sentido amplo de projeto como percurso que segue para realizar algo. Ao organizar e executar um Projeto Pedagógico cria-se condições para os sujeitos imersos naquele espaço escolar aprimorar saberes prévios que possui sobre o assunto investigado. Hernandez (1998) ressalta que o planejamento de projetos nas escolas estabelece relações sociais no desenvolvimento de atividades diferenciadas no processo de construção coletiva do conhecimento e o objetivo de toda aprendizagem é constituir um processo de inferências e transferências entre o conhecimento que se possui e os novos problemas-situações que são propostos (HERNADEZ, 1998, p. 74).

A Secretaria de Educação do Estado da Bahia desde 2007 está implantando alguns projetos estruturantes de ensino-aprendizagem nas escolas estaduais, tais como: TAL - Tempos de Arte Literária, FACE - Festival Anual da Canção Estudantil, AVE - Artes Visuais Estudantis, PROVE – Produção de Vídeos Estudantis, DANCE – Dança Estudantil, ENCANTE – Encontro de Canto Coral Estudantil, EPA – Educação Patrimonial e Artística , conforme descritos no Quadro 5⁴. Nas memórias da coordenadora pedagógica Silvia (2013) o Colégio Nilde Xavier adotou cinco desses projetos e mencionou o nome do TAL, Tempos de Arte Literária e o compara com o Festival da escola, FAL – Festival de Artes Literárias.

A Secretaria de Educação ela tem os projetos estruturantes que são os projetos que eles propõem e a escola abraça. Nós abraçamos cinco que é o TAL - Tempos de Artes Literárias que é muito parecido com o FAL, só que TAL está no 6º ano e o FAL já está no 7º, nós já tínhamos está proposta dentro da escola, mas existem prazos a serem cumpridos. E os prazos dos projetos estruturantes eles terminam muito antes do final do ano. [...] e ele se restringe estritamente a escrita de poesias, contos, crônicas e o nosso FAL é muito mais do que isto, não é só a escrita, [...] Por isso a necessidade de apresentarmos, de nós apresentarmos na SEC a nossa proposta que é muito mais rica do que a que eles pedem que as escolas realizem.

(Palmeiras, novembro de 2013/Silvia)

Nas memórias da coordenadora pedagógica verifica-se que os projetos e festivais são propostas da Secretaria de Educação e o colégio incorpora-se as vivências, experiências, tentam preservar as memórias e o contexto regional. A coordenadora relatou que o TAL no

⁴ Definições retiradas na integra da Secretaria de Educação da Bahia. Disponível em: <<http://www.sec.gov.br>> Acesso: 13/08/2015

período da entrevista estava na 6ª edição, porém é pertinente ressaltar que o TAL foi implantado a partir de março de 2009, sendo então 4ª edição, conforme descrito no Quadro 5.

No Quadro 5 visualiza-se os Projetos e Festivais Estruturantes da Secretaria de Educação da Bahia para as escolas públicas e suas definições.

Quadro 5	
Projetos Estruturantes da Secretaria de Educação da Bahia	
PROJETOS	DEFINIÇÃO
TAL	O projeto Tempos de Arte Literária (TAL) é uma experiência pioneira, de caráter educativo, artístico literária e cultural, que vem sendo desenvolvida pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, a partir de março de 2009, configurando-se como o maior projeto de arte literária com a juventude estudantil, demarcando um novo tempo na história da educação baiana, no processo educativo e na formação literária e cultural dos estudantes da rede estadual de ensino. O referido projeto foi concebido a partir de uma perspectiva abrangente, para promover o exercício da leitura e a produção textual, contribuindo para a apropriação do conhecimento, a criação literária e a visibilidade de bens literários estudantis, de modo que possibilitem o desenvolvimento das lutas com e pelas palavras, em seus sentidos histórico e social, assim como para a ampliação das percepções sobre o mundo, com vistas à formação do novo homem, nesses tempos de democratização social e literária e, conseqüentemente, a possibilidade de criação de novos horizontes estudantis.
FACE	O Festival Anual da Canção Estudantil (Face) é uma experiência pioneira de implementação de políticas culturais com a juventude estudantil, no campo da arte musical, que vem sendo desenvolvida pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, desde o ano de 2008. Tal experiência foi concebida a partir de uma perspectiva abrangente, na expectativa de promover o desenvolvimento do ensino da música nos contextos escolares da rede estadual da educação, a partir da criação de canções e realização de festivais, em suas distintas fases, ou seja, festivais escolares, regionais e estadual, capazes de promover a participação e o envolvimento de todos os sujeitos comprometidos com os processos educacionais (estudantes, professores, diretores, coordenadores e técnicos desta Secretaria).
AVE	O projeto Artes Visuais Estudantis (AVE) é parte integrante do desenvolvimento de políticas culturais com a juventude estudantil, para a promoção das diversas linguagens artísticas no currículo escolar, por intermédio da criação e exposições das artes visuais estudantis nas escolas da rede estadual de ensino da Bahia. O AVE consiste em uma experiência singular e plural, desenvolvida pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, nos contextos escolares, a partir do ano de 2008, demarcando um novo tempo na história da educação baiana, no processo educativo e na formação cultural dos estudantes. Trata-se, portanto, de um projeto pioneiro, de caráter cultural, educativo e artístico, concebido a partir de uma perspectiva ampliada, pois concebe a arte como objeto de ampliação do conhecimento e de prazer, o estudante como produtor do conhecimento artístico, assim como instrumento de mudanças culturais e artísticas
	O projeto Produção de Vídeos Estudantis (Prove), de natureza educativa, artística e cultural incentiva as aprendizagens múltiplas e os processos criativos, por meio da experiência artística/fílmica realizada com a utilização dos recursos tecnológicos, tais como: aparelhos celulares, câmeras fotográficas ou filmadoras. Com esse projeto, é possível desenvolver o potencial estudantil, a criação de

PROVE	roteiros, a gravação e edição de vídeos no ambiente escolar, para a produção e diversificação de saberes, produzidos pelos estudantes, a partir dos quais são feitas as filmagens. Esses roteiros devem conter o argumento principal, a história ou enredo que se pretende contar, os personagens, as falas, as passagens de cena, as filmagens e a composição da equipe (diretor, roteirista, produtor, autor e atores). Trata-se de uma experiência pioneira, que vem sendo desenvolvida pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, desde 2009, com o projeto Cinemação: uma ideia na cabeça e um celular na mão, com ênfase nas novas tecnologias. Com nova nomenclatura, roupagens e perspectivas o Prove, ao enfatizar a dimensão da arte fílmica, ganha ainda uma maior abrangência, para atingir as escolas da rede estadual de ensino, e os estudantes sendo vistos como sujeitos de criação, ou seja, protagonistas do conhecimento.
DANCE	A Secretaria da Educação do Estado da Bahia, desde 2007, vem realizando diversos projetos para o estímulo das diversas expressões artísticas e culturais nas escolas da rede estadual, a exemplo da música, das artes visuais e literária, da produção de vídeos e da educação patrimonial. E para ampliar o leque dessas expressões artísticas, a Secretaria da Educação avança um passo a mais em prol do fortalecimento do ensino das artes, agregando, neste ano de 2014, atividades de Dança nos encontros estudantis produzidos pelas escolas nas distintas fases. A 1ª Mostra de Dança Estudantil tem como principal objetivo a valorização da dança nas escolas estaduais, por ser esta uma antiga reivindicação dos estudantes e educadores que, historicamente vêm tentando promover, através da dança, a criatividade na experiência coreográfica.
ENCANTE	O projeto Encante propõe a implantação do Canto Coral nos contextos escolares da rede estadual de ensino, a fim de desenvolver atividades de iniciação à percepção musical, técnica vocal e dicção, para exercitar a experiência musical, vocal, bem como promover a realização do encontro de corais, fazendo jus ao próprio nome. O Encante vem atender a Lei nº 11.769/2008, que altera a Lei de Diretrizes e Bases (nº 9.394/96) e institui o ensino de música na educação básica, que tem um caráter obrigatório, com vistas à diversificação do currículo a partir das características específicas, para estimular a produção de saberes artísticos e musicais, a musicalidade brasileira, em especial, e, assim, valorizar as raízes populares de nossa cultura.
EPA	Projeto Educação Patrimonial e Artística (EPA), desenvolvido na rede estadual de ensino em 2012, trata-se de experiências em políticas culturais com a juventude estudantil, para avivar o debate e incrementar as práticas culturais nos campos da história, da arte, do patrimônio, da juventude e da democratização desses saberes e dos espaços históricos, com vistas à identificação do patrimônio baiano, a preservação da memória cultural e a apropriação da história e da cultura. A partir dele, pretende-se desenvolver ações essenciais para o exercício do direito à cultura, para a defesa dos valores históricos, artísticos e estéticos, para a formação de uma nova mentalidade cultural. A compreensão do patrimônio cultural possibilita o entendimento do tempo passado, presente e futuro; dos homens, da nação e do mundo da vida, permitindo uma definição ou escolhas das experiências significativas – os acontecimentos culturais relevantes, os monumentos, os lugares (a escola, a casa, o bairro, a praça, a rua, a cidade, o estado, o país e universo), as paisagens, os personagens, as artes, as canções, as danças... – que devem se constituir como parte de nossa memória (história cultural), entendida como meio de pensar e viver a vida presente. A educação patrimonial permite-nos o conhecimento de si, do outro e do mundo, assim como a “valorização” do patrimônio histórico e artístico e das manifestações culturais. Sendo assim, ele nos possibilita, ainda, entender os problemas e as belezas de nossa sociedade, a nossa experiência cotidiana individual e social.

É importante conhecer o lugar de fala do narrador para entender o seu posicionamento ideológico, face às memórias coletivas em torno da cultura popular do município de Palmeiras, cultura escolar do Nilde Xavier e as memórias dos sujeitos entrevistados. A partir desse entendimento, observa-se os processos de apropriação, leituras, continuidades, permanências e rupturas nas práticas escolares. Nas memórias da professora e vice-diretora Analia entrever os vestígios da cultura escolar na sua época de estudante do Colégio Normal Municipal de Palmeiras, atual Colégio Nilde Xavier, ao relatar sua infância e juventude e na escola, Analia 2013 diz:

[...] essa tradição recreativa ela vem desde lá, desde o meu primário estudando aqui em Palmeiras que a gente festejava: São João, participava de cordões de carnaval. Sempre a escola fazendo tudo, agora só que tudo muito disciplinado. Eu lembro aí da gente se errasse um versinho, se errasse uma música, sabe, se atrapalhasse em traçar uma fita, na época do pau de fita. Então assim, isso que você esta vendo hoje aqui em Palmeiras a gente já trás de berço (risos). Já vem assim essa questão de comemorar até porque a gente não tem acesso a nada aqui. Então, a escola oferece ou a gente não vai ter esse lazer de forma cultural. Tão..., tão bom. Essa coisa aqui e o nosso teatro amador (risos, risos, gargalhadas). E ai a gente faz tudo. A gente dança, a gente canta (risos) só que eu não canto (risos..., gargalhadas) [...], não consegui encantar pela música (risos), mas era isso, foi isso e assim foi o tempo todo, isso até o ano que eu formei em 83 é. Terminei em dezembro de 83 de 84 [...]

Nas memórias de Analia (2013) abrange uma rede de significações que assinalam a presença de determinadas práticas, ritos e tradições incorporadas e conservadas pela instituição escolar, tais como: a presença da cultura popular festejada na escola com disciplina e rigor, identifica-se a continuidade de algumas práticas no espaço escolar, de décadas passadas como tradição e modo encontrada pela escola de proporcionar a população palmeirense espaços culturais de teatro, música e artes, com intuito de cumprir o currículo proposto e contextualizar o ensino as realidades locais e divulgar as práticas de sala de aula.

É possível visualizar nas memórias de professores Festivais, Feiras, Projetos que ocorrem nos espaços do Colégio Nilde Xavier, por exemplo, o Festival de Inglês narrado pelo professor João José (2013): “O Festival era uma Feira das Nações durante o dia e a noite eram apresentações: de danças, apresentações cênicas, todas focadas em língua inglesa, então a feira das nações a princípio eram todos os países que falavam língua inglesa”.

Nas memórias a professora Analia (2013) ressalva a realização da Feira de Ciência no Colégio Nilde Xavier ocorrida a partir de 2010.

[...] eu vou fazer com os meninos uma Feira de Física. A gente fala Feira de Ciências, porque tem mais duas disciplinas envolvidas [...] eu vou fazer uns experimentos com Física na segunda e na terça-feira a professora de Biologia vai estar ai com a turma dela fazendo experimentos de Biologia.

A Feira de Ciência, mencionada pela professora Analia, é um projeto da Secretaria de Educação da Bahia idealizada em 2010 pelo Instituto Anísio Teixeira, programa Ciência na Escola com o objetivo de estimular a relação ensino-aprendizagem. Observa-se no Colégio Nilde Xavier e tantos outros espalhados pelo Brasil uma preocupação dos educadores apoiados em Leis e Propostas de Ensino em aproximar o aluno da sua realidade que está inserido.

No ano de 2007 no Colégio Professora Nilde Maria Monteiro foi implantado o Festival de Artes Literárias – FAL, um projeto de ensino-aprendizagem que envolve leitura literária e artes. As práticas de ensino desenvolvidas no Festival iniciam-se no primeiro dia de aula e partem de um tema gerador ou de uma obra literária, sendo então desenvolvidas durante todo ano letivo. A partir desse tema, e mediados pelos professores, os alunos produzem materiais escolares, artesanatos, músicas, poesias e redações, criam peças teatrais, danças e coreografias, planejam e executam pesquisas de campo, entre outras. Nessas práticas é possível visualizar a produção do conhecimento, cultura, preservação da memória, o diálogo e a vivência de valores éticos e morais. A origem desse Festival, aspectos da cultura escolar e cultura material escolar, descrição das edições serão apresentados no capítulo 2.

As diversas manifestações culturais ressignificadas dentro do espaço escolar é uma forma de expressar e construir a própria memória. A maneira como é imposto à disciplina, os Festivais e os rituais no início das atividades escolares, de algum modo, sugerem a preservação da memória. Um projeto que mobiliza os alunos e professores de modo diferenciado das demais instituições e valoriza a cultura, identidade do aluno, baliza as práticas escolares e de algum modo é responsável por construir sua memória. Diversos projetos pedagógicos de ensino podem se encaixar nesse mesmo conceito. A preservação da memória e circulação dos saberes que podem ser desencadeadas pelo Festival em relação ao passado faz a história permanecer viva.

CAPÍTULO 2

ASPECTOS DA CULTURA ESCOLAR NO FESTIVAL DE ARTES LITERÁRIAS DO COLÉGIO NILDE XAVIER

Nesse capítulo, apresenta-se detalhadamente as várias produções relativas aos Festivais de Artes Literárias do Colégio Nilde Xavier. Compreende-se que essa metodologia de análise dos objetos da cultura escolar permitirá ao estudo que aqui se propõe identificar condições de produção, circulação e usos de materiais próprios da cultura local em diálogos com os conhecimentos literários e históricos. Ainda, espera-se ser possível visualizar alguns dos processos de apropriação e transformação desses objetos em situações de ensino e aprendizagem, como verdadeiros artefatos mediadores e promotores de saberes.

O capítulo foi montado a partir do acervo pessoal da pesquisadora, documentos obtidos durante a pesquisa, nas atividades de campo, com os entrevistados e no acervo da escola. Muitos materiais foram resgatados do esquecimento em que se encontravam, no interior de gavetas, soltos e perdidos pelas casas e na escola. Objetos fabricados para construção das salas temáticas, fotografias, convites, lembranças aos participantes, que representam experiências pessoais ainda não sistematizadas, mas que pelo ato de guarda ganham nova duração, permanência, possibilidades de atualização e novas significações. Ana Chrystina V. Mignot (2008) afirma que esquecidos muitos cadernos permanecem guardados em arquivos pessoais, pois se transformam em objetos de rememoração.

Os Festivais de Artes de Palmeiras estão conectados às políticas públicas de educação mais amplas, no âmbito do Estado da Bahia, mas assumem outras configurações na dinâmica do processo do fazer docente e de expressão dos estudantes. Por exemplo, em relatório de *Experiências Exitosas*⁵ (2012), a diretoria do Colégio Nilde Xavier informa à Secretaria de Educação da Bahia a gênese do Festival de Artes Literárias (FAL), conforme o seguinte relato:

O projeto Festival de Artes Literárias é um projeto de incentivo à leitura, que trabalha com três fontes de atuação: **programação literária** (culminância), **incentivo à leitura** e **valores**. Criado pela professora Aparecida em 14 anos de observação sobre o processo literário na escola em que leciona. Para desenvolver o projeto, o qual ela define ainda em construção, a professora anda sempre com um livro na bolsa, e na sala de aula fala um pouco sobre o

⁵Relatório enviado a Secretaria da Educação do Estado que lança a ação “Experiências Exitosas”, nas escolas da rede pública estadual. O objetivo é identificar ações, projetos e experiências de efetivação, em toda a rede, e socializá-las como referência. Disponível em:
<<http://escolas.educacao.ba.gov.br/experiencias-exitosas>> Acesso: 01/09/2015.

mesmo. Quando percebe que o aluno não gosta de ler, faz leitura de pequenos trechos ou pede para o aluno trazer algo que leu na internet, na televisão, na rua ou leva-o à biblioteca para que este faça a escolha de algo para leitura. Relata que muitas vezes se observa que eles nem sabem o que ler, mas gostam; então, ela pede a um colega que indique uma leitura ou até mesmo a professora faz isso. Depois de identificar os seus gostos, os alunos são convidados a escolherem algum livro entre a lista solicitada e a fazerem a análise oral, seguindo um roteiro. Esse momento Aparecida define como momento de celebração, pois percebe-se que a timidez é vencida, ganha a autoconfiança. É o momento de grande encontro, pois as aulas tornam-se mais interessantes.

(Experiência Exitosa 2012, p. 1)

O Relatório de *Experiências Exitosas* é um documento solicitado pela Secretaria de Educação da Bahia, por meio da Diretoria Regional de Educação (DIREC), no qual as diretorias de escolas descrevem projetos didático-pedagógicos de professores e experiências de gestão, realizados nas instituições escolares, consideradas exitosas durante o ano letivo. O objetivo desses relatórios é socializar essas experiências como referência/modelo às unidades de ensino da Rede Estadual de Ensino Básico da Bahia e mediar ações escolares a partir de atividades bem-sucedidas praticadas na Rede, que expressam as ações dos docentes, gestores e técnicos da DIREC. Há seleção dos projetos enviados à Secretaria de Educação e os melhores são apresentados e premiados durante Seminário de Educação realizado no mês de dezembro de cada ano, na capital da Bahia - Salvador.

As *experiências exitosas* são compartilhadas na Rede e objetivam também referenciar às demais unidades de ensino, nortear o trabalho pedagógico e possibilitar aos gestores, docentes e técnicos refletirem sobre a diversidade de práticas didático-pedagógicas e gestão inovadora no Sistema de Educação Básica da Bahia. No ano de 2012 o Colégio Professora Nilde Maria M. Xavier enviou o relatório das *Experiências Exitosas* à DIREC no qual descreveu as atividades desenvolvidas no Festival de Artes Literárias ocorridas desde a primeira edição realizada em 2007, até a sexta edição, realizada em 2012.

É possível perceber que a exigência da Secretaria de Educação para que os gestores escolares enviem relatórios anuais das *experiências exitosas* seja uma forma de socializar os projetos pedagógicos, as práticas de ensino e gestão escolares, estimular os docentes a inovar suas atividades de ensino-aprendizagem em sala de aula. Sugere também pensar em medidas estratégicas do governo estadual em controlar e organizar as práticas de ensino e gestão desenvolvidas nas instituições escolares, além de promover políticas educacionais no Estado da Bahia.

Neste capítulo, objetiva-se descrever sete edições do Festival de Artes Literárias, envolvendo o período de 2007 a 2013. O Festival acontece no Colégio Nilde Xavier, escola de

pequeno porte frequentada por alunos oriundos de áreas urbana e rural da cidade de Palmeiras, interior do Estado da Bahia. No período relatado, essa escola possui professores iniciantes na carreira do magistério, outros em formação continuada, e outros ainda, em processo de formação superior, como é o caso da própria professora Aparecida, que na época, fazia licenciatura em Letras Vernáculas na Universidade do Estado da Bahia.

O FAL é um projeto pedagógico, e pelo fato de se realizar no cotidiano da materialidade (espaço e tempo) escolar e extraescolar, tem a especificidade de ser multidisciplinar, como tal, está envolto à diversidade dos conteúdos e abordagens das disciplinas escolares, das séries, das horas aulas que as compõem, da formação, das práticas e olhares das professoras e professores de cada uma desses componentes do currículo escolar.

Ao tentar fazer a escrita historiográfica desse Festival, narrando a volatilidade dos acontecimentos e a permanência das ações, e estas na sua multiplicidade de intencionalidades, de movimentos, de subjetividades, causa perplexidade, admiração e angústia da impossibilidade de narrar toda essa multiplicidade de elementos, que compõem a dinâmica do evento. Na problemática da escrita, optou-se em historiar a partir da categoria “cultura escolar”. Talvez a partir desta categoria, possa-se entender a escola, os professores e alunos, o currículo, a materialidade, o caderno escolar como cultura material, a partir das memórias dos entrevistados (coordenadora, professores, professoras e alunos) e dos artefatos produzidos.

Dos vários artefatos produzidos durante o FAL, selecionou-se alguns para reconstruir a cultura escolar e cultura material escolar do Festival. Os arquivos escolares como afirma Mogarro (2005, p 78), “podem ser utilizados para reconstruir o itinerário da instituição escolar”, pois a preservação dos documentos é essencial para a história da escola e a construção da memória educativa. Segundo a autora, as instituições escolares possuem uma identidade própria, impregnada de historicidade, desse modo é possível “construir, sistematizar e reescrever o itinerário de vida de uma instituição (e das pessoas a ela ligadas), na sua multidimensionalidade, assumindo o seu arquivo um papel fundamental na construção da memória escolar e da identidade histórica de uma escola” (Idem, p. 79). Durante as edições do Festival foram produzidos muitos materiais que ao resgatá-los possibilitou reconstituir o itinerário de sua história, no período que compreende entre a primeira e sétima edição, ano de 2007 a 2013.

2.1 Origem do Festival de Artes Literárias do Colégio Nilde Xavier

A professora Aparecida teve a iniciativa de realizar o FAL. Em 2007, era aluna do Curso Superior de Letras Vernáculas na Universidade Estadual da Bahia e cursava a

disciplina de Estágio. Ao mesmo tempo, exercia a função de professora da disciplina Língua Portuguesa e Matemática no Ensino Médio da Escola Nilde Xavier, porém, com formação secundária, ou seja, era professora normalista. Impulsionada pela formação acadêmica, a professora passou a se questionar sobre o ensino e a aprendizagem da disciplina Língua Portuguesa. A partir desses questionamentos, surgiu a iniciativa do Festival. Aparecida (2013) descreve o processo que deu origem ao Festival da forma seguinte:

[...] eu estava estudando e estagiando e minha professora Neila veio observar e quando ela chegou eu estava estudando com os meninos a origem da Língua Portuguesa. Ela disse que não acreditava que um 1º ano do Ensino Médio estava estudando a origem da Língua Portuguesa, pois isso nós víamos na Universidade e eu estava estudando aqui com os meninos. Como é que meu aluno iria entender tudo o que eu ia dar se não soubesse nem a origem da nossa língua? Se não sabemos nossas raízes como vamos entender o que vem depois? [...] eu trabalhei com os meninos os textos que falam da Língua Portuguesa e tem aquele que fala: eu fui ao Lácio. Eu aproveitei sabe o que? Uma escola de samba que homenageou a origem da Língua Portuguesa. A música serviu de pano para fazer a culminância [...].

De acordo com o relato da professora, o Festival teve início em 2007, a partir de um tema-conteúdo da disciplina Língua Portuguesa – a origem do idioma Português. Os alunos foram convidados a fazer uma viagem ao Lácio, a fim de conhecerem essa região, tendo como mediação o samba-enredo da Escola de Samba Mangueira do Rio de Janeiro, no carnaval de 2007 – *“Minha pátria é minha língua, Mangueira meu grande amor. Meu Samba vai ao Lácio e colhe a última flor”* dos autores Lequinho, Junior Fionda, Aníbal e Amendoim. A partir dessa música, os alunos produziram uma resenha e uma paródia, com objetivo de entender a música enquanto gênero textual.

O Professor João José (2013) define o que entende por memória ao afirmar: “Talvez [...] como a memória é seletiva, talvez ela mesmo tenha feito esse processo de selecionar o que é para ser lembrado”, e sobre seu contato com o Festival relata:

Foi até um pouco engraçado. O FAL estava acontecendo se não me engano no mês de outubro e o meu Festival iria acontecer no mês de dezembro [...]. Um dia ela estava apresentando o Festival e eu passei no pátio da escola e ela (Aparecida) falou: vem cá, você que vai apresentar para mim o Festival [...] como Aparecida tinha colaborado com meu Festival de Inglês em 2007 [...]. Então, sempre que acontecia o meu Festival de Inglês, ela era a única professora que me ajudava [...]. E no FAL também me disponibilizava 100% para ela.

A memória é seletiva. Os professores ao lembrar-se da origem do FAL retomam momentos de cumplicidade nas angústias do fazer pedagógico. Neste sentido, a memória individual ou coletiva para Michael Pollak (1992) então, apresenta os elementos constitutivos “em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são

acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer” e o citado autor acrescenta que “além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens” (Pollak, 1992, p. 201).

Ao analisar a origem do FAL, é possível pensar que na sala de aula os professores engendram diversas práticas ou formas de ensinar e aprender, e na atualidade, muitas práticas se revestem de festival, de projeto, de sequência didática. Parece que no Colégio Nilde Xavier a origem do FAL tem a ver com a iniciativa de professores envolvidos com as práticas dessa nova “cultura de projetos” que permeia a instituição escolar, na atualidade. A Professora Aparecida (2013) reforça que “a escola tem vários projetos, não só tem o projeto FAL, tem vários projetos. Durante o ano a escola é toda movimentada, pois nós temos gincana, nós temos o Sete de Setembro que é muito bom [...] a escola é uma escola toda movimentada”.

Faz pensar também sobre a capacidade de o professor representar o fazer didático-pedagógico no cotidiano da escola. Representação no sentido não-reduzível às ideias, mas no sentido de trazer à mente e construir, moldar a própria realidade; representação esta que se constitui uma força, uma relação de poder, de participar da construção da realidade (CHARTIER, 1990). Neste sentido, a proposição do FAL representa uma tentativa de mudança na realidade daquela escola, que visa mais participação dos alunos, o despertar para a leitura e a vivência de valores. Constitui-se uma experiência que participa de inúmeras outras anônimas no cenário educacional brasileiro.

É importante ressaltar que nos anos de 2007 e 2008, os trabalhos relativos ao projeto FAL aconteciam somente no horário matutino, pois, segundo o professor João José (2013):

[...] É, nos primeiros anos o trabalho só acontecia com o matutino. No vespertino só se os professores..., porque Aparecida dava aula de português no matutino, à tarde ela dava aula de matemática. Então professores da tarde não tinham muito..., eles não tinham muita disponibilidade de trazer uma coisa que não era do planejamento deles para dentro da disciplina [...].

Dessa forma, entende-se que o FAL foi um projeto pedagógico que começou “tímido”, com a adesão de poucos professores. Na voz da professora e vice-diretora Analia (2013) é possível perceber que não havia uma interação de todos os professores, quando diz: “[...] nós estamos no 7º Festival, né? Nos primeiros eu não tive uma participação muito atuante”, pois somente na edição de 2009 houve ampliação para toda a escola. A coordenadora pedagógica Silvia (2013), ao recordar da implantação do Festival no colégio afirmou que:

Em 2007 a professora Aparecida trouxe a proposta do projeto [...] e a escola o recebeu. Nós abrimos os braços para o projeto. Então, nesse ano o projeto foi em Língua Portuguesa e LPT, Leitura e Produção Textual, na época o

nome ainda era redação. Ela trouxe a proposta e todo mundo abraçou [...] no ano seguinte [...] ainda ocorreu do mesmo jeito, em 2008 [...]. Em 2009 nós começamos a abraçar mais o projeto é..., a escola em parte começou a trabalhar não digo todas as disciplinas, mas no momento da culminância todos se envolviam. O projeto acontecia mais em Língua Portuguesa, Redação e nas disciplinas afins, Matemática e Física ficavam meio de fora, mas apoiavam, os professores apoiavam o trabalho, abriam espaço para as turmas fazerem os trabalhos e no dia da montagem é um dia típico na escola com a participação de todos e nós tínhamos este apoio. De 2009 para 2010 começou a ampliar-se, pois percebemos que as outras disciplinas também poderiam se envolver, então, todos começaram a trabalhar conjuntamente para realizar o trabalho [...] e a partir desse período 90% das disciplinas estão envolvidas, uns com mais facilidade e outros com certa dificuldade.

O relato da coordenadora pedagógica Silvia demonstra a recepção positiva da comunidade escolar, porém, são perceptíveis as dificuldades que alguns professores encontraram em inserir os conteúdos de suas disciplinas nas práticas escolares desenvolvidas durante a realização do projeto didático-pedagógico – FAL, como afirmou a professora Anália que lecionava Física. Entretanto, na montagem das salas temáticas para a culminância ela realçou a colaboração de todos os professores da escola. Nas lembranças da coordenadora Silvia, a partir dos anos de 2009 e 2010 o trabalho interdisciplinar passou a ser efetuado com a adesão de mais professores, entretanto, observa-se que ainda não alcançou 100% de participação das disciplinas quando a coordenadora afirmou: “a partir desse período 90% das disciplinas estão envolvidas”. Percebe-se que havia dificuldades do ponto de vista metodológico por parte dos professores da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias em inserir os conteúdos curriculares às atividades didático-pedagógicas. Talvez, por isso, eles cediam “espaço”, ou seja, disponibilizavam os horários de suas disciplinas para que os alunos organizassem as salas temáticas, durante o Festival. A seguir apresenta-se um resumo das edições de 2007 a 2013.

2.2 Descrição das edições do Festival de Arte Literária

I Festival de Arte Literária – Viagem Lusitânia. Ano 2007

A professora Aparecida relatou em suas memórias que para os alunos entenderem a atividade de sala de aula houve a necessidade de se fazer um resgate durante o ano letivo sobre a origem da Língua Portuguesa para os alunos compreenderem melhor todo processo posterior. Durante o ano letivo a professora apresentou aos alunos, em atividades de sala de aula, textos sobre as línguas românicas, língua portuguesa e utilizou-se de músicas durante suas aulas. Aparecida descreve:

Nós fizemos uma Viagem Lusitana. O que é essa Viagem Lusitana? Nós fomos ao Lácio em busca da origem da Língua Portuguesa e estudamos tudo que você imagina a respeito da Língua Portuguesa, a origem, quais são os países que falam a Língua Portuguesa e fizemos uma festa muito bonita e chegamos ao Brasil, a terra Brasil. Quando nós chegamos a terra Brasil nós trouxemos o índio, trouxemos os negros, entendeu? Então, fomos lá conhecemos a origem e pousamos nos nossos dias.

A professora explica o processo de construção do enredo das práticas escolares desenvolvidas. Ela relata que no ano letivo de 2007 havia uma aluna indígena que se mudara para Palmeiras e foi matriculada no colégio. Aparecida ressalta a relação de ensino e aprendizado e a importância da presença da aluna na construção do Festival: “Nós tínhamos uma aluna índia na época, é índia mesmo e ela estudava aqui e foi uma professora para nós. A cultura indígena se tornou tão próxima de nós, porque ela dialogava conosco, falava assim tudo”. Percebe-se que houve uma vivência direta da professora e alunos do colégio com outra cultura, a indígena.

O contato com a aluna aproximou a professora com pessoas da aldeia, como afirma Aparecida: “eu entrevistei os índios da aldeia dela, eu conversava no chat com os índios da aldeia dela [...] e ela serviu de um capítulo para minha monografia. Eu fiz na cultura indígena, porque essa aluna me incentivou a falar da cultura indígena, eu falei do negro e do índio”. A aldeia que a professora se refere fica localizada no sul da Bahia. É pertinente citar que no município de Palmeiras e região há comunidades quilombolas. A ideia da *Viagem Lusitânia* pode ter surgido a partir dessas comunidades quilombolas existentes no município e a inclusão no currículo oficial da rede de ensino da obrigatoriedade de abordar a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, para discutir as contribuições desses povos para a formação nacional.

Nas suas memórias Aparecida tenta mostrar que durante o ano de 2007 apresentou aos alunos a obra *Os Lusíadas* de Camões. A bandeira brasileira também recebeu destaque no decorrer das atividades escolares por simbolizar a nacionalidade. Aparecida enfatiza que os alunos narraram *Os Lusíadas* e desenharam um mapa dos países que falavam a língua portuguesa. Guimarães Rosa, autor de *Grande Sertão: Veredas*, por sua obra transcender o regional, foi homenageado pelos alunos durante uma atividade escolar. Aparecida menciona que durante as aulas refletiu com os alunos sobre a cultura indígena, a influência da catequese, a mistura do português com tupi. Para essa atividade utilizou-se da *Carta de Pero Vaz de Caminha* ou debates em sala de aula sobre as culturas africanas e a influência na língua portuguesa. Recorreu também trechos do livro *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire e o poema *Canção de Exílio* de Gonçalves Dias. Aparecida explica que assinalou a relação do

tema estudado com a Semana de Arte Moderna, pois os escritores utilizavam-se das palavras para expressar seus sentimentos.

Foi possível resgatar a 1ª edição do FAL não por meio de objetos que o retratavam, mas por algumas fotografias encontradas no arquivo da escola, que mostram a reapresentação da *Viagem Lusitânia*, que ocorreu na praça central da cidade para a população palmeirense. Os objetos artesanais produzidos e apresentados não foram encontrados, apenas memórias de professores (as) e alunos, o que reforça a afirmação de Cunha (2007, p, 80) é uma raridade encontrar materiais escolares produzidos por alunos e professores e inúmeras vezes para o pesquisador resgatar algo é necessário adentrar em porões na busca de vestígios que guardam a memória da educação.

O registro fotográfico compôs um olhar sobre as práticas escolares do Festival. As imagens 9, 10, 11 e 12 a seguir demonstram que o FAL não ocorreu somente no pátio do colégio, pois, em outro momento os alunos ultrapassaram os muros da escola quando reapresentaram o evento na praça central da cidade de Palmeiras. As atividades que culminaram a partir dessas práticas em sala de aula foram: sarau de poesias, imagens fotográficas, artesanatos, paródia, coreografias, entre outros.

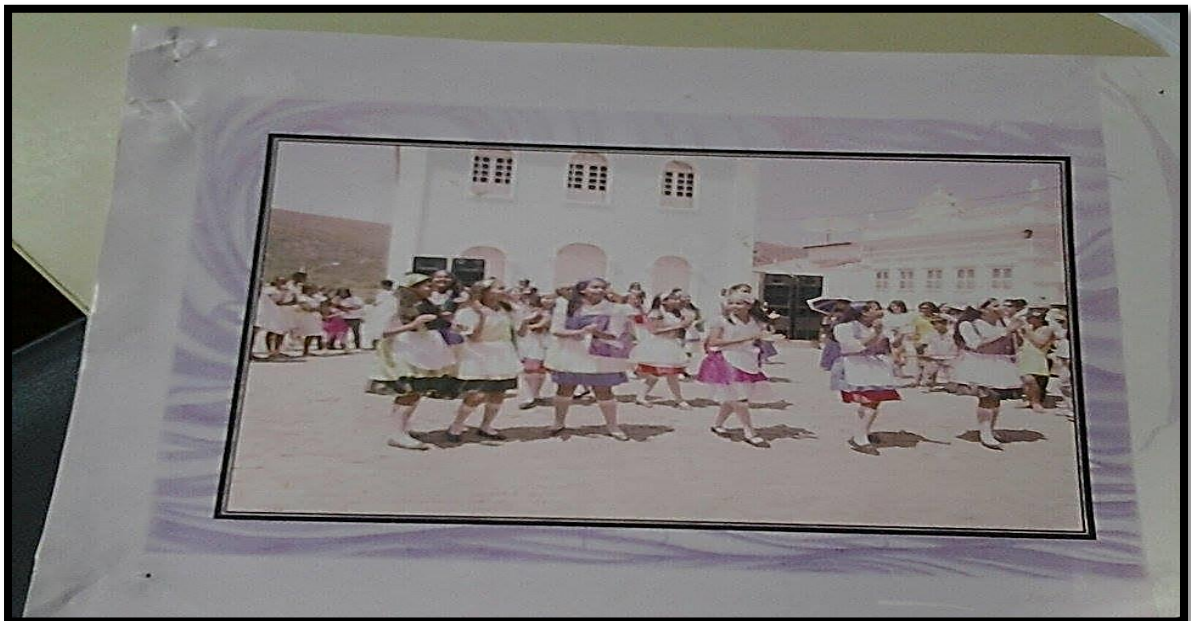


Imagem 9 – Apresentação de coreografia sobre a *Viagem Lusitânia*. Fonte: Arquivo do Colégio Prof^ª Nilde M^ª M. Xavier. Ano: 2007.

Na imagem 9 vemos as alunas uniformizadas com roupas confeccionadas pela professora Aparecida, e, apesar da imagem não mostrar, alguns bordados customizavam as roupas das alunas, produzidas por elas de acordo com a criatividade de cada uma. É visível a presença de meninas, porém houve participação dos meninos, mas não foi possível encontrar

as imagens. A professora Aparecida recorda que havia alunos que tocavam instrumentos musicais, o que auxiliou nas apresentações.



Imagem 10 – Sequência de coreografia sobre a *Viagem Lusitânia*. Fonte: Arquivo do Colégio Prof^a Nilde M^a M. Xavier. Ano: 2007.

A luz do sol radiante, perceptível na imagem 10 ornamenta o cenário festivo do evento e sugere pensar o calor da região nordeste. Porém, todas as meninas usavam meias brancas ³/₄. Estavam vestidas de blusas, saias e uma espécie de avental coloridos. As cabeças adornadas com lenços e os pés com calçados fechados. As cores que compõem esse visual são: verde com branco, vermelho com branco, lilás com branco e rosa com branco. Esses trajes serviram para representar o povo português.

Na imagem 11, as alunas representam por meio de uma coreografia os símbolos nacionais, tais como: o Hino Nacional e a bandeira do Brasil. Elas dançam e levantam placas confeccionadas de papelão e coberta com papel laminado nas cores: lilás com branco para a palavra “ordem”, amarelo com preto para a letra “e” e verde com preto para a palavra “progresso”, pois cada placa continha uma letra que formava a frase “*ORDEM E PROGRESSO*”, lema destacado na bandeira do Brasil.

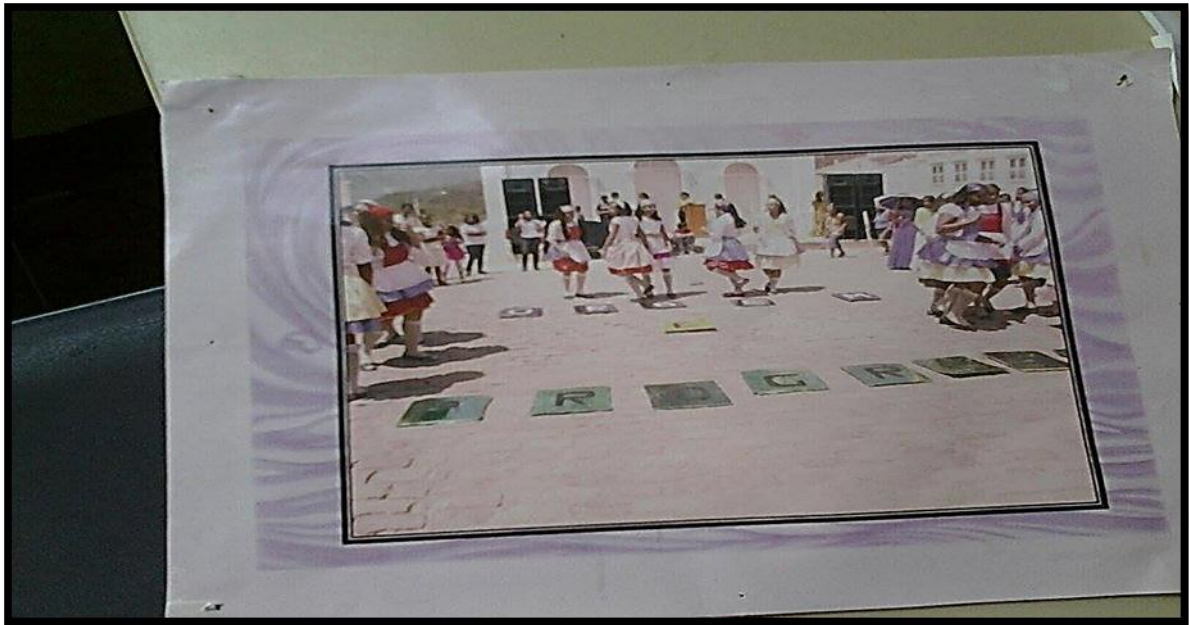


Imagem 11 – Sequência de coreografia sobre a *Viagem Lusitânia*. Fonte: Arquivo do Colégio Profª Nilde Mª M. Xavier. Ano: 2007.

As cores branca, amarela e verde das letras que formam a frase “Ordem e Progresso” fazem referência às cores da bandeira brasileira, tanto pelas cores como por meio do lema positivista. Durante a apresentação elas expõem as placas com as letras estampadas no chão em sequência, sugerindo que os espectadores leiam a frase “Ordem e Progresso”.



Imagem 12 – Finalização da apresentação de coreografia sobre a *Viagem Lusitânia*. Fonte: Arquivo do Colégio Profª Nilde Mª M. Xavier. Ano: 2007.

Na imagem 12, visualiza-se que a dança terminou e as meninas da última fila mantêm-se de pé. Elas portavam a palavra “Ordem”, na cor lilás e branco. A menina do meio que

intercalava as duas fileiras inclinou-se, ela portava a placa com a letra “e”, na cor amarelo com preto e as meninas da primeira fila, com a palavra “Progresso”, na cor verde com preto abaixaram-se com os joelhos apoiados ao chão. Ao final da apresentação todas levantaram as placas formando a frase “Ordem e Progresso” para representar o Brasil como um dos países que falam a Língua Portuguesa.

A partir das imagens apresentadas, percebe-se certa “tranquilidade” das alunas em desempenhar suas apresentações na praça da cidade, apesar de esse ser o primeiro ano em que Festival foi realizado. Esse comportamento pode ser fruto da experiência, uma vez que antes do Festival ser implantado, havia uma cultura no colégio Nilde Xavier em socializar as práticas escolares e atividades culturais desenvolvidas no espaço da sala de aula, conforme relatou a professora Anália (2013):

[...] Tinha outras coisas assim, aqui sempre teve muita coisa, não tinha um FAL instituído como está hoje, mas sempre teve projetos assim [...] um ano um professor fazia uma coisa, outro ano outra, sempre teve [...] a gente sempre celebrou tudo [...] para manter viva essa cultura [...].

Em seu depoimento a entrevistada exibe o interesse da escola em preservar a cultura da cidade de Palmeiras e região da Chapada Diamantina, por meio de práticas escolares, tais como: realização de peças teatrais, passeatas, parceria entre comunidade e escola, festejos da cultura popular, características do Nordeste (GALVÃO, 2001).

Nas memórias da professora Aparecida (2013), o projeto de ensino teve permissão da diretora da escola para ser apresentado às outras turmas do colégio e ao público externo. Aparecida (2013) recorda: “Fizemos este projeto e falamos com a diretora se nós podíamos apresentar no palco [...]. Apresentamos para toda a escola, mas ele não tinha o nome FAL [...], falamos a ela apenas que teria uma apresentação no palco”. Apesar de a professora Aparecida declarar que o Festival começou de maneira tímida, parece pertinente apontar a partir das imagens que havia uma interação dos alunos (as) com a professora para produzir e expor o trabalho de sala de aula ao público. Portanto, já desde o início o projeto de ensino ultrapassou o espaço escolar específico, ocupou a praça e as ruas da cidade, e tornou-se no ano seguinte, Festival de Arte Literária (FAL).

II Festival de Arte Literária – Escolas Literárias do Brasil. Ano 2008

Em 2008 o tema foi *Grandes nomes da arte e da Literatura brasileira* e abordou as Escolas Literárias no Brasil, do Barroco ao Modernismo. Alunos da 1ª a 3ª série do Ensino Médio trabalharam todas as escolas literárias, mesmo as turmas que não tinham o tema na

ementa da série que cursava. Dentre as obras trabalhadas em sala de aula, *A Tenda dos Milagres* de Jorge Amado teve ênfase, pois contou com a palestra e entrevista do professor, Gildeci Leite, pesquisador de Jorge Amado, da UNEB – Campus XXIII (Universidade Estadual da Bahia), sobre a referida obra.

A partir dessa edição, o projeto de ensino se ampliou e passou a ter definido, de acordo com as memórias da professora Aparecida (2013): “[...] no segundo ano, em 2008 nós o nomeamos de FAL. Vamos chamar então de FAL e nesse mesmo ano de 2008 nós abrimos para duas turmas, antes no primeiro ano com uma turma e 2008 abrimos para duas turmas que eu lecionava e fizemos o Festival”. É pertinente enfatizar que próximo a esse período de 2007 e 2008 estavam sendo gestadas outras propostas educacionais a serem implantadas nas escolas públicas do Estado da Bahia, chamadas de *projetos estruturantes*, conforme apresentado no capítulo 1, o TAL – Tempos de Artes Literárias, 2009, com objetivo de estimular a produção literária nos espaços escolares, valorizar as manifestações culturais regionais e abarcar a arte literária como objeto de ampliação do conhecimento. Identifica-se certa sintonia entre o *projeto estruturante* da Secretaria de Educação do Estado, TAL e o FAL-Festival de Artes Literárias do Colégio Nilde Xavier, a consonância é perceptível a partir do nome e dos objetivos das práticas escolares.

Aparecida explicou que as atividades escolares desenvolvidas durante o ano letivo de 2008, partiram de uma pesquisa com clássicos literários. O conto *Um Apólogo* de Machado de Assis fez parte do repertório de leituras que os alunos fizeram. Os alunos tiveram contato com classes literárias do Barroco ao Modernismo, como destacou Aparecida (2013) “Em 2008 foram as escolas literárias, todas as escolas do Barroco ao Modernismo [...] eu sei que duas turmas deram conta de trabalhar todas as escolas literárias [...]”. A professora Aparecida falou dos métodos e alguns autores que utilizou para incentivar a leitura literária, tais como: Gregório de Matos, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, dentre outros. Durante o ano os alunos estudaram as escolas literárias: Barroco; Arcadismo, Romantismo, Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo e Modernismo.

A professora Aparecida, esclareceu que no ano de 2008 o Festival ocorreu com apresentação de trabalhos de duas turmas nas quais ela lecionava a disciplina Língua Portuguesa. Em seu relato, mencionou colaboração de outros professores do colégio Nilde Xavier, seja na cessão dos horários de suas aulas ou nas bricolagens feitas pelos alunos. Na 2ª edição do FAL, as professoras Aparecida (Língua Portuguesa) e a de Artes apresentaram a temática dessa edição aos alunos, promoveram um concurso para escolher um desenho que mais expressasse o sentido e o significado do tema do Festival *Grandes nomes da arte e da*

Literatura brasileira. A imagem 13 mostra alguns desenhos feitos pelos alunos, que participaram da seletiva, porém, o desenho vencedor do concurso não foi encontrado.

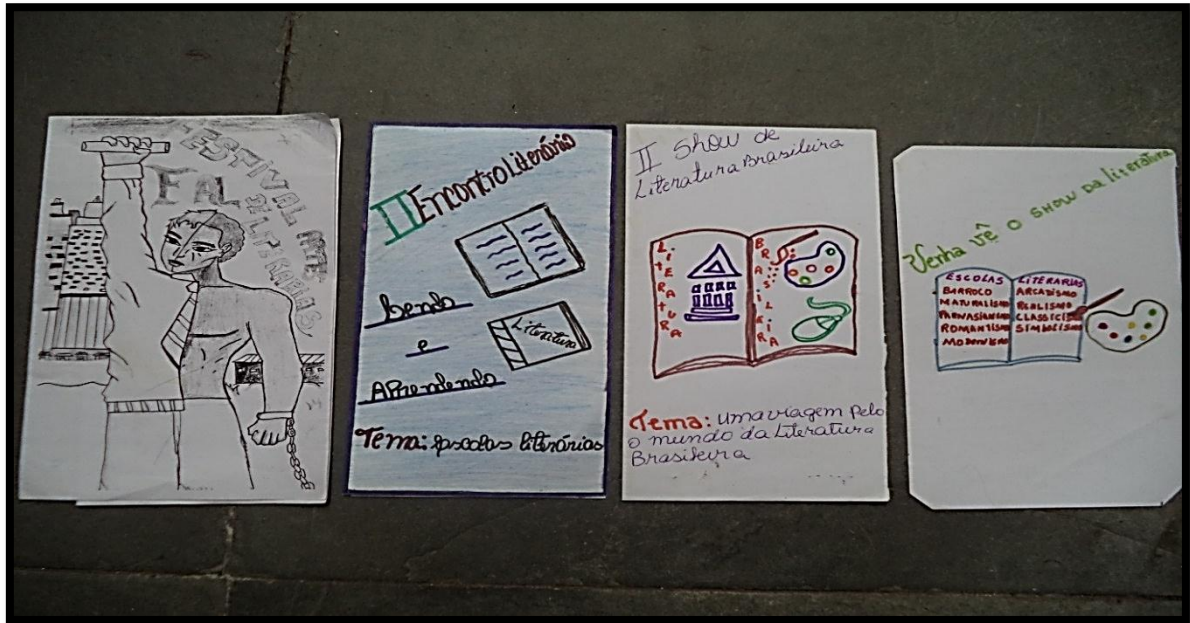


Imagem 13 – Concurso de desenhos dos alunos na disciplina de artes para eleger o convite do Festival.
Fonte: Arquivo de professora do Colégio Nilde Xavier. Ano: 2008.

O convite da culminância do Festival, imagem 14, realizado em novembro de 2008, originou-se de uma produção artesanal. O concurso para eleger o convite para a culminância ocorreu nos anos de 2008 e 2009, porém no ano de 2010 a professora de Artes passou a lecionar outra disciplina, por isso, deixou de promover o concurso que escolhia o *layout* dos convites, desse modo, o concurso foi extinto.

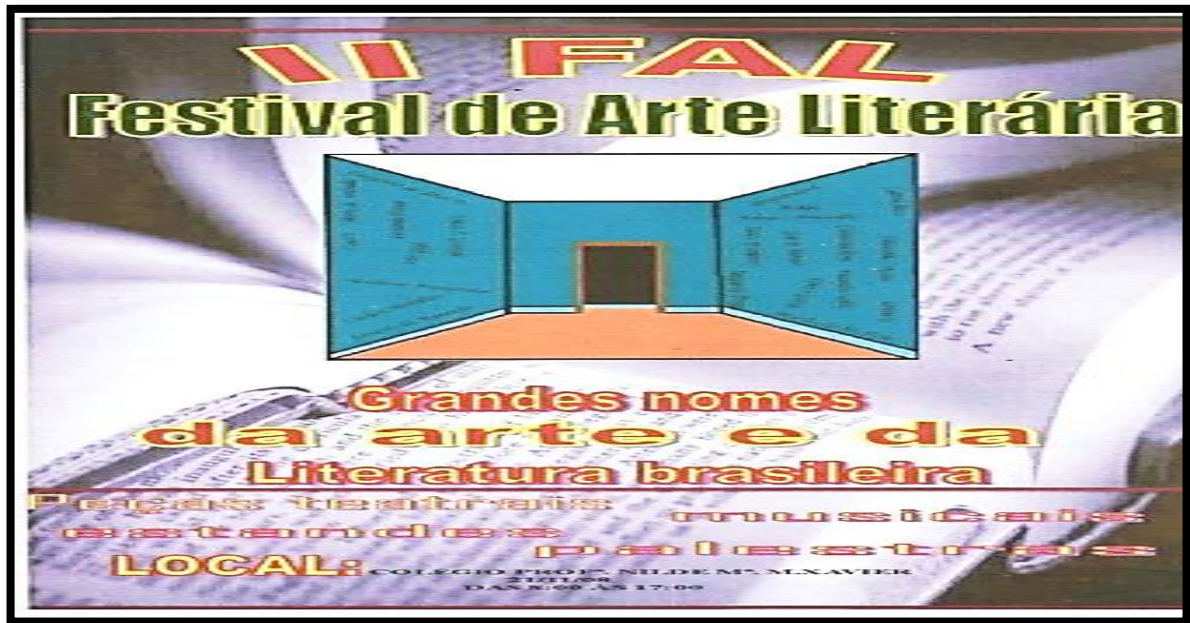


Imagem 14–Convite da 2ª edição do Festival de Artes Literárias, Ano 2008. Fonte: Arquivo de professora

O convite da culminância do FAL 2008 foi produzido por um aluno e escolhido no concurso realizado em sala de aula da disciplina Artes. Conforme a imagem ilustrada, o convite foi reelaborado em computador: digitado e impresso em papel A3 de desenho. Escrito em letras maiúsculas, centralizado: II FAL, nas cores vermelha e contorno amarelo e o nome Festival de Artes Literárias, escrito de preto com contorno amarelo. É possível visualizar a imagem de um livro aberto e um clarão entre as folhas. O livro é uma espécie de base sob paredes que sugerem ser uma sala de aula (podem ser escritos, cartazes ou até pichações nas paredes), nas cores azul, teto branco e chão na cor laranja.

A imagem faz refletir sobre a relação que a leitura representa para aqueles sujeitos, vista como porta para o conhecimento. A claridade entre as páginas do livro sugere refletir sobre algo que ilumina, traz vida, um universo de ideias. Há paredes que separam, isolam os leitores e não-leitores. A representação da imagem alude a leitura como luz para os que ousam ultrapassar os obstáculos para tornarem-se leitores, pois como afirmou a professora Aparecida em suas memórias: “Nós temos que colocar o nosso aluno em contato com livro desde cedo e não esperar ele ficar na fase adulta, porque fica mais difícil para o adulto tornar-se leitor”. A professora expõe que o ambiente escolar é responsável para despertar no aluno o gosto pela leitura e revela as possibilidades que a literatura pode trazer para a vida do sujeito ao ressaltar: “[...] Quando ele já vem naquele ambiente, de um ambiente que ler e a escola quando é uma escola que ler, ele vai levando aquilo avante”. Não é possível afirmar que os sujeitos imersos naquele contexto escolar são leitores por excelência, mas entende-se que há um estímulo dos

docentes para prática de leitura. No *layout* do convite há local e data do evento, além do tema: *Grandes nomes da arte e da Literatura Brasileira*, nas cores: amarelo e vermelho, e em destaque, as atrações do evento, tais como: peças teatrais, estandes, músicas e palestras.

Essa atividade foi conduzida pela professora, ao apresentar uma lista com nomes dos autores clássicos para os alunos escolherem e realizarem uma pesquisa durante o ano letivo. Aparecida menciona que as atividades foram diárias e ocorreram no período de março a setembro de 2008, quando iniciaram os ensaios e catalogação do material produzido durante o ano, que seria exposto na culminância no dia 21 novembro de 2008. Esse é um dos exemplos de como a escola tem sido um lugar de produção de cultura e essa cultura objetiva-se em práticas, que operacionalizam os processos formativos (Agustín Escolano, 2010).

Alguns materiais permitem compor o histórico da 2ª edição do FAL realizado em 2008. As imagens 15, 16 e 17 de caderno escolar organizado por aluno, indicam atividades sobre Cecília Meireles, escritora da 2ª fase do Modernismo.



Imagens 15, 16 e 17 – Caderno de aluno sobre a autora Cecília Meireles, 2ª edição do Festival, 2008.
Fonte Arquivo de uma professora.

O caderno em espiral, foi artesanalmente encapado com papel cartão fosco roxo e traz na primeira página escrito com auxílio de uma régua o nome da autora “Cecília Meireles”, porém, as letras “A e L” se descolaram, talvez devido o passar do tempo e condições de preservação do material. Conforme instrução da professora em sala de aula o aluno escreveu o nome da autora na primeira folha em forma de um círculo, “Cecília Meireles” e no centro há um trecho do poema de Manuel Bandeira para Cecília Meireles conforme descrito: “Cecília,

és tão forte e tão frágil. Como a onda ao termo da luta. Mas a onda é água que afoga: Tu, não, és enxuta”.

Na produção o aluno desenha um quadrado, espécie de moldura com caneta esferográfica roxa. Na folha ele tentou construir a “Árvore Genealógica de Cecília Meireles”. Nas páginas seguintes encontramos informações sobre a autora e temáticas, tais como: nacionalidade, escola literária, o que ela escrevia, informações sobre acontecimentos políticos, nacionais e internacionais marcantes no período de Cecília Meireles. Para esse último tema, o aluno fez uma colagem sobre os fatos ocorridos. Em seguida apresenta uma entrevista digitada e colada, realizada com uma professora moradora na cidade de Palmeiras sobre Cecília Meireles.

Nas páginas seguintes o aluno descreve as características das obras da autora e cita alguns versos. Trata do processo de consagração da obra e exhibe alguns episódios de sua vida. Por fim, insere algumas notas sobre as formas de recepção da autora: obra preferida do público leitor; espécie de jornal sobre a literatura da escritora, ressaltando a beleza da época, um diálogo entre Cecília e Fernando Pessoa, trechos de textos digitados e colados. Ao final ilustra uma foto dele junto com uma colega de sala de aula no seminário final, imagem 18. Os dois em pé, atrás de uma mesa, ele trajava terno e gravata. O caderno demonstra a prática e experiência escolar ocorrida durante o ano letivo, a forma de escrita e apropriação individual daquele aluno.

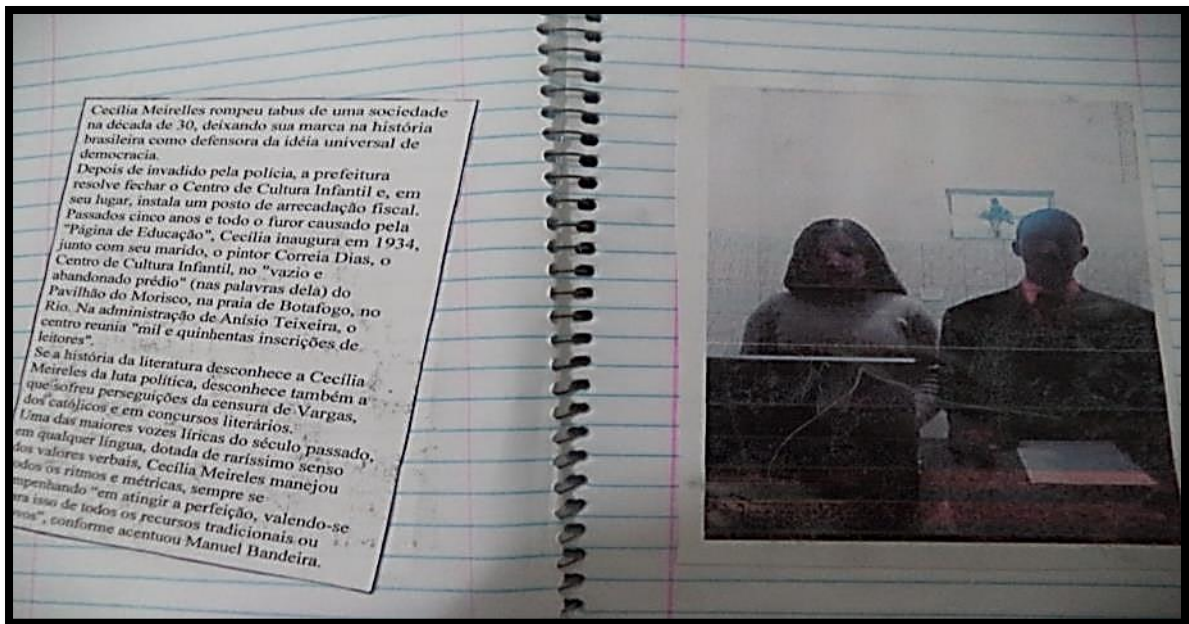


Imagem 18 – Caderno de aluno aberto e a foto da apresentação do seminário sobre Cecília Meireles, 2ª edição do Festival, ano 2008. Fonte: Arquivo pessoal de professora do colégio Nilde Xavier.

Muitos trabalhos apresentados na “culminância” foram elaborados no decorrer do ano letivo e escolhidos para serem socializados no período do Festival. Conforme o dizer da professora Aparecida: “Todas as salas trabalharam (o tema) e nós sentamos para conversar. Os professores juntos com toda a organização do evento e decidimos o que vai para a culminância”.

A imagem 19 a seguir representa a sala temática do Barroco em homenagem ao escritor Gregório de Matos. No centro da imagem vemos um aluno declamando texto de Gregório de Matos vestido de camisa e terno, simbolizando uma ocasião solene. Na lousa havia alguns textos do escritor em questão. Ao lado do estudante está um convidado palestrante. A entrada da sala “Barroco” foi montada como túnel em formato de boca, na cor vermelha alaranjada representando o “fogo do inferno”, em alusão ao modo como na época era chamado o autor: “boca do inferno”.



Imagem 19 – Representa a sala temática do Barroco 2ª edição do Festival, ano de 2008. Fonte: Arquivo de professora da instituição Nilde Xavier.

A sala de aula com lousa branca, mesa, cadeiras e acessórios, papelão reciclado, papel celofane vermelho, cortina de tecido, papel espelho preto, cartolinas brancas, caneta esferográfica, textos imagéticos e lâmpadas, além de objetos antigos, tais como relógio de ponteiro e máquina datilográfica foram utilizados para compor a dinâmica das apresentações e o cenário da sala temática “Barroco”



Imagem 20 – Representação do *Realismo*, 2ª edição do Festival, ano de 2008. Fonte: Arquivo de professora do Colégio.

A imagem 20 representa a escola literária do Realismo. A aluna vestida com blusa branca, lenço vermelho no pescoço e calça preta demonstra elegância e solenidade do momento. Mesa posta ao centro em frente ao quadro branco, decorada com livros da literatura realista. A aluna em posição de professora expõe aos visitantes o resultado de sua pesquisa. Utilizaram cartolinas, quadros, tecidos, máquina de datilografia, papel espelho, livros, painel imagético e textos sobre o realismo para compor a concentração e austeridade do ambiente da sala temática “Realismo”.

Já a escola romântica foi representada por duas alunas que trajavam vestidos longos de cetim, chapéu e faixas que representavam as personagens principais das obras literárias: *Helena* e *Dom Casmurro*, imagem 21. Nas memórias a ex-aluna Nair (2013) relembrou que havia lido Machado de Assis ao afirmar: “[...] Machado de Assis sim, os contos dele. Eu li *Helena*, eu li *Dom Casmurro*, eu li vários contos dele [...] Eu gosto de Machado, mas não tanto como gosto de outros autores, até porque na época que eu comecei a ler ele era muito formal, comparado a outras leituras [...]” e a entrevistada continuou: “[...] As outras leituras foram mais interessantes para mim na época, por eu ser mais nova, por não ter lido tanto, mas é inegável a qualidade literária dele, principalmente *Dom Casmurro* e *O Alienista*, *O Alienista* é fantástico”. A leitura que se constrói ao ouvir o relato da ex-aluna é a do processo de inserção de leitura literária dos clássicos da literatura brasileira que os professores tentam inculcar nos alunos durante o ano letivo, porém a ex-aluna menciona que a obra é de qualidade,

mas que não havia prazer em ler devido à distância de estilos em relação aos usos contemporâneos da língua.

Ainda na imagem 21 visualiza-se o cenário teatral que os professores e alunos montaram. No cenário havia cortinas e prateleiras para retratar as obras literárias: *Helena* e *Dom Casmurro*. Ao lado das alunas, a presença do Prefeito da cidade de Palmeiras na época. Não é possível ver na imagem, mas há presença de pessoas da comunidade no Festival, inclusive outras autoridades do município, pois a professora Aparecida relatou em suas memórias que enviava convites para ex-professores, Secretaria de Educação, Direc, Prefeitura, Câmara Municipal, Fórum, UNEB Campus XXIII- Seabra, Faculdades particulares das cidades vizinhas, escolas públicas e particulares, dentre outros estabelecimentos comerciais e públicos.



Imagem 21 – Sala temática Romantismo, 2ª edição do Festival, ano de 2008. Fonte: Arquivo pessoal de professora do colégio.

A professora Aparecida escolheu o tema das escolas literárias na II edição de 2008 com objetivo de ampliar o conhecimento dos alunos em relação aos clássicos literários, estimular a prática de leitura e valorizar a influência da arte literária. A ex-aluna Nair relatou como funcionavam as práticas escolares de leitura durante o ano letivo “[...] bem de formiguinha mesmo, porque a maioria do pessoal não estava muito a fim, então tinha que ser bem devagar, coisas, textos que tivessem mais próximos da gente, mas acabava funcionando sim [...]”. Nas memórias a ex-aluna descreve que a professora fazia investimentos para despertar nos alunos o interesse pela leitura ao aproximar textos de sala de aula ao cotidiano deles.

Na imagem 22 ilustra-se a sala temática do Arcadismo com árvore desenhada e colada entre a parede e o quadro branco moldurado em madeira (lousa). Havia alguns versos de poemas colados na árvore, espécie de frutos, e alguns painéis para ressaltar o Arcadismo com troncos feitos de papelão cobertos de papel celofane vermelho.



Imagem 22– Sala temática Arcadismo, 2ª edição do Festival, ano 2008. Fonte: Arquivo pessoal de professora do Colégio Nilde Xavier.

Na sala “Arcadismo” foi posto ao chão um cartaz com poemas sobre o Arcadismo e tecidos nas cores: amarelo e verde que remetem as cores da bandeira do Brasil. Os tecidos foram utilizados como cortinas, coladas fotos e poemas. A sala temática foi enfeitada ainda nas cores amarela, branca, verde, vermelha e marrom. O cenário foi produzido com os seguintes materiais: cartolinas, papel metro pardo, folha de papel A4, quadro branco, papel celofane, tecidos, madeiras, tapetes, dentre outros.

No decorrer do ano letivo de 2008, os alunos da 2ª Série do Ensino Médio, turma “A” produziram um livro de 15 páginas com poesias sobre as diferentes escolas literárias. O conjunto de imagens a seguir ilustra essa produção dos alunos. A imagem 23 refere-se à capa do livro, com desenho em forma de um olho, pintado com tinta guache, nas cores verde e grafite. A imagem 24 indica o que os alunos escreveram para apresentar de forma poética as escolas literárias, seus representantes, características marcantes do Barroco ao Modernismo, e mencionaram que este é o fruto de atividades que os levaram ao mundo da literatura enquanto estudantes. Os alunos acrescentaram na página de “*Apresentação*” que o trabalho ocorreu gradativamente até tornar-se um livro e convidaram o leitor a compreender um pouco do que aprenderam durante o ano letivo. A imagem 25 trata-se de uma poesia de aluna intitulada “A

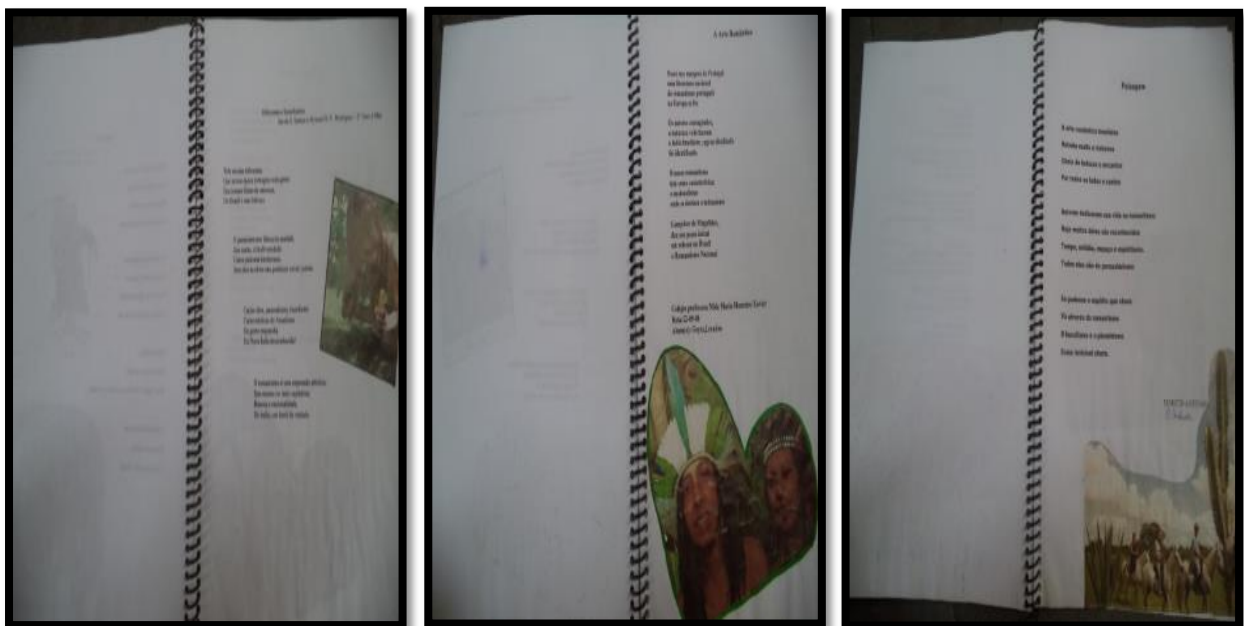
mistura da literatura”, na qual descreveu as figuras de Gonçalves Dias, João Cabral de Melo Neto, Machado de Assis. Na poesia, refletiu sobre o Romantismo, Realismo e Modernismo.



Imagens 23, 24 e 25 – Sequência de caderno produzido por alunos da 2ª Série do Ensino Médio, turma “A”, ano 2008 do Colégio Nilde Xavier. Capa, Apresentação e Poesia, respectivamente.

Fonte: Arquivo de professora. Ano 2008.

As imagens 26, 27 e 28 a seguir são poesias produzidas pelos alunos sobre as escolas literárias e sugerem pensar o resultado do processo de ensino-aprendizagem, sobretudo, nos aspectos da leitura e escrita, na arte de compor e expressar por meio da escrita experiências e emoções.



Imagens 26, 27 e 28 - Sequência de imagens das poesias “Diferentes e Semelhantes, A Arte Romântica e Paisagem”, respectivamente. Caderno produzido por alunos da 2ª Série do Ensino Médio, turma “A” do Colégio Nilde Xavier. Fonte: Arquivo de professora. Ano 2008.

A imagem 26 refere à poesia de aluno intitulada: *Diferentes e Semelhantes*, na qual descreveu sobre três escolas literárias, Arcadismo, Parnasianismo e Romantismo. O aluno ressaltou as características de cada escola literária mencionada nos versos da poesia. Na imagem 27 a aluna enfatizou na poesia *A Arte Romântica*, o romantismo, a natureza e a figura do índio. A imagem 28, poesia *Paisagem* o aluno escreveu sobre o Arcadismo, Parnasianismo e Romantismo.

Na culminância da II edição do Festival, no dia 21 de novembro de 2008 houve apresentações de peças teatrais, musicais e palestras conforme descrito no convite.

III Festival de Arte Literária – Cléo Xavier e João Ubaldo Ribeiro. Ano 2009

Nesta edição foram apresentados à equipe gestora e aos professores os livros *Outonal* de Cleo Xavier, poetisa da cidade de Palmeiras e a obra *Viva o Povo Brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro como sugestão para a 3ª edição do FAL, sendo aceita por todas as equipes.

Nas memórias da coordenadora Silvia (2013), as práticas escolares do 3ª Festival de Arte Literária ocorreram de maneira interdisciplinar em consonância com outros professores conforme a narração: “[...] em 2009 nós começamos a abraçar mais o projeto [...] de 2009 para 2010 começou a ampliar-se, pois percebemos que as outras disciplinas também poderiam se envolver, então, todos começaram a trabalhar conjuntamente para realizar o trabalho [...]”.

A partir desta edição houve abertura à participação de todos os turnos da escola, como explicou a professora Aparecida:

Eu participava de um curso o GESTA⁶ com o professor Valdir e ele falou, Aparecida: interessante seria se você abrisse para o Colégio todo, pois seria um processo mais interdisciplinar, você ia dialogar melhor com outros professores, ver a visão de outros professores. Assim, eu fiz, abri para os outros professores e trabalhei a obra de Cleo Xavier, inclusive, essa escritora veio na culminância [...]

Outro referencial importante foi a Lei 10.639/03⁷ que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da

⁶É um programa de formação continuada de professores, criado pelo Ministério da Educação (MEC), com o objetivo de promover a educação dos professores de língua portuguesa e matemática com vistas a fortalecer o ensino e a aprendizagem destas disciplinas nos ensinos fundamental I e II. Disponível em: < <http://institucional.educacao.ba.gov.br/gestar>> acesso: 28/12/2015.

⁷Lei 10.639/03. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> acesso: 28/12/2015.

temática História e Cultura Afro Brasileira” e a Lei 11.645/08, que estende a obrigatoriedade à “História e Cultura Indígena”. Assim, a discussão pública sobre a inclusão social e cultural de importantes camadas da sociedade brasileira, como os indígenas e negros, se tornam tema para novas práticas pedagógicas nas escolas. Cada disciplina se inspirou nessas leis para desenvolver suas práticas escolares, conforme descreveu a professora Aparecida:

Cleo Xavier é negra. Ela é negra e tem a poesia *Negra Brasil* que fala sobre o negro. Nós trabalhamos a Lei e a questão feminina. Os meninos parodiaram as poesias dela. Foi muito lindo! Eles pegaram uma poesia dela e fizeram uma música em vários ritmos: nordestino, mineiro, gaúcho. No livro *Viva o Povo Brasileiro* trabalhou-se a problemática da discriminação.

Segundo memórias da professora, a obra *Outonal*, imagem 29, de Cleo Xavier, serviu de referência para os trabalhos escolares, durante o ano letivo, devido à autora ser negra, nativa de Palmeiras e o seu livro de poesias conter versos que retratam a discriminação racial e protestos contra os problemas sociais. O livro *Viva o povo brasileiro*, imagem 30, de João Ubaldo Ribeiro, romance histórico, com personagens negros, indígenas, portugueses e holandeses, faz uma recontagem crítico-satírica ao denunciar a devassidão presente no processo de formação do povo brasileiro.

Durante as práticas escolares do ano letivo de 2009, professores e alunos refletiram sobre respeito às diferenças físicas, sociais, religiosas e intelectuais, por meio de poesias, peças teatrais, músicas, coreografias dentre outras. A professora Aparecida (2010)⁸ mencionou que professores e alunos fizeram análise sobre “o fato da população baiana ser afrodescendente e negar suas origens”. Aparecida destacou que a professora de Língua Portuguesa utilizou a poesia *Negra Brasil* para analisar o problema do racismo sob os versos: “*Eu sou negra mesmo! Negra... Negra... Negra! /Negra como a noite escura sem luar/..., mas não tão negra como as garras do racismo*”. O professor de História aproveitou a poesia de Cleo Xavier *Negra Brasil* e o livro *Viva o povo brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro, especialmente os versos: *Venho de longe das terras longínquas dos meus ancestrais/.../Venho das tribos/.../ Venho do sangue europeu eu venho das senzalas/*. Nessa atividade além da história da escravidão houve uma contextualização com a Guerra de Canudos.

A disciplina de Geografia tratou das imagens em torno do continente africano com os versos de Cleo Xavier: *Venho das terras longínquas dos meus ancestrais/.../Do encanto azulado do Atlântico/*. O professor de Biologia apropriou-se das obras e promoveu um debate em sala de aula sobre a teoria evolucionista de Charles Darwin e utilizou os versos da poesia

⁸ Conversa informal que tivemos durante o ano de 2010.

Negra Brasil: Venho do sopro divino/venho do pó.../ para compreender a visão dos alunos a respeito dessa passagem da poesia.

O professor de Sociologia encaminhou as atividades escolares para preservação do direito a diversidade, dos princípios éticos e políticos no processo de superação dos conflitos e tensões no mundo contemporâneo. Os alunos estabeleceram relações com o livro de João Ubaldo Ribeiro no qual analisa a questão da subjetividade e identidade dos sujeitos. A partir da leitura e debate, os alunos montaram uma peça teatral. O professor de Filosofia ouviu as opiniões dos alunos, apresentou as diversas religiões existentes no mundo, e sublinhou o respeito à pluralidade e diversidade religiosa. A disciplina de Artes produziu trabalhos artísticos individuais e coletivos, por meio de danças, músicas, criação de objetos artesanais, direcionados para a cultura afro-brasileira.

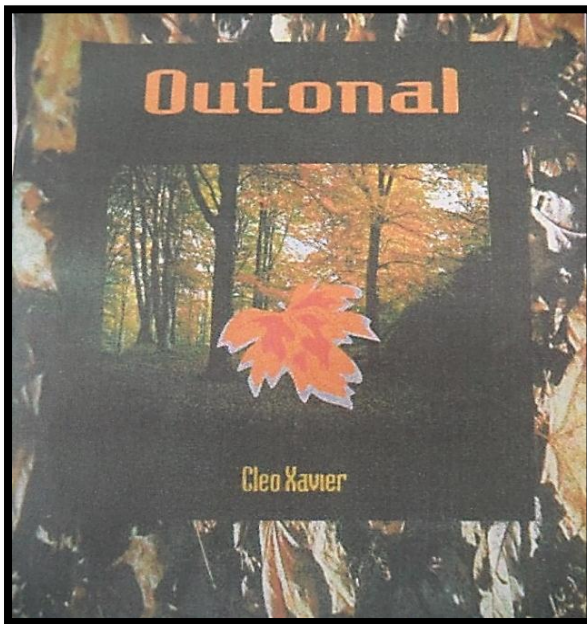


Imagem 29 – Capa do livro *Outonal*, de Cleo Xavier. Referência para 3ª edição do FAL (2009). Fonte: Arquivo de professora do Colégio Nilde Xavier. Ano: 2009.

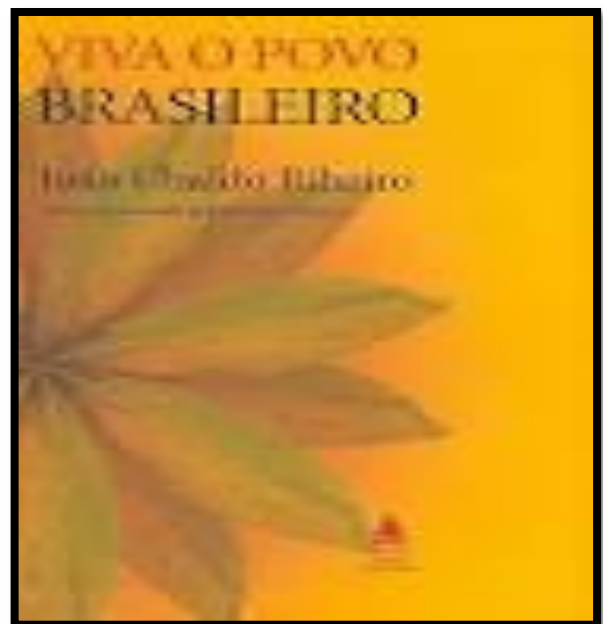


Imagem 30 – Capa do livro *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro. Referência para 3ª edição do FAL (2009). Fonte: Arquivo pessoal. Ano: 2009.

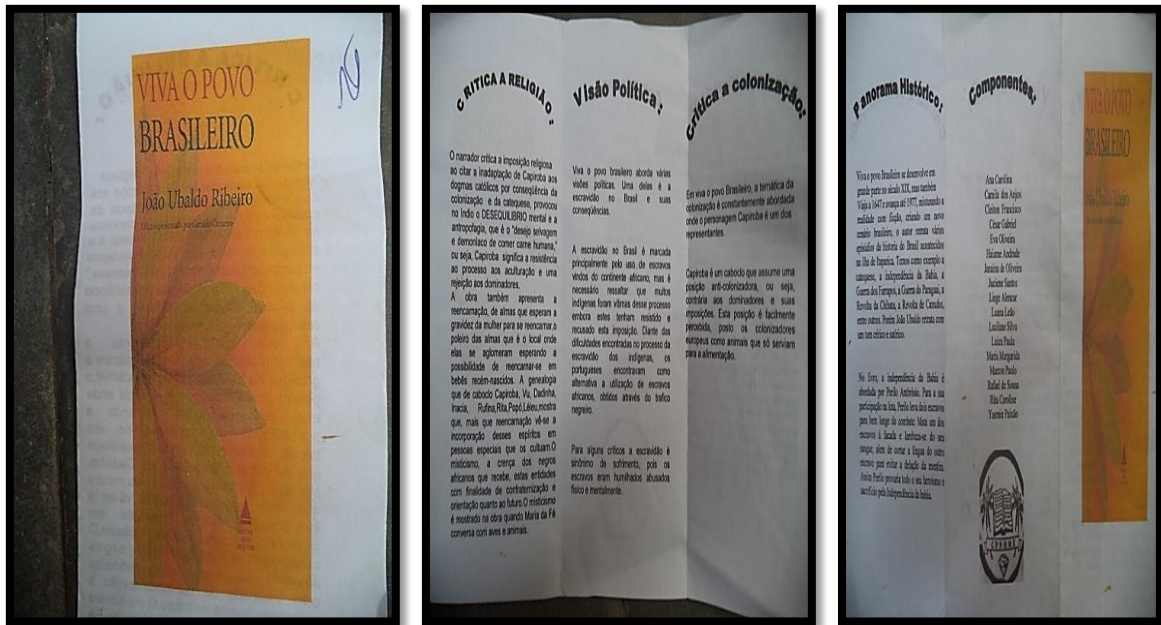
A autora Cleo Xavier do livro *Outonal* é nativa da cidade de Palmeiras, porém muitos alunos não a conheciam, pois não reside no município, desse modo, no início do ano letivo os professores apresentaram o livro e foi necessário fazer uma pesquisa sobre ela. Alunos e professores pesquisaram em livros e jornais.



Sequência de imagens 31, 32 e 33 – Bricolagem feita pelos alunos, retratando o lançamento da obra *Outonal*, fotos de Cleo Xavier recortadas de jornais locais e fotos da autora recitando suas poesias em evento. Arquivo de professora do Colégio Nilde Xavier. Ano 2009.

A sequência de imagens 31, 32 e 33 mostra que alunos e professores utilizaram livros, jornais e fotos para compor biografia da autora Cleo Xavier, com objetivo de compreender sua obra. No livro *Outonal* há uma poesia intitulada *Palmeiras* e as atividades escolares da 3ª edição do Festival partiram de questionamentos sobre o contexto espacial e social que aqueles sujeitos estavam imersos. As questões levantadas serviram para estabelecer relações entre o texto literário e o conteúdo da poesia. Há um entendimento que os professores buscam inserir no contexto escolar o patrimônio cultural, arquitetônico da cidade de Palmeiras ao estabelecer relações com o ensino.

Para apresentação da obra *Viva o povo brasileiro* os alunos produziram um folder, conforme as imagens 34,35 e 36 voltado à comunidade externa à escola, com resumo das principais questões levantadas na obra, tais como: crítica à religião, visão política, crítica à colonização, panorama histórico.



Sequência de imagens 34, 35 e 36 – Capa e Contracapa de folder com resumo da obra Viva o Povo Brasileiro de João Ubaldo Ribeiro. Confeccionado por alunos do Colégio Nilde Xavier. Arquivo de professora do Colégio Nilde Xavier. Ano 2009.

Para a culminância do Festival no dia 12 de novembro de 2009, professores e alunos elaboraram diferentes modelos de convite. Por meio de concurso, foi escolhido o modelo da imagem 37. Este foi encaminhado para uma produção gráfica e impresso em papel cartão.

O *layout* do cartão é dividido em duas partes e composto do lado direito, a chamada: “O Colégio Professora Nilde Maria Monteiro Xavier tem a satisfação de convidar-lhe para o III FAL- Festival de Artes Literárias”. A sigla CPNMMX (Colégio Professora Nilde Maria Monteiro Xavier), data, 12/11/2009 e horários das 9h às 12h e da 14h às 17h. Os convites foram direcionados aos pais dos alunos, comunidade local e palestrantes.

No lado esquerdo do convite, crianças formam um círculo nas posições sentadas e em pé. Observa-se menina com auxílio de bengala e óculos escuros, menino sentado numa cadeira de rodas, meninas e meninos de diferentes etnias compartilhando o mesmo espaço de sala de aula. Alguns estão uniformizados com saias, bermudas e calça azul. Outros estão à paisana com camisetas amarelas. Os sapatos variam entre as cores: azul, verde, amarelo e rosa. A figura de um adulto representa o professor de calça azul e jaleco branco, no meio dos alunos, com as mãos nos ombros dos alunos como quem os abraça.

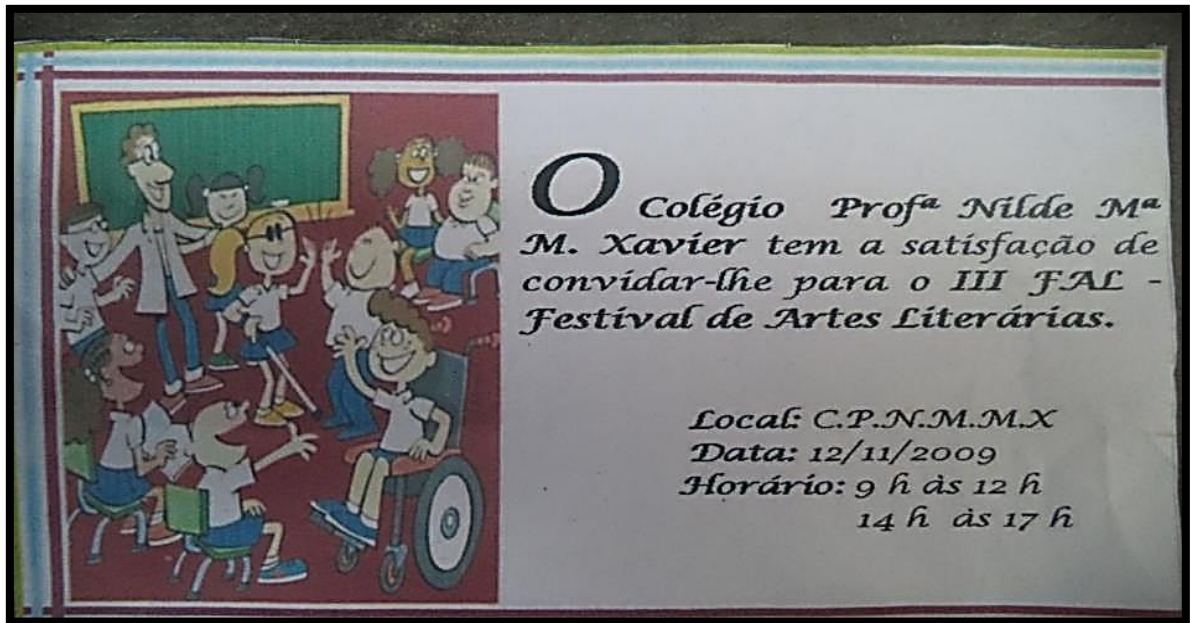


Imagem 37 – Convite da 3ª edição do Festival, ano 2009. Fonte: Arquivo pessoal.

O sentido que os sujeitos produtores do convite atribuíram ao desenho sugere pensar a compreensão da temática do 3º FAL. Sintetizaram no desenho as subjetividades, as diferenças e as identidades dos sujeitos. Indica os efeitos da escolarização no sentido de compreender a escola como espaço de inclusão e integração. Evidencia a concepção de professor, enquanto sujeito que é responsável pelo ensino, pela inclusão e integração dos alunos, porém, guarda determinada formalidade (por isso o professor aparece de jaleco branco). O convite sugere ainda pensar a concepção de escola, enquanto ambiente dinâmico, alegre, acolhedor. Implica mudança de paradigma, pois é muito comum livros, revistas, cinema etc., retratarem a escola como um ambiente austero, silencioso e disciplinador.

A imagem 38 retrata o processo de produção por professores e alunos de painel em “papel-metro” pardo, no qual foi escrito a frase “FAL e Literatura” em letras tipo *Allstar* ou *Rio Grande*, as quais foram cobertas com barbantes, flores e folhas secas.



Imagem 38 – Alunos e professores do Colégio Nilde Xavier confeccionam painel com flores e folhas secas, 3ª edição do Festival, ano 2009. Fonte: Disponível em < <http://artenaescola.org.br/galeria-dos-alunos/?id=65858#!/65851> > Acesso: 28/12/2015.

Esse painel ficou exposto na entrada principal do Colégio durante a apresentação do Festival. Esses artefatos produzidos representam a literatura como arte viva, pois, enquanto sujeitos, dotados de subjetividade e imaginação, as leituras das obras literárias possibilitaram a representação da natureza “morta” (folhas e flores secas e outros materiais) em brilho, alegria, vida..., e Literatura.

Na abertura da 3ª edição do Festival houve desfiles, danças, exposição de quadros e bricolagens que representam o patrimônio histórico-cultural de Palmeiras, coreografias com objetos olímpicos, simbolizando a integração entre os povos.

Em consonância ao tema do Festival, aluna desfilou com o corpo tatuado, conforme a imagem 39. A tatuagem foi desenhada por uma artesã moradora na cidade de Palmeiras. Compõe a tatuagem livro de folhas claras, contornadas de linhas pretas, palavra “literatura”, árvore, páginas do livro e folhagens de arbustos soltas na ventania. A palavra “literatura” desloca-se ou extrapola a página solta e flutua no corpo..., no ventre, podendo simbolizar emoção, sensibilidade, a origem da vida.



Imagem 39 – Aluna tatuada, 3ª edição do Festival de Artes Literárias, 2009. Fonte: Arquivo de professora do Colégio Nilde.

Esta imagem 39 sugere pensar a importância da leitura, a relação da leitura e a literatura para os sujeitos, como algo intrínseco, tatuado no corpo. A árvore e as flores denotam vida, e para manter-se vivo com frutos é necessário “regar” com leituras e literaturas. Pode demonstrar relação com a cidade, Palmeiras. A palavra “literatura” na tatuagem alude ao oxigênio necessário à vida dos sujeitos.



Imagem 40 – Alunas do Colégio Nilde Xavier utilizam de arcos olímpicos em coreografia, num apelo a interação pacífica entre os povos, 3ª edição do Festival, ano 2009. Fonte: Disponível em: <http://artenaescola.org.br/galeria-dos-alunos/?id=65858/#!/65852>> Acesso: 28/12/2015.

A imagem 40 refere à apresentação de coreografia, na qual as alunas dançam e utilizam-se de arcos olímpicos ornamentados com fitas amarelas e verdes. As alunas estão uniformizadas com vestidos de cetim azuis e amarelos e sapatos brancos, em alusão às cores da bandeira brasileira. O ambiente estava enfeitado com quadros em forma de losango com moldura de madeira, estampas floridas e algumas bexigas também para complementar a ornamentação. Havia pessoas da comunidade presente que assistiam atentos às apresentações. A imagem 40 retrata a coreografia em forma de apelo à interação pacífica dos povos.

A imagem 41 mostra um painel, com árvores simbolizando a cidade de Palmeiras.



Imagem 41 – Painel imagético com símbolo que representa a cidade de Palmeiras, 3ª edição do Festival, ano 2009. Fonte: Arquivo de professora do Colégio.

É pertinente sinalizar que ao pesquisar o Colégio e suas práticas escolares sugere pensar que há uma realocação do patrimônio material e imaterial da cidade na sala de aula.

A imagem 42 apresenta um quadro em tinta guache, feito pelos alunos com desenhos da arte rupestre. Expressa conhecimento acerca do patrimônio histórico-cultural do município de Palmeiras e de outras cidades da Chapada Diamantina, onde há sítios arqueológicos em que se encontram pinturas rupestres. Este trabalho evidencia o esforço da escola em explorar o patrimônio cultural da cidade de Palmeiras nas práticas escolares, transformando esse patrimônio em objeto de construção de conhecimentos.



Imagem 42 – Quadro representativo de pintura rupestre, 3ª edição do Festival, ano 2009. Fonte: Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/galeria-dos-alunos/?id=65858/#!/65853>> Acesso: 28/12/2015.

As obras literárias foram apresentadas na culminância em horários diferentes: na parte da manhã os alunos prestigiaram a obra de João Ubaldo Ribeiro, *Viva o povo brasileiro* e a tarde Cleo Xavier, contando com participação da escritora de *Outonal*, que esteve presente e recitou seus versos para o público.

Os alunos utilizaram-se de alguns instrumentos musicais, tais como: violão e sanfona. O cenário montado e decorado para a apresentação foi construído com tecidos estampados de chita, cadeiras e mesas e o nome FAL colado na parede, confeccionado com tecido, conforme a imagem 43. Aparecida (2013) mencionou que os alunos utilizaram a obra *Viva o povo brasileiro* para a produção de uma peça teatral, de acordo com a imagem 44: “[...] eles fizeram uma peça [...], trabalhamos a parte da discriminação. Com *Viva o povo brasileiro* nós colocamos essa parte do povo que é discriminado, sabe”. A leitura da obra literária ensejou a criação de uma peça teatral tratando de questões sociais da comunidade.

Aparecida lembrou que após os alunos conhecerem as obras literárias de Cleo Xavier e João Ubaldo e as leis sobre o ensino da Cultura Afro Brasileira e Indígena “[...] os meninos parodiaram as poesias dela, foi muito lindo [...] eles pegaram poesias dela e fizeram músicas em vários ritmos, Nordestino, Mineiro, Gaúcho”. Em consonância com as memórias da professora percebe-se que o espaço escolar é modificado com músicas, despertando o aprendizado e a interação entre os componentes da comunidade escolar.



Imagem 43 – alunos musicalizam as poesias do livro *Outonal*, estilo Baião, ano 2009. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/galeria-dos-alunos/?id=65858#!/65856>> acesso: 28/12/2015.

No ano de 2009 houve interação da comunidade escolar com o Festival. Segundo o professor João José (2013) relatou: “[...] a partir de 2009 eu acho que foi quando as turmas entraram mesmo de cabeça, toda a escola [...] desde esse período na jornada pedagógica já era uma coisa discutida [...] Vamos fazer o FAL, enfim, ela apresentava toda a proposta [...] as tarefas eram discutidas”. Nesse sentido, em 2009, terceiro ano do FAL, houve avanço quanto ao trabalho pedagógico na forma interdisciplinar, além disso, maior envolvimento dos professores e alunos nas atividades (pesquisas, organização das salas, leituras e escritas) que deveriam ser desenvolvidas durante o ano letivo e apresentadas na culminância do Festival.

O professor João José (2013) em suas memórias ressaltou que gostava de realizar as atividades do Festival ao recordar: “[...] as atividades que ela sugeria eram atividades que eu adorava fazer, que era escrever peça de teatro, ensaiar com os meninos, etc. Então, não eram coisas que me faria..., que estaria em desacordo com o que eu já gostava de fazer”. Identificamos nas memórias do professor João José certa ternura ao mencionar as práticas escolares lúdicas que realizava no Festival ao ressaltar que escrevia peças teatrais e ensaiava com os alunos. Essas atividades proporcionavam-lhe momentos de prazer.



Imagem 44 – Apresentação de uma peça teatral “Ser diferente é normal” alunos emocionam o público ao fazer um apelo ao direito a inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais. Fonte: Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/galeria-dos-alunos/?id=65858#!/65854>> Acesso: 28/12/2015.

A imagem 45 refere-se à confraternização dos alunos após as apresentações culturais e práticas escolares desenvolvidas no ano de 2009.



Imagem 45 – Alunos na culminância da 3ª edição do Festival, ano 2009. Fonte: Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/galeria-dos-alunos/?id=65858#!/65857>> Acesso: 28/12/2015.

Na imagem 45 os alunos posicionam-se para foto após as apresentações. Compreende-se que alguns destes alunos iniciaram na 1ª edição do Festival, em 2007 e no ano

de 2009 concluíram o Ensino Médio. Na imagem 45 não é possível visualizar, porém narrou Aparecida (2013): “[...] 2009 foi quando a primeira turma estava deixando o colégio, porque o FAL começou em 2007 [...] quando eu disse essa turma está saindo [...] eles me pegaram e colocaram no meio do palco [...] e fizeram uma homenagem para mim, eles dramatizaram o que era o FAL [...]”. A professora retrata nas memórias a mistura de sentimentos: emoção, carisma, nostalgia ao rememorar sobre a primeira turma de alunos concluintes do Ensino Médio após o Festival.

Durante o ano letivo, alunos e professores realizaram atividades escolares em sala de aula e extraclasse. Nestas, produziram várias bricolagens com materiais reciclados e naturais da região, tais como: jornais, revistas, tintas e folhas secas que foram transformadas em flores para lembrancinhas do Festival para os convidados, conforme a imagem 46.



Imagem 46 – Artesanato com material reciclado para demonstrar que a literatura é arte viva, ano 2009.
Fonte: <http://artenaescola.org.br/galeria-dos-alunos/?id=65858/#!/65855> >Acesso 28/12/2015

A imagem 47 documenta o resgate de uma lembrancinha entregue aos convidados na 3ª edição, ano de 2009. A flor foi confeccionada pelos alunos do 3º ano B do Ensino Médio a partir de folhas de jornal e arame, para simbolizar o tronco embrulharam o arame no jornal. Os alunos utilizaram folhas A4 para imprimir a etiqueta *Lembrança do FAL, em 12/11/2009, 3º ano B*.



Imagem 47– Lembrança da 3ª edição do Festival, ano 2009. Fonte: Arquivo pessoal de professora do Colégio Nilde.

O professor João José afirmou que o Festival representa oportunidade da comunidade conhecer as produções realizadas dentro da escola: “[...] é indiscutível assim a importância que tem para a comunidade, talvez, porque é um momento da comunidade conhecer o que produzido dentro da escola”. O professor recordou a importância do Festival para os alunos ao ressaltar: “[...] a importância maior eu acho que realmente é para os estudantes da escola mesmo, nossa! Eles conseguem estar em contato mais concreto com a literatura [...], com as artes [...]”.

É perceptível a representação que o professor constrói sobre o Festival e a tentativa de afirmar a importância do evento para os alunos e a comunidade de Palmeiras. A fala do professor sugere pensar o Festival de Arte Literária como evento apresentado ao público como forma de satisfação da escola à sociedade no sentido de mostrar que a escola está cumprindo com sua função de ensino. Outro elemento importante aqui é a menção à forma de aprendizagem constitutiva do Festival: a aprendizagem por meio de atividades que tornam o conteúdo concreto, artesanal, pessoal, prático, próximo ao aluno.

A professora Cecília (2013) em suas memórias lembrou que o seu primeiro contato com o Festival ocorreu na época que ainda não era professora e relatou: “O meu primeiro contato com o Festival de Artes Literárias foi através de minha cunhada, enquanto aluna, e me chamou atenção à forma como ela falava do evento, como ela se dedicava [...] algo muito particular [...]”. Continuou ao recordar as atitudes da cunhada: “O fato de uma aluna de

quinze anos está se articulando [...], buscando parceiros [...], fazendo ligações para cidades circunvizinhas para buscar recursos para esta apresentação (no FAL)”.

Nas memórias da professora Cecília (2013) é possível perceber o compromisso dos alunos com o Festival, mas é importante assinalar em suas memórias a falta de recursos que o Festival enfrenta quando relata o empreendimento dos alunos ao se articularem para arrecadar dinheiro e produzir materiais escolares no processo de aprendizagem, durante o ano letivo.

A coordenadora pedagógica do Colégio mencionou que a jornada pedagógica é um momento de diálogo entre professores e gestão escolar. Assegurou que os recursos materiais disponibilizados pela Secretaria de Educação não foram suficientes para desenvolver a proposta pedagógica encaminhada à escola, e por isso, a escola agregou outros materiais produzidos pelos professores e alunos ao processo de ensino-aprendizagem.

[...] o tempo já é determinado, porque a jornada pedagógica da Bahia ela já vem com todos os tópicos a serem trabalhados, unificados em todas as escolas. Então a SEC disponibiliza o material, eu não trabalho só com material da SEC, então, eu já preparo e com base na proposta e o que o governo da Bahia quer para a escola pública naquele ano nós fazemos as nossas, nós trazemos outros materiais para acrescentar, para adequarmos a proposta deles [...] Na jornada pedagógica nós abrimos espaço para diálogos [...].

(Silvia, 2013)

Nas memórias de Silvia (2013) entende-se que, para o Colégio realizar as práticas escolares, os professores e alunos produzem outros materiais que aproximam os alunos da realidade local e daquele contexto social, de acordo com a proposta pedagógica do estado da Bahia. Durante o ano letivo foram realizadas várias produções de materiais que seriam selecionados para a apresentação final. O espaço escolar foi todo transformado de acordo com a temática ou obra literária discutida durante o ano letivo. A coordenadora Silvia expõe seu ponto de vista, indicando alguma especificidade nessa prática cultural de montagem do Festival:

[...] Ele demonstra a escola viva, porque você vê a escola de cabeça para baixo, mas ao mesmo tempo você sabe que aquela reviravolta na escola é para colocar ela de pernas para cima novamente e nós percebemos que é uma desconstrução para uma construção, porque é uma desconstrução de ambiente, de material que se torna uma bagunça organizada [...] a gente vê os alunos vivenciando, o sorriso o olhinho brilhando, nós enxergamos isso durante toda a construção do FAL [...].

A narrativa de Silvia induz à uma compreensão de que as produções e reproduções de materiais escolares durante o Festival para os sujeitos imersos naquele contexto escolar representa vida.

IV Festival de Arte Literária – Um Girassol na Janela. Ano de 2010

Esta edição do Festival tomou-se como obra *Um Girassol na Janela* de Ganymédes José. O principal motivo da escolha desse livro foi a percepção de que a público infantil devia ser contemplado. “Por que de tanta violência hoje? Será que está atrelado ao não brincar na infância?” Refletiu a professora Aparecida (2013). É pertinente ressaltar que no ano de 2010 havia uma proposta da Secretaria de Educação para que as escolas públicas do estado da Bahia desenvolvessem práticas escolares durante o ano letivo tendo como base o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA.

Para a 4ª edição do Festival Aparecida relata que foram distribuídas cópias do livro *Um Girassol na Janela*, entre professores e alunos, e estes orientados a fazer a leitura de forma individual em casa e coletivas em sala de aula. A professora ressalta que após um mês todas as classes haviam lido o livro, então, organizaram um debate sobre o conteúdo da obra e a genialidade da protagonista Vivinha, ao recriar a sua realidade. Segundo a entrevistada: “O interessante é que ao ler esse livro, os meninos perceberam na obra trechos que poderiam trabalhar o Estatuto da Criança e do Adolescente”. Para dialogar com os alunos sobre as problemáticas em torno do adolescente a escola convidou integrantes do Conselho Tutelar e dentre as questões discutidas, destacou-se o problema do *bullying*.

A professora Aparecida (2013) em suas memórias enfatiza que o *bullying*, naquele período, era uma temática muito discutida, por isso o interesse dos professores em abordá-la na escola “[...] era um tema que estava muito debatido na época, então nós trouxemos à tona e discutimos essa problemática na escola. Nós assistimos na televisão, vimos propagandas e os acontecimentos em torno do *bullying* e trouxemos essa problemática [...]”. Percebe-se que a escola está situada numa cidade de interior, porém conectada com os acontecimentos que permeiam o contexto atual e o preconceito afeta vários ambientes. A professora menciona o *bullying* como tema que circulava nos meios de comunicação, tais como: televisão, propaganda, jornais e a influência da mídia facilitou a conscientização dos alunos no trabalho em sala de aula. É possível refletir que o colégio além de abordar o conteúdo programado do currículo busca inculcar valores morais.

A coordenadora Silvia (2013) lembrou que sugeriu a professora Aparecida e demais professores a obra literária *Um girassol na janela* ao recordou: “[...] acho que quando eu falei do livro para ela, os seus olhos brilharam, porque ela disse ‘é esse’! [...] eu lembro que nós fizemos a leitura do livro todo, porque ele é um livrinho fininho, mas uma história linda que nós trouxemos para a sala de aula [...]”. Assim, compreende-se a adesão e reapropriação

escolar da obra literária pelos professores e gestores. Em seguida eles estimularam os alunos a ler, como mencionou Silvia (2013) “[...] eu cheguei a entrar nas salas fazendo a leitura de um capítulo e outro, do nada eu entrava lendo para os alunos, foi bem interessante, esse livro marcou”.

A partir da narrativa de Silvia, identifica-se um fascínio sobre obra em questão, talvez, porque era algo marcante na sua vida, pois ela compartilha em suas memórias que *Um Girassol na Janela* foi a primeira leitura que realizou durante a infância e reler novamente trazia boas recordações da sua época de menina, Silvia (2013) afirmou: “[...] uma leitura que me marcou foi uma leitura que se transformou num FAL [...] foi o primeiro livro que eu li no Ensino Fundamental I, antiga 5ª série que é 6º ano hoje, foi *Um Girassol na Janela* de Gannymédes José [...]”. Silvia demonstrou certa empolgação ao falar sobre sua primeira leitura, pois despertava-lhe bons sentimentos da infância, os quais parecem dar significados ao livro, pois era uma maneira de lembrar-se o tempo vivido, de forma nostálgica e reconstruir esse novo momento de leitura para Silvia despertou sentimentos a ela associados, tais como: diversão, desafio, saudade da leitura de criança.

As atividades escolares desenvolvidas no ano de 2010 partiram da obra *Um Girassol na Janela* e do *Estatuto da Criança e Adolescente*. Os professores refletiram com os alunos sobre o universo infantil e resgataram as cantigas de rodas, patrimônio imaterial de Palmeiras que estava adormecido na memória das pessoas mais antigas da cidade. Desse modo, os professores fortaleceram os elos afetivos e culturais e transmitiram, por meio de brincadeiras infantis e cantigas de rodas valores, afetos e emoções. A partir das atividades os alunos pesquisaram no Colégio colegas que sofriam violência, denominada de *bullying* e na busca por respostas sobre tais violências os professores sugeriram para todos os alunos refletirem sobre suas atitudes. Em seguida montaram uma peça teatral a partir da fábula, *O patinho feio*. Após a apresentação produziram pinturas em telas. Houve leituras de textos de apoio, tais como: *Itinerário de Pasárgada*, de Manuel Bandeira e *Meus oito anos* de Casimiro de Abreu.

Compreende-se que as leituras foram importantes para os alunos resgatarem nas memórias de seus antepassados as práticas culturais de Palmeiras. Dados culturais do passado ultrapassavam os muros da escola. Na 4ª edição houve um sarau de poesias com textos que dialogavam entre si. Nas memórias da professora Anália (2013) foi significativo discutir os artigos do Estatuto da Criança e Adolescente: “[...] eu participei também do que trabalhou o Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA e foi assim bem interessante trabalhar essa parte, que a gente foi ver os direitos e os deveres, porque esse pessoal precisa saber que eles têm direitos, mas também deveres”.

É possível refletir que os professores abordaram essa temática, porque havia uma proposta da Secretaria de Educação para discutir os artigos do ECA na sala de aula com intuito de ensinar boa conduta e valores morais aos alunos, além de conscientizá-los sobre como o Estatuto lhes assegura direitos, sem esquecer que todos têm deveres que precisam ser respeitados.

A professora Anália (2013) continuou a relatar as práticas escolares que desenvolveu na disciplina Física durante o ano letivo de 2010 com a temática proposta: “[...] além da questão de valores que perpassam por todas as disciplinas a gente ia para as estatísticas, ver os gráficos [...] fazer um casamento com a disciplina Geografia também [...]”. Identifica-se o trabalho interdisciplinar, quando afirma: “[...] a linguagem que está envolvida dentro da confecção da produção de gráficos, aí vem a linguagem fracionária, a linguagem percentual e a gente se depara com as dificuldades dos meninos [...] vamos fazer leitura de tal gráfico em tal revista [...]”. Para desenvolver a atividade constata-se que a professora articulou o conteúdo de sua disciplina a outras leituras e ampliou as práticas de ensino em sala de aula. Recorreu aos meios de comunicação, especificamente a televisão como ferramenta para contextualizar os gráficos ao mencionar: “[...] O que está acontecendo no Brasil? Na Bahia? Como a televisão mostra os gráficos? Era mais ou menos nesse nível”.

Nas lembranças sobre o Festival e a abordagem do ECA Anália disse: “[...] quando a gente trabalhou com o ECA veio muito essa questão de discutir será que estes direitos... será que não está tendo um exagero de direitos e esquecendo alguns deveres? [...] esses momentos de reflexão é o que eu mais gosto [...]”. A professora compreende esses momentos de organização do Festival como períodos de reflexão ao dizer: “[...] quando a gente consegue refletir sobre uma situação a gente consegue de certa forma mudar a situação, se não conseguir mudar externamente pelos menos mudar nosso olhar para a situação”.

Durante o ano letivo de 2010 a professora de Língua Portuguesa nas suas práticas cotidianas solicitou aos alunos a organização de um caderno com o título: “Quem sou eu”, com objetivo de construir e resgatar memórias dos alunos, conforme a imagem 48 a seguir. No caderno é possível identificar a atividade desenvolvida em sala de aulas sobre as memórias dos alunos. Nele os alunos colaram cartas antigas, fotos, cartões resgatados de diversas fases da vida e dos familiares e estabeleceram representações sobre as memórias coletivas.

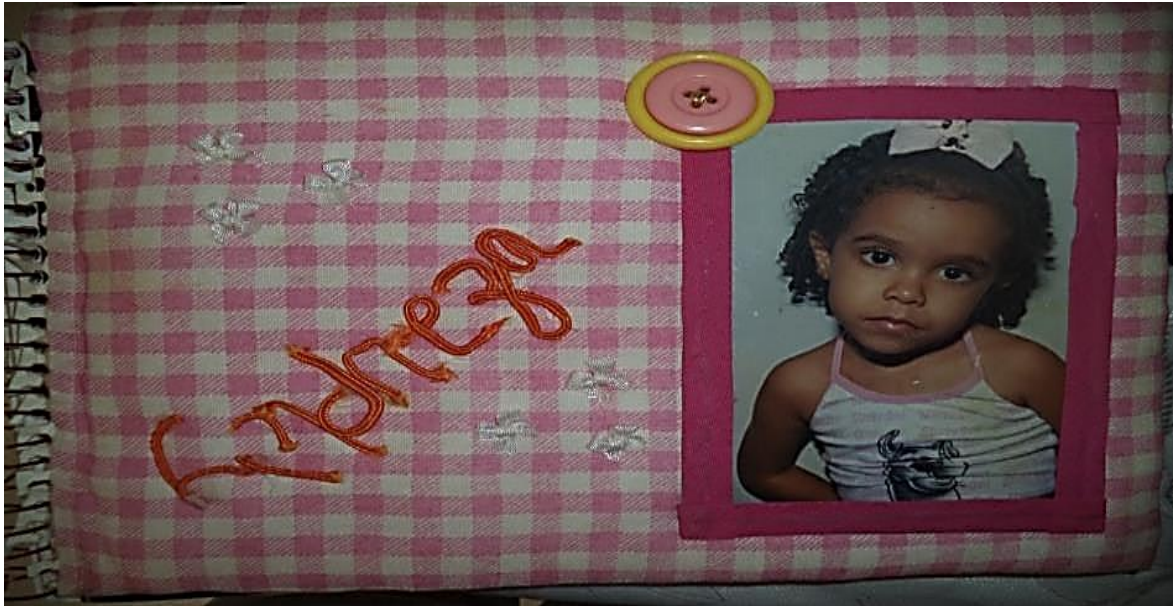
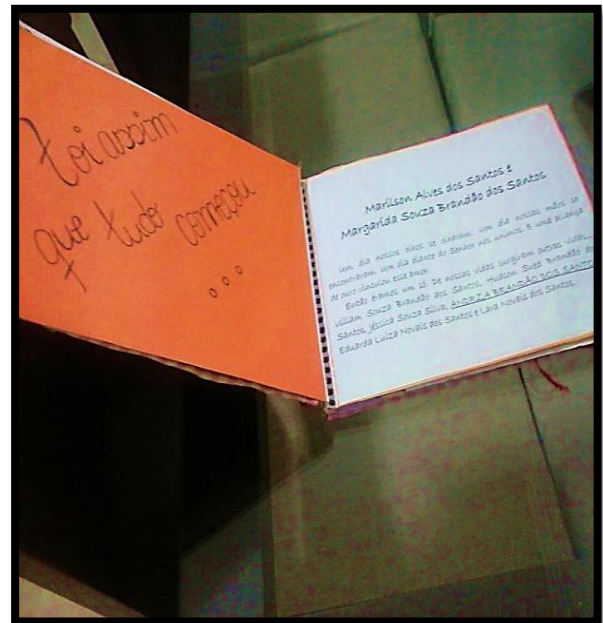


Imagem 48 – Caderno de aluna, 4ª edição. Fonte: Arquivo pessoal da aluna. Ano, 2010.

Dentre as práticas escolares do FAL 2010, a imagem 48 retrata a capa de caderno elaborado por aluna. Visualiza-se que é um caderno de espiral cuidadosamente encapado com tecido xadrez rosa e branco. Há uma moldura rosa escuro e foto da infância colada, botão amarelo e rosa, pequenos laços brancos de fitas, nome da aluna escrito com linha laranja.



Sequência de imagens, 49 e 50 – Caderno elaborado por aluna do Colégio Nilde Xavier. 4ª edição do FAL, 2010. Fonte: Arquivo pessoal da aluna. Ano 2010.

O caderno é um artefato material considerado apropriado para a organização da aprendizagem, pois nele anota-se dados, resolve-se exercícios, exercita-se o raciocínio e

possibilita ao professor acompanhar as aprendizagens individuais. O caderno apresentado contempla essas funções, além de exercer a de diário, para resgatar as memórias vividas e construídas da aluna, a partir das representações.

A imagem 49, contracapa do caderno, indica que ele foi organizado com colagens de coração feito com cartolina rosa, recorte de modelo de revista e diferentes figuras adesivas. Essa bricolagem foi direcionada à mãe. Há erros ortográficos, que revelam o processo de alfabetização da aluna. Quando fez a bricolagem era criança, e foi uma forma de demonstrar afeto e valorar a presença da mãe na sua vida. Ao lado do coração, há uma carta destinada ao pai, escrita em 10/08/01, provavelmente como homenagem ao dia dos pais, na época de criança. Na carta havia desenho representando a família e dedicatórias de amor ao pai.

A imagem 50 a aluna escreve a frase: “Foi assim que tudo começou” e na outra página faz uma representação de uma história de amor dos pais como tudo começou, conforme a imagem 51. Na imagem 52 a aluna destaca a foto do casamento dos seus pais.

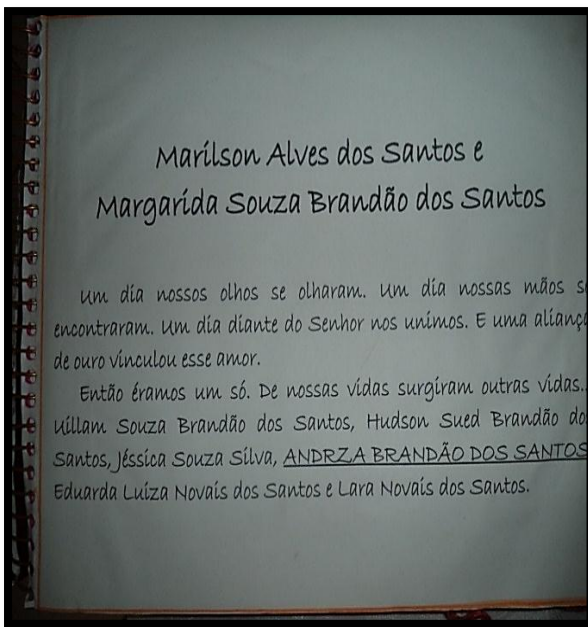


Imagem 51 – Caderno de Aluna do Colégio Nilde Xavier. 4ª edição do FAL. Arquivo de aluna. Ano, 2010.

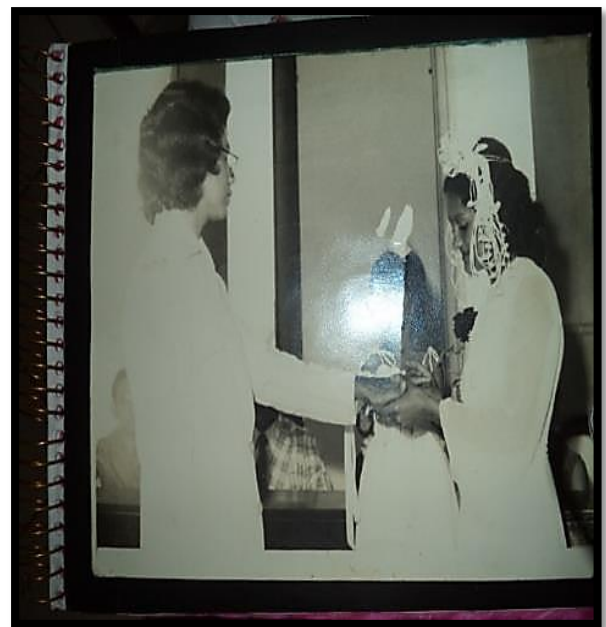


Imagem 52 – Caderno de Aluna do Colégio Nilde Xavier. Colagem de foto de casamento. 4ª edição do FAL. Arquivo de aluna. Ano 2010.



Imagem 53 – Página de caderno da aluna, 4ª edição do FAL, ano 2010. Arquivo pessoal de aluna.



Imagem 54 – Página de caderno da aluna, 4ª edição do FAL, ano 2010. Arquivo pessoal de aluna.

Na imagem 53 a aluna coloriu com fundo rosa choque e colocou duas fotos de uma pessoa grávida, o que sugere pensar ser a sua mãe, na praça central da cidade e a outra foto próxima de um rio. Ao lado na figura 54 a aluna colou uma foto dela e escreveu a frase *Quem sou eu?* A partir de recortes de letras impressas em revistas.

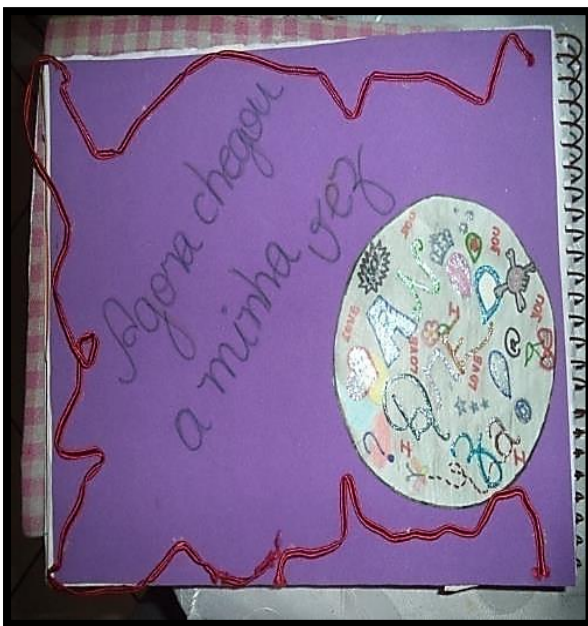


Imagem 55 – Página de caderno de aluna, 4ª edição do FAL, ano 2010. Fonte: Arquivo pessoal de aluna.



Imagem 56 – Página de caderno de aluna, 4ª edição do FAL, ano 2010. Fonte: Arquivo pessoal de aluna.

A imagem 55 a aluna colou a borracha EVA-EtilVinil Acetato, roxo e contornou com uma linha grossa vermelha e destacou seu nome com gliter, desenhou algumas figuras na folha de papel A4. A imagem 56 ao lado a aluna descreveu um pouco sobre a sua vida e as representações que construiu sobre si.

Na imagem 57 a aluna pintou o fundo rosa choque e colou uma foto dela fazendo uma apresentação e na imagem 58 colou EVA como pano de fundo e fez algumas molduras rosa, verde e roxa e colou algumas fotos de várias fases de sua vida. Ao lado colou EVA na cor laranja em forma de flor e um botão vermelho no meio com uma linha dourada.

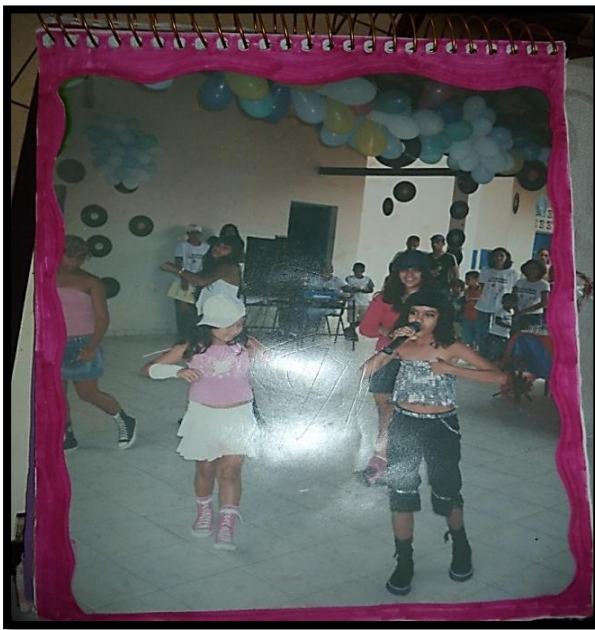


Imagem 57 – Página de caderno de aluna, 4ª edição do FAL, ano 2010. Fonte: Arquivo pessoal de aluna.

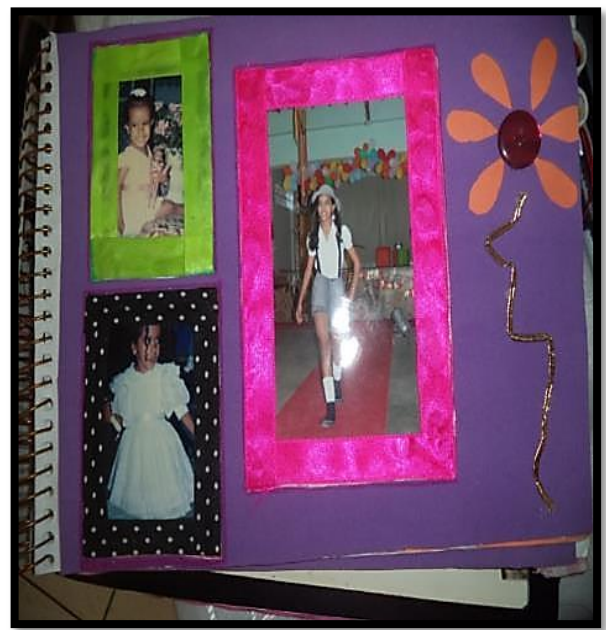


Imagem 58 – Página de caderno de aluna, 4ª edição do FAL, ano 2010. Fonte: Arquivo pessoal de aluna.

A aluna decorou em forma de flor com EVA roxo e sobre as folhas do caderno utilizou-se como pano de fundo um papel na cor laranja e destacou com caneta vermelha a frase: “Pessoas especiais que cruzaram o meu caminho”, conforme a imagem 59. Na próxima folha colou o pano de fundo com um papel laranja e algumas fotografias dos irmãos, cunhada, dela e ao lado colocou uma flor que desenhou por meio de fitas nas cores branco, vermelho e dourado, imagem 60.

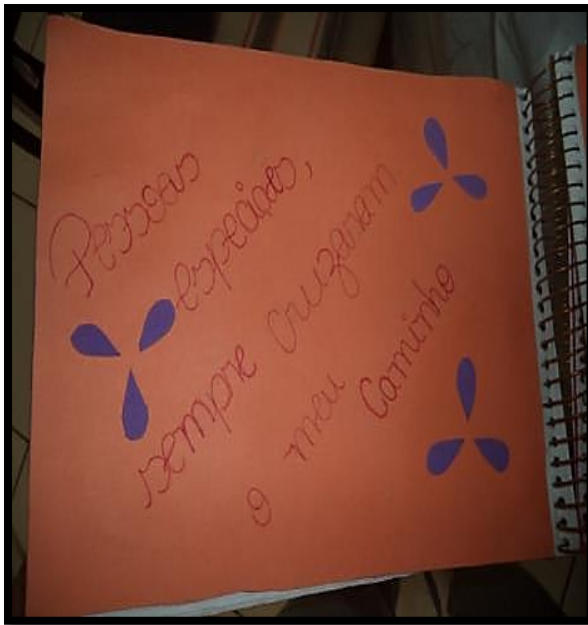


Imagem 59- Página de caderno de aluna, 4ª edição do Festival, ano 2010. Fonte: Arquivo pessoal de aluna.

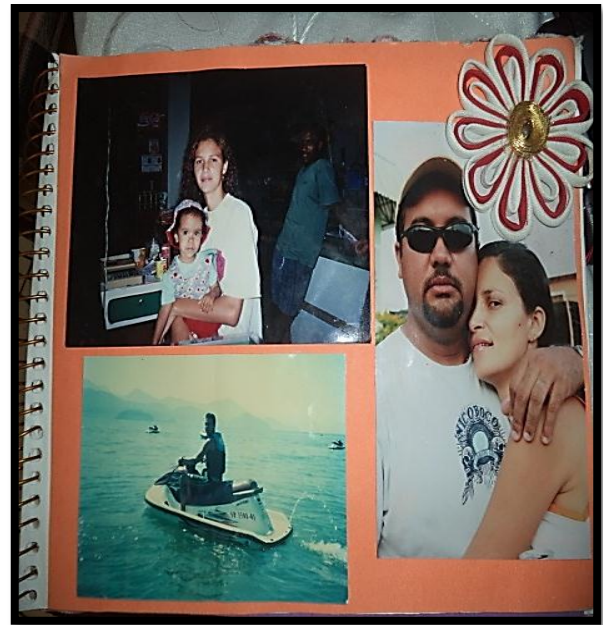


Imagem 60 - Página de caderno de aluna, 4ª edição do Festival, ano 2010. Fonte: Arquivo pessoal de aluna.

A seguir reproduz-se outras páginas com fotografias representando momentos da história de vida da garota, Imagens 61 e 62.

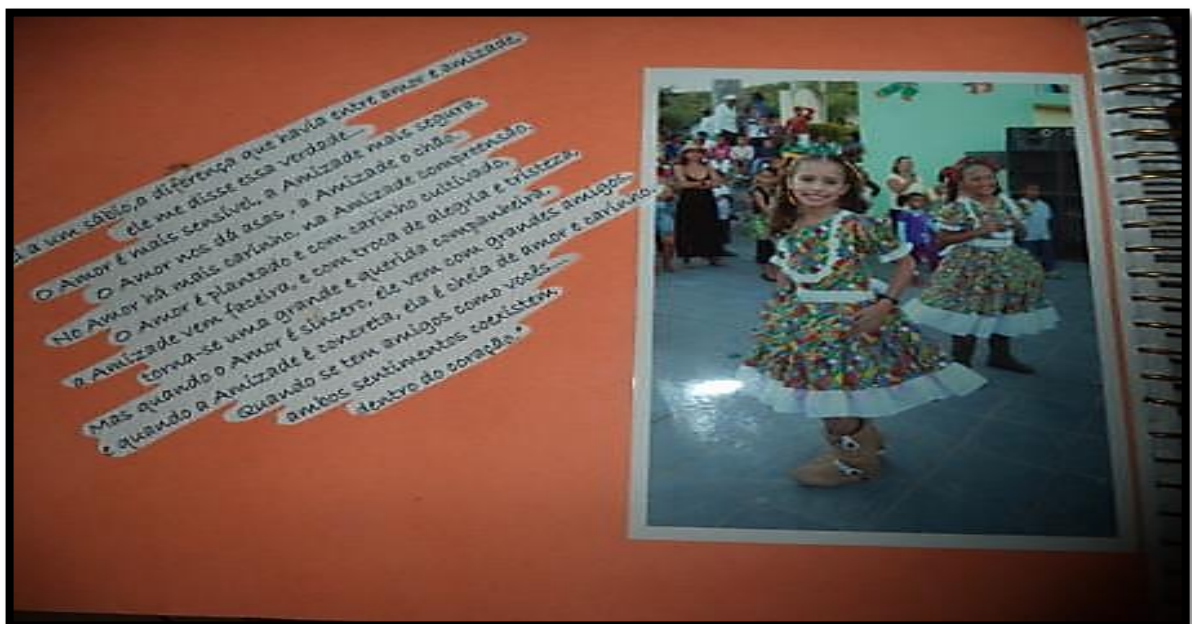


Imagem 61 – Página de caderno de aluna. Colagem de foto, 4ª edição do FAL, ano: 2010. Fonte: Arquivo pessoal de aluna.



Imagem 62 – Página de caderno de aluna. Colagem de foto, 4ª edição do FAL, ano: 2010. Fonte: Arquivo pessoal de aluna.

É pertinente apontar que o caderno possui várias outras páginas, porém foram selecionadas apenas algumas que representavam as fases de sua vida. Há páginas que a aluna menciona preferências, pensamentos e apropriações que construiu no seu processo escolar.



Imagem 63- Convite da 4ª edição do Festival, ano 2010. Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem 63 visualiza-se o convite da 4ª edição do Festival no ano de 2010. Durante o ano letivo abordou-se a obra literária *Um Girassol na Janela* e o ECA, como já foi dito. Na

imagem evidencia uma parede cor de púrpura e a janela de madeira estilo colonial aberta e há uma flor de girassol. No lado externo as cores azul e branco representam o desenho do céu e nuvens. Abaixo, o piso é xadrez nas cores amarelo e azul e no centro há crianças em círculo de mãos dadas brincando. As palavras ao lado foram digitadas na cor preta em linhas transversais “*Faça parte dessa brincadeira também! Tema: A literatura, o lúdico e suas associações com o ECA*”. No layout do convite há local e data do evento.

A figura do girassol na janela dialoga com o tema do livro e a imagem das crianças sugere pensar na interação dos alunos e nas relações sociais estabelecidas no espaço de sala de aula. Os sentidos que os sujeitos produtores do convite atribuíram ao desenho ao tentar ilustrar símbolos abordados durante o ano letivo alude à apropriação da temática da 4ª edição do Festival no ano de 2010. Além disso, a imagem reelaborada em computador e impressa em papel cartão dialoga com as subjetividades das brincadeiras de rodas. Indica os efeitos da escolarização no sentido de compreender o espaço escolar de integração e respeito.

É pertinente enfatizar o resgate de um caderno de ata produzido durante as atividades do ano de 2010, conforme as imagens 64 e 65.



Sequência de Imagens 64, 65- Capa de caderno de Ata e páginas abertas, 4ª edição do Festival, ano: 2010. Fonte: Arquivo de professora do Colégio

As imagens 64 e 65 remetem ao caderno de ata produzido por alunos com o auxílio do professor para registrar os acontecimentos em sala de aula, pois surgiu a reflexão sobre a falta de hábito em escrever atas, ofícios, documentos para registrar as ações nas escolas. Relatou Aparecida (2013): “Uma coisa que não tínhamos o hábito de fazer era ata, não fazíamos ata de nada, das nossas reuniões [...] Não fazíamos atas de nenhum de nossos acontecimentos, [...]”

temos tudo em CDs, DVDs, muitas vezes gravado [...] faltou orientação, faltou maturidade [...]”. Percebe-se que não possuíam o costume de registrar as reuniões e as solicitações não ocorriam em forma de ofício. Utilizavam muito mais da oralidade e até de mídias de CDs e DVDs para armazenar os fatos ocorridos, mas a escrita não era prioridade. A professora continuou: “[...] muitas vezes falta maturidade e vamos aprendendo com o tempo, né. Sempre que ia solicitar uma determinada coisa eu não fazia um ofício tudo era de boca, entendeu? [...] uma escola tão pequenininha, numa cidade tão simplesinha, num lugarzinho no meio do nada [...]”.

A partir da fala da professora compreende-se a representação construída de escola, cidade e lugar, como algo pequeno no qual a palavra vale o escrito, porém na apresentação do Festival ocorreu um fato que fez a escola repensar suas práticas, conforme relatou Aparecida:

[...] o rapaz que ia filmar o evento na última hora disse que não ia filmar e foi ai que decidimos a partir daquela hora que tudo nosso seria via ofício, porque ele disse que não recebeu o recado, mas se tivesse assinado não teria como negar [...] a professora Analia falou: Aparecida sempre que você convidar alguém ou requerer qualquer serviço de alguém, tudo via ofício para não acontecer isso. Então, as coisas vão nos ensinando [...] Muitas vezes não temos maturidade somos tão ingênuas às vezes nas nossas ações e esquecemos essa parte. Esquecemos de anotar o que fizemos e depois quem é que vai dizer que fizemos ou não? É a ata que vai dizer o que está lá, o preto no branco, né. Agora aprendemos a fazer essas coisas. Para você vê como somos [...]

Nas memórias a professora Aparecida mencionou o fato de não priorizar o documento escrito ocasionou consequências para a instituição de ensino Nilde Xavier, pois numa edição do Festival não houve gravação, devido a falta de comunicação escrita entre o colégio e o prestador de serviço. Notável esse esquecimento, a falta de intimidade com a cultura escrita, pois o ambiente escolar é o lugar no qual busca-se privilegiar a leitura e escrita. Essa experiência desenvolveu uma atividade escolar, conforme as imagens 64 e 65 resgatadas da turma do 1º ano A do Ensino Médio. A professora sugeriu aos alunos a produção de um livro de ata, por meio de um caderno de brochura de capa dura que foi cuidadosamente encapado com papel camurça azul marinho e papel dobradura (espelho) na cor rosa escuro e caneta gel glitter prateada para fazer os contornos. Neste caderno os alunos descreveram as práticas escolares ocorridas durante o período de 03 de março de 2010 a 20 de maio de 2010.

Ao percorre-se as folhas escrita do caderno verifica-se que havia muitos escreventes (secretários), pois não era tarefa de um único aluno, mas uma prática coletiva de escrita. Sublinha-se o modo de inculcar nos alunos a importância de anotar. Essa atividade resultou

numa prática escolar de sala de aula, um modo de preparar os alunos para atuar em espaços fora da escola.

Atrelado a essa leitura de *Um Girassol na Janela* e os artigos do ECA outros textos literários foram lidos e discutidos durante o ano letivo, inclusive a poesia *Meus oito anos* de Casimiro de Abreu, na qual os alunos relacionaram com o romantismo no Brasil e tentaram resgatar a importância da infância com o ECA. Houve também uma atividade escolar, cujo tema, *Violência Gera Violência*, partiu da música *Gentileza* da cantora Marisa Monte. Resgataram a história do poeta *Gentileza* para promover no espaço escolar a inculcação de valores contra a violência e ao *bullying* na escola. Com as produções textuais foi realizado um sarau.

A imagem 66 remete à apresentação da 4ª edição do Festival no pátio do Colégio Nilde Xavier, no qual os alunos encenam uma peça teatral e dançam coreografias com a temática desenvolvida durante o ano letivo de 2010. A ornamentação é composta de tecidos de TNT verde e flores de girassol desenhadas e coladas por cima do tecido, para simbolizar a obra *Um Girassol na Janela*. Há um quadro com imagens de crianças, o que representa o Estatuto da Criança e Adolescente.



Imagem 66- Apresentação de alunos no pátio do Colégio, 4ª edição do Festival, ano 2010. Fonte: Arquivo pessoal.

Como é possível constatar na imagem, havia interação entre os alunos e destaca-se a presença da comunidade na plateia, inclusive é importante enfatizar que havia pessoas sentadas no chão assistindo as apresentações dos alunos. Desse modo, compreende-se que há uma relação social entre a escola e a comunidade.

V Festival de Arte Literária – Quarto de Despejo. Ano de 2011

O Festival, desse ano dedicou-se à obra de referência *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus, conforme a imagem 67. Por meio da leitura desse diário os entrevistados narraram que foi realizado um passeio pela história social e geográfica do Brasil, observando as diferenças culturais e sociais do povo brasileiro. Objetivou-se, como proposta curricular na disciplina de Língua Portuguesa, problematizar a forma como o registro da memória se processa na literatura e a proximidade entre o real e o ficcional; a percepção dos elementos que compõe a narrativa memorialística e a marca do tempo, do ponto de vista e a mediação do narrador, as escolhas lexicais; o caráter subjetivo da narrativa e a relação que este possui com o real.

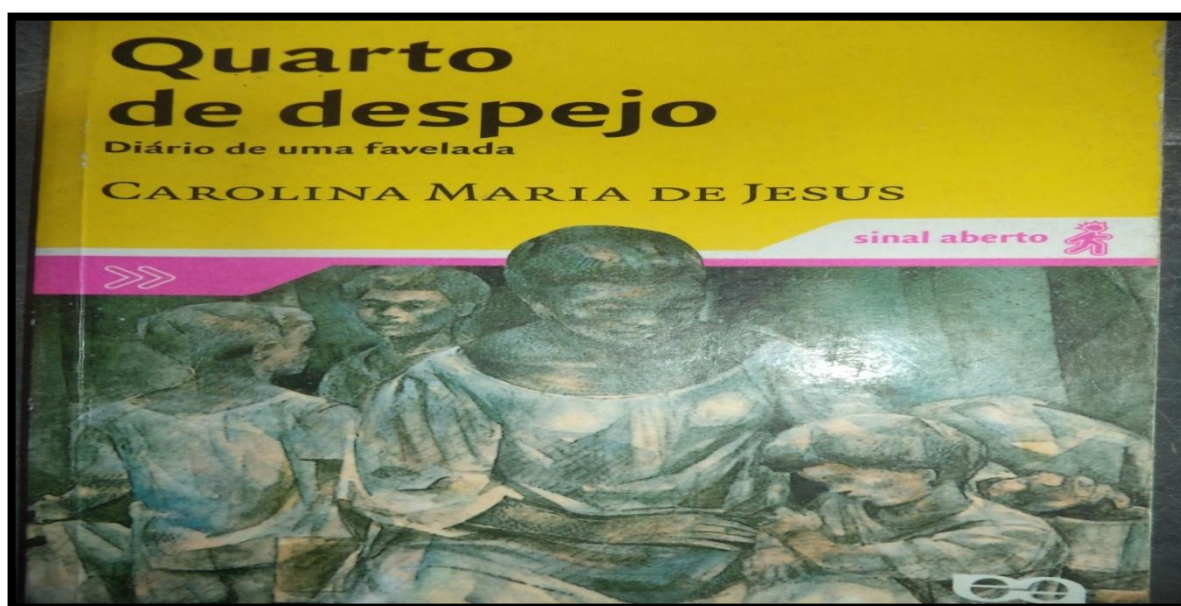


Imagem 67- Capa do livro *Quarto de despejo*, 5ª edição do Festival. Ano 2011. Fonte: Arquivo pessoal.

A obra serviu de pano-de-fundo para diversos outros trabalhos paralelos, tais como: a fome no Brasil, a desigualdade social e a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Nesse evento o tema “Gênero” também foi evidenciado como relatou a professora Aparecida: “puxamos o viés para a questão da mulher, por ela ser mulher e ver os dilemas que ela vivia, enquanto mulher, mãe, solteira, moradora da favela do Canindé” – uma referência à personagem de *Quarto de Despejo*.

No decorrer do ano letivo algumas estratégias didáticas foram aplicadas para se obter o envolvimento dos alunos e efetivar diálogos com a obra *Quarto de Despejo*. Os professores apresentaram textos, músicas, filmes, tais como: artigos da Lei Universal de 1948 -

Declaração Universal de Direitos Humanos, Um quilo de paz de Rogério Davi, *Haverá paz* de Affonso Romano de Sant'Anna, *Lira paulistana* de Mário de Andrade, recorte do livro *Violência Urbana* de Paulo Sergio Pinheiro, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, *Diário de Classe* de Bartolomeu Campos de Queiroz, *O bicho* de Manuel Bandeira e textos de alunos. As músicas: *O meu país* de Zé Ramalho, *Comida* do grupo Titãs, *Miséria* do grupo Titãs, *Pérola Negra* de Daniela Mercury; o curta metragem *Vida Maria* de Márcio Ramos e o filme: *Diário de motocicleta* também foram apresentados.

Com a leitura de *Quarto de despejo* os professores organizaram debates sobre habitação e direitos do cidadão. Os alunos produziram seminários, painéis imagético, artigos, textos dissertativos, narrativos, poéticos, notícias e folheto de propaganda, com destaque para temas: O que é moradia digna? Os direitos das mulheres bem como a tolerância e respeito às diferenças culturais, sociais, étnicas, econômicas, religiosas e estéticas foram discutidos durante o ano letivo.

Para melhor compreensão dos casos de violência contra crianças e adolescentes e obter informações sobre os sofrimentos físicos, psicológicos e sociais, as causas e consequências que a violência gera, os alunos realizaram entrevistas no Conselho Tutelar da cidade e na comarca da justiça do município de Palmeiras. Os professores convidaram integrantes do Conselho Tutelar para ir ao colégio e realizar palestras com vídeos e relatos de experiências. Objetivava-se ensinar os alunos a identificar os primeiros sinais de violência, especialmente a violência simbólica.

A coordenadora pedagógica Silvia (2013) rememora:

Quando fizemos o FAL baseado no livro *Quarto de despejo* eu gostei muito, mas foi um livro que eu não gostei de ler, eu até falava, nossa! Mas por que esse livro? Porque essa leitura de diário não é uma leitura que me interessa, que me encanta [...], mas eu li, porque para eu criticar eu tenho que ler primeiro. [...] eu tive discussões aqui com os professores, eu disse assim: gente! Mas é uma leitura tão maçante, mas a proposta do trabalho em si no final foi muito boa. O resultado dele foi emocionante [...]. Então, essa de trazer esse livro no final para mim foi engrandecedora, porque ela foi aquele tapa com luva de pelica: você não gostou do livro, agora toma! Olha ai, nós trouxemos resultados. Olha! Olha o que nós, o que construímos com ele, então, me trouxe outra visão e eu passei a olhar o livro com outro olhar.

Nas memórias da coordenadora pedagógica é possível identificar conflitos, divergências na escolha da obra literária *Quarto de despejo*: descontentamento, sentimento de emoção, reflexão, estratégias e criatividade dos professores e alunos nas práticas escolares. Vislumbra-se, a partir das relações estabelecidas entre professores e alunos, processos de

reprodução de modelos de conhecimento e a produção de novos saberes, representados pelos artefatos da cultura material escolar, que foram sendo gestados para o Festival.

A professora Anália relatou suas práticas escolares a partir de *Quarto de despejo*: “[...] eu trabalhei com a fome [...], eu conheci bem o livro e a gente fez uma seleção de todas as vezes que ela referia à fome e fizemos um destaque literário disso [...]” Anália (2013). Considera-se a partir das memórias da professora que houve uma tentativa de apropriação da obra *Quarto de despejo* para realizar as atividades escolares e produzir materiais para o ensino e aprendizado. A professora continuou a rememorar suas práticas de ensino, Anália (2013): “[...] Na sala a gente tentou colocar as coisas assim, mais ou menos no contexto da escritora, ai colocamos pão que é um símbolo de saciar a fome”. As memórias da professora sugere refletir que partir da leitura do livro ela construiu representações sobre a obra *Quarto de despejo* e utilizou-se o pão nas suas práticas escolares como símbolos para ressignificar o contexto da obra literária.

A ex-aluna Nair (2013) recordou a edição de *Quarto de despejo* na sua época de aluna do colégio e disse: “O que eu lembro? Da movimentação, principalmente do pessoal arrumando as salas, o que é mais legal um ajudando o outro. A questão das sugestões para a ornamentação. Um tem uma ideia, outro tem outra visão e se aquilo combina ou não”. É possível perceber na narrativa de Nair sentimento de nostalgia ao falar da movimentação no espaço escolar, cumplicidade nas tarefas, convergências e divergências nas ideias e da realocação e implantação de novos materiais escolares produzidos por alunos e professores durante as práticas escolares em sala de aula.

A ex-aluna continuou a rememorar o tempo de estudante no colégio Nilde Xavier e a época que participava do Festival Nair (2013): “[...] Correr atrás dos materiais e tentar trazer o ambiente do livro, do assunto para a sala, né. O abstrato para o físico, para mim era o que me chamava mais atenção o que mais me interessava assim, o que eu achava mais legal”. Percebe-se certo encantamento nas memórias de Nair ao lembrar-se da produção e reprodução de materiais, das estratégias dos professores em orientá-los a ressignificar a obra, “abstrato para o físico” para despertava-lhes o interesse pela obra literária.

Ao ser interrogada sobre o contato com a obra *Quarto de despejo* Nair (2013) relembrou: “Eu nunca tinha tido contato com a escritora Carolina Maria de Jesus e a sugestão da pró foi acertada, porque eu nunca descobriria, eu acredito que eu não descobriria aquele livro sozinha, ou por indicação”. A ex-aluna refletiu sobre o desconhecimento da obra *Quarto de despejo* e nas suas memórias essa leitura apresentada na escola não despertava o seu interesse e a sua fala consolida e remete as memórias da coordenadora pedagógica Silvia

(2013), pois para ambas aquela leitura não fazia parte do contexto social delas e somente após a intervenção escolar a obra tornou-se conhecida. Nair (2013) continua: “Até o fato de ela ser semianalfabeta, talvez aquilo na época não me chamasse tanto atenção, porque em 2011 eu estava mais focada, estava tentando ler coisas que fosse mais, mais como se diz? Distintas, os clássicos” recordou Nair (2013).

No seu relato a ex-aluna expôs a importância da escola indicar leituras, mas as suas palavras sugere uma compreensão de preconceito quanto a obra literária sugerida, pois o fato da escritora Carolina de Jesus ser semianalfabeta a obra *Quarto de despejo* não despertava o interesse em Nair ao considerar boas as obras literárias de destaque na literatura brasileira. Nair (2013) mencionou não enxergar naquele momento leituras que considerava ser distante da sua realidade. É pertinente realçar que a ex-aluna mora numa cidade pequena do interior, assim, considera Carolina diferente do seu contexto social, porém favelas e falta de recursos financeiros existe em vários locais do Brasil.

A partir das memórias de Nair verifica-se que ao contrário da coordenadora Silvia (2013) relatar ter esperado os resultados das produções e reproduções no Festival para enxergar as possibilidades e impactos positivos que *Quarto de despejo* poderia trazer para aquele contexto escolar, Nair (2013) narrou que conseguiu enxergar o impacto da obra em sua vida durante as leituras, ao construir relações sociais e adentrar no mundo de Carolina. Nair (2013) lembrou: “[...] ai quando a professora sugeriu, ai eu ah! Tranquilo, ai eu li sem muita expectativa. Ai eu vi o peso daquilo quando ela pediu para eu ler e selecionar as partes mais importantes que me tocava mais, ai o trabalho foi muito mais denso, a absorção do livro foi muito mais intensa”.

É perceptível a estratégia da professora, por conhecer o seu público leitor solicitou aos alunos que selecionassem as partes que eles mais gostavam no livro e isso talvez tenha despertado ou de certa forma obrigado Nair ler a obra com mais atenção e a partir daquele momento um sentimento positivo em relação a obra *Quarto de despejo* a embriagou ao deparar com a personagem marcante Carolina, afirmou Nair (2013): “Eu tinha que prestar muito mais atenção para eu tirar as partes que eu mais gostava. Ai eu fui entrando mais na história e tive contato com um mundo que não é o meu, que era de uma mulher negra, solteira, numa grande favela de São Paulo, semianalfabeta, pobre”.

No seu relato Nair coloca em evidência que enxerga disparidade em relação ao mundo de Carolina e o seu, devido a escritora ser negra, solteira, morar na favela e ser semianalfabeta. A ex-aluna Nair mencionou que até aquele momento desconhecia aquele tipo de leitura e ressaltou o significado que aquele livro trouxe para a sua vida, Nair (2013) disse:

“eu ainda não tinha lido nada próximo disso [...] *Quarto de despejo* foi um peso [...] tem leituras assim que depois a gente vai lembrando. A gente lê e tem um peso naquele momento e conforme o tempo vai passando ela vai adquirindo um peso ainda maior”.

Nas memórias de Nair (2013) é possível identificar as relações sociais que construiu com o livro *Quarto de despejo* e a ex-aluna ressaltou a importância do tempo e das experiências de leitura e de mundo para que determinada obra literária adquira outro destaque, outro valor na vida do sujeito. Ao ressaltar o contexto social e intelectual da personagem do livro Carolina, Nair assinala o que atraía a sua atenção na obra lida: “[...] Ela era semianalfabeta e isso me chamava muito atenção. A questão do limite da técnica para escrever, até porque ela escrevia um diário, ela não escrevia uma grande obra literária, nada disso. E a paixão pela leitura, aquilo era muito bonito, aquilo era muito bonito [...]” Nair (2013).

Nas memórias a ex-aluna expôs o fato de Carolina ser semianalfabeta e, é possível contemplar a preocupação de Nair com a escrita da autora ao ressaltar ser a escrita de um diário, algo para registrar o resgate das memórias cotidianas. Entende-se nas memórias de Nair (2013) após suas observações quanto à escrita e o tipo de escrita da autora causa em si inquietações, porém em seguida ela constrói encantamento por Carolina de Jesus, pelo fato de ter encontrado na obra a paixão da escritora pela leitura.

Percebe-se a questão de gênero mencionada quando Nair (2013) disse: “[...] uma mulher que veio do mundo que ela veio e gostava de ler e ver na literatura uma tabua de salvação e no meio que ela vivia, isso é fantástico, por isso que eu acredito na literatura [...]” Nair na sua narrativa construiu representações sobre a literatura como algo sagrado, salvador que liberta o sujeito e eleva a ascensão social.

Ao rememorar o seu contato com Festival e o ingresso no Colégio Nilde Xavier no ano de 2011 a aluna Maria dos Anjos (2013) disse:

Então, já tinha ido neste Festival e eu já conhecia, porque antes quando a gente estudava em outra escola, a gente ia para conhecer, ia como visitante. Então eu sempre via e ficava imaginando quando eu fosse participar dele e o meu primeiro ano foi bom, porque a gente fez um coral e eu nunca tinha cantado em público. Eu gosto de cantar, mas eu nunca tinha cantado em público, cantado e tocado igual eu toquei e foi uma experiência linda para mim a primeira vez, porque pró Aparecida foi sempre auxiliando a gente, mesmo a gente querendo desistir [...] e foi bom, porque a gente foi perdendo mais a vergonha na escola [...].

As lembranças da aluna Maria dos Anjos (2013) constataam que as outras escolas do município visitavam o Festival e isso gerava expectativas nos futuros alunos do Colégio. Maria dos Anjos (2013) relatou sua primeira experiência no Festival e afirmou ter sido

positiva, pois gostava de cantar e o Festival convidou o coral da cidade, no qual ela participou da apresentação. Nas memórias de Maria dos Anjos tornar-se visível a sua timidez em expressar-se ao público e a representação que construiu sobre o Festival e da professora pelas palavras de incentivo que serviram de ponte para atravessar o desafio de cantar e tocar em público no coral. Maria dos Anjos possuía habilidade com instrumentos, mas o acanhamento a impedia de se apresentar. A imagem 68 demonstra a apresentação do coral no pátio do Colégio.



Imagem 68 - Coral da cidade realiza participação na 5ª edição do Festival, ano 2011. Fonte: Arquivo de professora do Colégio.

A imagem 68 ilustra a participação do coral da cidade na 5ª edição do Festival, ano de 2011 no pátio do Colégio Nilde Xavier, os componentes estão uniformizados de camiseta verde e a maioria vestiam calça preta. Entre os membros do coral é realça a presença da aluna Maria dos Anjos ao tocar instrumento e cantar, conforme relatou nas suas memórias.

Na ornamentação do pátio, o teto foi enfeitado com bexigas nas cores: amarelo, azul e vermelho. Na parede do fundo os professores e alunos utilizaram o tecido TNT para cobrir a parede e faixas de tecidos de chita florida e os temas abordados no Festival, tais como: fome, violência, negro e discriminação colados com letras de formas e desenhados em papel espelho dourado, rosa e verde e um banner com a capa do livro *Quarto de despejo*. No palco elevado cobriram com tecido TNT vermelho e tecido de chita florida desenhado “V FAL”. No lado esquerdo fixaram uma mensagem sobre o Festival e colocaram flores em cima do palco. A imagem não está visível, mas havia uma plateia com alunos, professores e comunidade palmeirense assistindo a apresentação do coral.

Ao ser interrogada sobre a leitura realizada no decorrer do ano letivo de 2011 a aluna Maria dos Anjos (2013) recordou: “*Quarto de despejo* foi um livro que a gente..., da realidade de uma pessoa que tinha tudo para nem dar importância para vida e deixar seus filhos por ai. Não! Ela lutava com unhas e dentes para sustentar os seus filhos”. Nas memórias a aluna parece adotar valores sobre a importância da família e Maria dos Anjos (2013) disse: “[...] a gente leu na sala era um livro pequeno, mas de um conteúdo enorme. Isto foi o mais surpreendente”. No relato a aluna expõe as leituras realizadas no espaço escolar e descreve o tamanho do livro e o conteúdo.

Ao lembrar as práticas de leituras realizadas durante o ano letivo Maria dos Anjos (2013) narrou:

[...] porque quando a gente pegava o livro, aquele livro pequenininho e de repente quando a gente começou a ler, a gente foi lendo, assim a gente não leu todo num dia, fomos lendo as partes, porque o FAL é isso, o FAL não é num dia, não é numa semana que se faz o FAL. O FAL se faz o ano todo desde o início quando a gente pisa o pé que tem a nossa primeira aula de português a gente já está começando a trabalhar com o FAL e depois as outras matérias vão envolvendo até dar o resultado que tu viste lá.

Essa fala de Maria dos Anjos demonstra que, embora alguns professores e alunos no primeiro momento não acreditaram na obra *Quarto de despejo*, é possível compreender o modo como foi ressignificado os artefatos materiais e as relações de ensino e aprendizagem estabelecidas durante o ano letivo. Na culminância do evento a palestra com recorte do livro sensibilizou algumas pessoas e a professora Cecília (2013) lembrou: “[...] eu tenho uma admiração profunda pela professora Vilma Reis, Socióloga que foi convidada para participar do evento”. A professora Cecília recordou da palestra do Festival 2011 e o impacto na sua vida e dos alunos. Ressaltou os ensaios realizados com os alunos da extensão do Colégio Nilde Xavier, na comunidade quilombola de Tejuco e a apresentação da música de abertura do Festival *Pérola Negra* da cantora de Axé Daniela Mercury representada pelos alunos da zona rural.

Cecília recordou com lágrimas nos olhos a temática do livro e as atividades desenvolvidas e mencionou a experiência obtida com a aluna, a qual havia sofrido preconceito em outro colégio da região da Chapada Diamantina, município de Mucugê. Cecília (2013) citou que a aluna abandonou os estudos durante um ano até encontrar outra escola. Ao compartilhar a história de preconceito que a adolescente sofreu no passado e as marcas expressas no seu cotidiano de sala de aula, Cecília sentiu a necessidade de conduzir a aluna a ler o livro *Quarto de despejo*, proposta da 5ª edição do Festival 2011 e assistir a palestra da culminância em novembro.

Cecília narrou que durante a palestra a aluna chorava o tempo todo, por se reconhecer na obra *Quarto de despejo* e na postura da palestrante socióloga, enquanto negra e a cor da pele retinta como a sua, mas com posturas que lhe encorajava a vencer os preconceitos e Cecília (2013) rememorou: “[...] depois desta palestra ela começou realmente a se encontrar, a se perceber enquanto pessoa e foi muito..., uma experiência rica [...] nesse ano de 2011 eu tive o contato direto com o FAL e pude perceber na prática a grandiosidade do evento”. A partir das memórias da professora Cecília (2013) é possível considerar a sua participação no evento e as representações positivas construídas do Festival, após contemplar a mudança de atitude da sua aluna na comunidade quilombola, na qual morava e estudava. É pertinente salientar a circulação de ideias no colégio, pois alunos e professores da zona rural e urbana dividem o mesmo espaço escolar. A imagem 69 remete aos palestrantes do Festival, a professora da UNEB e socióloga Vilma Reis e o professor substituto da UNEB, Fábio Serra, ambos do *campus XXIII-Seabra-Ba*, na época.



Imagem 69 Palestrantes da 5ª edição do Festival, ano 2011. Fonte: Arquivo de uma professora do Colégio Nilde Xavier.

Os palestrantes dialogaram sobre as temáticas abordadas durante o ano letivo com ênfase para as relações étnicas e sociais e a professora Cecília (2013) ressaltou: “[...] todas as palestras são boas, mas a de Vilma Reis, ela falou do lugar de quem viveu o preconceito, então, ela sempre fazia a ponte com a sua realidade. Ela trazia fatos do seu cotidiano para ilustrar sua fala e isto deu uma riqueza tamanha a sua palestra”. A palestrante utilizou-se daquele espaço escolar para contextualizar suas experiências de vida, talvez a maneira encontrada para encorajar outras pessoas a assumir a identidade e a propagar os movimentos

sociais e étnicos raciais e Cecília (2013) continuou: “[...] É uma questão que é nossa, acredito que a Bahia é uma das maiores cidades negras do Brasil e é uma questão que acredito que deveria ser tratada com mais frequência, com mais carinho e não é. E Vilma Reis teve esse cuidado”. A narrativa de Cecília pode ser compreendida como uma crítica à maneira que as questões raciais são debatidas no estado da Bahia.



Imagem 70 - Convite do Festival, 5ª edição, ano de 2011. Fonte: Arquivo pessoal.

A imagem 70 ilustra o convite da 5ª edição do Festival, ano 2011. A produção da arte foi realizada em computador e impresso em papel cartão fosco. O fundo do papel está envelhecido e do lado esquerdo a imagem uma mulher negra com lenço de pano sobre a cabeça, figura de Carolina Maria de Jesus. No convite centralizado o *layout* do tema do Festival: “*História sociocultural do Brasil*” e edição, obra literária, local e data do evento. O sentido atribuído pelos sujeitos ao elaborar o convite faz alusão a obra literária *Quarto de despejo*, a partir da figura de uma mulher negra e o aspecto do papel envelhecido permite refletir as memórias do seu diário, no qual Carolina fazia suas anotações.

Durante o ano letivo os alunos produziram vários painéis para retratar a Lei 10.639/03, conforme a imagem 71 da sala de aula.



Imagem 71- Sala temática Lei 10639/03, 5ª edição do Festival, ano 2011.

Na imagem 71 visualiza-se à sala temática da Lei 10.639/03. As paredes da sala estão cobertas com tecido TNT preto e verde, algumas cordas para representar a escravidão. Os alunos durante o ano letivo produziram diversos painéis que foram expostos nesta sala durante a culminância. É possível constatar no lado direito da imagem, ao fundo alunos deitados na esteira e de pé e a escultura de uma mulher negra com turbante na cabeça, camiseta branca e saia comprida florida de chita, esculpida na madeira.

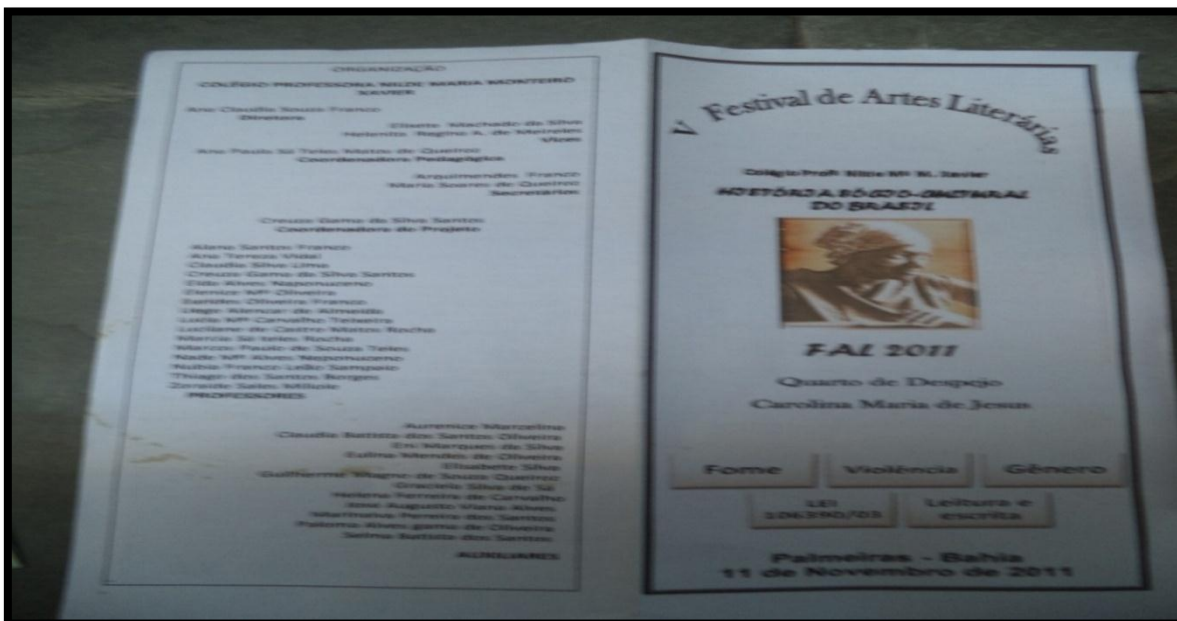


Imagem 72 - Folder da apresentação da 5ª edição do Festival, ano 2011. Fonte: Arquivo pessoal.

No dia da culminância do Festival os alunos fizeram folders para situar os visitantes sobre as salas temáticas, conforme a imagem 72. O folder da 5ª edição do Festival segue o

modelo desenvolvido nas edições passadas: nome do colégio, tema, figura de mulher e ano do FAL, obra de destaque e o nome da autora. Abaixo nos quadrados as salas temáticas e o nome da cidade, estado e data do evento. Na parte interna estava descrito a apresentação do evento e o cronograma das apresentações culturais e no verso a organização do evento com nome do colégio Nilde Xavier e os componentes da equipe; direção, vice-direção, coordenadora pedagógica, coordenadora do Festival, professores e auxiliares.

A professora Cecília (2013) recordou que a extensão escolar do Tejuco não possuía uma grande Biblioteca, apenas alguns exemplares, mas para garantir a leitura dos alunos durante o ano letivo Cecília (2013) mencionou: “[...] eu sai garimpando as obras [...] esse anos nós compramos pela internet, ai eu compro com meu cartão e depois eles me pagam [...] Então, eu tenho o cuidado de ver antes, porque é interessante que o aluno garanta a leitura da obra”. As lembranças da professora permitem compreender que a escola está localizada numa comunidade rural, mas o acesso à internet é possível, devido a professora lecionar na zona rural, porém mora na zona urbana e desloca-se todos os dias para exercer a sua profissão, isso permite circulação de ideias compartilhada de ambas as partes.



Imagem 73 - Distribuição de livros para a Biblioteca da comunidade quilombola do Tejuco, 5ª edição do Festival, ano de 2011. Fonte: Arquivo pessoal de professora do Colégio.

A imagem 73 remete ao final das apresentações do Festival, e o momento de distribuição de alguns livros para contribuir com a formação dos alunos e compor a Biblioteca da extensão escolar, comunidade quilombola do Tejuco. Na imagem 73 visualiza-se a entrega de livros às alunas dessa extensão escolar e evidencia-se também na imagem a professora carregando nos braços a lembrança dos palestrantes confeccionadas pelos alunos da zona

rural, pois na cidade de Palmeiras o artesanato é uma arte cultivada por alguns moradores, conforme narrou a professora Aparecida (2013): “[...] eu fico feliz quando eu vejo o meu aluno costurando, tem aluno que vai lá e faz um fuxico (refere-se a um artesanato) Pró! Eu estou fazendo um fuxico para presentear o palestrante, meus alunos que fazem os presentes”.

A fala da professora demonstra que os alunos utilizam-se do espaço escolar para ressignificar práticas culturais. A professora Aparecida (2013) continuou a lembrar: “Então, quando eu vejo estas cenas na escola eu volto a minha infância, eu fiz tudo isso na minha infância e me dá um prazer muito grande, pois eles falam que a escola é gostosa, como é gostoso ficar na escola”. Nas palavras da professora existe um tom de nostalgia ao relembrar sua infância e continuou Aparecida (2013): “Os meninos vão para escola pela manhã para estudar e no turno oposto estão na escola trabalhando. É noite e eles estão trabalhando, feriado estão me ligando se podem vir fazer alguma coisa para o FAL”.

O relato da professora Aparecida possibilita a compreensão da relação de tempo e espaço, ao revelar que os alunos utilizam o espaço escolar para desenvolver atividades pedagógicas em turno oposto.

VI Festival de Arte Literária – O Amor. Ano de 2012

No FAL 2012 foi tematizado o Amor, na perspectiva inexaurível do tema, das várias formas de manifestação do amor. A professora Aparecida (2013) explica:

Fomos identificando o que poderíamos trabalhar, mas trabalhamos tantos textos..., e dentre estes [...] recorreremos às canções de Vinícius de Moraes, às músicas modernas. Trabalhamos desde o cantor Vando a Zezé de Camargo e Luciano, Luan Santana e outros. Então foi um ano assim que a poesia, a poesia e a música adentraram nos nossos espaços de uma forma assim tão esplendida que nós não dávamos conta. Você pode imaginar que em meio ao Festival houve um pedido de casamento? Houve um pedido de casamento pra você ver como o público se envolveu com esta questão do amor.

Uma das linguagens em destaque nessa edição foi a música e assinala-se o diálogo com as políticas educacionais que circulavam na Rede de ensino do estado da Bahia no período mencionado. Ao verificar-se o projeto estruturante FACE- Festival da Canção Estudantil, implantado em 2008 nas escolas da Rede no ano de 2012, conforme dados⁹ da Secretaria de Educação, que assegura ter contemplado 1055 escolas públicas em 236

⁹Dados da Secretaria da Educação. Disponíveis em: <<http://www.educacao.ba.gov.br/>> acesso: 21/10/2015.

municípios baianos explorando a música nos espaços escolares. Sobre o projeto estruturante - FACE, ver capítulo 1 desta pesquisa.

Durante o Festival abordou-se os seguintes temas: *Amor ao meio ambiente*, *Amor familiar*, *Amor aos portadores de necessidades especiais*, *Amor ao idoso*, *Amor à LPT - Leitura e Produção Textual*, *Amores de Jorge*. As atividades resultantes das temáticas foram apresentações teatrais, poemas, músicas, exposição de trabalhos escolares, produção e reprodução de materiais escolares, entre outros. Aparecida (2013) mencionou: “o relacionamento tem características próprias e certa importância na vida do sujeito e a literatura é um campo mítico por excelência e as metáforas nos textos literários, facilitam a compreensão do tema amor”. Nas palavras da professora compreende-se a relação do sentimento amor com a literatura.



Imagem 74 - Alunos na produção de materiais escolares para a 6ª edição do Festival, ano 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem 74 contempla-se à produção de objetos de decoração realizados por alunos no espaço escolar para a 6ª edição do Festival. Ao rememorar a 6ª edição do Festival a professora Analia (2013) disse: “[...] e trabalhar o amor também, também foi muito emocionante, porque ai a gente foi olhando, quanta coisa, a gente foi vendo..., quanta coisa à gente olha e não vê. Quanto bom dia a gente deixou de dar. E é uma forma tão simples de dar o amor”. A narrativa de Anália dá a entender que a temática do *Amor* possibilitou algumas reflexões aos alunos e professores, tais como: analisar as práticas cotidianas e sensibilizar-se com o outro, estar atento ao redor e enxergar razão na simplicidade, por exemplo, um bom dia ao passar por outra pessoa, pode transmitir respeito. É pertinente ressaltar que professora

Analia mora numa de cidade de interior, onde as pessoas costumam ter esse hábito de saudar o próximo.

A temática *Amor aos idosos* também foi debatida no ano de 2012 e sobre a falta de respeito com os idosos relatou Anália (2013):

[...] Você passa por um idoso e nem enxerga, muitas vezes ele está ali e você não vê, não diz: bom dia! Você nem pergunta como vai. E assim se a gente conseguir mudar isso no comportamento de um ou outro, já é bom. Muitas vezes até em casa, porque muitas vezes a pessoa tem um idoso em casa e nem importa, como se aquela pessoa incomodasse. E não fosse uma pessoa que preparou tudo para que eu pudesse estar ali naquele momento, né, que antecedeu e que melhorou, porque eu acho que o que vem acontecendo nas famílias é isso, cada geração melhora, para que a outra geração possa ter uma vida melhor [...].

Nas memórias a professora Analia (2013) descreve o descaso com idosos e a intenção do Festival buscar implantar no espaço escolar práticas de ensino e aprendizagem voltadas para resgatar valores e respeito esquecidos ou menosprezados pela sociedade. A professora fala da importância do idoso na vida das famílias, como a base das futuras gerações.

Para contextualizar a temática durante o ano letivo os alunos fizeram entrevistas com idosos do contexto familiar e passaram o dia na *Casa do Vovô*, um asilo de idosos na cidade de Seabra, capital da Chapada Diamantina, para estabelecer relações sociais entre pessoas de diversas gerações. Os professores intentavam com essa prática inculcar nos alunos valores, respeito, ensinamentos, o que sugere pensar nessa tarefa como familiar.



Imagem 75 - Porta de entrada da sala temática Amor ao idoso, 6ª edição do Festival, ano 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

A imagem 75 reproduz a porta da sala temática *Amor ao idoso*. É possível visualizar a porta de entrada da sala de aula coberta com TNT branco e uma placa confeccionada em pedaço de madeira envolta com tecido branco e as bordas de tecido de chita florida com ênfase para o nome *Amor*, pintado de tinta de tecido preta. A placa se sustentava por um barbante grosso, pregado no prego pequeno. Havia também barbantes finos segurando a figura representada por pessoa, vestida de listrado amarelo e preto. Os materiais utilizados foram emborrachado EVA para desenhar e colar as figuras da pessoa, coração vermelho e a frase *Amor ao idoso*, escrita na cor preta com letras de formas.

A imagem 76 representa a parte interna da sala temática *Amor ao idoso*, decorada por professores e alunos.



Imagem 76 - Sala temática Amor ao idoso, 6ª edição, ano de 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

Ao adentrar este espaço de sala de aula, presencia-se que os alunos realizaram uma exposição de fotos e textos das atividades produzidas durante o ano letivo. Na parede ornamentaram com tecido TNT vermelho e uma frase digitada *Amor ao idoso*, impressa e colada numa cartolina branca cortada. No centro encontra-se duas mesas cobertas por toalha na cor salmão e sobre a mesas várias fotografias de idosos. No lado direito visualiza-se a produção de cubo, realizada na disciplina de artes, a partir de caixas de papelão sobrepostas encapadas nas cores: vermelho, laranja e marrom, coladas entre si. A figura do cubo foi utilizada para decorar o espaço da sala de aula e demonstrar ao público as atividades pedagógicas. O lado esquerdo da imagem permite avistar a presença de visitantes apreciando textos e fotos expostos no painel imagético na entrada da sala de aula.

O tema Amor ao idoso trouxe várias reflexões aos alunos quando Rosa (2013) disse: “[...] O amor ao idoso, porque várias pessoas não têm aquele amor ao idoso, só porque é idoso não tem a mente igual era antes, maltrata essas coisas, ou seja, o ano passado foi o amor a tudo, entendeu? Foi o Amor ao idoso, ao porteiro, ao professor”. A aluna ressaltou a violência contra os idosos, porém o procedimento dos professores em levar a temática para sala de aula demonstra a tentativa de disseminar valores, ideologias e comportamentos sociais aceitos e desejáveis, por meio das práticas pedagógicas do Festival.

A aluna Rosa (2013) relatou a temática do Festival do ano de 2012: “[...] o ano passado o tema foi *O Amor* e eu fiquei com o *Amor ao meio ambiente* [...] o pessoal de Palmeiras não são todos, mas às vezes eu acho que não tem aquele pensamento [...] sobre como reciclar é bom”. A aluna Rosa narrou a sua sala temática *Amor ao meio ambiente* e expôs a falta de hábito das pessoas em reciclar. É perceptível a partir das memórias que a conduta dos professores do colégio é de transmitir aos alunos a importância de reciclar materiais e preservar o meio ambiente.



Imagem 77 - Sala temática Amor ao Meio Ambiente, 6ª edição do Festival, ano 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

Com a produção de materiais pedagógicos e artísticos na sala de aula *Amor ao meio ambiente* os sujeitos do colégio Nilde Xavier resignificaram o uso da matéria prima local de Palmeiras e atribuíram-lhes sentido educativo. Na imagem 77 sobressai o tecido TNT no painel centralizado escrito com letras maiúsculas a temática da sala: *Amor ao meio ambiente* com papel espelho dourado. Ao redor decoraram corações feitos de tecidos, vermelhos e bordas de chitas. A porta foi coberta de TNT verde e laço vermelho. As paredes foram

enfeitadas em formato de flor, para isso, utilizaram-se de ramos de cipó caititu e taquari, espécie de corda, colhida na natureza para confeccionar balaios, espécie de cesto, usado na zona rural para a colheita de café, mandioca, batata, entre outros. No espaço da sala de aula esses objetos adquiriram a finalidade educativa, preservação e memórias.

Durante o ano letivo o processo de produção e reprodução de material para a temática implicava desenvolver o ensino-aprendizagem. Na mesma imagem 77 do lado direito visualiza-se uma lamparina produzida a partir da reciclagem de uma lata de óleo de cozinha e no chão há uma esteira feita de palha de coco de licuri, fruta do coco. Após suas folhas secarem utilizam-na para a atividade de artesanato, algo comum naquela região. Inclusive é importante lembrar que no passado algumas pessoas utilizavam-se dessa matéria prima local da palha para erguer casas de palhas e morar com seus familiares.

A aluna Rosa traz detalhes sobre as práticas desenvolvidas durante o ano letivo com a coleta de materiais para reciclá-los, Rosa (2013) disse: “[...] e tudo que a gente via, a gente fez um tapete com um coração de papel de balas, todas as balas que a gente via no chão a gente pegava. A gente colocou em todas as escolas uma lixeirinha para colocar só papel de bala para fazer este tapete [...]”. Nas memórias a aluna busca demonstrar que a partir da proposta em sala de aula do *Amor ao meio ambiente* os alunos tentaram mudar suas condutas, tanto no seu espaço escolar do Colégio Nilde Xavier como em outros espaços escolares espalhados pela cidade, ao difundir suas ideias de preservação. Para isso, implantaram lixeiras em outras escolas, recolheram papel de balas e produziram um tapete, conforme a imagem 78.

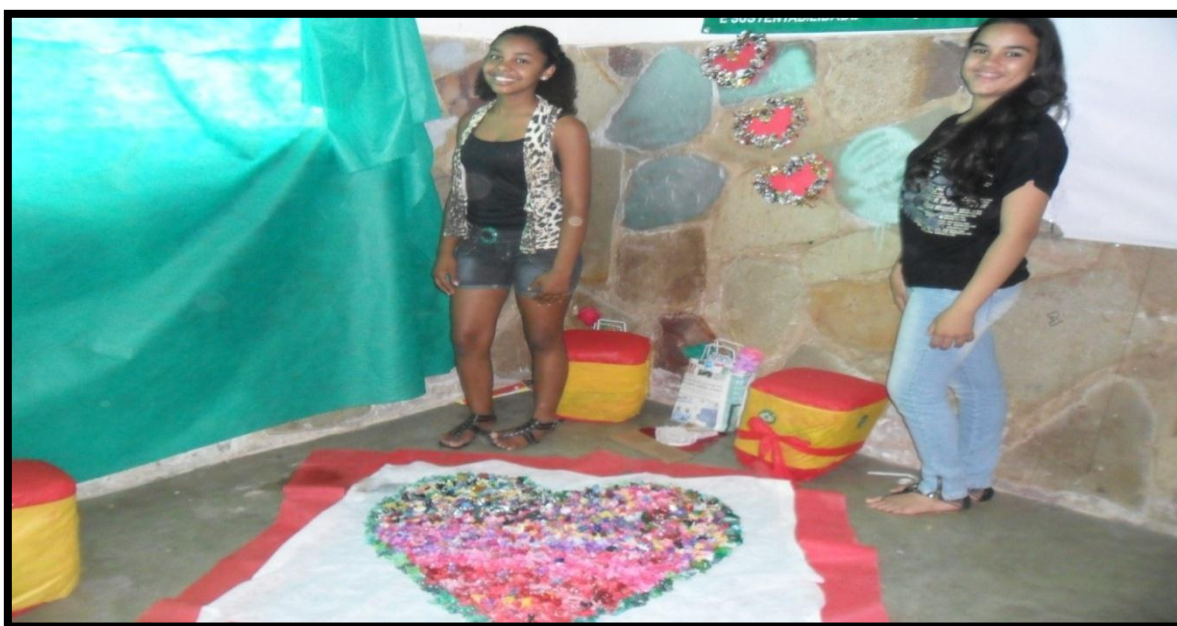


Imagem 78 - Sala temática Amor ao meio ambiente, 6ª edição do Festival, ano 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem 78 observa-se o tapete de coração produzido de papel de balas e há vários *puffs* ao fundo da imagem e do lado esquerdo, confeccionados a partir de garrafas *pet* e para o assento dos *puffs* utilizaram pedaços de madeiras e espumas, cobriram com tecidos de TNT amarelo e vermelho. Nas paredes há também pequenos desenhos de coração feitos de cartolinas e bordas de papel de balas e ainda na imagem 78 entre os *puffs* algumas sacolas produzidas com jornais e revistas e papel A4 usadas. A imagem 79 ilustra melhor a sacola produzida a partir de jornais, revistas usadas.

A aluna Rosa continuou a descrever outros objetos coletados na cidade de Palmeiras para confeccionar novos materiais e realocar no espaço escolar como elementos de ensino aprendizagem, Rosa (2013) disse: “[...] A gente pegou garrafa *pet* para fazer *puff*, a gente pegou CDs, a gente juntou vários CDs para fazer o teto. Ai a gente fez as lembrancinhas de jornal, umas florzinhas de jornal. E o que mais a gente fez? É varias coisas [...]”.

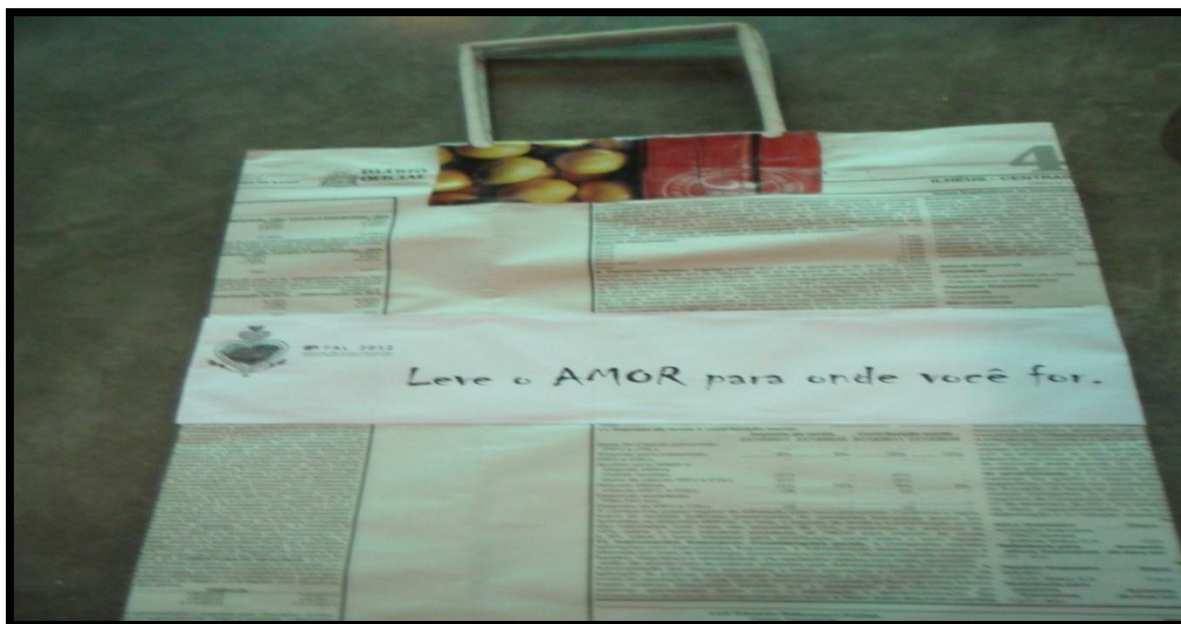


Imagem 79 - Sacola de lembrancinha dos visitantes, sala Amor ao meio ambiente, 6ª edição do Festival Ano 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

A imagem 79 permite identificar que as sacolas foram confeccionadas com folhas de jornais e revistas usadas, porém no centro colocaram o emblema da edição do Festival, impresso em folha de papel A4. Na imagem não é possível visualizar com precisão, mas há uma figura de um coração maior com várias pessoas em círculo com as mãos dadas e há outros dois corações menores um em cima do outro e ao lado direito escrito: 6º FAL 2012 e abaixo por extenso Festival de Artes Literárias, Palmeiras, Chapada Diamantina, Bahia, Brasil e a frase em realce: “*Leve o Amor para onde você for*”. É possível verificar nessa faixa colocada para ressaltar a edição do Festival que eles situaram a cidade do interior, a Chapada

Diamantina ao estado da Bahia e Brasil para demonstrar que Palmeiras está conectada a outras regiões.

A aluna também resgatou em suas memórias a recolha de outros materiais como “CDs para fazer o teto” (Rosa 2013), a imagem 80 descreve as suas lembranças.



Imagem 80 - Sala temática amor ao meio ambiente, 6ª edição do Festival, ano 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem 80 visualiza-se um painel branco exposto na parede com vários textos de alunos produzidos durante o ano letivo sobre a preservação do meio ambiente e desenhos de árvores e flores de girassol distribuído nas paredes da sala de aula. No teto como a aluna Rosa (2013) descreveu em suas memórias havia vários CDs presos ao outro com barbantes até o teto de telha de cerâmica escura, devido o passar dos anos. Preso à madeira está um lustre branco em formato de globo, realizados a partir de copos descartáveis usados, com uma lâmpada no centro, ligado a luz elétrica, conforme destaca a imagem 80. Entre o lustre confeccionado de copo descartável há dois lustres produzidos com ramos de cipó, o que sugere pensar que a intenção daqueles sujeitos, alunos e professores, era demonstrar que tanto os materiais utilizados poderiam ser ressignificados, como no meio ambiente havia matéria prima local capaz de produzir e reproduzir objetos que no ambiente escolar adquiriram outro sentido, outro significado, o pedagógico.

A imagem 81 exhibe a possibilidade de transformar a reciclagem de latas de refrigerante e abridores, caixas de leite, sucos, papelão em objetos como esteiras, confeccionadas a partir de abridor de latas de refrigerantes costurados ao outro, trabalho artesanal.



Imagem 81 - Sala Amor ao meio ambiente, 6ª edição do Festival, ano 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

A partir da imagem 71, podem ser notados os processos de produção de objetos artísticos por meio de materiais, tais como: latas de refrigerantes, de cervejas, caixas de leite, sucos e papelão; materiais recicláveis possíveis de se transformarem em carrinhos de brinquedos, entre outros objetos, conforme a criatividade de cada ser humano. Houve a interação de pessoas simpatizantes com a preservação do meio ambiente que expuseram artefatos produzidos com a reciclagem e o Colégio Nilde Xavier contou também com participação durante o ano letivo do GAP- Grupo Ambientalista de Palmeiras. A intenção da escola, por meio do Festival, é reeducar as práticas cotidianas, pois o espaço escolar é o lugar propício para o ensino-aprendizagem e os professores o utilizam também para transmitir valores, por meio da apropriação que aqueles sujeitos praticam a partir da obra literária ou da temática do Festival. Essas produções e reproduções de artefatos visam o ensino pedagógico.

Nas memórias da aluna é possível compreender o que eles absorvem destas práticas cotidianas além do ensino e aprendizagem, Rosa (2013) disse: “[...] A gente acaba sendo... Acaba adquirindo mais conhecimento que as vezes a gente só ouve falar que tem que ter respeito, mais eu acho que só o respeito não é tudo, eu acho que tem que ter o amor, tem que ter tudo, né?” Vislumbra-se no relato da aluna os conhecimentos adquiridos com essas práticas de ensino e os valores e sentimentos que foram ativados, propagados. A aluna continuou a lembrar, Rosa (2013):

[...] o pessoal lá na nossa sala quebraram a lixeira. Ai o lixo estava ficando no chão e a gente [...] como é que vai fazer? [...] a gente comprou a lixeira [...] eu mesma antes tinha horas que eu pegava o papel de bala e qualquer coisa e rumava (refere-se a jogar) no chão e depois disso em vez de rumar no

chão se não tiver lixo por perto eu coloco no bolso para..., tipo, eu acho que se a gente mesmo fazer a nossa parte, eu acho que melhora bastante né?

Nas memórias da aluna percebe-se a falta de conscientização dos alunos, inclusive destruíam o patrimônio escolar, mas as práticas de ensino implantadas por meio de valores, e respeito houve uma reeducação. A consciência dos sujeitos vai sendo construída. A aluna recordou a experiência vivida e os ensinamentos em sala de aula da professora de Biologia ao relatar um fato ocorrido.

Ai a pró [...] que é professora de Biologia estava passando e um rapaz na frente [...] estava com a latinha de guaraná ele terminou e rumou no chão, ela passou, [...] pegou a latinha e mostrou a ele: Oh! Não faça isso [...] e rumou no lixo. [...] ela falou: Oh! Gente quando vocês observar alguém fazendo essas coisas com o lixo, pegue, mostre, não precisa nem falar nada só de ele ver que a gente pegou e rumou no lixo acho que... [...]. Eu mesma, um dia aconteceu isto comigo, eu rumei no chão ai veio um rapaz pegou. Eu [...] na hora nem liguei tanto. Ai depois que eu fui pensar. Gente! Como é que eu fiz isso? [...] eu acho que as coisas erradas a gente só faz uma vez né? [...] depois disso eu não rumo mais nada no chão [...].

(Rosa, 2013)

Ressalta-se nas memórias da aluna a apropriação que ela faz da fala da professora e a representação que tenta construir a partir das suas práticas cotidianas e das aulas de Biologia.

Durante o ano letivo no Festival abordaram também a temática: *Amor aos portadores de necessidades especiais* e houve atividades escolares de conscientização sobre as dificuldades que estas pessoas enfrentam no seu dia-a-dia. A imagem 82 refere à porta de entrada da sala temática *Amor aos portadores de necessidades especiais*, tema da 6ª edição do Festival. Os materiais utilizados, como nas outras edições foram tecidos TNT vermelho para cobrir a porta e verifica-se que, na imagem preso ao barbante na parte de cima do batente, há uma placa sustentada num pedaço de madeira coberta de pano branco e bordas de chita florida com o nome *Amor*, escrito com tinta de tecido preta. Abaixo há um barbante fino para segura a imagem representada por uma pessoa, com muitas flores produzidas pelo emborrachado EVA coloridas. A figura da pessoa abraça um coração vermelho produzido de papel espelho vermelho e escrito: *Amor aos portadores de necessidades*. Inclusive também na porta um cartaz pequeno com as laterais presas por quatro flores de EVA, duas vermelhas e duas verdes. Na imagem há diversas pessoas, portadores de necessidades especiais e sob a imagem escrito: “Amái ao próximo, se não conseguir, ao menos respeite-o”. Nas palavras iniciais da frase está explícita uma semelhança com o segundo mandamento bíblico: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Da mesma forma que em outros momentos o espaço escolar do Festival busca inculcar valores morais, cívicos e religiosos.



Imagem 82 - Sala temática Amor aos portadores de necessidades especiais, 6ª edição, ano de 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

Dentro da sala *Amor aos portadores de necessidades especiais*, observa-se que o espaço escolar foi todo readaptado com cadeiras de rodas, livros em braile, tapa olho para representar a temática proposta do ano letivo, conforme a imagem 83.



Imagem 83 - Sala temática Amor aos portadores de necessidades especiais, 6ª edição do Festival, ano 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem a visitante está com olhos vedados e uma bengala nas mãos para representar um deficiente visual. Visualiza-se neste espaço que o tom de luz foi escurecido com tecidos TNT vermelho para cobrir as janelas de vidros, procurando criar um ambiente

mais emotivo. Conforme as pessoas adentravam o espaço de sala de aula várias perguntas eram feitas e os alunos e professores tentavam transmitir aos visitantes o respeito aos portadores de necessidades especiais. Nas paredes havia vários painéis com textos de alunos produzidos durante o ano letivo sobre a temática proposta.

A imagem 84 ilustra o caderno de frequência dos visitantes a sala *Amor aos portadores de necessidades especiais*.



Imagem 84 - Caderno de frequência, sala Amor aos portadores de necessidades especiais, 6ª edição do Festival, ano 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

No caderno de frequência da imagem 84 os professores e alunos utilizaram de emborrachados EVA, nas cores verde, preto, branco e vermelho, folhas de papel A4 para imprimir a frase: “Amor aos portadores de necessidades especiais” e uma imagem de uma moça com vestido longo, branco apoiada na cadeira de rodas recebe um beijo na testa de um rapaz vestido de terno preto, sentado na cadeira de rodas. Nas bordas do caderno a direita da imagem, parte superior e inferior constata-se que estava encapada com uma faixa de papel transparente rosa.

Nessa edição o tema do Amor procurou abarcar, como sempre, um autor do cânone literário e aqui no caso, de origem local. A professora Cecília (2013) explicou: “Os Amores de Jorge surgiu assim da necessidade de apresentar Jorge Amado, porque a gente apresenta a gente parte dos..., escritores clássicos. A importância de trazer Jorge Amado no ano passado além do seu centenário, o fato dele ser baiano”. Novamente surge a questão do acesso restrito da zona rural em relação à Biblioteca e à falta de contato com a leitura. A professora continuou a lembrar: “[...] a proposta era trazer as obras de Jorge, mas como motivar esses

alunos a se permitirem ler uma obra que é relativamente extensa para qualquer aluno. E principalmente para um aluno que mora na zona rural”. A professora relata as dificuldades que enfrentava com os alunos em relação à leitura extensa e pensou em estratégias para motivar os alunos na leitura de Jorge Amado, Cecília (2013) disse:

Então, eu fiquei pensando na possibilidade de apresentar o universo de Jorge Amado uma iniciativa no primeiro momento tímida por conta de recursos (refere-se a recursos financeiros) eu chamei a professora Aparecida para dividir essa ideia toda receosa, por quê?...Pelo menos aqui na nossa região nunca teve assim projeto com uma visão de levar os alunos que moram a 500 e tantos quilômetros para a fundação (refere-se à fundação Casa de Jorge Amado na capital Salvador). Ela falou que teria sim condição de dar certo. E a gente começou a trabalhar em cima da proposta. Eu tive a oportunidade de levar várias obras de Jorge Amado para que eles elessem a que eles quisessem ler. Então as obras trabalhadas foram: *Capitães de Areia*, *Terras do Sem Fim*, *O Cavalheiro da Esperança*, *São Jorge dos Ilhéus* e uma quinta obra que eu não me lembro agora o nome. Eu falava com eles que estava tentando a possibilidade de trazer uma oportunidade de conhecer melhor a cultura de Jorge Amado. E até então eu não abria para os alunos que era a viagem, porque eu ficava com medo de falar com eles e eles se frustrarem, porque corria assim um risco de não dar certo, porque é uma atividade que geraria custo. E aí deu certo. Dia primeiro de Junho de 2012 nós saímos a caminho de Salvador, capital da Bahia e ficamos no Albergue do Porto.

Das memórias da professora Cecília emergem as angústias enfrentadas para realizar a atividade educativa fora do espaço escolar ao mencionar somente a parte financeira, mas é possível pensar que para deslocar vários alunos de um espaço rural para a capital da Bahia, ela deve ter encontrado inúmeras outras dificuldades em relação a convencer familiares, alunos, coordenação, direção, professores, porém ela ressalta a parceria que encontrou na outra professora ao compartilhar seu sonho de contextualizar a obra literária com uma visita à instituição cultural, *Fundação Casa de Jorge Amado*, a qual desenvolve atividades culturais e busca preservar a memória do autor.

Cecília falou das obras literárias de Jorge Amado apresentadas aos alunos, mas não havia uma obrigatoriedade na leitura. Ela ressalta a oportunidade dos alunos adentrarem em outros espaços culturais, pois a maioria não os conhecia. “Eles tiveram a oportunidade de conhecer a Fundação, de ir ao teatro, de ir ao cinema. Então, foi uma oportunidade rica. E daí então, eles se aproximaram mais do universo leitor. Eu acho que foi muito válido para todas as partes” Cecília (2013).

A imagem 85 mostra a sala temática *Amores de Jorge*, cujo eixo articulador é a comemoração do centenário de Jorge Amado que ocorreu no ano de 2012. É notável o investimento de colocar em evidência os textos dos alunos e as obras de Jorge Amado em painéis. A porta de entrada está coberta com tecido TNT verde e ao redor há flores amarelas,

no centro da porta há uma placa diferente das demais salas que foram produzidas com pedaço de madeira coberta por tecido de branco. Nesta sala os alunos e professores utilizaram-se do emborrachado EVA escrito: “Amores”. Abaixo há uma figura de uma pessoa abraçada ao coração vermelho com o nome “Jorge Amado”. O teto e as janelas estão cobertos com tecido TNT vermelho. Ao lado da janela há uma mesa com textos de alunos, os quais são permitidos ao público o acesso para manuseio e leituras.



Imagem 85 - Sala temática Amores de Jorge, 6ª edição, ano 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

Na parede os alunos e professora ornamentam o painel branco com a exposição de fotos dos alunos na visita a *Fundação Casa de Jorge Amado* e textos de alunos. Acima há alguns desenhos de alunos representando as obras literárias. Na parede à direita há um painel branco com vários corações e garrafas *pet* cortadas ao meio com trechos das obras de Jorge Amado, conforme a imagem 86 e acima há vários desenhos produzidos pelos alunos em sala de aula com a intenção de simbolizar as obras do autor. As figuras desenhadas e divulgadas na imagem 86 sinalizam ao leitor a refletir sobre os trechos retirados das obras de Jorge Amado. Nesses desenhos percebe-se que os alunos buscam representá-lo a partir das leituras e assimilações que realizaram ao longo do ano letivo. Ao lado da imagem exposta há um convite para os visitantes da sala simulando um chamado de Jorge Amado: “*Venha! Se aproxime... tem um recado para você*”. Vislumbra-se que houve uma apropriação dos alunos em relação às obras ao fazer recortes manuais e digitados de trechos da literatura de Jorge Amado.

Nas imagens 86 e 87 visitantes e alunos observam a sala *Amores de Jorge*. Percebe-se na imagem 87, no fundo da sala de aula um altar com velas e a imagem de iemanjá, um orixá

feminino, da religião candomblé. Na imagem 86 visualiza-se que há muitos corações vermelhos pela sala de aula para representar o amor, mas há também corações azuis próximos da imagem de iemanjá introduzida naquele espaço escolar, conforme a imagem 87.



Imagem 86 - Sala temática Amores de Jorge, 6ª edição, ano 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem 87, temática *Amores de Jorge*, o altar a iemanjá exposto na sala de aula demonstra que para aqueles sujeitos há um diálogo com as obras de Jorge Amado, pois o mesmo busca realçar a figura feminina e orixás nas suas escritas literárias.



Imagem 87 - Amores de Jorge, 6ª edição do Festival, ano 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem 88 *Amores de Jorge* contempla-se alguns objetos materiais que ornamentam a sala de aula. Na parede da frente há uma mesa com alguns objetos

representando a Bahia e as lembrancinhas da sala que foram direcionadas aos visitantes, confeccionada a partir da figura de Jorge Amado.



Imagem 88 - Amores de Jorge, 6ª edição do Festival, ano 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem 88 avista-se um painel, produzido com papel metro branco e as bordas com tecido TNT verde. É possível identificar a figura de um homem e ao lado escrito: “Os amores de Jorge” e a letra “o” da palavra “amores” foi substituída por um coração. Este desenho foi realizado pelos alunos para representar Jorge Amado. Alguns objetos sobre a mesa coberta por uma toalha branca e outra toalha preta remetem à cultura baiana, e o cesto de palha foi produzido com a matéria prima local. Ao lado direito da imagem há uma escultura de uma mulher negra, produzida com folhas de madeirite pintada.

As lembrancinhas aos visitantes estão em evidência nas imagens 89 e 90. Foram produzidas em computador e impressas em papel cartão, saco de estopa, papelão pintado de azul, rendas amarelas e cravos. É perceptível nas lembrancinhas a figura de Jorge Amado em destaque, no centro da figura havia saquinhos de renda amarela com cravos dentro e amarrados. No centro da mesa na imagem 90 foi colocado um cesto pequeno e quadrado com várias canelas em pau, na evidente menção à obra *Gabriela Cravo e Canela*, do escritor Jorge Amado.

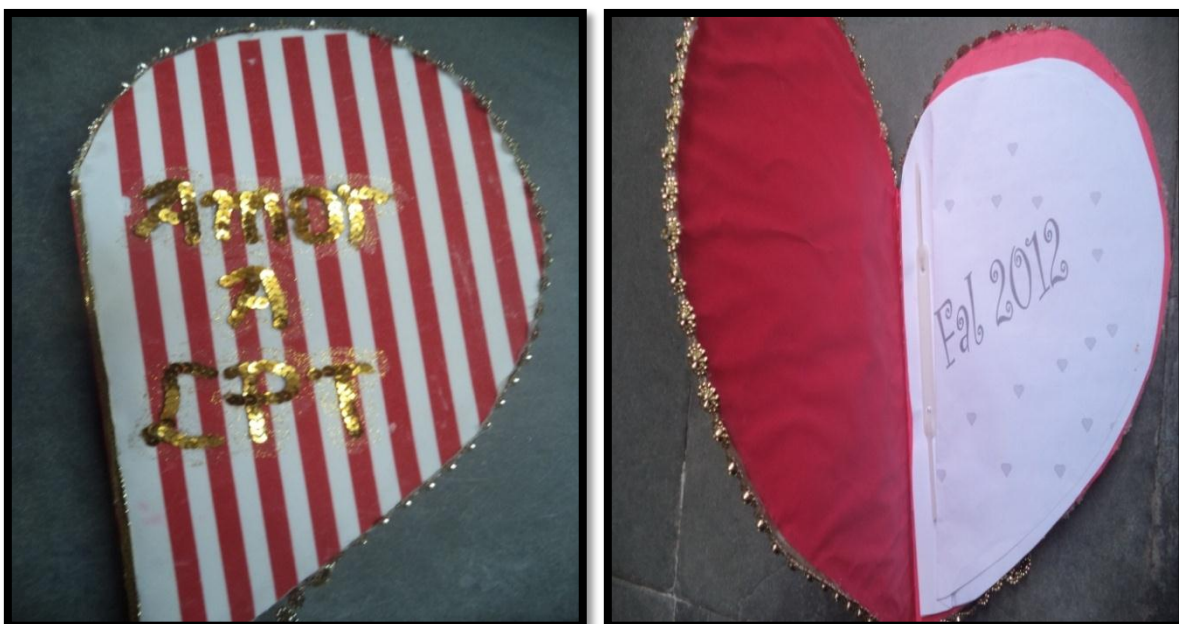
Durante o ano letivo de 2012 outras temáticas foram abordadas como *Amor a LPT- Leitura e Produção Textual*. Nessa sala os textos escritos obtiveram notoriedade. Nas suas lembranças a professora Aparecida (2013) rememora os momentos de incentivo à leitura: “[...] A cada ano nós recebemos alunos da zona rural que não tem a mesma prática. E não é em um ano, não são dois dias, dois meses que conseguimos transformar um aluno em leitor.

Eu fico naquele ano trabalhando devagarzinho [...] na sala também não atinjo o público todo”. A partir das memórias da professora é presumível compreender a diversidade de alunos que o colégio recebe a cada ano letivo e muitos desses alunos chegam ao ensino médio sem o hábito de leitura. A professora descreve que nas suas práticas busca estimular os alunos a ler, mas tem consciência que apesar de investir na leitura não consegue contagiar a todos. No entanto, como educadora insiste nesse processo de ensino e aprendizagem.



Sequência de Imagens 89, 90 - Lembrancinhas, Amores de Jorge, 6ª edição, ano 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

Nas imagens 91 e 92 visualiza-se o caderno de lista de frequência dos visitantes da sala *Amor a LPT*.



Sequência de imagens 91, 92– Caderno de lista de presença, capa e aberto, 6ª edição do Festival, ano de 2012. Fonte: Arquivo pessoal de professora.

O caderno das imagens 91 e 92 foi produzido com intuito de organizar a lista de frequência para os visitantes da sala *Amor a LPT*. Os materiais utilizados na produção foram emborrachados de EVA, branco e vermelho para a capa e no centro foram coladas lantejoulas douradas com a finalidade de realçar a frase “Amor a LPT”. Na parte interna da capa os alunos encaparam com papel camurça vermelho e na folha ao lado branca havia vários corações para representar o amor. No centro da primeira folha estava escrito FAL 2012 e nas demais folhas as assinaturas dos visitantes. Nas bordas do caderno foram coladas rendas douradas.

A imagem 93 alude à sala da leitura, na qual os alunos colaram painéis pintados de vermelho e branco, desenhos de flores, laços, corações e textos produzidos durante o ano letivo. O chão está coberto por tapete, almofadas espalhadas e livros. Vários textos de alunos com a temática do *Amor* foram expostos em cartazes nas paredes da sala de aula. Na imagem não é possível visualizar, mas havia nos cantos da sala baús ornamentados recheados de livros.



Imagem 93 - Sala temática Amor à leitura e produção textual, 6ª edição do Festival, ano: 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

A ex-aluna Nair (2013) em suas memórias ressaltou: “[...] criar esse hábito de leitura sem incentivo dentro de casa é difícil, ao menos que um aluno consiga incentivar o outro [...] os professores pediam ajuda de quem tinha o hábito da leitura para incentivar os colegas”. No relato de Nair transparece as dificuldades enfrentadas no colégio para despertar nos alunos o gosto pela leitura. Naquela região há ainda alguns pais analfabetos ou com pouca escolarização. Para tentar amenizar essa defasagem Nair lembrou a parceria entre os

professores e alunos para estimular a leitura na escola. Nair continuou: “Se você conseguir criar num aluno, numa sala com trinta, o hábito de leitura, por conta do trabalho da escola para mim é muito válido, claro que seria ótimo se fosse os trinta né, mas aquele um ali pode incentivar mais dois à frente [...] e formar uma corrente”. A ex-aluna Nair mencionou a importância de propostas pedagógicas voltadas para o incentivo às práticas de leituras, como essas que mobilizam múltiplas representações sobre a leitura no espaço escolar.

Na 6ª edição do Festival abordou-se o *Amor à família* e a sala foi ornamentada com textos e desenhos de alunos. Nos desenhos evidenciam diferentes modelos de família e os alunos fizeram bricolagem de personagens de revistas e utilizaram fotos pessoais e de familiares para simular a família harmoniosa.

O convite da 6ª edição do Festival exposto na imagem 94 foi digitado e impresso em papel A4. Os materiais utilizados na produção foram os seguintes: fita larga de renda vermelha, faixa amarela de EVA, flor rosa e amarelo, coração com os nomes dos convidados. Dentro do convite havia símbolos de coração em diversos tamanhos. No coração maior havia pessoas em círculo de mãos dadas e dois menores estavam sobrepostos. No *layout* realça-se a edição do Festival, região, estado, país, as iniciais do nome do colégio abreviadas e escrito: O CPNMMX convida amigos e familiares a participarem de um momento especial da nossa escola: O 6º FAL Festival de Artes Literárias! Onde teremos palestras, salas temáticas, apresentações artísticas e culturais. Além da participação do professor e poeta Jorge Portugal e do pastor e psicanalista Ermilton G. Barros, data, local e telefone para contato.



Imagem 94 - Convite da 6ª edição do Festival, ano de 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

No convite estava descrito também dois versículos bíblicos, retirados de 1coríntios, capítulo 13 e versículos 1 e 2: “Ainda que eu fale as línguas dos homens e anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar os montes, se não tiver amor, nada serei ...”. Diante da mensagem do convite e as práticas desenvolvidas no Festival é possível pensar no significado atribuído a palavra amor para aqueles sujeitos na concepção de escola, enquanto ambiente dinâmico, alegre, acolhedor, afetividade, religiosidade.



Imagem 95 - Alunas na abertura da 6ª edição do Festival, ano 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

No dia 08 de novembro na abertura do evento é possível contemplar a participação de cinco alunas trajadas de vestidos vermelho dançando coreografias e adentrando os espaços do pátio do colégio Nilde Xavier, entre as cinco meninas, quatro estão carregando nas mãos um livro grande, conforme a imagem 95.

A imagem 96 retrata o momento que as alunas subiram no palco, recitando versos e abriram o livro dourado. A cor dourado sugere refletir como algo de valor. Ao abrir o livro suas páginas tornaram-se um pano branco de seda com as temáticas da 6ª edição do Festival, tais como: *Amor ao meio ambiente, Amor à família, Amor aos portadores de necessidades especiais, Amor aos idosos, Amor à LPT e Amores de Jorge*. Após a participação das alunas na abertura da 6ª edição do Festival os professores e alunos deram continuidade às apresentações do evento sobre *O Amor* com palestras, exposições de textos, manifestações artísticas e socioculturais.



Imagem 96 - Abertura da 6ª edição do Festival, ano 2012. Fonte: Arquivo pessoal.

Portanto, a partir das memórias, materiais exibidos, citação dos versículos bíblicos no convite, imagem de iemanjá na sala *Amores de Jorge* e lugar de fala dos palestrantes é possível perceber que o Festival além desenvolver o ensino e aprendizagem, produzir e reproduzir materiais escolares, preservar memórias, ressignificar objetos nas práticas pedagógicas na sala de aula, realizar manifestações culturais, artísticas houve também um sincretismo religioso nos espaços escolares e nas práticas de ensino, na qual buscava propagar valores sociais, cívicos e religiosos.

VII Festival de Artes Literária – Palmeiras e a obra *Grande Sertão Veredas*. Ano 2013

Nesta edição do FAL foi contemplada a obra *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa. A escolha resultou de um diálogo entre os professores João José e Aparecida, conforme narrou a entrevistada:

Daí ele (João José) disse: por que você não volta com *Grande Sertão: Veredas* com outro viés, olhando agora para essa questão memorialística. Então, foi a partir daí, pra você ver como o FAL não tem nada de “pronto”, não sou eu que digo o que vai acontecer. As pessoas acreditam que vai dar certo, vão falando e nós jogamos a proposta na Jornada Pedagógica e aí sai o evento.

A obra foi apresentada aos alunos e, com algum esforço, alguns deles conseguiram realizar a leitura, outros se valeram de resumos sobre o autor e obra. A professora Aparecida relatou que houve um seminário montado pelos alunos aos professores de Língua Portuguesa.

Ainda, esteve presente no Colégio Nilde Xavier, professora da UNEB, que ministrou uma aula para todos os alunos sobre a referida obra.

A professora entrevistada Aparecida (2013) narrou à dificuldade que os meninos e meninas do Ensino Médio encontraram para compreender a linguagem do romance:

Oh! Pró está ruim, está difícil de entender o início, aí eu disse pode ir lendo, pode ir lendo, porque você ainda vai se deliciar, pode continuar lendo e ela começou a entender e os olhinhos brilhavam quando ela vinha falar da obra. Ela vinha me contar e quando ela foi apresentar o seminário, você via no semblante deles o prazer de ter lido a obra.

Os professores de Matemática trabalharam gráficos. Os professores de Sociologia discutiram as teorias de Weber, Marx e Engels, tematizando a desigualdade social. Os professores de Língua Portuguesa analisaram *Vidas Secas* sublinhando a vida do povo nordestino. A imagem 97 alude à entrada da sala temática *Grande Sertão: Veredas*.



Imagem 97 - Sala temática: Grande Sertão: Veredas, 7ª edição do Festival, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem 97, entrada da sala *Grande Sertão: Veredas*, baseada nas obras *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa e *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. Orientados pelos professores os alunos modificaram o espaço da sala de aula que foi totalmente reconfigurado para representar o sertão nordestino.

Nos artefatos da sala temática é possível enxergar recortes do livro que os alunos fizeram, porém é pertinente enfatizar que a Festa Literária Internacional de Parati-RJ, ano de 2013, homenageou o escritor Graciliano Ramos e a ideia circulou pelo país. As Olimpíadas Brasileiras de Língua Portuguesa durante o ano de 2013 enviava recortes sobre o autor. Na internet a ideia circulava, pois havia influência da Festa de Paraty e o colégio articulou as

práticas pedagógicas ao conteúdo que circulava sobre o autor e suas obras, conforme mencionou Silvia (2013):

Fazendo recortes do livro, é..., esse trecho assim ele tratou disso e disso, através do recorte, daquele recorte eles faziam uma releitura da proposta do autor. Eles buscaram na internet outras pessoas que falaram. Na FLIP este ano fizeram uns recortes de Graciliano e releituras interessantes que eles chamaram de pingos de Graciliano como eram descritos, né! Então, isto possibilitou que os alunos assistissem vídeos, fizessem através das disciplinas dos professores em suas salas recortes do livro ou trabalhando autores, autores com a biografia, a biografia que tivesse uma relação..., afins e que pudessem tratar daquele assunto que o Grande Sertão tratava, do que nada mais é do que tratar do nosso sertão. A história do sertão brasileiro é característico independente da região que ele se encontra. No nordeste o sertão ..., quando falamos de sertão é tudo muito unificado uns sofrendo muito mais, alguns um pouquinho menos, mas é tudo muito parecido entre uma cidade e outra, não é isso?

Silvia descreveu em suas memórias os recursos utilizados, a rede de relações estabelecidas entre a obra literária e o contexto sócio econômico daqueles sujeitos e as representações construídas sobre o sertão nordestino.

A imagem 98 remete a porta da sala de aula caracterizada pela temática *Grande Sertão: Veredas*.



Imagem 98 - Porta de entrada as sala temática Grande Sertão: Veredas, 7ª edição, ano 2013.
Fonte: Arquivo pessoal.

A imagem 98 retrata a porta de entrada da sala de aula, coberta por papel metro pardo, letras recortadas em cartolina preta, escrito: “O sertão tá dentro da gente” e abaixo colado ramos de matos seco, para ressaltar a seca do nordeste. Percebe-se a representação sobre o sertão, impregnada nos sujeitos, a partir do contexto social que estão inseridos.



Imagem 99 - Sala temática Grande Sertão: Veredas, 7ª edição, ano de 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem 99 é possível verificar o espaço da sala de aula ressignificado, com artefatos que trazem vestígios do sertão nordestino, representado a partir das obras literárias: *Grande Sertão: Veredas e Vida Secas*.

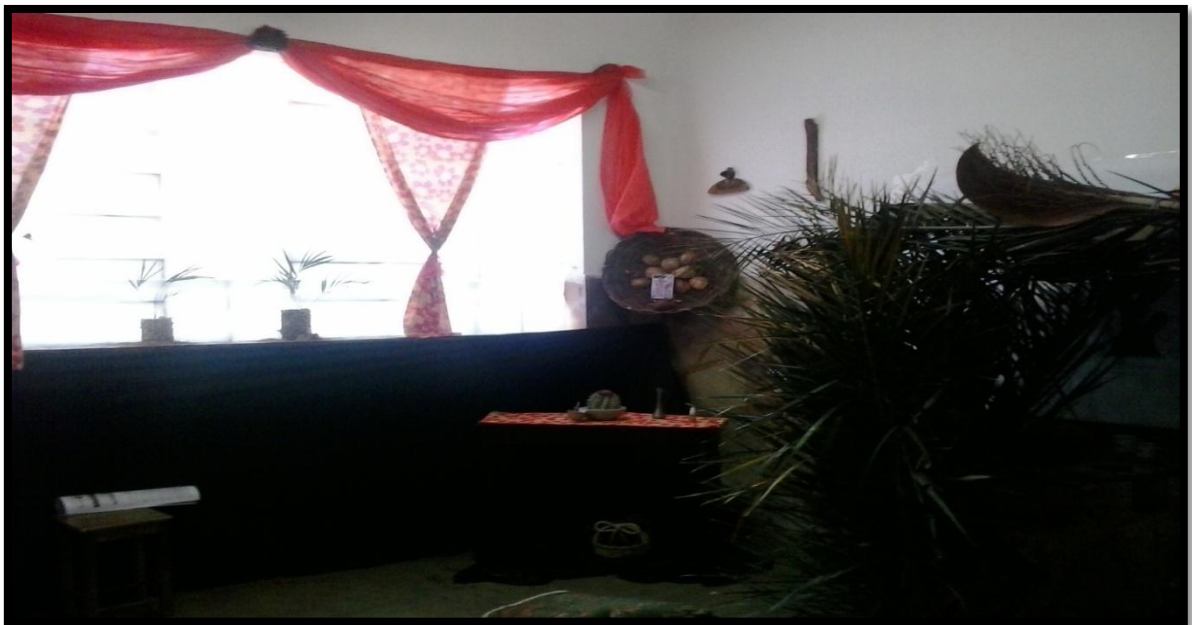


Imagem 100 - Sala temática Grande Sertão: Veredas, 7ª edição do Festival, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse ambiente de sala de aula havia: cabaças, abóbora seca cortada ao meio, velas, enfeites, triângulos confeccionados de folhas de jornais e revistas, barbantes, papel metro branco e pardo, cartolinas, pó de serra, galhos de árvores secas, plantas, esteiras de palha, enxadas, balaios, cestos de palha, ovos caipira, cadeiras, mesas, bancos de madeira, lousa,

tecidos TNT, fitas, desenhos, colas, entre outros, utilizados para resgatar nas memórias dos visitantes o sertão nordestino, conforme a imagem 100. Compreende-se a utilização do espaço escolar e da cultura material escolar em diálogo com as matérias primas e artesanato local; todos esses elementos compondo o cenário do tema proposto.

A imagem 101 refere à “lembrança” da sala literária *Grande Sertão: Veredas*. A lembrança aos visitantes foi confeccionada de concha de coco, parte retirada de cima do pé de coco novo, cortado ao meio. É possível avistar dentro uma flor de fuxico apoiada no palito e a frase impressa “O sertão está em toda parte. Grande sertão: veredas”. Para sustentar a concha em linha reta a base foi produzida de papelão coberto por coador de papel reciclado e seco. Na base uma etiqueta colada com desenhos que remetem ao sertão, o nome da sala *Grande Sertão Veredas* e 7ª edição do Festival.



Imagem 101- Lembrança da sala Grande Sertão: Veredas, 7ª edição, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

É possível verificar que o FAL é um caleidoscópio. Os depoimentos e os artefatos coletados estão repletos de informações e podem ser analisadas por diferentes abordagens epistemológicas. Desse modo, optou-se por pontuar alguns aspectos, como exposto anteriormente, sob a categoria Cultura Escolar e suas subcategorias, dentre elas, a escola, materialidade, cultura material escolar.

Dentro desse tema, *Grande Sertão Veredas*, a festa do Carnaval e o dia em homenagem a São João foram evidenciados como manifestação cultural de Palmeiras. Em Biologia, por exemplo, fizeram trabalhos escritos sobre doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e poluição. O professor de Química abordou em suas aulas o consumo, a poluição, as queimadas, dentre outros.



Imagem 102 - Sala temática São João, 7ª edição do Festival, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

Ao recordar seus tempos de aluna a professora Analia (2013) disse: “[...] desde o meu primário estudando aqui em Palmeiras que a gente festejava São João [...]”. A partir das lembranças da professora Analia é possível assimilar que o colégio Nilde Xavier origina na sua cultura escolar essas práticas há alguns anos. Na sala temática *São João* os alunos e professores utilizaram o espaço da sala de aula para representar os festejos do São João, uma prática cultural própria da região, conforme a imagem 102. Os alunos usaram de papel seda para fazer as bandeirinhas e ornamentar o teto. Cobriram a lousa com bandeirolas e desenhos de meninas e meninos a partir de emborrachados de EVA nas cores verde, vermelho, marrom, amarelo e rosa. Do lado direito da imagem avista-se uma fogueira de lenha montada e no meio dela papel celofane para representar o fogo. Nas paredes constata-se diversos cartazes produzidos com papel metro e cartolinas desenhadas com imagens dos santos juninos. Na sala havia mesas com comidas típicas do São João e com a materialidade dos santos juninos.

Na imagem 103 visualiza-se a lembrança da sala do São João, o *bocapiu*, sacola de palha, artesanal. No traçar da palha para confeccionar as bolsas houve a participação de mães de alunos. Os materiais utilizados foram palha de coco de licuri, tecidos de chita, papel cartão com caricaturas de São João impresso o nome da sala temática e escrito: “*As travessias e as veredas de Palmeiras na obra Grande Sertão: Veredas*” e fitas para amarrar.

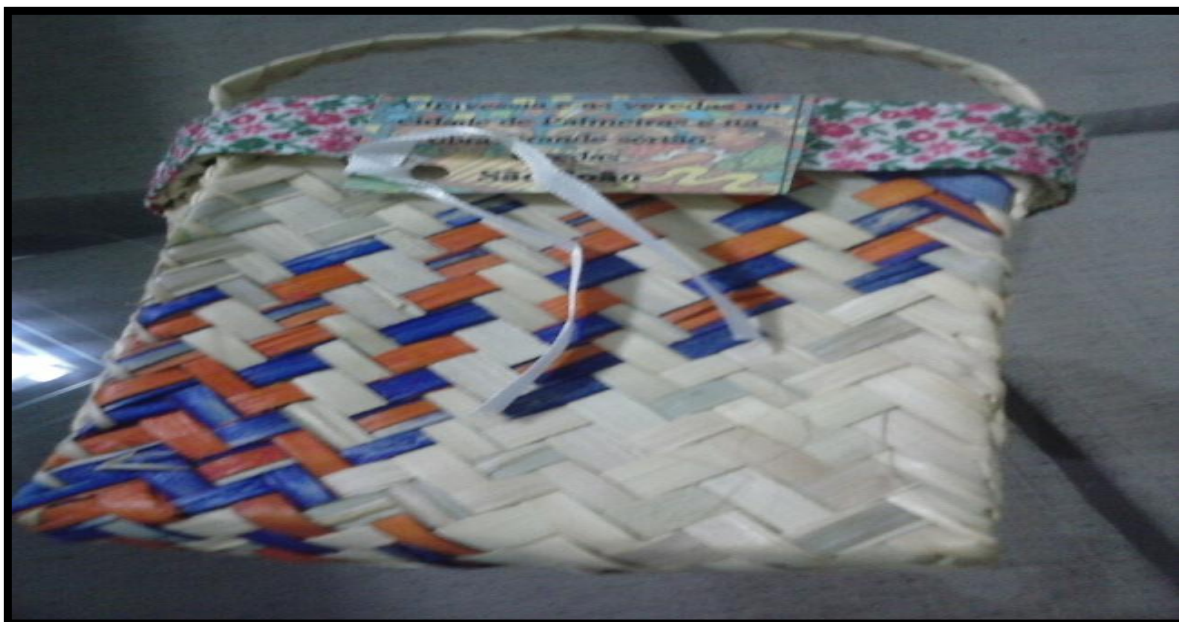


Imagem 103 - Lembrança da sala São João, 7ª edição do Festival, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

A sala do meio ambiente os professores orientaram os alunos a ressignificar, por meio de desenhos as cachoeiras, rios, grutas, serras, morros e reciclaram objetos, com a finalidade de conscientizar os alunos sobre a importância do patrimônio.

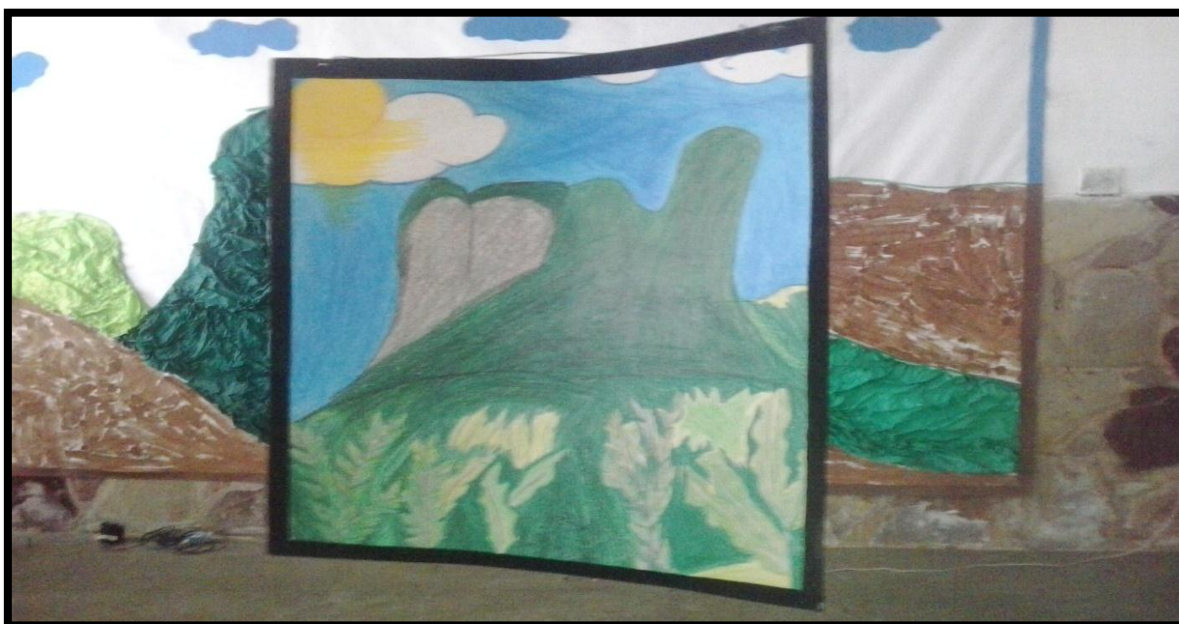


Imagem 104- Desenhos de alunos, sala Meio Ambiente, 7ª edição do Festival, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

A imagem 104 refere à sala temática *Meio Ambiente* ornamentada com telas e painel, para ilustrar a encantos naturais da cidade. Dentro da sala havia várias garrafas pets coberta com papel metro e atrás um motor pequeno para subir a água de gravidade e representar a *Cachoeira da Fumaça*, ponto turístico natural de Palmeiras.

Na imagem 105 estão documentados os desenhos de alunos no formato de quadros, com imagens de casa para simular o patrimônio arquitetônico da cidade, desenhos de árvores do tipo Palmeiras, desenhos de diamante e de rios, para representar a era da exploração do diamante na cidade de Palmeiras e região das Lavras Diamantinas.

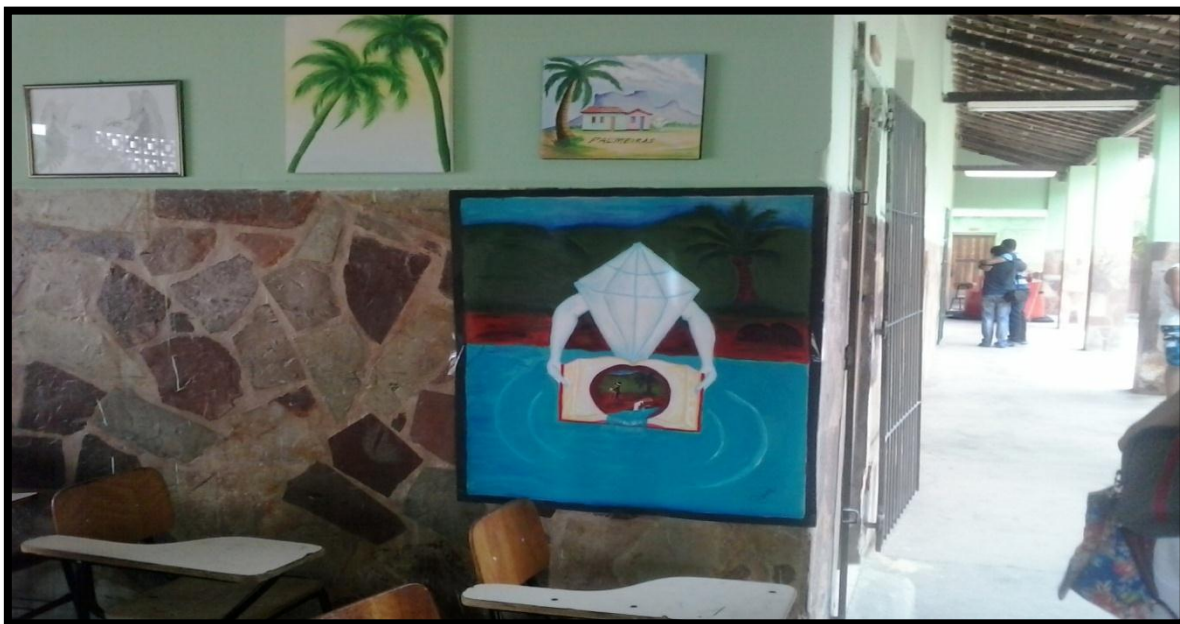


Imagem 105 - Desenhos de alunos, sala Meio Ambiente, 7ª edição do Festival, ano 2013. Arquivo pessoal.

Como “lembrança” da sala do *Meio Ambiente* para os visitantes os professores orientaram os alunos a confeccionarem um envelope com papel metro pardo, papel cartão foco, EVA nas cores laranja e verde, tecido de chita, fita verde e sementes de girassol colhidas na zona rural, conforme a imagem 106.



A imagem 106 - Lembrança da sala Meio Ambiente, 7ª edição do Festival, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

Nas memórias, a aluna Rosa (2013) narrou: “[...] acho que até para ficar mais prazeroso de trabalhar, para a gente saber de mais alguma coisa. Ai teve uma palestra sobre as pinturas rupestres, pinturas nas pedras, nas grutas [...]”. A aluna mencionou as estratégias que os professores utilizaram para aproximá-los da obra literária e do tema do Festival. Houve palestras para todas as turmas do Colégio, incluindo a EJA (Educação de Jovens e Adultos) sobre pinturas rupestres, patrimônio cultural deixado pelos antepassados, porém, não houve apresentação de trabalhos abordando a temática.

Resgatar as memórias foi importante para compreender o processo sócio histórico da cidade de Palmeiras, como ressaltou a professora Anália (2013): “[...] E este ano as raízes de Palmeiras, foi bom, foi muito bom para mim, poder lembrar de algumas coisa que eu vivi, saber de algumas coisas que eu não sabia que a gente ouve contar pela metade. E de repente ficou mais claro”.

A professora Analia relatou que lecionava Ciências da Natureza e nunca havia lido a obra proposta naquela edição do Festival. Desse modo, precisou se apropriar da leitura de *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa. Recordou Anália (2013): “[...] Eu fui em busca da obra que eu não conhecia e a partir daí cada professor vai direcionando [...]”. Compreende-se que após a leitura a professora direcionou suas práticas escolares de sala de aula para o contexto literário e relacionou com o patrimônio cultural da cidade de Palmeiras ao afirmar: “[...] Eu fiquei com duas turmas e a gente foi trabalhar o carnaval [...]. Carnaval é movimento, então, como a nossa cidade oferece Carnaval a gente foi buscar o contexto daqui da cidade. O que a gente tem de Carnaval é muito oral, é muito pouca coisa registrado”.

Importantes considerações são essas sobre a ausência de registros escritos sobre práticas culturais da cidade de preservar os registros escritos. Para realizar as atividades escolares com a temática do carnaval, um patrimônio cultural de Palmeiras, houve a necessidade de recorrer aos depoimentos orais e trabalho acadêmico de uma professora de História que havia realizado em sua pesquisa um resgate oral. Narrou Anália (2013): “Ela fez toda essa pesquisa e a gente teve acesso a toda essa literatura, a monografia dela, daí foi mais fácil, sabe (risos), pra trabalhar”.

Em suas reminiscências, os tempos e espaços escolares, relação dos sujeitos com os objetos, resgate de memórias e as práticas escolares foram destacados pela professora Analia (2013):

Eu passei isso para os meninos é um trabalho [...] como eu disse duas aulas a gente tem que rebolar [...] e a gente vai orientando, direcionando e a gente vai fazendo todo um trabalho extraclasse. Às vezes eles vêm em turno

oposto [...]. E ai eles vão organizando, vão buscando material. Tem um trabalho manual que começa a ser feito antes, porque a gente sabe que vai decorar a sala de acordo com aquele tema. E estudar assim Palmeiras eu comecei a pensar em Física, porque até então trabalhar todo esse movimento, todo esse resgate do carnaval, mas não podia esquecer de como casar isso com a disciplina. Então, qual o conteúdo que estou trabalhando nesse momento e que vai me dar condição de adequar no caso este ano o sertão. Veredas, as veredas de Palmeiras que foi a questão do FAL este resgate todo.

A professora descreveu o resgate das memórias sobre o carnaval e as apropriações realizadas. Analia expôs as dificuldades encontradas para produzir materiais escolares e ministrar a disciplina, devido ao reduzido número de aulas. Para isso, recorreu a trabalhos extraclases e a turnos opostos.

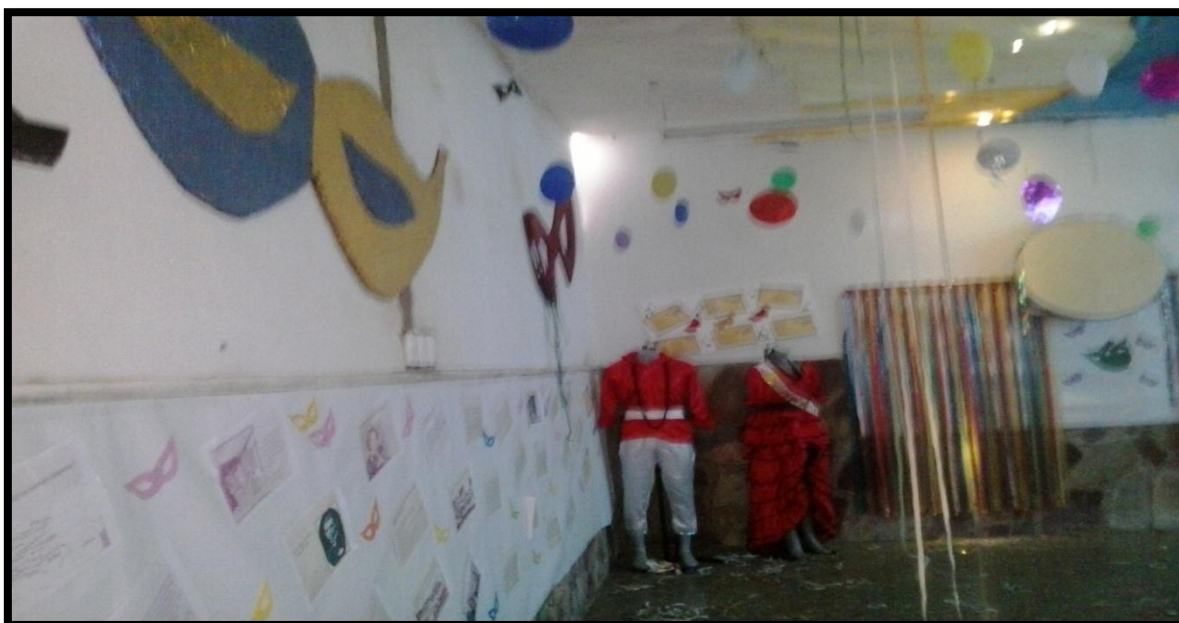


Imagem 107 - Sala temática do Carnaval, 7ª edição, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

A partir das lembranças é possível compreender que a professora Analia apropriou-se da monografia sobre o resgate do carnaval e os alunos utilizaram-se de entrevistas com avós, bisavós que fizeram parte daquele período, ou memórias transmitidas por seus antepassados para produzir objetos que traziam vestígios daquele período. Na esquerda da imagem 107 visualiza-se que a partir do resgate dessas memórias os alunos produziram um painel com a história do Carnaval na cidade. Na produção escolar dessa sala os alunos utilizaram papel metro branco, cartolinas, papel espelho, papel celofane, isopor, tecidos, tecidos TNT, tintas, bexigas, entre outros, para confeccionar máscaras, enfeites, serpentinas, pandeiros, vestes representando a época em que o Carnaval foi implantado na cidade, em 1926. Outras explicações sobre a História do Carnaval em Palmeiras foram descritos no capítulo 1.

A professora Anália ressaltou a importância de transmitir esses elementos da cultura local aos alunos: “No carnaval mesmo a gente teve muita participação de alunos para que pudessem também ver essa cultura que nem sempre é o que eles estão vendo hoje. O carnaval hoje tá muito assim, querendo imitar o carnaval da Capital (risos). Um monte de abadás e essas coisas assim [...]”. Anália chama atenção sobre a influência do carnaval da capital nas cidades do interior e continua: “E em vários contextos também, tanto que a gente trouxe o contexto deles, como você pôde observar”.



Imagem 108 - Sala do Carnaval, 7ª edição, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem 108 visualiza-se uma aluna virada de costas, próxima da televisão ligada com DVDs de músicas de carnaval. Vestia saia de bolinhas e blusa branca para representar a sala temática, pois os alunos haviam participado de apresentações culturais sobre o tema carnaval e a obra *Grande Sertão: Veredas*. A professora Anália descreveu a apresentação dos alunos: “Inclusive teve uma apresentação de *Grande Sertão: Veredas*, mais ou menos assim, de uma menina conversando com a avó sobre como era Palmeiras antes, como foi que tudo aconteceu. E o aluno dança, é bem legal”. Entende-se que professora valorizou as memórias resgatadas na apresentação escolar entre o encontro de gerações, a arte de se movimentar, por meio da dança. Em seguida fala da importância de socialização no colégio entre os turnos, pois os alunos da zona urbana estudam no matutino e alunos da zona rural no turno vespertino. Ao ser interrogada sobre o porquê dessa divisão entre alunos, a professora justifica-se ao responder: “devido o transporte”. Sobre a socialização dos alunos ressaltou Anália (2013):

E também é mais uma oportunidade [...] que a gente faz para socializar os turnos e socializar todo mundo, aluno da sede com alunos da zona rural. Então a gente procura na maioria das vezes juntar uma sala do matutino com uma sala do vespertino. Até para que haja esse diálogo. E o que não pode ser feito pelos alunos da zona rural que seja feito pelos alunos da sede, mas que estes outros alunos também tenham acesso a isso.

Percebe-se nas atividades pedagógicas e produção de materiais escolares que as tarefas são divididas entre os alunos. Nas recordações a professora adverte que as práticas relacionadas ao ensino e aprendizagem foram desempenhadas a partir do resgate de memórias que os alunos fizeram com avós, bisavós, sobre a época na qual na cidade não havia luz elétrica. Lembrou Anália (2013):

[...] a gente trabalhou é..., do lampião, da lamparina a luz elétrica. Você pode ver o contexto dos fifós [lamparinas] ai nas ruas. E os meninos que fizeram esta produção foram conversar com os avós, quem tinha bisavós, para ver como foi feita essa mudança em Palmeiras desde o tempo..., (risos). Inclusive eu fui do tempo da lamparina, você viu eu lhe contando nesse instante, mas já tinha luz elétrica em Palmeiras, mas na minha casa ainda não tinha condição de ter. Então a gente vinha da lamparina, dos antigos fifós, como era chamado aqui (risos). Até chegar ai eles fizeram umas produções bem legais a respeito disso. Eu estava trabalhando eletricidade com as turmas de 3º ano e ai tem essa produção [...].

A professora descreveu as mudanças ocorridas na cidade e afirmou ter presenciado alguns desses momentos. Após o resgate de memórias dos familiares e professores, os alunos produziram textos e ornamentaram a rua do colégio com filós, lamparina, conforme a imagem 109. Os alunos resgataram essas lamparinas do período em que não havia luz elétrica e pregaram nos postes da rua, na qual o colégio está localizado, para fazer uma comparação entre os tempos antigos e atuais.



Imagem 109 – Fifós nos postes da cidade, 7ª edição do Festival, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

A imagem 109 documenta o poste de luz elétrica aceso e a presença do fifó, nome dado pelos sertanejos à lamparina, amarrado ao lado, produzido com lata reaproveitada, pavio de trapos e querosene. Na imagem não é possível visualizar, mas todos os postes da rua do colégio foram ornamentados com estas lamparinas para trazer à memória o ambiente urbano noturno do passado.

Na imagem 110 visualiza-se um trabalho escolar em grupo realizado por alunos do Colégio Nilde Xavier, em 2013, sobre o passado e presente com a eletricidade.

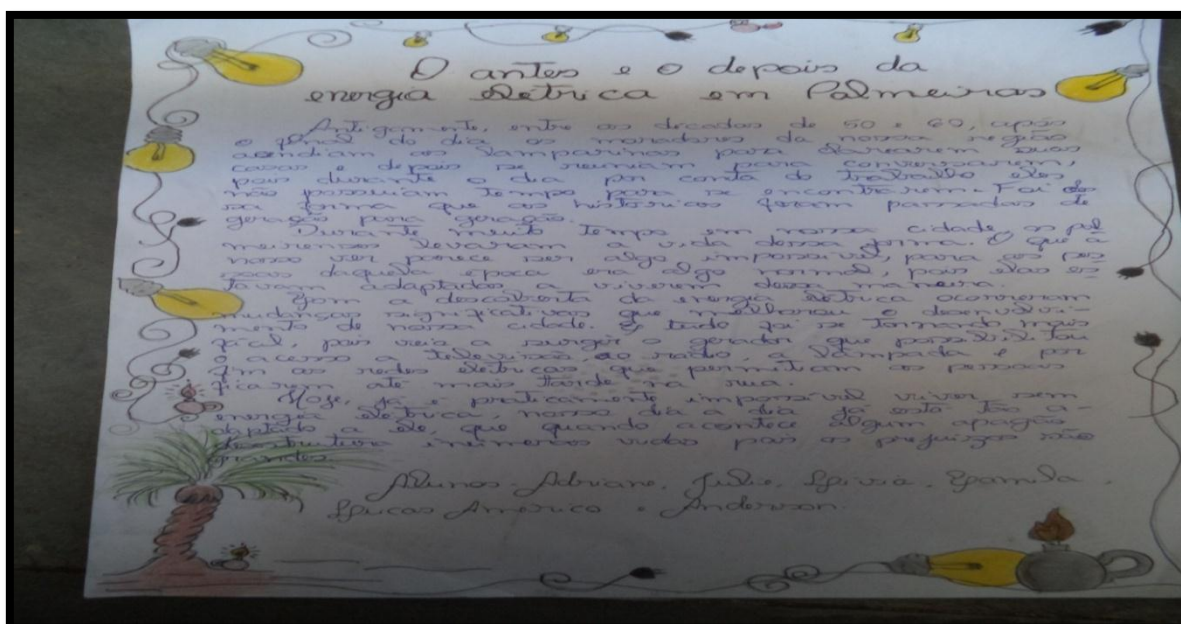


Imagem 110 - Texto de alunos sobre a luz elétrica, 7ª edição, ano de 2013. Fonte: Arquivo de professora do Colégio.

Neste trabalho escolar retratado na imagem 110, os alunos desenharam ao redor do texto, imagens para ilustrar a escrita produzida e intitularam: “O antes e o depois da energia elétrica em Palmeiras”. Visualiza-se uma árvore, símbolo representativo da cidade de Palmeiras e desenhos de diversas lâmpadas, lamparina, fios e interruptores ao redor do texto. No conteúdo escrito os alunos descreveram as memórias resgatadas de pais, avós e bisavós entre as décadas de 1950 e 1960, na qual, não havia energia elétrica no município para todos os moradores e mencionaram os recursos utilizados na época, tais como: lamparinas, candeeiros, movidos a querosene. Eles também citaram no texto as recordações dos entrevistados sobre esse período e ressaltaram que durante as noites as famílias e amigos reuniam-se para conversar sem a influência da televisão. As memórias são representadas por sentimentos de nostalgia sobre os momentos partilhados em grupo.

A 7ª edição do Festival dialogava com o projeto estruturante da Secretaria de Educação, EPA - Educação Patrimonial e Artística, o qual visa entender a educação associada

à história, memória, cultura e ao patrimônio, conforme descrição do projeto EPA no capítulo anterior. O relato da aluna Florela (2013) demonstra que trazer a discussão sobre patrimônio material e imaterial para a sala de aula estimulou os alunos a realizar as práticas cotidianas, como recordou Florela: “Esse ano foi sobre a cultura de Palmeiras, então, este ano foi muito marcante, porque é um lugar onde vivemos. [...] A cultura de Palmeiras mesmo. Cada sala teve um tema: *Carnaval, Vaquejada, Meio Ambiente* que é toda a cultura daqui de Palmeiras mesmo”.

A aluna destacou que a sala temática representada por sua turma fazia parte da cultura da cidade, Florela disse: “Vaquejada, porque é uma cultura aqui de Palmeiras, Argolinha”. Compreende-se a vaquejada como manifestação cultural implantada no município, desfile de homens e mulheres montados em cavalos, conforme descrito no capítulo 1. Ao interrogar a aluna sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas com a temática, narrou Florela (2013):

A minha sala foi ornamentada a entrada como uma fazenda para mostrar. Dentro da sala teve alguns objetos, alguns da argolinha mesmo, tipo: chapéu, sela, essas coisas assim. Os alunos se vestiram: as mulheres de amazonas, os homens de vaqueiro e tal, para receber o pessoal na sala. Teve apresentação também da vaquejada. Veio um locutor, Vitor, ele é de Seabra para falar também sobre o tema. Teve dança também focada no tema, teve muitas apresentações.

Sublinha-se nas memórias de Florela os investimentos dos alunos em apropriarem-se do tema da vaquejada. Utilizaram o espaço da sala de aula para ressignificar objetos. Convidaram pessoas fora do contexto escolar para dialogar com a temática. Incorporaram músicas, danças e peças teatrais para representar a obra *Grande Sertão: Veredas*, tema daquela edição do Festival.

As produções de materiais escolares tiveram início em fevereiro de 2013. Florela relata como se deu o processo de ensino:

No início do ano a gente assim, eu comecei a trabalhar desde fevereiro. Então a gente pegava ..., primeiro a gente fez tipo um relatório para a gente ver como ia ser a nossa apresentação. Então, a gente pegava os materiais que a gente ia usar, a gente procurava sempre dando para cada aluno aquilo que eles iam fazer, para que quando chegasse no final todo o material estivesse reunido, tudo junto para poder só montar a sala. Então tem alguns materiais que foi feito pelos alunos. [...], à tarde a gente se reunia para fazer materiais para ornamentar a sala e tal.

Florela mencionou a escrita de relatório para facilitar o trabalho escolar, espécie de projeto. É possível identificar nessas práticas pedagógicas interação entre sujeitos, relações sociais, trabalho em equipe, catalogação de materiais, trabalho pedagógico artesanal e o aproveitamento de forma mais flexível dos tempos e espaços escolares. Sobre os encontros

fora do horário de aula para produção e reprodução de materiais escolares Florela (2013) narrou: “[...] a tarde, na maioria das vezes, porque de manhã a gente estudava, mas nem era todos os dias que a gente se reunia, porque tinha trabalhos de outras matérias também. Ai a gente não tinha como se reunir para fazer, mas sempre que tinha um horário vago à gente se reunia”.

No relato a aluna descreveu os encontros ocorridos à tarde e o compromisso firmado entre o grupo de alunos nos dias vagos de atividades escolares. Florela (2013) relatou: “[...] Cada um fazia alguma coisa, sempre todo mundo estava ajudando, principalmente este ano. Este ano os alunos se mostraram com mais vontade, eles trabalhavam mais, porque este ano como foi a cultura de Palmeiras, então os alunos faziam com mais vontade aquilo [...]”. A aluna enfatizou que trabalho escolar voltado para o contexto social no qual estão inseridos facilita a proposta educacional. É pertinente ressaltar que o Plano Estadual de Educação do Estado da Bahia para as escolas públicas é justamente aproximar o ensino do contexto sociocultural dos alunos, conforme descrito no capítulo 1. Na imagem 111 visualiza-se a sala temática: *Fazenda Encontro com a tradição*.



Imagem 111 - Entrada da sala Fazenda Encontro com a tradição, 7ª edição do festival, ano 2013.
Fonte: Arquivo pessoal.

A imagem 111 coloca em evidência a entrada da sala temática: *Fazenda Encontro com a tradição*. É possível contemplar na entrada da sala placa de pedra, trabalho artesanal na cidade, presa as ripas da telha com o nome da temática, como descreveu a aluna Rosa (2013: “[...] gente pensou assim de um lado a gente quer fazer [...] uma cancela e fazer a cerca. [...] a gente escolheu o nome da nossa sala: *Fazenda Encontro com a Tradição*. Ai a gente mandou

fazer uma pedra [...]”. A partir das memórias percebe-se o empenho dos alunos na produção da sala de aula. No chão é possível visualizar algumas plantas, capins e estacas de madeira fina e no meio foi construído um caminho cercado de pedras e ao lado muito pó de serra para representar uma fazenda. Na entrada da porta há manequins vestidos de roupas de vaqueiro e amazonas.



Imagem 112 - Sala temática Fazenda Encontro com a tradição, 7ª edição do Festival, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem 112 da sala temática *Fazenda Encontro com a tradição* aprecia-se que a sala foi dividida ao meio. Na parede do lado esquerdo da imagem há um papel metro pintado de marrom. Madeiras pintadas de branco para simular cercas e dentro há figura de árvore produzida por folhas de compensados de madeirite, pintada de marrom e verde.

Foram desenhadas figuras de casa, curral, casa de farinha, animais, produções artesanais e flores, matos sobre a cerca. No chão há pó de serra para representar o chão de terra. É possível observar no centro da lousa um pilar ornamentado de flores e folhas e a imagem de Aparecida, padroeira do Brasil. Na lousa há plantas para ornamentar e escrito: *Fazenda Encontro com a Tradição*. Sobre os materiais para ornamentação da sala, Rosa (2013) descreveu as práticas desenvolvidas: “[...] cavalinho de brinquedo, os colegas da gente que sabem desenhar, desenharam cavalos para colocar nas salas. Ai a gente começou a pintar os paus da cerca, pronto tá certo [...] eu fui ensaiar a dança da apresentação. [...] eu vejo a sala perfeita, todo mundo na sala arrumando”.

Os alunos recorreram a revistas, internet e televisão, para inspirarem e planejarem as produções de artefatos para o Festival. Na apresentação do evento a aluna ressalta o ritual de

devoção na entrada com a imagem da santa Nossa Senhora Aparecida, protetora dos vaqueiros, e realça os detalhes da culminância do trabalho pedagógico ao dizer: “[...] teve uma santa, nossa senhora Aparecida. Ai a gente fez algumas coisas [...]. Teve a entrada [...] com a santa, que foi também um momento muito emocionante da apresentação. A gente pesquisou e o locutor também falou algo sobre. Tudo teve uma programação mesmo” Florela (2013).



Imagem 113 - Sala temática Fazenda encontro com a tradição, 7ª edição, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

A imagem 113 ilustra o lado direito da sala temática *Fazenda Encontro com a tradição*. Os artefatos foram produzidos de madeiras, andaimes e tecidos para representar animais, cavalos e bois. Há madeiras pintadas de branco e pó de serra, conforme destacado na imagem 112. O teto, não é possível identificar nesta imagem, mas está ornamentado com tecidos branco e azul claro, representando o céu e nuvens.

Sobre a ornamentação e apresentação da sala, explicou Rosa (2013): “a gente ornamentou e [...] apresentou. [...] A gente pegou a sala, colocamos selas, fizemos chicotes de EVA, penduramos. Ai quando a gente ia apresentar, falar os versos a gente colocava um chapéu e uma blusinha quadriculada para falar”. Compreende-se nas memórias o ritual da apresentação, os materiais e usos. Ao terminar a exposição Rosa (2013) ressaltou: “[...] Ai quando terminou de falar os versos a gente... na Argolinha o almoço é feijoada, a salada, o arroz e a farofinha de couve. Ai a gente fez e chamou o pessoal da secretaria para almoçar com a gente”. Percebe-se que os alunos se apropriaram de todo ritual da vaquejada e algumas representações da obra literária para a culminância.

Florela (2013) recordou as memórias construídas na cidade sobre o acidente ocorrido alguns anos atrás, de um carro que colidiu com o ônibus escolar, após um dia de aula, ao carregar alunos da zona rural que estudavam na zona urbana. No acidente esse aluno que gostava de vaquejada morreu. O resgate da história desse aluno inspirou uma atividade em grupo com título: *Vida quebrada*. Quando as professoras trouxeram a temática da vaquejada, atividade recreativa e tradição no nordeste, a história desse aluno foi resgatada. Os alunos produziram textos em forma de poesias, cordéis, peças teatrais, desenhos, entre outros, como lembrou Florela (2013): “[...] a gente se reuniu e achou interessante falar sobre a história dele na poesia, entendeu? [...]”. A aluna lembrou os textos que fizeram sobre a temática “[...] a professora pediu para a gente fazer poesias ou textos mesmos sobre a vaquejada para a gente ter mais ou menos uma ideia de como a gente iria ornamentar a sala. Então a gente fez poesias e nessa poesia a gente fez sobre a história de Diego [...]”.

Nas memórias de Florela (2013) entende-se que não havia normas ou regras para produção dos textos, gênero livre, porém era necessário relacionar o texto ao tema sobre a vaquejada e a criatividade partia dos alunos: “[...] Outros alunos fizeram a poesia falando como era a vaquejada em Palmeiras e tal, outros fizeram com histórias assim como esta mesmo de Diego, foi isso mesmo [...]”.

Outra colega de turma de Florela explica como a temática foi discutida durante o ano letivo “[...] a gente ficou o ano todo, este ano [...] falando sobre Palmeiras, até mesmo para ter mais conhecimento [...]” Rosa (2013). A aluna descreveu que durante o ano 2013 as práticas pedagógicas foram direcionadas a cidade de Palmeiras para os alunos obter conhecimento sobre a história e cultura local. Percebe-se nas palavras da estudante lapsos de memórias, mas tenta narrar com certa linearidade às práticas escolares, Rosa relatou:

Em Biologia a gente trabalhou com as plantas diversificadas, como foi? E como foi mesmo? (pergunta a si) Minto! Na primeira unidade a professora de Biologia deu o texto para a gente falar o que a gente achava de Palmeiras. Ai a gente fez e entregou. Ai parou, ai quando foi na segunda unidade só foi sobre Palmeiras mesmo, ai parou. Ai Português como era pró Aparecida, ela vinha sempre falando de Palmeiras. Sempre ela em quase toda aula ela vinha com uma coisa sobre Palmeiras, ai ficou. Ai Geografia falava algumas coisas que relacionava a Palmeiras, [...]. Ai cada professor ficou..., falava o que achava de Palmeiras, o que Palmeiras tinha de bom e que não sei o que. Ai acabou. [...] Matemática? (pensativa) eu nem lembro de matemática o que deu. Matemática eu não me lembro. [...] E física nem falou tanto sobre Palmeiras, só na primeira unidade mesmo que os professores estavam pedindo para fazer os textos sobre Palmeiras essas coisas. Ai que todos os professores veio, tipo assim: cada professor falava uma sugestão que a gente podia fazer, um texto, um seminário sobre Palmeiras. História mesmo, na matéria de história a professora pediu para a gente fazer um seminário sobre a História antes de Palmeiras. Ai cada um ficou com um tema e a gente

apresentou. O meu grupo mesmo ficou..., (pensativa) deixa ver se eu lembro. Não sei se foi a história de quando começou, foi alguma coisa desse tipo. Foi um negócio desses, mas eu não lembro direito.

Os professores do colégio preocuparam-se em construir representações, resgatar memórias sobre a cidade, por meio da oralidade, textos e seminários. Na cidade de Palmeiras há uma diversidade de plantas medicinais e a aluna mencionou que a professora de Biologia tratou da vegetação e da flora em suas aulas. A aluna lembrou que além da flora estudaram assuntos relacionados às “[...] cachoeiras, sobre os rios, foi sobre esses negócios” Rosa (2013).

Ao interrogar a aluna Rosa sobre os cordéis, ela lembrou que a atividade foi realizada individualmente: “[...] Foi na segunda unidade o cordel. Foi individual o cordel. Um mais lindo que o outro sobre Palmeiras. Ai a gente fez..., foi com uma estagiária da gente que estava nesta época com Português. Ai a gente fez [...]”. Identifica-se nas memórias da aluna que a professora estagiária interessou-se em participar no processo pedagógico de construção do Festival. A imagem 114 ilustra os cordéis dos alunos.

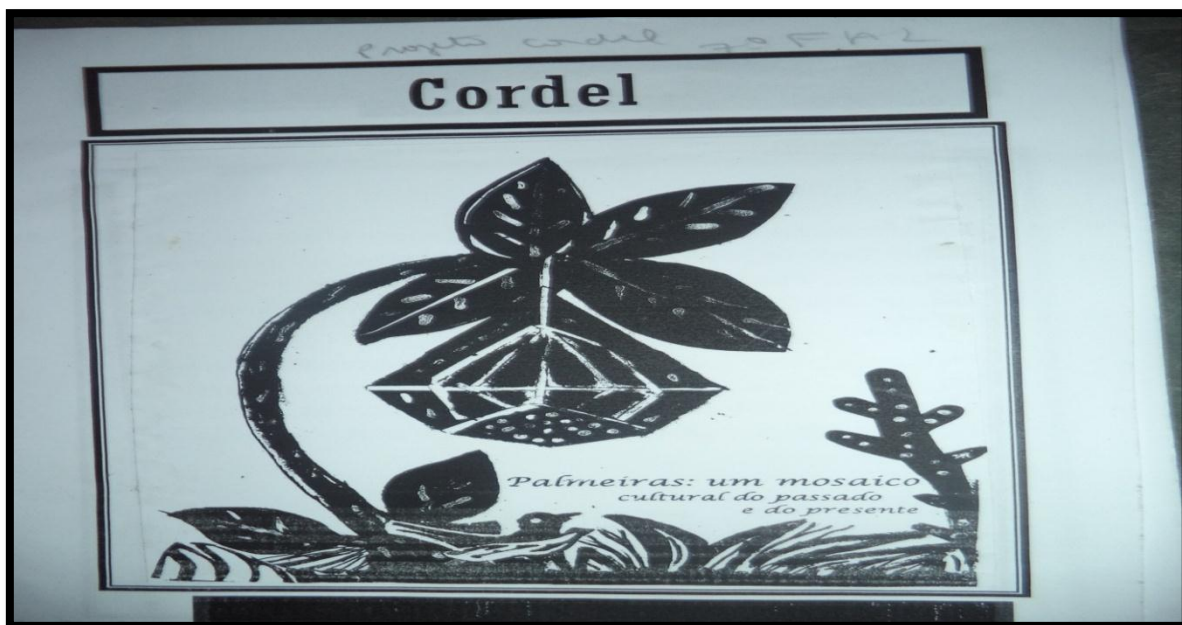


Imagem 114 - Cordel, atividade escolar da 7ª edição do Festival, ano 2013. Arquivo pessoal.

De acordo com as memórias da aluna, os cordéis foram produzidos em atividades de sala de aula. A capa do cordel simula o cenário do nordeste. Na parte inferior da planta está pendurado um diamante para representar a cidade de Palmeiras e a era dos diamantes, as Lavras Diamantinas, conforme apresentado no capítulo anterior. Ao lado direito da imagem ressalta-se o escrito: “*Palmeiras: Um mosaico cultural do passado e do presente*”.

A imagem 115 exibe o caderno de frequência dos visitantes da sala temática *Fazenda Encontro com a tradição*.



Imagem 115 - Livro de frequência da sala Fazenda Encontro com a tradição, 7ª edição, ano 2011.
Fonte: Arquivo de professora do Colégio.

Na imagem 115 visualiza-se o caderno de frequência para assinatura dos visitantes, produzido com tecidos, emborrachados de EVA e recortes de revistas. Durante o ano letivo os professores orientaram os alunos produzir diversos materiais escolares e para lembrança da sala temática distribuíram miniaturas de chapéus, conforme a imagem 116.



Imagem 116 - Lembrança da sala temática Fazenda Encontro com a tradição, 7ª edição, ano 2013.
Fonte: Arquivo pessoal.

A imagem 116 documenta o artefato das lembrancinhas de emborrachado EVA e papel cartão fosco. A professora Aparecida orientou os alunos a cortar o emborrachado, cobrir a parte redonda do vidro de desodorante *rollon* e passar o ferro, para obter o formato arredondado.

A sala temática *Essa Terra, Minhas Raízes, Minha Identidade* não partiu da leitura de *Grande Sertão: Veredas* como as demais temáticas. A sala foi confeccionada mediante o livro *Essa terra*, obra autobiográfica de Antônio Torres, escritor baiano. A turma de alunos e professora do anexo Tejuco, zona rural, comunidade quilombola se responsabilizaram pela decoração da sala. Nas memórias, a professora Cecilia relembra suas práticas de sala de aula.

Esse ano de 2013 nos foi apresentado o livro *Grande Sertão: Veredas* como a nossa realidade é bem particular como eu já havia dito anteriormente, os alunos têm dificuldade com recursos. Eu pensei em pegar, em eleger uma obra mais..., mais acessível para os meus alunos. Então, fui pesquisar e já conhecia o trabalho de Antônio Torres e aí sugeri aos alunos que cada um fizesse aquisição de um exemplar da obra. Eles aceitaram. Ai todos os alunos fizeram a leitura do romance *Essa Terra* de Antônio Torres, que é uma obra autobiográfica e a todo o momento no decorrer da narrativa a gente se identifica com essa ..., com esse texto. É um texto bem próximo da nossa realidade. Então, nos efetuamos nosso projeto: *Essa Terra, que é o nome da obra, minhas raízes, minha identidade*. E foi também um projeto que conseguiu contagiar não só o 3º ano, como também toda a escola.

As memórias da professora retratam a realidade escolar do povoado em que leciona, descreve as dificuldades financeiras, as práticas escolares voltadas para o contexto socioeconômico, o projeto realizado para incorporar a temática do Festival na jornada pedagógica e as representações construídas a partir da obra. A professora menciona que reuniu-se com os pais dos alunos para comunicar a temática do ano de 2013 e solicitar a colaboração dos familiares nas atividades extraclasse. Cecilia (2013) relatou que no primeiro momento os alunos fizeram a leitura da obra, em seguida: “[...] uma entrevista com a senhora ou o senhor mais idoso da localidade. Ai nós trouxemos personagens de Laranjo, de Sapé, de Barriguda, de Cruz e de várias localidades, porque temos alunos de diversas localidades”.

A partir das memórias da professora Cecilia é possível identificar que a entrevista com os idosos serviu de base para os alunos confeccionarem biografias de moradores e pesquisar o histórico do povoado em que residiam, Cecilia narrou:

Como surgiu o nome Laranjo? Como surgiu o nome Cruz? Porque nós temos observado enquanto profissionais da educação que estas localidades não têm nenhum registro cultural. Então, conseqüentemente com a morte das pessoas mais velhas esta história está sendo apagada. Então, a gente tem pensado como a gente enquanto escola podemos contribuir para isto. Então, foi feito a entrevista, depois a biografia, depois o histórico. Ai depois com a leitura do romance nós fizemos também uma mesa redonda e discutimos os pontos

que eles acharam relevantes e fazendo um paralelo a obra e a realidade em que eles vivem. Outro trabalho sugerido foi à construção de um poema em que a gente elegeu o poema *Flor de Açucena* um dos melhores e que os alunos tiveram a oportunidade de apresentar no dia do FAL.

O relato da professora ressalta a preocupação em resgatar as memórias dos idosos da localidade para registrar e manter viva a história. Verifica-se certa preocupação em relacionar as atividades pedagógicas ao contexto dos alunos, conforme a proposta do Estado da Bahia, expressa no PEE - Plano Estadual de Educação, exposto no capítulo 1, porém é possível visualizar disputas nas práticas pedagógicas ao eleger um poema como melhor. A professora ao ser interrogada justificou o porquê da escolha do poema da aluna: “[...] Ela fala muito da questão da identidade dela e ela se auto afirma enquanto sertaneja, enquanto filha de Tejuco. E ela fala isso de um lugar do qual ela se orgulha. Então foi isto que chamou a atenção de todos os professores que tiveram acesso ao romance (refere-se ao poema) [...]” Cecilia (2013).

A professora descreveu o questionamento na jornada pedagógica que motivou os professores a abordarem a temática no Festival, a partir do projeto estruturante EPA- Educação Patrimonial e Artística, exposto no capítulo 1, Cecilia (2013) disse:

Como o FAL esse ano fala da nossa identidade, da identidade de Palmeiras, foi pensado: O que Palmeiras tem para mostrar? Ai surgiu São João, surgiu o Carnaval, veio à vaquejada que é algo muito forte também para a gente, a questão do meio ambiente, a leitura e ai veio às duas salas que foram com o nome da obra que foi *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, que é o tema, a obra eleita pelo FAL em si e a segunda sala com o texto de Antônio Torres que foi *Essa Terra* que foi a sala de Tejuco. Então, foi esse o critério: O que é que Palmeiras tem para mostrar? Em cima desse questionamento foram surgindo às salas temáticas.

A professora sublinhou os objetos antigos realocados no espaço da sala de aula e as apropriações da leitura da obra de Antônio Torres, Cecilia (2013) relatou:

Se você observou bem nós tivemos o cuidado de tirar citações da obra referentes a elementos que estavam expostos na sala. Antônio Torres nos deu a pista de como seria a nossa sala quando ele descrevia a cozinha da casa, né de Tonhoin, de Nelo né, que era a família em que a obra se refere... Quando ele fala do candeeiro, quando ele fala do fogão a lenha, quando ele fala de universo bem particular (a entrevistada descreve pausadamente) e ao mesmo tempo não é, porque eu me percebi enquanto professora na casa da minha avó. Os alunos se perceberam ali parte daquele universo. Então, aquilo dali foi muito interessante, foi muito gratificante. E vários professores eu posso citar o nome da professora Selma e a professora Talita, elas se emocionaram, saíram com os olhos lacrimejando da sala, porque elas lembraram também da casa das suas avós. Então, Antônio Torres nos deu a pista e a gente resolveu trazer um recorte.

Cecilia mencionou que os objetos representados na sala *Essa Terra, Minhas Raízes, Minha Identidade* foram de acordo com os personagens da obra Antônio Torres. A professora

enfatizou que após a ornamentação da sala de aula os artefatos representando vestígios do passado despertaram sentimentos nostálgicos, emoção, lembranças revividas pelos alunos de histórias contadas por pais, avós, antepassados e nos professores e visitantes, ao identificarem-se com aquele contexto rural. Compreende-se que os objetos expostos, textos, artes, histórias, foram capazes de resgatar as memórias e construir representações. É importante salientar que os alunos da sala *Essa Terra, Minhas Raízes, Minha Identidade*, moravam no espaço rural, desse modo, alguns objetos expostos faziam parte do cotidiano daqueles sujeitos, mas para a produção e reprodução do espaço escolar de sala de aula foi necessário o deslocamento de alguns alunos para a zona urbana, Colégio, com antecedência de um e dois dias para organizar a sala. A imagem 117 refere-se à sala temática *Essa Terra: minhas raízes, minha identidade*.

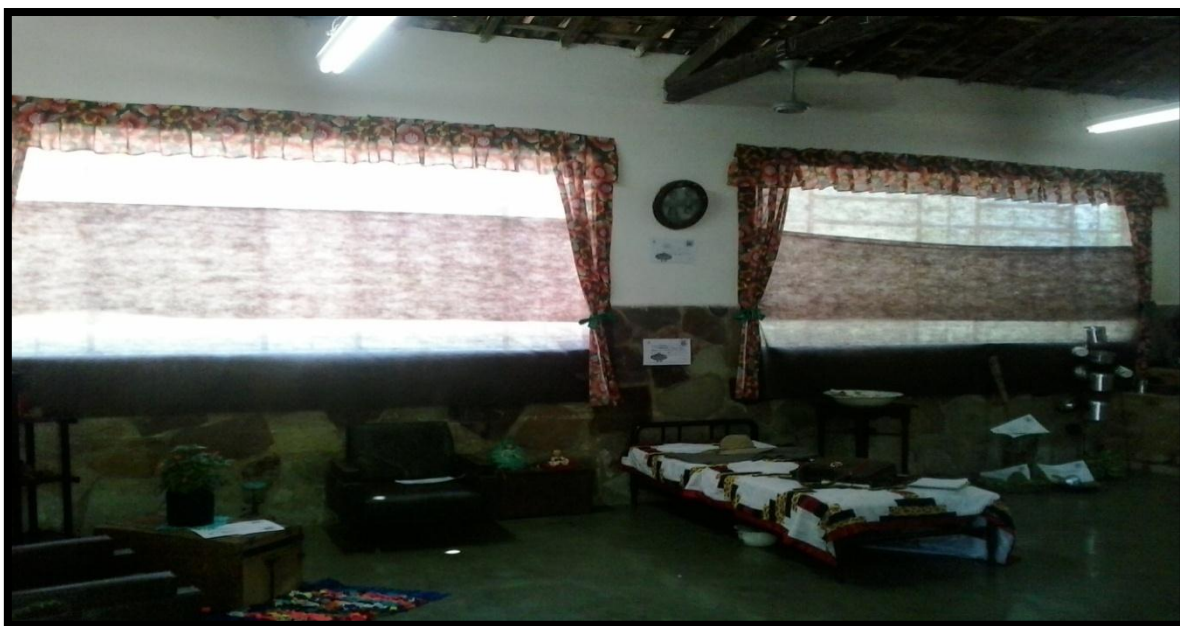


Imagem 117 - Sala temática *Essa Terra: minhas raízes, minha identidade*, 7ª edição Festival. Ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem 117 os alunos reproduziram no espaço da sala de aula uma residência, dividida em sala, quarto e cozinha. Nesta imagem não é possível visualizar, mas há outro espaço com exposição de lembranças aos visitantes, livro de frequência e atividades pedagógicas realizadas durante o ano letivo.

Visualiza-se cortinas nas janelas confeccionadas com tecido de chita florido e tecido TNT. Na parede há um quadro redondo com fotos de família e abaixo trechos da obra *Essa Terra*. Na sala há duas poltronas de couro, uma prateleira baixa de madeira para representar uma estante. No chão uma passadeira de retalhos de tecido e um baú de madeira, no lado

esquerdo da imagem, com pano verde em cima e vaso de planta para enfeite, ao lado trechos da obra de Antônio Torres impresso na folha de papel A4.

Na imagem 118 a sala de estar foi deslocada das outras dependências para realçar os detalhes da figura.



Imagem 118 - Sala Essa Terra: minhas raízes, minha identidade, 7ª edição do Festival, ano 2013.
Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem 118 observa-se uma sala de estar simples de um ambiente rural com objetos que trazem vestígios do passado. Na claridade da imagem 118 avista-se ao lado da poltrona uma lamparina para representar a falta de luz elétrica. No lado direito da imagem há um baú com duas bonecas de pano em cima, nas cores verde, vermelho e branco.

A imagem 119 evidencia as dependências do quarto e da cozinha da sala temática *Essa Terra*.



Imagem 119 - Sala Essa Terra: minhas raízes, minha identidade, 7ª edição, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

A imagem 119 permite ver o cenário do quarto. Há uma cama de ferro forrada com colcha de retalhos de panos nas cores branco, azul marinho, florido e vermelho. Na confecção artesanal a colcha é forrada com um tecido e após costura-se os retalhos. Sobre a cama há um chapéu de palha, sob a cama, um penico de louça, um recipiente arredondado e fundo chato, utilizado como sanitário. Ao lado direito da cama há uma mesa de madeira e uma bacia de louça sobreposta, que pode ser usada para lavar o rosto pela manhã.



Imagem 120 - Sala Essa Terra: minhas raízes, minha identidade, 7ª edição do Festival, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem 120 evidencia-se a cozinha da sala *Essa Terra: minhas raízes, minha identidade*. No espaço da sala de aula foi construído um fogão de lenha de adobe, tijolo de terra com água e palha. Sobre a chapa reciclada de lata há panelas de barro e cerâmica, pratos de louças. À esquerda da imagem há um paneleiro de ferro com panelas de alumínio, ao lado um pilão de madeira e um cacho de banana verde. Ao lado não é possível visualizar nesta imagem, mas há palmas, vargem e feijão separados em cumbucas, vasos de cabaça e trechos da obra de *Essa Terra*, conforme a imagem 121. No lado direito há uma vassoura, confeccionada de palha de coco de licuri com cabo vara do mato. Na parte de cima a lousa coberta com tecidos e cartazes de atividades dos alunos, o poema *Flor de Açucena* e um artesanato de palha. Abaixo da lousa há um banco simples sem encosto de madeira. Na imagem não é possível constatar, mas há uma mesa de madeira e um banco e sobre a mesa um rádio antigo.



Imagem 121- Sala Essa Terra: minhas raízes, minha identidade, 7ª edição do Festival, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem 122 abaixo verifica-se uma esteira de palha com as bordas pintada de verde e flores recortadas de tecidos para decorar. Sobre a esteira há figura de Antônio Torres representada pelos alunos no desenho em cartolina branca com bordas verde. Há cartaz de papel metro pardo com trecho de texto de aluno: “Apesar de tudo ainda há risos; apesar de tudo ainda há São João; Apesar de tudo sou feliz; Apesar de tudo sou mais meu sertão.” Na mesa improvisada estão expostas as lembranças para os visitantes, confeccionadas pelos

alunos: desenhos e pinturas no tecido branco de figuras que remetem à cidade de Palmeiras; dentro, os alunos colocaram folhas de macelas do campo e costuraram as bordas.



Imagem 122 - Sala Essa Terra: minhas raízes, minha identidade, 7ª edição do Festival, ano 2013.
Fonte: Arquivo pessoal.

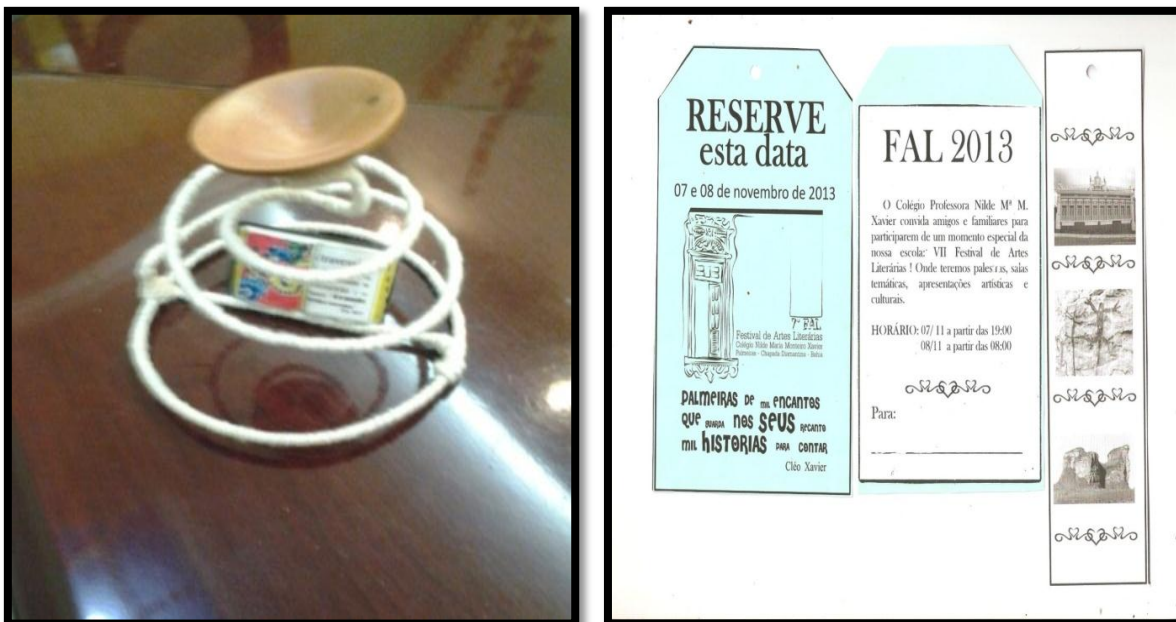
Na imagem 122 observa-se duas máquinas de costura antigas e carteiras dos alunos que apoiam uma madeira para destacar os materiais expostos. No lado esquerdo da imagem identifica-se o projeto pedagógico da temática *Essa Terra: minhas raízes, minha identidade*, impressos em folha de papel A4, “lembrancinhas” para os visitantes no centro da imagem e no lado direito há uma gamela com poemas dos alunos sobre a temática proposta, enrolados e amarrados na fita vermelha que também foram entregues aos visitantes. Sobre a madeira há vários artefatos que trazem vestígios do passado: ferros de passar roupas antigos, movido a brasa de carvão da lenha, pilão de ferro, sacolas de palha, conhecidas como mocó e bocapiu, entre outros. A imagem 123 refere-se ao caderno de frequência da sala *Essa Terra: minhas raízes, minha identidade*.



Imagem 123 - Caderno de frequência da sala Essa Terra: minhas raízes, minha identidade, 7ª edição do Festival, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem 123 evidencia-se o caderno confeccionado a partir de folhas A4 presas a grampos trilhos plástico branco e pasta transparente, escrita com caneta hidrográfica: “*Essa Terra: minhas raízes, minha identidade*” e colagem de tecidos.

Visualiza-se na imagem 124 o convite da 7ª edição do Festival, ano 2013, confeccionada de espiral coberto de barbante. É possível identificar na base a imagem de um livro com a frase: “*A travessia e as veredas na cidade de Palmeiras e o nome da obra Grande Sertão: Veredas. FAL 2013*”. No topo há uma mini bateia, para representar a época do garimpo. A produção é artesanal e impressa em papel cartão fosco verde e papel cartão fosco bege, conforme a imagem 125. Na parte impressa havia um barbante para amarrar as três partes destacadas na imagem, escrito: “Reserve esta data de 07 e 08 de novembro de 2013”. Por fim, há uma figura de uma janela aberta que sugere pensar ser de um casarão da cidade de Palmeiras, patrimônio arquitetônico desenhado por um ex-aluno do Colégio.



Sequência de imagens 124 e 125 - Convite da 7ª edição do Festival, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

O convite manual representa os artesãos produzidos na cidade. No *layout* informa-se a edição do Festival, nome do colégio, cidade, região e estado. Visualiza-se a citação dos versos de Cleo Xavier escrito: “*Palmeiras de mil encantos que guarda nos seus recantos mil histórias para contar. Cleo Xavier*”. A mensagem escrita no convite direciona para amigos e familiares: “*O Colégio Professora Nilde M^a M. Xavier convida amigos e familiares para participarem de um momento especial da nossa escola: VII Festival de Artes Literárias! Onde teremos palestras, salas temáticas, apresentações artísticas e culturais*”. Na edição de 2013 a culminância do Festival ocorreu em dois dias. A figura ao lado dá a ver o Patrimônio Arquitetônico e Sítio Arqueológicos, pinturas rupestres e morros para representar a cidade de Palmeiras e região.

Nos dias da culminância do Festival a rua do colégio foi ornamentada além dos fifós, já descrito neste capítulo, mas também figuras produzidas de madeiras: casas e bonecos com roupas de Carnaval e São João para representar arquitetura e patrimônio cultural da cidade, conforme a imagem 126. É pertinente ressaltar que no espaço externo do colégio há uma árvore e todas as edições são ornamentadas com livros que os alunos e visitantes podem ter acesso, a imagem da árvore com livro sugere pensar nas teorias de Paulo Freire.



Imagem 126 - Rua do colégio Nilde Xavier, 7ª edição do Festival, ano 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

Assim, observa-se que a rua do colégio foi ornamentada com artefatos que simulavam casas de telhas, produzidas por folhas de madeirite cortada e pintada e ancoradas ao chão para representar a cidade, imagem 126. Na imagem não visualiza-se, mas na outra entrada da rua havia uns bonecos vestidos de trajes de Carnaval e São João para representar as manifestações culturais da cidade.

2.3 Materiais e Usos

A descrição das diferentes edições do Festival de 2007 a 2013 expostas no item anterior apresenta a organização do espaço e tempo escolar e seus vínculos com a comunidade na qual a instituição está inserida. Busca-se no mesmo movimento destacar os materiais e usos na integração de sua estrutura organizacional, suas práticas, o cotidiano e a flexibilidade do ensino diante das normas impostas (VIÑAO FRAGO, 1998; JULIA, 2001).

Ao resumir as edições aspirou-se expor não somente a documentação escrita, imagética e as memórias disponíveis, mas os objetos materiais presentes nesse processo na perspectiva de que o espaço e o tempo de sala de aula durante o Festival foram arquitetados, modificados para garantir a escolarização e organizar os saberes. Esses artefatos são recursos materiais utilizados no colégio para transmissão e incorporação de saberes, valores, relações sociais, pois os objetos materiais descritos nas edições não são neutros ao responder determinadas finalidades, e ao fornecer informações sobre a especificidade daquela instituição escolar.

Na cultura material escolar do Festival estão explícitas as práticas educacionais do Nilde Xavier ao emitir reflexões sobre os artefatos presentes na atualidade na escola. Percebe-se nas edições os conteúdos de ensino e os métodos adotados, com objetivo de orientar o aluno a produzir e reproduzir objetos que lhe estão próximos, resgatar memórias, compreender seu ambiente sociocultural, aproveitar e aprimorar seus sentidos para construção do conhecimento. Consta-se nas memórias da professora Analia (2013) a afirmação segundo a qual os alunos precisam utilizar os espaços escolares e preparem-se durante as práticas de ensino para enfrentarem outras situações fora do contexto escolar.

A descrição das edições do Festival possibilitou demonstrar a gama de materiais que circulam os espaços escolares, tais como: cadernos, diversidade de papéis, canetas, cartolinas, lousa, entre outros. Os cadernos são materiais escolares considerados apropriados para organização do ensino aprendizagem, treinamento da escrita, práticas pedagógicas, anotar dados. Compreende-se que os alunos do colégio durante o ano letivo utilizam os cadernos individuais para tal função, mas é possível identificar na exposição das edições as apropriações desse material, ao modificá-los para desempenhar outros papéis. Em suma, partilha-se do ponto de vista sobre a abordagem dos cadernos escolares com Dislane Zerbinatti Moraes (2007, p.11) ao mencionar: “a escrita se torna um exercício que faz do sujeito que escreve voltar-se para si mesmo”.

No decorrer das edições do Festival, vários cadernos são expostos com finalidade de escrita, mas uma escrita de resgate de memórias, registro de frequência, desenvolvimento de atividades escolares, estabelecimento de relações entre saberes e outras apropriações. Nas edições, os cadernos permitiram aos professores acompanharem as produções individuais e coletivas dos alunos, o cuidado em ornamentar o artefato, o controle dos visitantes, apropriações e representações.

Durante as edições do Festival são constituídas relações entre o ensino e aprendizagem, pois alunos são estimulados a apresentar no colégio práticas escolares materializadas, palpáveis para a compreensão do conhecimento, por meio de representações de cartazes, objetos de resgate da memória, peças teatrais, músicas, poesias, produção e reprodução de materiais em grupo e individuais com resultados visíveis ao público. Isto é, no Festival, relações sociais são estabelecidas. De acordo com Ulpiano B. de Meneses (1994, p.12) “a chamada “cultura material” participa ativamente da produção e reprodução social”. O autor acrescenta que “os artefatos não são apenas produtos, mas vetores das relações sociais”.

A partir da descrição e análise das edições do Festival é possível tecer algumas generalizações quanto à culminância, como sendo o momento em que o espaço escolar é

modificado: os objetos coletivos de suporte do ensino aprendizagem como lousa, carteiras, cadeiras, são readaptados para expor práticas escolares, facilitar o acesso, subsidiar apoio às práticas, entre outras funções. Entende-se que os objetos do contexto sociocultural são ressignificados no espaço de sala de aula e concretizam-se na produção e reprodução do Festival como resgate de memórias e do patrimônio material e cultural do Município de Palmeiras.

O Festival manifesta rituais carregados de simbologia e traduz o cotidiano dos palmeirenses, capturado por sentimentos pela natureza, patrimônios, memórias, saberes e tradição expressas na arte enquanto linguagem.

Identifica-se na descrição do Festival a sua origem e consolidação, bem como as relações com as leituras que as professoras fazem dos documentos oficiais (LDBN, PCNs, Temas Transversais e outros); o entendimento do Festival como catalisador da preservação do patrimônio cultural e material da cidade; a identificação do esforço dos professores em manter a memória do povo viva; a compreensão do Festival como elemento de identidade e autonomia à escola, que possibilita reprodução e produção de cultura; e o olhar da escola como uma unidade, composta por diferentes atores com valores, formação, leituras, ideias específicas e, portanto, revelando divergências ou conflitos, mas também, objetivos comuns.

CAPÍTULO 3

MEMÓRIAS, EXPERIÊNCIAS DE LEITURA E PRÁTICAS ESCOLARES.

Neste terceiro capítulo apresentam-se as memórias em torno do Festival na perspectiva de tentar compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos entrevistados. O capítulo está dividido em três seções, a primeira destaca-se “O Mundo FAL”: memórias em torno do Festival de Artes Literárias; na segunda, trata-se das Experiências de Leitura: o gosto pelo livro; e na terceira, Práticas Escolares entre o FAL e a cultura escolar.

A memória advém de um estímulo do presente e é dotada de significações que aproximam pesquisadores e leitores das representações proferidas. O relato memorialístico, embora seja emotivo e fragmentado, mostra a complexidade do passado e serve de fonte privilegiada para compreender a articulação entre os movimentos da história e o cotidiano. Na discussão da relação entre relato memorialístico e verdade, Bosi (1994) enfatiza que não se pode contestar um fato narrado exigindo do memorialista a verdade. Ele vai sempre contar a sua verdade; e outro ao se colocar no lugar do narrador faria o mesmo se estivesse na mesma situação. Depois de coletar o relato memorialístico, o pesquisador deve “retomar [essa] reflexão de outrem como matéria-prima para o trabalho de [sua] própria reflexão” (BOSI, 1994, p. 21).

A autora argumenta ainda que o passado reconstruído por meio da memória não é um ponto de fuga, mas sim uma fonte de luta. Nesse sentido, a memória é geradora do futuro, pois o “registro alcança uma memória pessoal que [...] é uma memória social, familiar e grupal” (BOSI, 1994, p. 37). A memória desconhece a ordem cronológica. Ela opera recolhendo fatos memorados no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas relacionando-se através de uma significação comum. O vínculo com o passado estimulado pela memória é vital. Isso porque, é daí que se extrai a base para a formação da identidade.

A memória é sempre uma construção autobiográfica. Sendo assim, é fruto de um indivíduo fragmentado que busca salvar-se dessa fragmentação, como salienta Verena Alberti (1991) em “Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa”. Isso sugere pensar que os relatos dos sujeitos do Festival podem haver esquecimentos.

Nas entrevistas percebe-se uma formação da identidade dos sujeitos ligada a partir das leituras familiares e escolarização. A autora Marie Christine Josso (2006) enfatiza os elos de ligação, mesmo que simbólicos do ser humano, necessários para compreender o processo de formação do conhecimento.

O ser de cognição e de memória nos leva a abordar outras formas de ligação. Mediante a aquisição da linguagem e dos diversos conhecimentos das ciências do humano e da natureza, penetramos em uma ‘gramática’ dos laços possíveis ou impossíveis no contexto de uma epistemologia quer seja de uma disciplina do pensamento e da ação quer seja de uma lógica cultural organizada a partir de uma visão do mundo.

(JOSSO, 2006, p. 382).

Nesse sentido, a autora chama atenção para que nos procedimentos em história de vida é necessário considerar que o relato é por definição interpretativo e parte do trabalho de análise do pesquisador é desvelar as pré-interpretações contidas nas descrições das memórias.

3.1 “O MUNDO FAL”: memórias em torno do Festival de Artes Literárias

As memórias em torno do Festival apresentam inúmeros significados, entre eles, harmonia, apropriação da realidade escolar, visão de mundo, conflitos, permanências, inquietação constatada na realidade escolar. Apesar das lembranças e detalhes que alguns entrevistados expuseram sobre o Festival durante as narrativas, é possível identificar em cada indivíduo experiências acumuladas que foram construídas e representadas nas entrevistas. Contudo, cabe ao pesquisador buscar compreender os sentidos atribuídos ao Festival pelos sujeitos entrevistados.

Na entrevista realizada no mês de novembro de 2013, em sua aconchegante sala de estar, a professora Aparecida expôs sua opinião sobre o Festival. Atribuiu a origem do Festival à sua condição de educadora, inquietação constatada na realidade escolar, alunos não tinham o gosto pela leitura, Biblioteca do colégio sempre vazia. Rememorou Aparecida: “[...] Um desses meus dias de inquietações enquanto educadora falei assim, por que esta Biblioteca está sempre vazia? Eu acho que a Biblioteca da escola devia ser o local mais visitado da escola e eu não via isso na escola, entendeu?”.

Nas memórias da professora Aparecida é possível identificar a representação construída sobre Biblioteca, visão de mundo e leitura. A professora mencionou que alguns questionamentos surgiram ao constatar tal situação no colégio: “O que eu posso fazer trabalhando com Língua Portuguesa em uma única série? Qual trabalho posso desenvolver junto a essa mesma turma que leciono?” Percebe-se no relato da professora a tentativa de rever as práticas pedagógicas ao dizer: “Vou ver uma forma para que meus alunos possam sentir prazer de estar na escola e de visitar essa Biblioteca que eu via sempre vazia. Chamei esses meus alunos e fizemos este projeto que hoje está na sétima edição [...]”.

A professora Aparecida (2013) narrou a origem do Festival com humor, seriedade e descontração, apesar da complexidade do assunto. Nas memórias da professora verifica-se o processo de elaboração do projeto, participação dos alunos, ao relatar: “Os alunos desde o início são eles que mostram o brilhantismo nesse evento [...] primeiro nós apresentamos e observamos qual são as colocações dos alunos e depois em conjunto nós vamos formatando este projeto. Nós formatamos no decorrer do ano”. Visualiza-se na fala de Aparecida o processo de interação e dialogo estabelecido entre alunos e professores durante as práticas escolares, quando a professora narrou: “O aluno lê o livro e diz: Oh! Pro! Com determinado professor, com seu professor, porque nós apadrinhamos cada turma com dois ou três professores para cada sala temática e ali eles vão formatando o modelo que vai sair depois na culminância”. Nas memórias da professora identificam-se algumas práticas cotidianas de sala de aula e atividades desenvolvidas em equipe ao mencionar: “O ano inteiro nós trabalhamos o projeto desde o primeiro dia de aula”.

Apesar da professora Aparecida no primeiro momento apontar o envolvimento de todos no Festival, suas memórias divergem ao revelar a possibilidade de professores e alunos não participarem do processo, quando narrou: “Então, a escola é uma escola pequena como eu já havia dito e as decisões são tomadas assim e chega aos ouvidos de todos, entendeu? Pode haver alguém que não se inseriu, porque não quis se inserir, mas eu não posso nem ressaltar esse posicionamento, esse ponto”, e a professora continuou a relatar: “porque é mínimo, é ínfimo o professor que não entra ou o aluno”.

Nas memórias da professora Aparecida destaca-se “ínfimo” o professor ou aluno que não participa da proposta do Festival, porém no relato da professora que lecionava na zona rural, vislumbra-se outra realidade:

Então, [...] essa é uma questão. Muitos profissionais pelo fato de participarem só da jornada pedagógica do município de Palmeiras e não participar da jornada pedagógica do Estado, porque o Nilde é uma Escola Estadual, elas não têm acesso à proposta do FAL como é feita, porque Aparecida vai juntamente com a coordenadora Silvia na jornada pedagógica elas apresentam o tema do FAL. Discute-se ali então e a gente vai pontuando o que a gente pensa dessa proposta. Muitos profissionais do anexo do Tejuco não vão para esse momento, e ai dificulta nosso trabalho interdisciplinar. Esse ano eu tive o cuidado de apresentar para a professora de História o projeto já escrito, pedi opinião dela e pedi para que ela sugerisse. Ela atua na área de História, mas ela é graduada em Literatura Brasileira e não surgiu a parceria. Eu penso, eu acredito muito no trabalho em grupo, quando você trabalha em grupo as coisas flui, você se sente mais forte e as coisas vão acontecendo de um lugar maravilhoso. E, infelizmente não tem acontecido dessa forma. O trabalho de certa forma fica com poucos professores e o fato do aluno estar lá no campo e a gente estar aqui na cidade, porque eu não moro lá com eles, dificulta muito. O trabalho muitas vezes fica um pouco a

cargo do professor e é muita responsabilidade como eu já falei para você uma escola do campo vir para a sede e a gente precisa ter todo esse cuidado, mas a proposta seria trabalhar principalmente com a área de linguagem e trazer as questões de humanas também. O FAL contempla hoje até a área de exatas que dirá as demais, né. (Cecilia, 2013)

Na fala de Cecilia é possível visualizar certo aborrecimento ao relatar a falta de apoio e parcerias de alguns colegas da escola Anexa, na qual lecionava. A professora descreveu a discussão da proposta do Festival na jornada pedagógica e as possibilidades dele contemplar áreas de humanas e exatas, desvios de área de atuação em relação à formação acadêmica, as dificuldades de residir no espaço urbano e trabalhar no rural, as responsabilidades na questão de transporte de alunos do rural para urbano. Ressalta-se nas memórias de Cecilia a representação construída sobre o trabalho interdisciplinar como consistente, “forte e maravilhoso”, porém estão presentes algumas frustrações. A história do Festival enseja outras reflexões e considerações importantes sobre a realidade atual da educação rural e a necessidade de mais investimentos e de olhares mais detidos à especificidade desses territórios.

Ainda em relação às memórias da professora Aparecida ao mencionar “ínfimo” o número de professores e alunos que não participavam da proposta do Festival, verifica-se nas memórias da ex-aluna Nair as lembranças afloradas sobre a sua participação nos Festivais do colégio, ao dizer: “[...] Assim, eu tanto no FAL como no Festival de Inglês da escola, tinha ano que eu me dedicava muito, e tinha ano que eu arrumava a sala e fazia o que tinha que fazer só que não comparecia tanto aos debates, aos eventos que aconteciam durante a tarde, as apresentações”. E Nair continuou a narrar, na tentativa de justificar-se: “Porque nessa época ainda eu tinha uma variação de humor, porque quando tava com preguiça eu dizia: Ah! Vou fazer tudo que tem que fazer e hoje eu não vou aos eventos à tarde, vou deixar para ir amanhã. Ai eu via uma coisa ou outra, mais eu tentava participar”. Nair refere-se ao dia da culminância do Festival e continuou a justificativa ao rememorar: “Apesar dessas minhas variações de humor eu tentava participar. Eu sempre gostei muito de debate, de conversa, então quando eu sabia que tinha debate eu tinha vontade de participar, de ir assistir. Agora quando só era apresentações musicais ou leituras eu não me interessava”. A ex-aluna Nair conclui suas lembranças com risos trêmulos e mencionou: “Mas, hoje depois de ter saído do Colégio a vontade de ir ainda é muito maior do que antes. Eu me formei o ano passado”.

O relato de Nair sugere pensar a sua participação ativa durante o ano letivo na produção de materiais escolares para os Festivais, tarefa que faz parte das práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem no cotidiano daqueles indivíduos, especificidade da

cultura escolar do Nilde Xavier. Nair narrou a colaboração na montagem das salas temáticas para a culminância, mas ressaltou que no momento de apresentar ao público não despertava o seu interesse e motivação, desse modo, atribuiu ao desinteresse a sua variação de humor. Ela relatou concluir o Ensino Médio no ano de 2012, período curto em relação à entrevista. Visualiza-se na sua expressão nostalgia, certo arrependimento pela participação parcial nas culminâncias dos Festivais do colégio.

A partir das memórias da ex-aluna Nair, professora Cecilia e da própria Aparecida identifica-se contradições em afirmar como “ínfimo” a quantidade de pessoas que não participavam ativamente das atividades do Festival, por razões diversas, como expressas nas falas.

Durante as narrativas de memórias é possível visualizar as expectativas da professora Aparecida sobre os objetivos do projeto de estimular a prática de leitura nos alunos, “[...] nós estamos sempre preocupados com esta questão de como é que os nossos alunos vão ler. De que forma os nossos alunos precisam adentrar nesse mundo da leitura, porque nós acreditamos no potencial que a leitura tem, não é?” Compreende-se nas memórias de Aparecida a representação construída sobre leitura como mundo a ser penetrado, descoberto e a professora continuou relacionar na sua narrativa o ensino e os modos de leitura, leitura crítica, “[...] nós não podemos conceber um ensino em que o aluno não leia, não é aquela leitura programada, aquela leitura de decodificar, mas uma leitura mesmo crítica daquilo que ele vê, daquilo que ele faz e da sua postura enquanto estudante, apesar de serem meninos novos” e Aparecida acrescentou: “Os nossos meninos do Ensino Médio são meninos novos, mas são meninos que têm assim aprendido a aprender. E o projeto ele possibilita isso, essa abertura [...]”. Entende-se que a professora atribuiu ao Festival a verossimilhança dos alunos tornarem-se leitores.

Nas memórias da professora Aparecida é possível contemplar a influência de Paulo Freire ao citar: “Eu fico observando Paulo Freire quando ele escreve *Meu mundo*, o mundo dele foi a primeira leitura e o meu mundo foi a primeira leitura que eu fiz. Meu mundo, meu contexto de vida foi a minha primeira leitura, porque eu comecei primeiro lendo meu mundo, meu contexto”. Identifica-se analogia da leitura de mundo construída pela professora nas representações e sua base teórica ancorada nas apropriações de Paulo Freire, vislumbra-se que na relação de afetividade com o mundo da leitura produz um dispositivo na memória e ela constrói e fundamenta o ensino. A professora concluiu ao narrar: “Depois eu pude ler livro, ler outras coisas. Primeiro a gente faz a leitura do nosso mundo, para depois ler livros, livros vem depois, tem que ler constantemente, tem que ler”.

No balcão da secretaria do colégio ao narrar com descontração e seriedade assuntos relacionados ao Festival e outros pertinentes a educação do estado da Bahia, para melhor compreensão do ensino na região, percebe-se nas memórias da coordenadora pedagógica Silvia apropriação aos conceitos de Vygotsky ao ressaltar o papel do professor em sala de aula no Festival. As memórias de Silvia revelam que o conhecimento constrói-se a partir da mediação, interação social e trocas de experiências.

Ah! Mediar. Eu sou Vygotskyana demais, mediar. Que o conhecimento existe, existe, mas ele para ter significância para esse aluno, ele tem que construir o conhecimento junto. E não apontar caminhos, ou melhor, não apontar resultados tem que apontar caminhos é ao contrário, pois apontando caminhos eles vão chegar, vão chegar lá, né? Eles vão chegar ao ponto que nós queremos. Nós só precisamos ir sinalizando, por aqui, mas vocês não acham que se vocês viessem por aqui seria um pouquinho melhor? Mostrar, trazer. Eu acho que professor tem que mediar este conhecimento. É isto.

(Silvia, 2013)

Em consonância com as memórias da coordenadora pedagógica dialoga o posicionamento da professora Cecilia: “O papel do professor no evento é intermediar, apresentar a literatura. Quando eu falo intermediar no sentido, o aluno ele tem um momento que ele expõe as suas ideias, aí o professor vem com este papel de tentar dar condição para que essa ideia tome foco” e a professora conclui “dá instrumentos, dar condição de trabalho”. As narrativas das professoras sugerem pensar as apropriações e representações construídas sobre o trabalho docente e a relação da leitura, apoiados nos conceitos de autores, tais como: Lev S. Vygotsky e Paulo Freire.

Nas memórias da professora Aparecida é possível refletir que o Festival não dispõe de muitos recursos financeiros, com isso, a família torna-se parceira do colégio Nilde Xavier. Aparecida narrou: “A família vai para a escola, a família tem prazer quando nós, você sabe que o projeto não tem recursos, não tem recursos, não têm fundos, não tem dinheiro e o que nós fazemos? Nós pedimos ajuda aos pais nas reuniões, pedimos ajuda aos pais e eles não hesitam em colaborar”. Compreende-se nas memórias da professora a participação da família nos recursos financeiros, mas é pertinente ressaltar que se trata de um colégio do Estado e a proposta pedagógica visa um ensino voltado para a realidade local, com projetos, inclusive há vários projetos estruturantes, conforme abordado no capítulo 1 desta pesquisa.

Aparecida continuou a descrever as práticas de ensino e a participação da família, ao mencionar: “Eu acho pertinente é que o pai também participa. Teve o FAL de 2000 e..., o segundo FAL. Os pais amanheceram o dia no Colégio ajudando os filhos querendo ver o melhor, ajudando os filhos”. Entende-se na narrativa da professora a ideia de que o envolvimento de todos no FAL constitui uma família e continuou Aparecida: “Na sala do

Parnasianismo a professora Isabela estava lá junto com Beatriz que é sua filha, [...] Madalena estava junto com os filhos, entendeu? [...] sobrinhos e é o momento que a escola se torna a escola viva. Não tem quem não participe do FAL e não sai apaixonado”. Percebe-se nas memórias que a professora tenta construir uma representação do Festival como articulador das atividades da escola ao despertar o interesse de todos, o que sugere pensar como se tudo dependesse dele, e a professora continuou a narrar: “Os meninos ficam assim booom! Pelo face, *facebook*, professora eu quero participar, o que eu faço para participar? De que forma eu posso colaborar com o evento FAL? Isso aí é uma de minhas alegrias que o FAL traz. Ele traz aquele calor na escola, ele aquece a escola”.

Inclusive, Aparecida atribuiu ao Festival o interesse da colega permanecer lecionando e prorrogar a aposentadoria. Considera-se que a professora constrói uma representação do FAL de estímulo a vida, a profissão docente a partir das vivências e trocas de experiências, ao rememorar:

[...] E uma coisa interessante que eu ouvi da professora Fátima viu, e que ela está nos dias de aposentar. Eu cheguei para ela agora nessa edição (refere-se a 7ª edição) e falei: Professora Fátima você vai aposentar com chave de ouro, né? Ela disse: Quem disse que eu quero aposentar depois de um projeto deste que eu vivi, vivenciei, depois de vivenciar uma coisa tão inusitada nesse projeto. Você acha que eu quero me aposentar? E na segunda-feira ela chegou à escola e repetiu a mesma coisa para a diretora que não pretende aposentar, porque o FAL trouxe gás à vida dela. Deu aquela substância que ela tanto precisava. Ela já está com mais de trinta anos na educação e o FAL trouxe aquele gás na sua vida, na sua profissão. Então, o FAL também tem esse formato de dar alegria à pessoa de estar na profissão mesmo na época de aposentar (pensativa). (Aparecida, 2013)

Ao retomar suas memórias sobre o festival, professora Cecília manteve um sorriso nos lábios, olhar de satisfação, ansiedade e expectativas. Na sua fala é viável refletir sobre o envolvimento da família no colégio ao narrar: “Eu comentei com Aparecida a proporção que o FAL está tomando, está assim deixando a gente num cunho de responsabilidade tremenda. Este ano nós podemos ver claramente o envolvimento de todas as famílias, né!” É possível observar nas palavras da professora a ansiedade e preocupação para superar as expectativas em torno do Festival a cada ano, ao mencionar: “Então, o ano que vem certamente todo esse público vai gerar uma expectativa e nós enquanto educadores temos que estar assim prontos para assumir esse compromisso de estar tentando superar a cada ano, se superar”.

A professora Cecília destacou também nas suas memórias a participação da família no Festival e eventos fora do espaço escolar ao narrar: “Então, dona Alzira foi uma mãe que viajou com a gente para Salvador e ela foi de suma importância para o evento acontecer, ou melhor, para a viagem acontecer, porque assim, é muita responsabilidade você pegar alunos

que o acesso a outros universos é bem limitado”. Compreende-se a preocupação da professora em transportar os alunos para outros espaços fora do contexto deles, e Cecilia continuou a relatar à participação da mãe de aluno da escola anexa rural na viagem a capital Salvador e mencionou algumas dificuldades enfrentadas. Contudo, Cecilia ressaltou que o apoio da família dos alunos estabeleceu uma relação de amizade entre ela ao narrar: “E você sair de um campo e levar para uma cidade como Salvador. Então, eu achei muito interessante envolver os pais para eles entenderem qual era a proposta do projeto. E dona Alzira se prontificou muito espontaneamente, hoje ela se tornou amiga da família” e Cecilia continuou a recordar: “ela sempre vem aqui em casa. [...] ela participou tanto da viagem, quanto da organização de toda a sala temática dos *Amores de Jorge*. Este ano nos convidamos uma segunda mãe, uma segunda mãe para participar”. Entende-se nas memórias da professora a relação entre escola e família como prática auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. A professora enfatizou também a participação da mãe do aluno durante a culminância do Festival ao narrar: “Como a gente reproduziu o cenário do campo, ela ficou no fogão a lenha servindo café da manhã pra os convidados”.

Durante a entrevista a professora Aparecida compartilhou a construção de um espaço para a avaliação dos pontos positivos e negativos ao expor: “Os meninos quando terminam o evento e eu faço sempre uma avaliação escrita, eu tenho uma avaliação escrita e eles pontuam tudo, e há aqueles pontos que não são positivos, e nós também acolhemos as decisões deles, a postura deles, a colocação deles”. E sobre o posicionamento dos alunos na avaliação a professora Aparecida continuou a recordar: “Nós analisamos, eles dão sugestões, por que não foi assim? Nós analisamos os posicionamentos dos alunos também que não acharam bom, e o que eles dizem na avaliação, por exemplo, quando falam que seria bom se fosse de tal forma”. Percebe-se a hierarquia e o diálogo para contribuição e melhorias nas práticas escolares no momento que a professora descreveu nas memórias aceitar sugestões de mudança. A professora concluiu: “Nós pegamos as opiniões e agregando as nossas, porque tem uma comissão, agregamos essas opiniões e a tentamos atender o nosso aluno, porque ele é o mais interessado do projeto”.

Nas memórias da professora Aparecida visualiza-se à participação de ex-alunos ao salientar: “Nós tivemos este ano os alunos regressos participando, tivemos muitos alunos regresso participando”. Identifica-se as relações sociais, afetivas, estabelecidas durante o Festival na narrativa da professora.

Gente! Só quem convive com o projeto FAL consegue enxergar aquele brilho nos olhos dos alunos e eles se candidataram para participar, pois têm

alunos que fazem quatro coisas ao mesmo tempo no dia da culminância. Os pais dos alunos falavam assim..., disse que Mariano falava assim: Laura! Esta menina está estudando demais. Esta menina está fazendo coisa demais (risos). De tanto que ele via o envolvimento da filha, pois é uma coisa que não cansa e eles começam a chorar quando falam assim: Chegamos no 3º ano e temos que sair, eles começam a chorar. Ontem mesmo os alunos do 3º ano estavam chorando. Eles diziam: Não fala não pro! Não fala do projeto não, porque nós estamos muito sensíveis e começaram a chorar quando lembraram que tinham que sair do Colégio. Eles disseram: Nós não estaremos aqui mais da mesma forma, porque fora do Colégio será diferente, nós vamos estudar e não vamos poder faltar naquele dia, vamos trabalhar e não podemos sair a qualquer hora. (Aparecida, 2013).

Nas memórias a professora Aparecida mencionou também a produção dos alunos (artesanato) e nas suas lembranças contempla-se a valorização ao narrar: “Este ano já tivemos alunos que fizeram almofadas de fuxico. Teve um ano que a professora Rita fazia bonecas de lã e esse ano eu ganhei ainda uma boneca feita por uma aluna da professora Rita. São bonecas lindíssimas, linda, linda as bonecas e nós fazemos”.

A professora Aparecida aponta reflexões sobre a Escola como espaço de relações de solidariedade ao relatar:

Uma coisa que a palestrante Sandra Santos pontuou como positivo na nossa escola que é difícil enxergar isso no ser humano, pois geralmente o ser humano é egoísta e não quer ver o sucesso do outro, mas ela percebeu no FAL todos os alunos queriam ver o sucesso do outro. E quando o ser humano chega nesse estágio de querer ver o sucesso do outro ele está na melhor situação. Ele vai aprender a conviver com o outro, ele vai se dar bem em todas as esferas, porque ele trabalhou isso, ele foi resiliente e ser resiliente hoje é difícil, você ser resiliente, você conseguir aceitar o outro. O sucesso do outro não lhe ofuscar, não ser egoísta. Então, o FAL também é valores, ele trabalha também com valores além de trabalhar a parte de conhecimentos como nossos alunos pontuam.

Compreende-se a partir do relato da professora que o Festival busca resgatar valores, conviver com as diferenças, trabalho em equipe, superar adversidades, práticas pedagógicas de experimentação. Aparecida também relaciona o Festival com o sucesso profissional e acadêmico dos alunos, porém se identifica nas lembranças da professora que não considera as condições econômicas, sociais dos alunos ao atribuir toda a trajetória de sucesso escolar ao Festival, ao narrar:

Nós temos um aluno aqui que foi convidado para ir para os Estados Unidos, Pedro Henrique agora foi convidado agora para ir para os Estados Unidos continuar os estudos. Ele terminou o mestrado. Nós temos Celso que está em Lisboa, nós temos vários alunos humildes fazendo FTC-Faculdade de Tecnologia e Ciências, nós temos Thaís fazendo Odonto pelo ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio, entrou pelo ENEM. Nós temos José que entrou pelo ENEM e está fazendo Direito em Salvador. Nós temos Smith que entrou pelo ENEM e está fazendo Análise Desenvolvimento de Software em Salvador. Nós temos muitos alunos estudando fora e muitos estão

voltando para dar retorno a nossa sociedade. Então, o FAL tem elevado o nível de ensino da nossa escola, o nível da nossa escola. Eu estava conversando outro dia com a nossa diretora que a primeira turma foi a turma de 2007, a primeira turma a fazer o FAL começou em 2007. E eu falei para a diretora observe todos os alunos que trabalharam - participaram do Festival. O FAL, FAL 1, FAL 2, FAL 3. Observe todos estão inseridos na sociedade, não tem um que não esteja inserido, todos estudando e continuando estudos. Meninos que foram para o banco - trabalhar, convidados para o banco, igual nós temos Marcelinha que trabalha no banco, nós temos Joelda fazendo faculdade de Letras, nós temos Debora fazendo faculdade de Letras, nós temos Alana fazendo faculdade de Letras, tudo faculdade pública. Então, nós vemos resultados. (Aparecida, 2013).

É possível observar a generalização da professora ao reportar o sucesso dos ex-alunos do colégio ao Festival, porém os cursos mencionados pela professora são realizados na capital, Salvador, cidades vizinhas e inclusive relatou sobre alunos especializando-se no exterior. É perceptível a relação do Festival com o ensino aprendizagem, porém é preciso atentar para outras condições necessárias, como capital social, econômico, cultural, investimentos pessoais envolvidos nas decisões de mudança de cidade e de país (BOURDIEU, 2013).

É pertinente ressaltar a importância do Festival para aqueles sujeitos inseridos naquele contexto escolar. Percebe-se nas memórias apresentadas que os entrevistados construíram uma representação em torno do Festival para justificar as relações sociais estabelecidas às práticas escolares de ensino aprendizagem, atividades diárias e sucessos profissionais e acadêmicos.

3.2 Experiências de leitura: o gosto pelos livros

Nas narrativas sobre suas memórias escolares e não escolares os indivíduos realizaram a construção da imagem de si como um bom leitor (sempre gostei, lia muitos livros, era bom aluno (a)). Essa narrativa, muitas vezes, aparece articulada à ideia de uma trajetória excepcional no ensino de destaque diante de condições desfavoráveis. Ia à escola acompanhar a irmã e tomou contato com a escolarização.

Para recordar sua infância Aparecida montou um cenário e descreveu as dificuldades enfrentadas em relação à leitura, ao narrar:

Na minha época não tinha livros como temos hoje, não tinha Biblioteca. Então, o que eu fazia. Eu tinha um livro só de língua portuguesa pequenininho assim, quadradinho esse livro. E você estudava todos os anos

nele de tal página a tal página, é, 1º ano de tal página a tal página, 2º ano e assim ia. Então, como não tínhamos livros eu li um que se chamava “Recordar” e eu recordei esse livro meu não sei quantas vezes, eu já sabia todas as lições, chamava lição os textos que hoje nós vemos. Então, eu recordei todas as lições e quando eu já sabia tudo das lições eu voltei a estudar o vocabulário que no cantinho assim tinha um glossário, todos os textos tinham um glossário assim no cantinho, aí eu voltei decorando o glossário, porque não tinha mais nada para estudar, entendeu? E escrevia também, eu gostava de escrever também e agora eu fico sabendo que aqueles textos que eu fazia eram crônicas. (Aparecida, 2013)

É possível contemplar nas memórias da professora as condições precárias em relação ao ensino com a falta de livros e Bibliotecas na sua época de estudante. Nos dias atuais ainda se presencia uma realidade parecida nas escolas rurais com falta de Bibliotecas, livros, equipamentos, condições de trabalho para professores e falta de materiais para alunos como relatou a professora. Inclusive na 5ª edição do Festival houve a entrega de livros para compor a Biblioteca da escola anexa Tejuco. É pertinente refletir a partir das memórias da professora que o Ministério da Educação envia livros didáticos para as escolas espalhadas pelo Brasil de maneira uniforme, mas é importante ressaltar por meio dos relatos que muitos livros não chegam a tempo hábil e outros não condizem com a realidade da educação local. Ainda sobre a fala da professora, ela buscou descrever as adversidades e tentou estabelecer imagem de boa leitora ao ler várias vezes o mesmo livro que havia disponível.

Percebe-se o medo de não continuar os estudos: problema envolvendo a escola rural. Alunos têm poucas possibilidades de continuar os estudos – distância da escola, transporte público precário, ajudar a família nas atividades agrícolas. Identifica esse posicionamento também nas memórias de Aparecida (2013) ao rememorar:

Não estudei mais aqueles livrinhos ABC, não precisei estudar mais, já ingressei na 1ª série. E uma coisa inusitada aconteceu comigo quando eu cheguei na 4ª série, o meu professor percebendo o que ele acreditava ser um desenvolvimento aconselhou os meus pais a me trazerem para estudar aqui em Palmeiras. Então, eu vim estudar aqui como bolsista, aluna bolsista desse professor, pois ele me concedeu uma bolsa. E aí eu fui estudando e sempre pairava em mim aquele medo de meus pais me tirarem da escola.

E para dar continuidade aos estudos verifica-se que havia necessidade de mudança para centro urbano, como narrou Aparecida:

Sim, aí no outro ano minha irmã..., no ano que eu vim a minha irmã mais velha não veio, eu fui a primeira estudante a vir lá de casa, a primeira a vir, tanto que mãe fala assim: “Vocês devem agradecer Aparecida” (risos), “vocês só vieram para cá”, porque esse meu professor Matias que é meu, meu, meu muiraquitã (risos), ele que me deu a bolsa, eu falo assim, meu muiraquitã, meu amuleto, nem gosto de falar esta palavra amuleto, mas foi ele quem me deu um suporte. Ele fala bem assim: “Essa minha pérola é a menina dos meus olhos”. E ele foi o meu colega de trabalho. Ele falava

assim: “Aqui é a menina dos meus olhos, aqui oh! Salvou a menina dos meus olhos”. Sempre nas nossas reuniões ele gostava de falar isso, me chamar assim.

Na fala da professora Aparecida observa-se certa exaltação do seu esforço pessoal em meio às dificuldades financeiras de sua família em relação à continuidade dos estudos. Nas lembranças tentou construir imagem de boa aluna, ao citar o incentivo do seu professor e a bolsa de estudos que adquiriu. Aparecida mencionou o sentimento de preocupação e insegurança constante de seus pais tirá-la da escola.

A aluna Maria dos Anjos (2013) rememorou os momentos vividos na zona rural e a necessidade de mudar-se para o espaço urbano para continuar os estudos. Destacou a tentativa de a família buscar melhores condições de vida em relação a estudo e trabalho.

[...] moramos no Carmona ai depois dos 07 anos a gente veio para cá, porque lá não tem escola e aqui era bem melhor para mim, para meus irmãos para toda a minha família. Até mesmo na questão do emprego, de escola de tudo, entendeu? [...]. Ah! Lá era bom, porque assim eu me sentia, eu me sentia livre lá, sabe. Era um tempo que não tinha esta coisa que tem hoje, está malícia das pessoas. E assim, era bom porque a gente morava tudo assim uma família tudo perto uma da outra. Então eu ia à casa da minha avó que era do lado, da minha tia era do outro. A gente sentia aquele aconchego e quando viemos para cá tudo diferente. Assim, aquela liberdade que a gente tinha de estar na roça mesmo, entendeu? Foi bom reviver.

(Maria dos Anjos, 2013)

A aluna Maria dos Anjos nas memórias reviveu com ternura os momentos de infância próxima dos familiares, expôs o aconchego do lar e o sentimento de segurança com a presença da avó e tia. Denunciou a falta de escolas rurais e emprego para melhor atender a população do campo. Compreende-se nas memórias de Maria dos Anjos o impacto sofrido ao mencionar a mudança do espaço rural para o espaço urbano e a liberdade controlada pela desconfiança com as pessoas ao ressaltar as “malícias”. A aluna sente falta de espaço para as brincadeiras e convívio com o rural.

Nos dias atuais ainda se presencia essa realidade de alunos necessitarem se deslocar do campo para a cidade para dar continuidade aos estudos como narrou Maria dos Anjos ao mudar com sua família para o espaço urbano e sobre essa discussão o texto *Metamorfoses do eu: estudantes rurais nas escolas urbanas* os autores (SOUZA; SOUZA; ORRICO, 2015, p. 554) traz essa abordagem ao salientar a necessidade de “propostas didáticos pedagógicas mais inclusivas e acolhedoras para os estudantes” dos espaços rurais nas escolas urbanas.

É possível compreender na fala da professora Aparecida o gosto pela leitura e a escrita, mas atribuiu nas suas memórias o Festival como propiciador de leituras. “[.] Eu acredito muito no potencial da leitura e o FAL possibilita as várias leituras”. Talvez esse

posicionamento da professora esteja atrelado aos objetivos do Festival de estimular a leitura literária. A professora destacou com veemência: “Leio, eu sou leitora. Eu falo para meus meninos que ser leitor não é só ler livros, mas você lê nas entrelinhas, você lê outras coisas, você lê a vida, você lê um panfleto, você lê um noticiário, você lê uma notícia que está na internet, você lê o recado que vem para você”. Pela fala da professora identifica-se contradição com relação à leitura literária enfatizada nos objetivos do Festival e a realidade dos alunos ao identificar que os professores tentam inculcar nos alunos as várias maneiras de leituras, porque nem todos os alunos se deliciam com a leitura literária.

A professora Aparecida continuou a mencionar outros tipos de leituras que são realizadas no cotidiano dos sujeitos: “no celular, então somos leitores. Eu falo para os meninos que acham que ser leitor é só ler livros, não é. Mas há várias formas de ser leitor. Eu aconselho meus alunos a lerem livros, mas eu falo para eles: não se sintam não leitores por não estar lendo um livro”. Aparecida continuou a narrar e realçou que se utiliza desse entendimento: “Para incentivá-los a ler, entendeu? Mas eu sou leitora, eu não consigo ficar sem ler, eu não sei sentar sem um livro, eu não sei [...]”. Desse modo, identifica-se nas memórias da professora o incentivo pelas diversas leituras, com isso, sublinha que alguns alunos buscam outras fontes de leituras relacionadas com o tema da edição do Festival para retratar a obra literária proposta nas práticas pedagógicas de experimentação.

Para melhor compreensão sobre as experiências de leituras e o gosto pelos livros, o debate entre Roger Chartier e Pierre Bourdieu (2011) trouxe algumas contribuições pertinentes ao mencionar que somos todos leitores, mas Bourdieu assinala a diferença entre autor e leitor: assim, o autor produz suas obras e o leitor faz a análise da obra dos outros. Chartier menciona que as situações de leitura são historicamente variáveis. Afirma que os textos breves e fragmentados podem comprometer o sentido do texto. O autor menciona também a aprendizagem da leitura, a que se aprende na escola de decifrar e saber ler e a capacidade de leitura hábil que é a de apropriar de diferentes textos.

A coordenadora Silvia tentou construir nas suas memórias uma imagem de leitora assídua ao ressaltar: “Demais, demais. Leio muito, muito mesmo. De tudo um pouco. Existem momentos na vida da gente que nos dedicamos, eu só não gosto de leitura de ficção, romances eu gosto de todos os tipos, leituras voltadas para a educação eu gosto de todas possíveis e impossíveis”. Identifica-se nas memórias de Silvia contradição ao expressar não gostar de ficção e gostar de romance que é texto fictício.

Na sua fala Silvia tentou construir uma representação das suas leituras como naturais e espontâneas, mas ressaltou haver momentos de dedicação, o que sugere pensar em leituras

obrigatórias, não totalmente voluntárias. Ela enfatizou gostar de tudo ligado a sua área de atuação, coordenação pedagógica, inclusive citou com admiração o pesquisador e escritor, Celso Vasconcelos: “Tenho uma verdadeira adoração por Celso Vasconcelos, porque é um escritor que se volta muito para a coordenação pedagógica. É eu gosto muito de Celso Vasconcelos, mas leio de tudo um pouco, de tudo um pouco”. Entende-se na fala de Silvia a necessidade e fundamentar sua atuação profissional no autor citado, ou talvez uma maneira de demonstrar que está interagindo com as ideias que circulam no campo.

A professora Cecilia narrou a sua relação com a leitura ao expressar: “Adoro ler. E eu me identifico muito com a leitura por conta de que eu acredito que naquele processo de leitura você acaba redescobrendo várias questões pessoais, sociais e isso faz com que você comece a enxergar o mundo de outra forma, de outro lugar”. Cecilia tentou construir uma representação da leitura como essencial de redescoberta do mundo. “E eu acredito que sem a leitura a gente não é nada, porque o que nos sustenta é uma boa leitura”. A professora enfatizou gostar e encontrar refúgio nas leituras da sua religião e formação profissional. “Além da literatura espírita, que eu sou espírita, eu gosto de ler vários conteúdos que contribua para minha formação profissional. Eu sempre procuro selecionar. Por exemplo: esse ano eu li várias, vários escritores que falaram sobre sustentabilidade”.

No seu relato a professora busca colocar em evidência o projeto que desenvolveu a partir da leitura sobre sustentabilidade ao narrar: “Eu também trabalhei com um projeto nessa escola: *Leitura e Sustentabilidade: O planeta pede socorro*, então eu investi muito nessa leitura. E foi muito interessante. Em um livro de Moacir Gadotti, *Educar para a Sustentabilidade*. Ele fala dessa importância”. A fala da professora sugere pensar que incorporou da leitura para desenvolver o projeto sobre sustentabilidade e é pertinente ressaltar o apelo de Cecilia aos profissionais da educação nas práticas de sala de aula ao narrar: “Porque eu acho que todo profissional hoje precisa pensar na sua prática de ensino dialogando com a sustentabilidade, porque não dá mais, você enquanto educador ignorar as questões ambientais que estão aí, e formar um aluno que não tem essa consciência”. É oportuno refletir que Cecilia leciona na zona rural e mora na cidade de Palmeiras, na qual os moradores buscam essa consciência da sustentabilidade, elemento que sugere pensar a contribuição do meio no qual está inserida influenciar suas práticas de sala de aula. A professora deu visibilidade ao trabalho do autor Moacir Gadotti, ao dizer: “ele traz até a questão da eco pedagogia, então, eu procuro mesclar algo que me acrescenta e que me dê prazer”.

Diferente das professoras que construíram representações de leitura como alimento e prazerosa; o professor João José descreveu nas suas memórias outra relação com a leitura,

mais próxima de trauma, obrigação, rejeição e castigo, pois era órfã de mãe e morava com a avó, tios e irmã. Narrou João José: “Minha infância, eu fui uma criança, eu sou órfã de mãe. Fui criado pelos meus tios e minha avó. Meu pai é vivo, mas não mora por perto. Eu tive uma infância assim sem identidade digamos assim, porque eu não tinha pai e não tinha mãe” e continuou a relatar as dificuldades enfrentadas nesse período de infância: “Então, eu tinha que ir me apegando muito a todas as pessoas que fossem próximas”. Em relação às leituras ele revelou em suas memórias: “[...] Em relação à leitura, não tenho boas lembranças, as leituras eu tinha até certo trauma, porque as leituras eram de forma obrigatória, sabe”.

João José continuou a rememorar e mencionou seu presente de aniversário ao completar oito anos de idade: “Meu tio quando eu completei oito anos ele me deu uma coleção de Monteiro Lobato”. E destacou a obrigatoriedade da leitura, “Os livros de Monteiro Lobato que ele me obrigou mesmo a ler. Tipo assim: Você vai ler esses livros e eu quero que você me prove que você está lendo. Então, meio que virou uma coisa de..., ficou meio que traumático, sabe”. João José reviveu nas memórias outro momento que julgou marcante no seu período de infância: “Porque no dia das crianças meus amigos todos ganhavam brinquedos e eu ganhava livros. E uma vez eu até questionei com ele: mas tio como é que o senhor me deu livros no dia das crianças e como é que eu vou brincar no meio dos meus amigos”.

Percebe-se a relação de conflitos entre ele a figura do tio, ao relembrar: “Falei se o senhor quiser o senhor me dá livros em outro momento, mas nesse momento de ganhar brinquedo eu queria brinquedo, entendeu? Mas ele não entendeu. Então, eu acho que na minha cabeça infantil ficou uma coisa que eu meio que rejeitava a leitura” e João José justificou: “Porque me parecia um castigo, dessa forma que ele estava fazendo. Hoje eu vejo que não. Eu vejo que graças a Deus ele fez isso, mas na época eu não tinha esse amadurecimento de entender que ele estava fazendo uma atitude correta entre aspas”. Compreende-se na fala de João José a tentativa convencer que nos dias atuais reconhece essa atitude como correta, mas abre aspas nas suas palavras o que indica ainda não concordar com a atitude do tio e ressaltou: “mas hoje em dia eu não usaria essa tática não”.

João José fez algumas reflexões ao representar a leitura como caminho a ser descoberto: “Obrigado eu acho que pode ser, eu acho que este caminho da leitura deve ser descoberto, cada pessoa vai ter a sua porta. Então, eu não acho que você tem que obrigatoriamente colocar a pessoa a entrar pela porta que você acha que é correta, sabe”. E sobre os caminhos da leitura representados em suas memórias relatou: “Eu acho que cada um vai encontrar o seu próprio caminho. Tanto que eu não tenho preconceito com leitura

nenhuma” e citou as leituras de autoajuda: “As pessoas às vezes falam: Ah! Por que autoajuda e tal? Eu acho que não. A autoajuda faz com que a pessoa crie o hábito e ela vai tentar leituras mais densas, mais profundas e tal. Eu não tenho preconceito com leitura nenhuma, nada não eu acho que tudo é um caminho” e continuou: “uma porta para levar a pessoa para o mundo da leitura”.

É possível compreender nas memórias de João José o sentimento de tristeza, busca da identidade, frustrações na infância em relação à leitura. Ressalta-se a tentativa de construir uma representação da leitura como “caminho” ao mencionar que cada sujeito precisa encontrar o seu “mundo da leitura”.

Nas memórias de alguns sujeitos entrevistados visualiza-se a relação da família e a leitura, influência do avô, pais, tio. A professora Aparecida exibe a imagem do avô ao narrar: “Ele lia, ele era um senhor que era leitor, ele lia constantemente a gazeta como eu havia dito, o almanaque, a gazeta era um livretinho e ele era um senhor que parecia um coronel, aquele senhor assim culto e as amigas dele foram com as pessoas cultas de Palmeiras”. Aparecida advertiu que seu avô não era nativo de Palmeiras ao mencionar: “Ele não era daqui, ele morava na zona rural, mas as amigas dele aqui era com o Barão, com seu Zé Bello, Dr. Zé Bello, então, esse meio possibilitava que ele tivesse essa outra vivência. Ele foi um jovem que veio de Sergipe, fugido da família e chegou aqui e se estabeleceu”. Identifica-se uma representação de Aparecida ao destacar as amigas do avô e as influências da cidade.

Aparecida reviveu nas suas memórias o casamento do avô com uma nativa de Palmeiras: “Uma negra como ele tinha prazer de falar. Ele tinha prazer de falar que se casou com essa negra e dizia que quando morresse queria ser enterrado junto com ela”. É perceptível a tristeza no semblante e empolgação nas palavras de Aparecida ao completar: “e que nós todos íamos carregar pedra para fazer aquela construção enorme e escrever: Aqui jaz Gildo Aparecido de Souza com sua esposa”. E a professora continuou a relatar: “para você ver o quanto ele era uma pessoa que tinha conhecimento. Ele não tinha escolaridade, mas ele tinha conhecimento, ele adentrava em qualquer ambiente e saía, ele sabia se sair muito bem nos ambientes em que ele adentrava”.

No relato de Aparecida identifica-se a falta de escolaridade do avô. Descreveu suas experiências de vida e lembrou com sentimento de carinho, afeto e saudosismo a figura do avô e o quanto sua presença foi marcante. E sobre as leituras do seu avô Aparecida continuou rememorar com ênfase: “E ao ver aquela cena eu, eu tenho aqui em minha mente aquela cena dele lendo deitado na rede e isto me apaixonava, me conquistava e hoje é que eu gosto de fazer, leitura, eu leio por prazer”. Aparecida construiu um cenário representativo de exaltação

ao avô nas suas memórias ao expor os livros, ambiente rural e urbano, familiar e a influência disso sobre a sua vida em relação à leitura.

A aluna Florela ao narrar em sua sala de estar comprida e aconchegante com espelho no teto, sublinha a relevância dos seus pais na sua vida ao iniciar suas práticas de leituras: “Desde sempre meus pais me incentivaram a ler, livros infantis no início, ai eu passei a pegar outros tipos de livros e tal”. A aluna continuou a relatar os tipos de leituras que os pais liam: “Tipo os *Três Porquinhos*, [...] *Chapeuzinho Vermelho*, esses livros infantis mesmo. Quando eu não sabia ler eles liam para mim, leituras infantis antes de dormir, a tarde, o horário que eles estavam disponíveis e quando eles não estavam eu mesma lia, quando passei a ler”. Vislumbra-se nas memórias da aluna a importância da família no incentivo a leitura.

Nas memórias da aluna Rosa (2013) compreende-se a relação estabelecida com a leitura a partir da realidade do indivíduo ao relatar que acompanhava o seu pai nas atividades de criador de animais. A aluna ressaltou que seu pai pedia para ela fazer leituras das bulas de remédios dos animais: “Foi assim, ele tem, ele assiste televisão e passa, tem alguns vídeos de alguns veterinários falando e também nos remédios que vem bula e eu lia para ele, mas só que quando eu lia, ele já sabia de tudo, entendeu? Então não precisava ler e reler esses negócios ele já aprendia logo”. Entende-se a partir das memórias de Rosa que ao ler para o pai também aprendia, ao narrar: “E como eu lia para ele e eu também aprendia, ai com isso foi indo. [...]. Foi assim, tipo tem bionil que é um suplemento vitamínico para cavalo e como ele não enxerga direito ele pedia para eu ler, (risos) ai eu lia. Ai ele falava já sei para o que é, deixa”. Nas memórias de Rosa expressa as dificuldades do pai em ler, devido à falta de visão e ao auxiliá-lo no trabalho Rosa desenvolvia a prática de leitura.

Rosa constrói nas suas memórias o cenário representativo da leitura ao descrever: “Quando ia alguma pessoa atrás de cavalo para engorda, porque estava fraco, então, ele falava é isso daqui, ai ele aprendia e eu também sobre animais. Tem um livro que fala sobre as doenças e eu lia como ele já tinha lido e eu não sabia muita coisa, mas eu estava lá”. A aluna reforçou na sua fala a participação no trabalho do pai e construiu representações sobre a leitura e a contribuição para o seu desenvolvimento intelectual ao narrar: “Eu lia também e fui aprendendo. Lá na loja, porque quando se compra vários medicamentos vem um livro sobre medicamentos, sobre doenças, ai eu lia quando estava lá só nós, ai eu lia para saber mais alguma coisa sobre”.

A ex-aluna Nair na espaçosa cozinha de sua casa recordou com entusiasmo e reflexão as influências sobre leitura.

Eu já tinha contato com o FAL. É assim à proporção que ele tomou maior para mim foi a partir do Ensino Médio, porque até então, nos anos anteriores eu não dava tanto valor à literatura como eu dou hoje, porque eu lia, mas sem compromisso assim. Eu lia muito menos do que eu leio hoje, porque eu comecei a ler para valer mesmo assim, como mais atenção, a literatura me pegou mesmo foi aos quinze anos, através de uma amiga que me emprestou uns livros e começou me dar umas dicas. Ai eu comecei a fuçar (refere-se a mexer) os livros do meu pai. E encontrei um livro: *Pergunte ao Pó* do John Fante, um escritor americano. Aquele livro! (gesticulou com entusiasmo) me abriu o mundo (respirou profundo). Ai eu disse: nossa! Se meu pai tem esse livro, quais outros ele tem e eu não conheço? E ele vivia passando com esse livro para cima e para baixo dentro de casa. Ele lê e relê, relê, relê, relê..., ai eu fiquei curiosa para saber o que meu pai estava lendo. Ai com quinze anos que eu comecei a ler pra valer. E ai com quinze eu tava no..., (pensativa) eu entrei no primeiro ano do Ensino Médio. Ai que eu vi o FAL com outros olhos, não só mais como uma atividade cultural da escola. Eu vi com uma proporção muito maior. Ele tomou uma proporção muito maior. Ele tornou-se mais significativo (falou baixinho). (Nair, 2013)

Nas memórias de Nair identifica-se a influência da amiga na leitura, após o interesse despertado ela passou analisar com sensibilidade a figura do pai com livros transitando pela casa. É possível refletir a partir de sua fala que houve curiosidade em conhecer os livros que interessavam ao pai e admiração ao vê-lo ler.

A professora Aparecida descreveu critérios para escrever ao recordar: “Há poucos dias eu fiz um texto para publicar no jornal estudantil e eu falei da minha mãe, no texto eu falo da minha mãe e volto lá no meu lugar para falar isso da minha mãe, pois não tem como eu negar as minhas origens, meu mundo, o meu lugar”. A professora atribuiu ao meio e as origens como influenciador na escrita ao continuar a narrar: “Foi o meu lugar que me deu essa substância para que hoje eu tivesse, não sou escritora, escrevo assim, porque gosto e quando eu passo um trabalho para o aluno eu também faço. Eu publiquei o ano passado um texto no jornal estudantil”. Assinala-se nas memórias que professora ressaltou a importância da leitura e escrita.

Aparecida continuou a narrar e fazer comparação entre a figura da sua antiga professora do colégio e escritor brasileiro Machado de Assis, ao relatar um texto que havia escrito: “Fala de uma professora e eu faço a comparação entre essa professora e Machado de Assis, porque se nós retornarmos ao passado é possível observar que ela foi um Machado de Assis, essa professora não tinha uma formação acadêmica” e Aparecida continuou: “mas eu a chamava de biblioteca ambulante, eu a chamava assim, de tanto saber que essa professora tinha enquanto valores ela estava além da educação”. Identifica-se nas memórias de Aparecida exaltação a figura da professora e saudosismo. É possível considerar que construiu

uma representação da professora como “biblioteca ambulante” e a comparou com o escritor brasileiro.

Vislumbra-se nas memórias da entrevistada o papel da mãe no gosto pela leitura e incentivo nas atividades escolares. Aparecida relatou com tom de suavidade a importância da mãe: “Sim, ela tinha um papel importante na minha vida, tinha e tem. Ela estudou só a escola primária e era ela que grifava as questões. Ela não fazia as questões para nós decorarmos, ela fazia um tipo de fichamento nos nossos textos. Ela pegava assim e grifava as partes”. Identifica-se a figura da mãe presente nos lições de casa de Aparecida ao realçar que reviveu com veemência esse momento descreve com detalhes os materiais escolares utilizados pela mãe para auxiliá-los nas atividades escolares, ao narrar: “era grifado com lápis de cor, porque hoje nós temos aquela caneta para marcar, o marcador de texto, e ela marcava com lápis de cor e de cores diferentes de acordo com grau de dificuldade de cada coisa. Nós tínhamos grifado de vermelho, grifado de azul”.

Aparecida lembrou as dificuldades que ela e os irmãos enfrentaram com relação a livros para estudar: “E o interessante que o livro era um e passava de irmão para irmão. Nós éramos sete irmãos e os primeiros estudaram nesse formato, mas os últimos não” e continuou a destacar: “Cinco irmãos estudaram com esse livro e nós tínhamos um cuidado, pois quando estragava um pouquinho assim mãe vinha de lá com um pano e colava em cima dele. Então, ela tinha todo esse capricho, ela era muito caprichosa”. Identifica-se o cuidado da mãe para que os filhos continuassem os estudos em meio a dificuldades. Nas memórias Aparecida recordou também os materiais que a mãe comprou quando se mudou para o espaço urbano para estudar, e rememorou: “Quando eu vim para aqui estudar ela fez o meu enxoval, comprou farda, comprou toalha de banho, comprou o perfume, comprou o sabonete, então, ela era uma mãe zelosa, ela prezava pelo nosso crescimento enquanto estudante, apesar dela não ter concluído o Ensino Médio”, e concluiu ao narrar: “Ela tinha esse cuidado conosco”.

Percebe-se nas memórias que a maioria dos entrevistados não relacionou as leituras realizadas ao Festival. Atribuía-se as experiências de leitura e o gosto pelos livros ao Festival como gerador de estímulo a leitura literária. Nas narrativas sobre leituras, os indivíduos enfatizaram as escolares, infantis, de cunho religioso, leituras relacionadas à área de atuação profissional, pessoal, entretanto, não mencionaram nestes trechos selecionados das entrevistas as leituras literárias das edições do Festival.

3.3 Práticas escolares: entre o FAL e a cultura escolar

A terceira parte desse capítulo abrange um apanhado geral de algumas práticas escolares entre o Festival e a cultura escolar do colégio Nilde Xavier. As entrevistas revelaram alguns indícios dessas práticas e cultura escolar ao constituir-se a partir do envolvimento entre professores e alunos. Para tanto, um dos referenciais mobilizados para a reflexão sobre tais aspectos é a discussão proposta por José Mario Pires Azanha (1991), ao retomar questões de pesquisa sobre a cultura escolar e a potencialidade de estudos que se detenham sobre as práticas, o cotidiano das escolas.

Azanha (1991) debate a crise educacional de então, a partir do mapeamento das práticas escolares e afirma que o caminho para responder o que é escola seja sinuoso e ramificado, pois não se trata de distinguir os sujeitos que protagonizam e atuam no espaço escolar e relacioná-los a condições sociais, políticas e econômicas; antes interessa descrever as “práticas escolares” e os seus correlatos (mentalidades, conflitos, discursos, hábitos, atitudes, resultados), de maneira que o acúmulo dessas acepções permita compreender a situação escolar para explicá-la e reformulá-la. O autor sublinha que para abarcar a crise da escola é preciso adentrar a cultura histórica escolar. Esse esforço ocorre pelo conjunto de investigações (multi e interdisciplinares) capazes de reconhecer as manifestações culturais que são realizadas no espaço escolar e que se objetivam em determinadas práticas. Para o autor esses estudos não deveriam somente descrever as práticas, mas identificar e deslindar os processos de formação, transformação e permanência.

As memórias do professor João José revelam algumas práticas escolares desenvolvidas no Festival o que demonstra aspectos da cultura escolar do Nilde Xavier. O professor numa manhã ensolarada busca nas suas lembranças na sala de aula vazia da sua escola particular de reforço, línguas e cursos pré-vestibular, relatou: “Como eu disse eu tinha inglês, redação, leitura e produção. Então, basicamente minhas atividades eram focadas em leitura e produção. A gente trabalhava com um tema, né, aí os alunos liam vários textos sobre o tema, várias coisas”. Entende-se nas memórias do professor que a partir do tema estabelecido outras leituras eram realizadas para compor as práticas pedagógicas, observa-se que não mencionou a leitura de romances, mas de textos de apoio para compreensão da obra.

O professor João José continuou a rememorar as práticas: “Eu analisava quais eram os textos de acordo com a maturidade de cada turma. A gente fazia um trabalho dividido em grupos, eles liam os textos, depois eles produziam e a gente selecionava quais os textos atendiam mais as nossas, as nossas exigências e ficavam expostos”. Assinala-se nas memórias

do professor que havia seleção dos textos ao ressaltar que alguns textos dos alunos não eram contemplados, mas o professor não mencionou os critérios de seleção.

João José ressaltou que os textos selecionados adquiriam destaque a partir de apresentações teatrais e durante as apresentações do evento na culminância: “A partir desses textos construíamos apresentações teatrais, nas apresentações também utilizávamos os textos dos alunos [...]”. João José continuou a narrar: “Eu acho que a minha parte era mais captar os pensamentos dos alunos em torno do tema. Era trazer para a realidade da apresentação o que os alunos pensavam”. É perceptível a representação do professor ao mencionar “captar o pensamento dos alunos”- deter. Esse posicionamento sugere pensar que buscava interpretar os textos dos alunos e reproduzir nas apresentações culturais do colégio a obra ou tema proposto na edição do Festival, como práticas escolares de experimentação.

Sobre o Festival o professor informou a partir das suas memórias: “Eu acho uma experiência fantástica tanto para os alunos, como para a comunidade, como para a própria escola. Eu acho que não tem nem discussão do valor enquanto metodologia, porque foca os alunos, faz com que os alunos tenham uma visão literária um pouco mais abrangente”. Apreende-se nas memórias do professor que o Festival estabelece relação de troca de experiências, inclusive mencionou exemplos: “Eu acho interessante quando você faz uma relação, por exemplo, agora, esse ano a relação do Grande Sertão: Veredas com a história de Palmeiras, eu acho que foi um link fantástico para se estabelecer”. Entende-se nas memórias do professor a analogia do tema do Festival com a realidade local dos alunos, (gênero, sertão, jagunços, pobreza) ao ressaltar que nas práticas eles problematizam temas próximo ao contexto socioeconômico e cultural dos alunos, reflexão crítica sobre o texto literário.

E ao construir uma representação do Festival o professor João José relatou as dificuldades financeiras e o empenho dos colegas de trabalho ao citar: “Na minha opinião, Aparecida é uma grande batalhadora, uma grande guerreira mesmo, porque ela transformou o Festival que a princípio era um Festival pequeno e ela transformou num grande evento da escola. Ela começa a trabalhar do primeiro dia de aula até o dia do FAL”.

João José construiu nas suas memórias uma representação de compromisso e dedicação do trabalho docente ao descrever o empenho da professora. As suas lembranças revelam também a cultura escolar do Nilde Xavier pelo olhar do sujeito que transitava diariamente por aqueles espaços escolares, ao narrar: “A gente presencia que se for para ela vender salgado, se tiver que fazer qualquer coisa para conseguir os recursos para construir o evento ela faz mesmo. Então, eu acho que não tem assim o que se criticar quando você vê uma professora que idealizou o evento” e o professor continuou a narrar: “Ela também bota a

mão na massa, sabe. Ela vai e faz à coisa, ela constrói mesmo. Eu acho fantástico, assim. Fora o valor que tem para o alunado né. Faz com que eles tenham, quase toque no tema, quase que toque a literatura que está sendo trabalhada por eles”. Nas memórias do professor visualiza-se o empenho dos alunos e professores no Festival, relação de cumplicidade entre docentes, denuncia a falta de recursos e constrói uma representação do Festival como “fantástico” ao enfatizar as experimentações na produção e reprodução da cultura material escolar na obra literária ou tema proposto.

É possível assinalar a participação dos alunos nas atividades, temas, hipóteses, pesquisas de campo, busca de recursos. Como é perceptível nas memórias de Maria dos Anjos ao descrever o trabalho escolar: “[...] nas casas de antigamente, a gente buscou aquela coisa, aquelas casas que tem aqui em Palmeiras que traz mais essa característica de antigamente, entendeu? A gente buscou a gente foi atrás dessas casas para tentar fazer o mais real possível, entendeu? Foi bem legal de fazer”. Contempla-se nas memórias da aluna a pesquisa de campo realizada para desenvolver as práticas pedagógicas e tentar manter a memória local viva.

A professora Aparecida rememorou algumas práticas realizadas no espaço escolar e para a culminância: “Nós vamos mapeando durante o ano, vamos mapeando o que vai acontecer. Quando chega mais ou menos no mês de agosto nós sabemos o que vai acontecer e o que vai para a culminância” e Aparecida continuou a relatar: “Os alunos mesmos é que vão dizendo [...] íamos ficar com a pintura rupestre e depois no mês de agosto eles resolveram ficar com a vaquejada, porque nós entrarmos com o Arcadismo. Então, nós fizemos a vaquejada [...] juntos nós sentamos e decidimos qual a forma”. Constata-se a diversidade de temas abordados durante o ano letivo, mas é pertinente ressaltar que as classes literárias são apresentadas, no entanto, visam contemplar o contexto local e regional para tentar contribuir para a formação e despertar o hábito de leitura nos alunos.

Maria dos Anjos com semblante descontraído rememorou a 6ª edição do Festival: “*O Amor* do ano passado. O tema foi *O Amor*. A escola toda romântica, foi um tema bom de se trabalhar, porque não só trabalhava amor entre homens e mulheres, trabalhava o amor pela natureza, o amor ao próximo, o amor (risos)”. Reconhece o envolvimento dos alunos nas temáticas.

A aluna Florela descreveu as práticas do ano letivo: “Texto, a professora sempre pediu para a gente fazer texto, muita coisa. Um texto mesmo que a gente fez recentemente foi sobre a seca. A professora pediu para fazer, ela sempre pede para a gente fazer texto, fazer leitura, fazer poesia, sempre está pedindo para fazer as coisas”. Identifica-se nas lembranças da aluna

a prática de leitura e escrita de textos, pois esses textos são os subsídios para os alunos produzirem os materiais escolares do Festival.

Aparecida relatou as dificuldades de construir o hábito da leitura nos alunos: “É mais fácil ele levar avante quando esse hábito vem da infância do que eu chegar à época da fase de adolescência e querer despejar e querer que o nosso aluno se torne leitor. Eu posso até fazer isso, eu faço. Olha uma estratégia que eu uso”, e a professora continuou a lembrar: “Eu vou lendo um texto fácil, um texto gostoso e vejo qual é o público e o que esse aluno gosta de ler e vou levando aqueles textos que eles gostam de ler. São textos que falam de amor, textos de aventuras e eu vou levando devagarzinho”. É perceptível as dificuldades de leituras nos alunos e a prática de conquista diária dos professores.

A professora expôs a relação de troca ao ressaltar: “E um determinado dia eu peço a eles que levem textos e eles levam. É interessante que eu ando sempre com uma bolsa e na minha bolsa tem sempre livros. Eu não ando sem livros e em qualquer lugar eu estou lendo e se eu tiver uma oportunidade eu falo do livro”. Observa-se que a professora constrói representações de resultados após todo o trabalho de luta e conquista e realçou nas lembranças: “Sempre flagro os meus alunos pelo pátio lendo e fotógrafo. Eu flagro meus alunos sentados, não tem umas banquetas lá na escola? Sempre os vejo sentados lendo e discutindo. É interessante também que eles passam os livros de um para outro, quando um ler e gosta” e a professora concluiu: “logo fala para o outro que aquele livro é interessante. E nós vamos tentando com esta sementinha, semeando, semeando, fazendo mesmo um trabalho de beija-flor para que a escola se torne uma escola leitora também”. As memórias da professora demonstram as dificuldades e empenho com a leitura. Visualiza-se inúmeras representações construídas sobre leituras e idealizações sobre os comportamentos e hábitos de leituras dos alunos.

Em consonância com as memórias da professora Aparecida, a aluna Rosa busca nas suas lembranças na residência espaçosa dentro da cidade, mas com aspecto de campo, na estrada de acesso principal da zona rural, distritos e outros municípios da Chapada Diamantina Rosa lembrou:

A professora Aparecida chegou na sala com uma malinha que ela tem, aí a gente perguntou: Pró para que essa mala? Pró para que essa mala? Ela disse: espera gente que eu vou explicar e entregou a chave para a gente. Gente com esta chave vocês acham que vão aonde? Com esta chave para vocês abrir esta mala [...]. Ai cada um deu a sugestão: Ah! É para abrir as portas para o mundo, para fazer faculdade, [...], para adquirir mais conhecimento, enfim, a gente chegou a ter uma conclusão que era isso mesmo, quando chegar no fim do ano todo mundo vai entrar na mala, entendeu? O quanto adquiriu de conhecimento tudo isso, entendeu? Eu mesma não lembro muito das coisas

que ela disse, eu só me lembro disso. Era uma mala de papelão toda bonitinha, ela ornamentou a mala todinha e deu a chave para a gente, e nós todos agoniados, gente! Para que esta mala? Pra que esta mala? Atentando a pro! A senhora vai viajar? Ela respondeu: A gente vai viajar para o mundo da leitura, para o mundo do conhecimento, foi uma graça para a gente. [...] Ai a gente começou a falar e ela foi explicando a importância. A gente hoje às vezes não leva tão a sério a escola, mas quando a gente chegar lá fora que a gente vê o quanto é importante a leitura o conhecimento adquirido aqui na escola. Para a gente ter mais atenção ao que todos os professores falam para quando chegar lá fora ter mais conhecimento. Para a gente levar o conhecimento daqui para fora. (Rosa, 2013)

A aluna descreveu o cenário construído sobre o material lúdico como suporte de trabalho da professora que marcou suas lembranças, ao manifestar valores sobre a leitura, conhecimento, visão de mundo e relação de respeito com a figura do professor.

Como apresentado na introdução desse capítulo as ideias de BOSI (1994) o relato memorialístico, embora seja emotivo e fragmentado, mostra a complexidade do passado e serve de fonte privilegiada para compreender a articulação entre os movimentos da história e o cotidiano. Nesses relatos visualizou-se a relação entre às práticas escolares do Festival e a cultura escolar do Nilde Xavier que sugere algumas reflexões ao evidenciar nas narrativas de professores e alunos a busca constante nas práticas pedagógicas de estabelecer trabalho interdisciplinar, leitura e escrita, temas do livro utilizados para problematizar a realidade social dos alunos, diálogo com conteúdo histórico, atividades práticas (observação da realidade), experimentação no âmbito do fazer docente. Estudos históricos e sociológicos destacados como de peso no desenvolvimento das atividades e para a discussão dos temas.

Portanto, observa-se assim, a busca permanente para manter viva a memória local como mecanismo de reafirmação e pertencimento, o que reforça um entendimento acerca da sua cultura escolar, evidenciados em aspectos da extensão simbólica e as sensibilidades dos sujeitos inseridos naquele espaço escolar, Nilde Xavier.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da cultura material escolar compreende, portanto, um amplo programa de pesquisa e demanda refinamento conceitual, teórico, analítico e a exploração de um conjunto significativo de fontes de pesquisa, incluindo necessariamente fontes materiais (os próprios artefatos). Da articulação entre saberes, práticas e materiais escolares é que se concretiza o fazer pedagógico que está no cerne da compreensão do funcionamento interno da escola e de sua função no tempo e espaço sócio histórico.

(Rosa Fátima de Souza, 2007, p. 180)

Nesta pesquisa analisou-se o envolvimento, investimentos e cuidados dos professores e alunos na confecção dos materiais escolares no Festival de Artes Literárias. Ao criar o Festival ano de 2007 tinham como finalidade estimular a leitura literária e artes, por meio de atividades pedagógicas, artesanais e artísticas. A qualidade e intensidade dessas atividades didático-pedagógica é surpreendente, o que nos levou a procurar entender, especificamente, o período de 2007 a 2013, que corresponde ao início e consolidação do Festival. No entanto, o Festival continua a existir no colégio Nilde Xavier.

Ao narrar o Festival evidenciou-se os hábitos e os costumes vivenciados nas práticas pedagógicas, dificuldades e prazeres enfrentados durante o ano letivo. Nas entrevistas percebe-se o saudosismo presente no tom de voz e fisionomia de alunos e professores. As lembranças em torno do Festival ocupam lugar privilegiado na vida e no coração de quem dele participa ou participou, apesar de apontar algumas dificuldades encontradas. Moraes (1996) afirma que uma das características da construção da memória é ser seletiva e construção individual de experiências coletivas.

O Festival pode ser compreendido como um “lugar de memória”. Segundo Pierre Nora (1993, p.13) “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”.

Na trama do Festival encontrou-se várias possibilidades de compreensão do processo educacional baiano, além de fonte específica ao tentar abarcar as representações sobre a escola e cultura escolar. Identifica-se que o Festival constitui-se como lugar de memória, pois os indivíduos imersos naquele contexto escolar buscam na produção de materiais escolares, práticas docentes de experimentação escolhidas, preservar as memórias do local e da região. E é assim que passa a ser visto pela comunidade: como um espaço em que está depositada a memória da cidade, um monumento imaterial das culturas locais. O Festival pode ser compreendido como parte de um projeto escolar, mas, para além de seus objetivos

pedagógicos, torna visível aspectos sociais e culturais de seu povo, suas produções, geografia, arquitetura, educação, tradições.

Moraes (2004, p. 80) concorda com Nora ao afirmar: que “a memória coletiva opera processos psicológicos e sociais de construção e desconstrução, lembranças e esquecimentos. A memória é seleção de eventos, adequados a projetos políticos e visão de mundo de grupos hegemônicos, mas revela disputas entre forças sociais”. O Festival contempla-se neste lugar de memória coletiva, na tentativa de lembrar as pessoas e eternizar as práticas escolares na memória da cidade.

Durante a pesquisa outro objeto de estudo foi se constituindo: as relações de professores e alunos com a literatura e com trabalho práticos em sala de aula, as quais permitem compreender a potencialidade que a experimentação pode ensejar no âmbito do “fazer” docente, na construção de identidades e na valorização da escola por parte dos alunos.

O Festival produz sensação de êxito, valorização do professor, conscientização dos alunos, resgate das raízes da cidade. Desse modo, surgiu o título dessa dissertação “Encontros entre a Tradição e o Contemporâneo: um estudo da cultura material escolar do Festival de Artes Literárias (FAL), Palmeiras, BA, 2007-2013”.

Gostaríamos de deixar registrado a percepção de problemas de financiamento que emergem quando se estuda uma prática pedagógica como essa. Por exemplo, as propostas pedagógicas formais do estado para as escolas da rede pública caminham na direção de projetos interdisciplinares, inserção de práticas culturais e artísticas extraescolares, as quais demandam investimentos financeiros e pedagógicos. No entanto, os projetos contam com a participação de professores e alunos, sem um apoio institucional.

Reconhecemos algumas lacunas nesta pesquisa. Essas lacunas localizam-se na falta de aprofundamento na análise das memórias, um maior investimento na tentativa de historiar o festival, compreendendo as mudanças ao longo do tempo, entre 2007 e 2013. Alguns temas poderiam ser aprofundados tais como: 1. as especificidades das escolas rurais e urbanas; 2. a tendência iniciada em 2013 de tratar das questões do cotidiano da cidade, que se mantêm até o presente, na edição de 2015.

5. FONTES

Fontes Orais (Entrevistas)

Entrevista nº1 - Analia - Palmeiras, 12 de novembro de 2013.

Entrevista nº2 - Aparecida - Palmeiras 13 de novembro de 2013.

Entrevista nº3 - Cecília - Palmeiras, 12 de novembro de 2013.

Entrevista nº4 - João José - Palmeiras, 13 de novembro de 2013.

Entrevista nº5 - Silvia - Palmeiras, 14 de novembro de 2013.

Entrevista nº6 - Florela - Palmeiras, 15 de novembro de 2013.

Entrevista nº7 - Maria dos Anjos- Palmeiras, 15 de novembro de 2013.

Entrevista nº8 - Nair - Palmeiras, 11 de novembro de 2013.

Entrevista nº9 - Rosa - Palmeiras, 15 de novembro de 2013.

Documentos

Regimento Escolar do Colégio Normal de 1979

Portaria nº 505 da Secretaria de Educação e Cultura

Lei Orgânica de Ensino 2463 de 13 de setembro de 1967

Diário Oficial 18/03/2006

Sites consultados

BRASIL. <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=292350&search=bahia|palmeiras> acesso: 19/08/2015

BAHIA. <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/palmeiras.pdf> acesso: 21/08/2015

BAHIA. <http://educadores.educacao.ba.gov.br/feciba> acesso: 18/10/15 9h26.

BAHIA. <http://www.escolas.info/escolas-de-palmeiras-ba/>

BAHIA. <http://www.escol.as/cidades/2115-palmeiras>

UNEB <http://institucional.educacao.ba.gov.br/uneb>

6. REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa*. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 66-81, 1991.

AZANHA, José Mário Pires. *Cultura escolar brasileira: um programa de pesquisa*. In: **Educação: temas polêmicos**. São Paulo: Martins Fontes, p. 67-78, 1995.

BAHIA. Lei nº 8.895, de 16 de dezembro de 2003. **Lei de preservação do patrimônio cultural do Estado da Bahia, regulada pelo decreto de nº 10.039/2006**. Disponível em: <<http://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/85799/lei-8895-03>> Acesso: 05/12/2015.

_____. Lei nº 10330, 2006. **Plano Estadual de Educação**. Secretaria da Educação. Disponível em: <<http://www.educacao.ba.gov.br/>>. Acesso: 31/08/2015.

_____. **Princípios e eixos da educação na Bahia**. Secretaria da Educação. Proposta Pedagógica Uma escola de todos nós. Dezembro de 2007. Disponível em: <www.sec.ba.gov.br> Acesso: 05/05/2015.

_____. **Relatório Experiências Exitosas**. Secretaria da Educação. Disponível em: <<http://escolas.educacao.ba.gov.br/experiencias-exitosas>>. Acesso: 05/05/2015.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In._____. **A miséria do mundo**. 9ª ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 693-732.

BOURDIEU, P. PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**; tradução de Reynaldo Bairão; revisão de Pedro Benjamin Garcia e Ana Maria Baeta. 6. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988, Art. 216 – Patrimônio Cultural Brasileiro**. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647933/artigo-216-da-constituicao-federal-de1988>> Acesso: 26/08/2015.

_____. Lei 10.639/03. **História e Cultura Afro-Brasileira**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> acesso: 28/12/2015.

_____. **Decreto Lei nº 91.655, de 17 de setembro de 1985**. Criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-91655-17-setembro-1985-441832-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso: 21/03/2015.

_____. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1985 - **Lei de Diretrizes e Bases Nacionais**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso: 05/05/2015.

_____. **Lei nº 12796/2013, de 4 de abril de 2013.** Altera a Lei 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm>Acesso: 05/05/2015.

CUNHA, Maria Teresa Santos. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX). In: BENCOSTTA, Marcus Levy (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos.** São Paulo: Cortez, 2007, p. 79-99.

CHAGAS, Américo. **O Chefe Horácio de Matos.** Salvador – Empresa Gráfica da Bahia - egba. Salvador, 1996.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, R., BOURDIEU, P. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, R. (org.) **Práticas da leitura.** 5ª. ed. - São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 229-253.

DUSSEL, Inés. *A montagem da escolarização: discutindo conceitos e modelos para entender a produção histórica da escola moderna.* **Revista Linhas.** Florianópolis v. 15, n. 28, p. 250-278, jan./jun. 2014.

ESCOLANO, A. *Patrimonio material de la escuela e historia cultural.* **Revista Linhas.** Florianópolis, v. 11, nr. 2, p. 13-28, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2125/1628>>

ESCOLANO, Agustín. *La invencion del tiempo escolar.* In: FERNANDES, Rogério; MIGNOT, Ana Chrystina V. (orgs.). **O tempo na escola.** Porto, Portugal: Profedições, p. 33-54, 2008.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada.** 9. ed.- São Paulo: Ática, 2007.

JOSSO, Marie Christine. *As figuras de ligação nos relatos de formação.* **Revista da Faculdade de Educação da USP.** São Paulo, vol. 32, n. 2, p. 373-383, maio/ago. 2006.

JULIA, Dominique. *A cultura escolar como objeto histórico.* **Revista Brasileira de História da Educação.** Sociedade Brasileira de História de Educação/Autores Associados: Campinas. Janeiro/junho, 2001, n.1, p. 9-43.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 35-50.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares.* **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 23, nº 45, p. 11-36, 2003.

Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf> > Acesso: 04/12/2015.

_____. *Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico.* **Anais do Museu Paulista.** São Paulo. N. Ser. v.2 p. 9-42 jan./dez. 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v2n1/a02v2n1.pdf>> Acesso: 03/12/2016.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Do primeiro rabisco até o be-a-bá.* Catálogo da exposição “Não me esqueça num canto qualquer”, realizada por ocasião do III Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) biográfica. Natal, setembro de 2008, com a curadoria de Ana Chrystina Venancio Mignot (CD-ROM).

MOGARRO, Maria João. *Arquivos e educação a construção da memória educativa.* In: **Revista Brasileira de História da Educação/Autores Associados: Campinas-SP.** Junho/dezembro, n. 10, p. 75-99, 2005.

MORAES, Dislane Zerbinatti. **Literatura, memória e ação política: uma análise de romances escritos por professores paulistas.** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

_____. *E foi proclamada a escravidão: Stanislaw Ponte Preta e a representação satírica do golpe militar.* **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 24, n. 47, p. 61-102, 2004.

_____. **Uma improvável escrita de si: lembranças e materialidades na memória de uma aluna da Escola Waldorf.** Catálogo da exposição “Não me esqueça num canto qualquer”, realizada por ocasião do III Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) biográfica, Natal, setembro de 2008, com a curadoria de Ana Chrystina Venancio Mignot (CD-ROM).

NUNES, Clarice. *(Des) Encantos da modernidade pedagógica.* In: FARIA FILHO, Luciano Mendes; LOPES, Eliane Marta Teixeira; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de Educação no Brasil.** São Paulo: Autêntica. 2000, p. 371-395.

PINA, Zenilda. **Encontro com a Villa Bella das Palmeiras.** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2005.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio.* **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, V. 2, nº 3, p. 3-15, 1989.

_____. *Memória e Identidade Social.* **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, V. 5, nº10, p. 200-212, 1992.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP) DO COLÉGIO PROFESSORA NILDE MARIA MONTEIRO XAVIER: [s.n], 2000-2003; 2012.

SILVA, Vera Lucia Gaspar da. *Objetos em viagem: discursos pedagógicos acerca do provimento material da escola primária (Brasil e Portugal, 1870 – 1920)*. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas-SP, v. 13, n. 3 (33), p. 207-233, set./dez. 2013. Disponível em: <http://www.udesc.br/arquivos/id_submenu/2317/6.objetos_em_viagem.pdf> Acesso: 20/01/2016.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *Educação e ruralidades: olhares cruzados sobre ruralidades contemporâneas*. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**. Salvador, v. 20, n. 36, jul./dez. p. 15-18, 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino de. SANTOS, Fábio Josué Souza dos. PINHO, Ana Sueli Teixeira de. ARAUJO, Sandra Regina Magalhães de. *Sujeitos, instituições e práticas pedagógicas: tecendo as múltiplas redes da “educação rural” na Bahia*. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**. Salvador, v. 20, n. 36, jul./dez., p. 151-164, 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino de. SOUZA, Hanilton Ribeiro de. ORRICO, Nanci Rodrigues. *Metamorfoses do eu: estudantes rurais nas escolas urbanas*. **Revista da Faculdade de Educação da Unicamp: ETD Educação Temática Digital**. Campinas, SP v.17 n. 3, p. 542-557, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8638272/9881>>

SOUZA, Rosa Fátima. *História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial*. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 163-189.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 11. ed. rev. e ampli. - São Paulo: Ed. da UNESP; Salvador: EDUFBA, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, cap. 3.

VIÑAO FRAGO, A. *Memoria, Patrimonio Y Educación*. **Revista História da Educação** v.15, n. 33 (2011). jan./abr. 2011, p. 31-62.

VIÑAO FRAGO, A. ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p.7-58.

_____. **Currículo, espaço e subjetividade: arquitetura como programa**. *Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões*. 2. Edição - Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 59-139.

ANEXOS
TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS
(CD-ROM)

Anexo A: CD-Rom

1. Entrevistas com professoras e ex-professor do Colégio Nilde Xavier
2. Entrevistas com alunas e ex-aluna do Colégio Nilde Xavier